



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

HUGO AURELIANO DA COSTA

TURISMO E TERRITÓRIO-REDE: UM ESTUDO SOBRE O DESTINO NATAL/RN

Natal/RN

2018

Hugo Aureliano da Costa

TURISMO E TERRITÓRIO-REDE: UM ESTUDO SOBRE O DESTINO NATAL/RN

Dissertação apresentada à Pós-graduação em Geografia, do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Prof(a). Orientador(a): Maria Aparecida Pontes da Fonseca.

Natal/RN

2018

HUGO AURELIANO DA COSTA

TURISMO E TERRITÓRIO-REDE: UM ESTUDO SOBRE O DESTINO NATAL/RN

Dissertação apresentada à Pós-graduação em Geografia, do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Natal, ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. RODRIGO ALONSO FIGUEROA STERQUEL, PUC
Examinador Externo à Instituição

Dr. EDNA MARIA FURTADO, UFRN
Examinador Interno

Dr. MARIA APARECIDA PONTES DA FONSECA, UFRN
Presidente

HUGO AURELIANO DA COSTA
Mestrando

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
- CCHLA

Costa, Hugo Aureliano da.

Turismo e Território-Rede: um estudo sobre o destino Natal/RN
/ Hugo Aureliano da Costa. - Natal, 2018.
220f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de
Pós-Graduação em Geografia.

Orientadora: Profa. Maria Aparecida Pontes da Fonseca.

1. Redes Geográficas - Dissertação. 2. Território -
Dissertação. 3. Turismo - Dissertação. 4. Interações Espaciais -
Dissertação. 5. Natal/RN - Dissertação. I. Fonseca, Maria
Aparecida Pontes da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 910

Dedico este trabalho à Yuri (*in memoriam*), meu grande amigo e primo, por tudo o que fez por mim.

“Trust The Process!”

(Sam Hinkie e Joel Embiid)

AGRADECIMENTOS

Nos percalços da vida acadêmica são muitos os encontros e experiências que temos ao começarmos a caminhar na ciência geográfica. Terminei um período de minha vida o qual durou dois anos e espero seguir em futuras empreitadas, maiores e mais árduas, mas não menos frutíferas. Esta dissertação, em certa medida, começou em 2010 quando, ao terminar o ensino médio, saindo da Escola Estadual Professora Ocila Bezerril, em Montanhas, no Agreste Potiguar, vim morar em Natal, no Conjunto Parque das Dunas, na Zona Norte da cidade. Em 2011 fui aprovado no curso de Geografia Licenciatura e, de lá para cá, comecei a trilhar o universo da ciência geográfica – tão amplo que, menos do que um grão de areia, ainda muito pouco sei. Durante a graduação fui bolsista do PIBID. Esta bolsa foi muito importante para a minha formação, pois, além de contribuir para a minha permanência proporcionada a partir das possibilidades financeiras, junto com as amizades que fiz, a vontade de sempre querer aprender mais e mais me ajudou a seguir em frente, buscando e instigado por mais conhecimento. Também fui voluntário, por dois anos, do grupo *territorium*, coordenado pelo professor Aldo Dantas, a quem sou grato por ter contribuído com minha formação e por ter me introduzido, assim, no universo da pesquisa acadêmica. Além disso, durante os dois anos de mestrado, quero agradecer a todos os professores a quem pude conhecer durante as disciplinas. Todos que fizeram parte do meu caminho são, hoje, parte de mim. Agradeço a todos...

À Deus, primeiramente, por sua onipotência e por ser a força criadora do universo. Agradeço, sempre, a Ele por ter me dado toda a sabedoria para poder lidar da melhor forma possível com todos os obstáculos que se fazem presentes.

À minha orientadora, Maria Aparecida Pontes da Fonseca, por ser tão humana e solidária comigo, por ter confiado em mim desde quando apresentei a proposta de estudo e nunca ter medido esforços para a minha melhora, com conselhos e dicas para me tornar uma melhor pessoa e um competente pesquisador.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas no Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa durante os dois anos de mestrado.

À Ricardo Rayan e Adjael que, durante o mestrado, foram, sem dúvidas, a quem mais recorri para debater sobre a vida e a academia. Ricardo, inclusive, me ajudou, durante o sol natalense do meio-dia, entrevistando Meios de hospedagem. Ganho amigos para sempre e espero seguir com mais encontros, desejando sempre o sucesso e debatendo sobre a existência geográfica.

À Professora Eugênia e ao professor Alessandro Dozena por terem sido os avaliadores da minha qualificação. Suas contribuições foram fundamentais na construção desse estudo.

À Professora Edna Maria Furtado, por ter me orientado no período em que a Professora Maria Pontes esteve na Espanha. Suas dicas serviram para repensar e melhorar minha pesquisa. Inclusive, participou da banca de defesa de minha dissertação e, novamente, foi crucial para o meu entendimento do que é a ciência geográfica.

Aos meus amigos da graduação em Geografia, Romário, Wellington Júnior e João Paulo Guedes, por todo o apoio.

À Tony, Nete, Yves e, principalmente, Yuri (*in memorian*), por me acolherem, em 2010, quando, com 16 anos, vim de Montanhas para residir em Natal, sendo um interiorano em meio à cidade grande, vislumbrado pelas dinâmicas urbanas. Minha eterna gratidão à Ícaro, Guilherme Nemo e a vocês.

À Aline Pereira, minha companheira e eterna namorada, sendo, assim, parte do meu ser, quem traz o doce para a minha vida e me acolhe, em todos os momentos. Durante esses dois anos passamos por grandes momentos – principalmente você, minha pequena –, mas a sua sutileza é a minha inspiração para ser uma pessoa melhor.

Ao meu pai, por toda a força e dedicação realizada para mim, minha gratidão é infinita. Desde criança, sempre me ajudou com tudo, com todo apoio e esforço.

À minha avó, Terezinha, por, nas vezes em que mãe e pai estavam trabalhando, ter cuidado de mim. E ao meu avô, Manoel Aureliano, *in memoriam*, meu muito obrigado. Herdei muitos vícios (felizmente) do senhor!

À minha família e, em especial, ao meu pai e minha mãe, por todo o apoio sentimental, financeiro, afetivo e fraternal. Sem dúvidas, aos dois dedico todas as minhas conquistas, pois sei do esforço que sempre fizeram para me criar da melhor forma. São o meu porto seguro!

Por fim, este trabalho (mesmo com todas as imperfeições, das quais assumo total responsabilidade) encerra um ciclo de dois anos, mas que sou eternamente grato por ter tido a oportunidade de desfrutar momentos e conhecer pessoas especiais. Assim, não deixei e nem deixarei de “confiar no processo”, pois, após grandes derrotas, um dia as maiores vitórias virão e é com essa esperança que encerro o mestrado, desejando alcançar novos e maiores voos.

Trust The Process!

RESUMO

O turismo gera grande quantidade de fixos e fluxos que se reverberam no espaço estabelecendo diversas conexões e interações espaciais, alterando a forma-conteúdo dos lugares por intermédio das territorializações dos agentes que atuam no segmento turístico. Através de investimentos públicos e privados esta atividade assumiu grande relevância no que diz respeito às transformações espaciais e econômicas no município de Natal, a capital do Rio Grande do Norte, no contexto da reestruturação produtiva verificada na última fase de expansão do capitalismo. O turismo redefiniu a participação deste município na divisão internacional do trabalho e imprimiu o estabelecimento de novas redes entre Natal e o espaço econômico global, bem como no espaço intra regional e local. O objetivo do presente estudo é analisar como o fluxo de turistas, os meios de hospedagem e os trabalhadores do segmento turístico contribuíram para a constituição de novas redes geográficas em Natal, propiciando novas interações e conexões espaciais. O binômio conceitual de território-rede (HAESBAERT, 2006; FRATUCCI, 2008) alicerçará o estudo. Os procedimentos de pesquisa contaram com o levantamento de dados em vários órgãos e instituições governamentais sobre a origem e evolução dos meios de hospedagem; obteve-se, ainda, informações a respeito dos fluxos turísticos; bem como apreendeu-se a origem do capital de meios de hospedagem e de redes/grupos do setor de hospedagem atuantes em Natal. Também foram realizadas entrevistas junto às empresas do setor de hospedagens que fazem parte de redes hoteleiras para obter dados relacionados aos locais de moradia dos trabalhadores operacionais. Dada a natureza do estudo, elaborou-se mapas com a finalidade de espacializar os fixos e fluxos identificados. Além das redes externas propiciadas com os fluxos de turistas e de capitais (por meio da inserção de meios de hospedagem, em grupos, no tecido urbano natalense), demonstra-se com este estudo o fluxo intra e interurbano de Natal, identificado através do movimento dos trabalhadores do setor de hospedagem e dos turistas que se deslocam para visitar os atrativos no polo turístico Costa das Dunas. Dessa forma, demonstrou-se que, com a expansão do turismo, Natal passa a se conectar, alicerçado em lógicas zonais e reticulares, com outros lugares por intermédio das novas redes estabelecidas nos espaços global, regional e local a partir da atividade turística – redes de pessoas (trabalhadores e turistas) e de capitais (meios de hospedagem). As redes e grupos de meios de hospedagem são inseridos, em Natal, a partir da década de 80, alterando a forma-conteúdo desta cidade e intencionalmente concebendo novas lógicas, capitaneadas por esse capital estrangeiro e, inclusive, pela própria atração de turistas pertencentes a estes países. Os turistas, destarte, além de, como aponta as informações obtidas, originarem-se dos mesmos países os quais provêm os meios de hospedagens, ainda se deslocam, em Natal e no Polo Costa das Dunas, de forma reticular e sazonal, usando o território seletivamente e criando uma região turística e Natal se estabelecendo como o principal nó. Os trabalhadores operacionais do turismo, vinculados zonalmente a esta atividade, dependem dessa atividade e residem, geralmente, distantes das áreas turistificadas, precisando deslocar-se diariamente para o trabalho. Dessa maneira, o turismo influencia, inclusive, áreas distantes, mesmo sem haver nessas localidades atração de turistas. Portanto, o uso do território natalense pelo turismo ganha protagonismo a partir da década de 80 aos dias atuais e altera a forma-conteúdo da capital potiguar e toda a sua estrutura, permeando-a de novos fixos e fluxos dessa atividade.

Palavras-Chave: Redes Geográficas; Território; Turismo; Interações Espaciais; Natal/RN.

ABSTRACT

Tourism generates a large amount of fixed and flows that reverberate in the space establishing diverse connections and spatial interactions, altering the form-content of the places through the territorializations of the agents that act in the tourist segment. Through public and private investments, this activity assumed great importance in terms of spatial and economic transformations in the city of Natal, the capital of Rio Grande do Norte, in the context of the productive restructuring observed in the last phase of capitalism's expansion. Tourism redefined the participation of this municipality in the international division of labor and established the establishment of new networks between Natal and the global economic space, as well as in the intra-regional and local space. The objective of the present study is to analyze how the flow of tourists, the means of lodging and the workers of the tourist segment contributed to the constitution of new geographic networks in Natal, providing new interactions and spatial connections. The conceptual binomial of territory-network (HAESBAERT, 2006; FRATUCCI, 2008) will support the study. The research procedures involved the collection of data in various organs and governmental institutions on the origin and evolution of the means of lodging; information was obtained on tourist flows; as well as seizing the origin of the capital of lodging facilities and networks / groups of the lodging sector operating in Natal. We also conducted interviews with companies in the lodging sector that are part of hotel chains to obtain data related to the dwelling places of the operational workers. Given the nature of the study, maps were prepared with the purpose of spatializing the fixed and identified flows. In addition to the external networks provided with the flows of tourists and capital (through the insertion of lodging facilities, in groups, in the natal urban fabric), this study shows the intra and interurban flow of Natal, identified through the movement of the workers of the lodging sector and of the tourists that move to visit the attractions in the tourist pole Costa das Dunas. In this way, it was demonstrated that, with the expansion of tourism, Natal starts to connect, based on zonal and reticular logics, with other places through the new networks established in global, regional and local spaces from the tourist activity - networks of people (workers and tourists) and of capital (means of lodging). The networks and groups of means of lodging are inserted, in Natal, mainly from the decade of 90, altering the form-content of this city and intentionally conceiving new logics, captained by this foreign capital and, even, by own own attraction of tourists to these countries. According to the information obtained, the tourists originate from the same countries that come from the means of lodging and still travel in Natal and in the Costa das Dunas Pole, in a reticular and seasonal way, using the territory selectively. Operational tourism workers, zonally linked to this activity, depend on this activity and are usually away from tourist areas, needing to travel daily to work. In this way, tourism influences, even, distant areas, even though there are no tourist attractions. Therefore, the use of the native territory by the tourism gains protagonism from the decade of the 80 to the present days and it changed the form-content of the capital potiguar and all its structure, permeating it of new fixes and flows of this activity.

Keywords: Geographic Networks; Territory; Tourism; Spatial interactions; Natal/RN.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Representação Esquemática dos Principais Conceitos da Pesquisa	38
Figura 02 – Propósitos da Visita dos Turistas no Mundo em 2014	46
Figura 03 – Tipos de Transporte Utilizados pelos Turistas no Mundo em 2014	47
Figura 04 – As Regiões Mais Visitadas pelos Turistas no ano de 2014	48
Figura 05 – Número de Turistas por Países no Mundo, no ano de 2014	49
Figura 06 – Modelo de Leiper para um Sistema Turístico (1990)	54
Figura 07 – Praias do Litoral Oriental do RN	84
Figura 08 – Grande Hotel em operação:década de 40	86
Figura 09 – Função do atual prédio do Grande Hotel: Juizado Especial Central Comarca de Natal	86
Figura 10 – Hotel Internacional, na década de 1930	87
Figura 11 – Antigo Hotel Internacional e abandonado pela ECOCIL	87
Figura 12 – Igreja Universal, antigo Hotel Avenida	87
Figura 13 –Largo do Teatro Alberto Maranhão, antigo Hotel dos Leões	87
Figura 14 – Hotel Internacional Reis Magos, na década de 70	89
Figura 15 – Antigo Hotel Internacional Reis Magos, em 2017, abandonado	89
Figura 16 – Ducal Palace Hotel, na década de 70	89
Figura 17 – Ducal Palace Hotel em 2017, com salas para alugar	89
Figura 18 – Via Costeira em construção, no ano de 1979	95
Figura 19 – Via Costeira, em 2017	95
Figura 20 – Ponte Newton Navarro, em 2017	115
Figura 21 – Morro do Careca e a Praia de Ponta Negra, principais cartões-postais de Natal	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Localização e Quantidade dos Meios de hospedagem que tiveram questionários aplicados	42
Quadro 02 – Quadro Metodológico	44
Quadro 03 - Fluxo de Turistas Internacionais no Ano de 2016 no RN	51
Quadro 04 – Unidades Habitacionais e Leitos por Bairros de Natal no ano de 2012	73
Quadro 05 – Meios de hospedagem Instalados em Natal na década de 80	97
Quadro 06 – Meios de hospedagem Instalados em Natal na década de 90	104
Quadro 07 – Fluxos Turistas em Natal dos anos de 1987 a 2010	116
Quadro 08 – Meios de hospedagem Instalados em Natal na década de 2000	117
Quadro 09 – Meios de hospedagem Instalados em Natal entre os anos de 2010 e 2017 ...	128
Quadro 10 – Albergues e Pousadas em Natal, por bairros - 2017	137
Quadro 11 – Apart/Hotéis e Flats em Natal, por bairros – 2017	139
Quadro 12 – Hotéis em Natal, por bairros – 2017	141
Quadro 13 – Meios de hospedagem que Pertencem a Redes Internacionais e o seu Local de Origem.	154
Quadro 14 – Local de Origem dos Meios de hospedagem internacionais	165
Quadro 15 – Três atrativos mais citados pelos turistas para visitação no RN.....	189

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Quantidade de Turistas que visitaram Natal no ano de 2016 e o seu País de Residência Permanente.....	174
Tabela 02 – Porcentagem do Fluxo Turístico Internacional à Natal, de acordo com a Fecomércio/RN (2017)	175
Tabela 03 – Dados do Fluxo Nacional de Turistas para Natal/RN	179
Tabela 04 – Porcentagem da visitação aos atrativos de Natal/RN – 2016	186
Tabela 05 – Fluxo Turístico, em porcentagem, para os Atrativos Turísticos do Rio Grande do Norte.	194
Tabela 06 – Local de residência dos trabalhadores dos meios de hospedagem de Natal ...	201
Tabela 07 – Local de Moradia dos Trabalhadores dos meios de hospedagem de Natal	207

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram durante a década de 80	99
Gráfico 02 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal nos anos 80.....	99
Gráfico 03 - Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram durante a década de 90	107
Gráfico 04 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal nos anos 90.....	107
Gráfico 05 – Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram durante a década de 2000	121
Gráfico 06 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal nos anos 2000.....	121
Gráfico 07 – Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram entre 2010 e 2017	131
Gráfico 08 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal entre 2010 e 2017.....	131

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Distribuição dos bairros e Regiões Administrativas de Natal/RN	31
Mapa 02 – Localização dos Bairros de Natal/RN	73
Mapa 03 – Polos de Turismo no Nordeste	78
Mapa 04 – Polos turísticos no Rio Grande do Norte	80
Mapa 05 – Rodovias Estaduais e Federais do Rio Grande do Norte e a Localização do Polo Costa das Dunas	82
Mapa 06 – Hotéis instalados em Natal/RN entre 1939-1970	89
Mapa 07 – Localização Via Costeira/RN	95
Mapa 08 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN nos Anos 1980	97
Mapa 09 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN nos Anos 1990	105
Mapa 10 – Distribuição Espacial dos Meios de hospedagem em Natal/RN no fim da Década de 1990.	108
Mapa 11 – Expansão Urbana de Natal: 1920 – 1990.	110
Mapa 12 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN na década de 2000	119
Mapa 13 - Distribuição Espacial dos Meios de hospedagem em Natal/RN no fim da Década de 2000	123
Mapa 14 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN durante os anos de 2010 a 2017	129
Mapa 15 – Distribuição Espacial dos Meios de hospedagem em Natal/RN no Ano de 2017.	132
Mapa 16 – Distribuição Espacial das Pousadas e dos Albergues na Cidade de Natal/RN no ano de 2017.	135
Mapa 17 – Distribuição Espacial dos Apart Hotel/Flats na Cidade de Natal/RN – 2017 ...	137
Mapa 18 – Distribuição Espacial dos Hotéis na Cidade de Natal/RN no ano de 2017	139
Mapa 19 – Meios de hospedagem pertencentes a grupos nacionais e internacionais que operam em Natal, segundo tipologia – 2017	149
Mapa 20 – Meios de hospedagem pertencentes a grupos nacionais e internacionais que operam em Natal, segundo os grupos – 2017	151
Mapa 21 – Meios de hospedagem pertencentes a grupos nacionais e internacionais que operam em Natal, segundo países – 2017	152
Mapa 22 – Localização dos Países que têm Redes e Grupos de Meios de hospedagem e a quantidade destes instalados em Natal/RN	157

Mapa 23 – Meios de hospedagem pertencentes a proprietários ou grupos internacionais que operam em Natal, segundo tipologia – 2017	161
Mapa 24 – Meios de hospedagem pertencentes a proprietários ou grupos internacionais que operam em Natal, segundo países – 2017.....	162
Mapa 25 – Localização dos Países dos Meios de hospedagem em Natal/RN cujo capital de origem é internacional	167
Mapa 26 – Fluxo Turístico Internacional para Natal/RN no ano de 2016 (Países Emissores)	172
Mapa 27 – Fluxo Turístico Nacional, no ano de 2016, para a cidade de Natal/RN	177
Mapa 28 – Principais Atrativos Turísticos da cidade de Natal/RN, de acordo com os turistas	182
Mapa 29 - Atrativos com maior número de visitação turística em Natal – 2016.....	184
Mapa 30 – Localização dos Principais Atrativos Turísticos no Estado do Rio Grande do Norte, de acordo com os turistas que visitam Natal	187
Mapa 31 – Fluxo dos Turistas que vieram à Natal para os principais Atrativos Turísticos do estado do Rio Grande do Norte	191
Mapa 32 – Porcentagem, por bairros de Natal, da quantidade de Trabalhadores dos Meios de hospedagem de Natal, no ano de 2017	198
Mapa 33 – Porcentagem, por bairros de Natal e das cidades da RMN, da quantidade de trabalhadores dos Meios de hospedagem, no ano de 2017	204

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento.
BNB	Banco do Nordeste Brasileiro.
CADASTUR	Cadastro de Pessoas Físicas e Jurídicas que atuam no Setor de Turismo.
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo.
EMPROTURN	Empresa de Promoção do Turismo no Rio Grande do Norte.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MH	Meio de Hospedagem.
MTUR	Ministério do Turismo.
OMT	Organização Mundial do Turismo.
ONU	Organização Mundial das Nações Unidas.
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento.
PCD	Polo Costa das Dunas.
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável.
PIB	Produto Interno Bruto.
PNT	Plano Nacional de Turismo.
PRODETUR/NE	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste.
RMN	Região Metropolitana de Natal.
RN	Rio Grande do Norte.
SEBRAE/RN	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte.
SECTUR	Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo.
SETUR/RN	Secretaria de Turismo do Rio Grande do Norte.
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.
SUTUR	Superintendência de Hotéis e Turismo do Estado.
UEB	União de Empresas Brasileiras.
UH	Unidade Habitacional.
WTTC	World Travel & Tourism Council.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 - CAMINHOS DA PESQUISA	24
1.1 PROBLEMATIZAÇÕES, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA	24
1.2 RECORTE ESPACIAL E TEMPORAL	30
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
1.3.1 ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA	35
1.3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	38
2 – TURISMO E REDES GEOGRÁFICAS: TESSITURAS DO TERRITÓRIO	45
2.1 A ESTRUTURA DO TURISMO NO MUNDO	45
2.2 TURISMO: ESPACIALIDADES	51
2.3 TURISMO E TERRITÓRIO-REDE	57
3 – REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E OS ASPECTOS ORGANIZACIONAIS DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM NATAL	67
3.1 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E O PAPEL DO PODER PÚBLICO	67
3.2 EXPANSÃO, RELEVÂNCIA E DIMENSÃO ORGANIZACIONAL DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM NATAL	72
4 – ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM EM NATAL	85
4.1 MEIOS DE HOSPEDAGEM EM NATAL/RN: A GÊNESE DO SETOR DE HOSPEDAGENS NA CAPITAL POTIGUAR	85
4.2 MEIOS DE HOSPEDAGEM EM NATAL/RN: A VIA COSTEIRA E OS ANOS 80	92
4.3. MEIOS DE HOSPEDAGEM EM NATAL/RN: ANOS 90	101
4.4. MEIOS DE HOSPEDAGEM EM NATAL/RN: ANOS 2000	112
4.5. MEIOS DE HOSPEDAGEM EM NATAL/RN: 2010 AOS DIAS ATUAIS ...	126
5 - AS REDES GEOGRÁFICAS EM NATAL/RN A PARTIR DO TURISMO: CONEXÕES ESPACIAIS	146

5.1 AS REDES E OS MEIOS DE HOSPEDAGEM: CONEXÕES ESPACIAIS DE NATAL	146
5.2 OS TURISTAS, AS REDES E NATAL: CONEXÕES ESPACIAIS INTERNAS AO POLO COSTA DAS DUNAS E EXTERNAS À CAPITAL POTIGUAR .	169
5.3 OS TRABALHADORES DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM DE NATAL: DINÂMICA E FLUXOS	197
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
APÊNDICES	221

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objeto a análise do turismo a partir dos fluxos e das conexões espaciais, por intermédio das redes, que a atividade turística estabelece em Natal/RN, no contexto da reestruturação produtiva. As redes geográficas geradas pela atividade turística conectam Natal a variadas escalas espaciais, tais quais: as regionais, nacionais e internacionais, criando interações no espaço intraurbano e interurbano, reestruturando o tecido urbano da capital potiguar, dotando-a de novos conteúdos e novos fluxos.

Desse modo, propõe-se investigar o surgimento e a evolução do turismo na cidade de Natal e como, diante do contexto da globalização e da reestruturação produtiva (SOJA, 1993), a atividade turística reestrutura o território natalense, inserindo-o no espaço de fluxos mundial e alterando, dessa forma, a composição do setor de serviços desta cidade.

Com as crises globais dos anos 70 e 80, o Estado (HARVEY, 1996) opta por investir em novas atividades e dotar o território de novos conteúdos, atuando para propiciar novas atividades produtivas na composição econômica. No caso do Rio Grande do Norte, por exemplo, investimentos na Agricultura, como o Vale do Açu, fizeram-se presentes, mas foi a atividade turística, capitaneada por fortes investimentos nacionais e por órgãos regionais de planejamento, quem delegou protagonismo principalmente para Natal, a capital potiguar.

Para tanto, o Estado investe assiduamente na atividade turística na capital potiguar (CRUZ, 2001; FONSECA, 2005). Em um primeiro momento: a partir da Política de Megaprojetos – cujo objetivo foi a criação de um parque turístico para Natal; após: com o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE), visando atrair investimentos privados para, assim, dinamizá-la economicamente. Dessa forma, os anos 80 e 90 foram, para a consolidação do turismo, cruciais, tendo em vista que, durante esse período, vultuosos investimentos aconteceram no tecido urbano natalense. Após essas décadas, essa forma do Estado empreender continua e a atividade turística, principalmente localizada no litoral natalense e, em especial, no bairro de Ponta Negra, consolidou-se como a mais importante atividade econômica da cidade.

O turismo apresenta uma característica relevante, enquanto atividade econômica, que a diferencia das demais: não é o produto quem se desloca e sim o consumidor. Desse modo, a própria estrutura espacial da atividade apresenta um caráter singular, pois, além de implicar

deslocamento para o seu funcionamento, a atividade turística se organiza, necessariamente, em redes e, ao chegar no lugar, territorializa-se no espaço (FRATUCCI, 2008).

Torna-se, então, relevante estudar o turismo a partir da perspectiva das redes, uma vez que se pode entender as conexões e interações espaciais (CORREA, 1997) dessa atividade, por intermédio dos fixos e fluxos (SANTOS, 2001) gerados espacialmente. O uso território, enquanto categoria de análise (SANTOS, 2012), dá subsídios a entender como a atividade turística usa o espaço, reconfigurando o seu conteúdo, mas é a partir do binômio **território-rede** (HAESBAERT, 2006; FRATUCCI, 2012) que se pode entender melhor o turismo.

A relação entre território e as redes não passa de uma separação conceitual (HAESBAERT, 2006). A princípio, a atividade turística tem sua origem nas redes geográficas externas, que, chegando ao lugar, territorializam-se, conectando-se a outros locais, mesmo próximos, por intermédio das redes geográficas internas. Assim, a região turística é zonal ou reticular, devido a esse movimento, e territorializada a partir do turismo. Diante disso, demonstra-se que, na realidade, é, metodologicamente, inseparável os conceitos de redes e território e é sob esse viés que este estudo se pauta.

Além disso, Natal se constitui, com os investimentos estatais e privados, como a mais importante centralidade turística dentro do Rio Grande do Norte. Dessa forma, diante das redes geográficas potiguares do turismo existentes no litoral leste e que, em grande parte, correspondem ao Polo Costa das Dunas, a capital do Rio Grande do Norte pode ser considerada o principal nó dessa rede, haja vista a sua importância política, econômica e da própria estrutura do turismo no litoral leste potiguar (FONSECA, 2005). A cidade de Natal apresenta a maior quantidade de leitos, de unidades de habitação e meios de hospedagem (SEBRAE, 2013), bem como o principal atrativo turístico do Rio Grande do Norte, a Praia de Ponta Negra. Por isso, mesmo integrando o Polo Costa das Dunas, a capital potiguar é, de fato, a principal centralidade da rede turística potiguar e, por isso, esta pesquisa tem como área de estudo o território natalense.

A atividade turística implica no surgimento de novas redes (CRUZ, 2006). Em Natal, dada a configuração territorial existente até o surgimento deste serviço e como a capital do RN se relacionava com outros países do mundo, o turismo exigiu novas redes geográficas para seu funcionamento, a saber: o fluxo de pessoas (turistas e trabalhadores), o fluxo de capitais (meios de hospedagem, restaurantes, agências de viagens, operadoras turísticas etc) e de mercadorias (insumos). Assim, essa atividade é constituída por várias redes, sendo um serviço ligado aos

deslocamentos e para sua consolidação nas cidades é necessário a inserção de objetos geográficos no tecido urbano, para captar novos fluxos e novos conteúdos.

Entretanto, como neste estudo se discute as redes relacionadas ao turismo na cidade de Natal, é necessário delimitar as redes cruciais para esta atividade. O turista é o principal o agente do turismo (CRUZ, 2001), portanto considerou ser necessário entender as redes relacionadas a esses visitantes, tendo em vista apreender os fluxos nacionais, internacionais e como nos espaços inter e intraurbanos (à Natal) esses turistas se deslocam e desencadeiam reconfigurações espaciais na capital potiguar.

Além dos turistas, as redes relacionadas aos meios de hospedagem (MH) também são extremamente relevantes. A importância desses objetos se dá na medida em que são o local o qual a maioria dos visitantes se hospedam - são objetos geográficos importantíssimos na configuração territorial de Natal, afinal permitem fluxo e são, muitas vezes, vinculados a empresas/grupos articulados em redes nacionais e internacionais¹, dotando de novas lógicas (reticulares e zonais) a cidade. Devido a relevância deste equipamento turístico e a sua centralidade para o funcionamento dessa atividade, foi dedicado uma parte importante da discussão sobre sua evolução, características e espacialização dos MH em Natal.

Por fim, a terceira rede a qual esse estudo se pauta está relacionada aos trabalhadores locais do segmento da hospedagem, pois, com a consolidação da atividade turística na cidade Natal, estes trabalhadores são totalmente influenciados e dependentes desse serviço, devido a renda gerada por esses empregos, o que ocasiona, também, fluxos territoriais dos deslocamentos desses trabalhadores aos locais da cidade em que estão presentes os MH, ampliando a área local de influência do turismo.

Dessa forma, além dessa breve introdução, a presente dissertação encontra-se estruturada em 5 capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Caminhos da Pesquisa”, esboçamos a estrutura teórico-metodológica do trabalho, apresentando as problematizações iniciais da pesquisa, a justificativa, os objetivos gerais e específicos, bem como recorte temporal, espacial e as categorias de análise. Além disso são apresentados os procedimentos metodológicos no que diz respeito à captação dos dados primários e secundários dessa pesquisa, demonstrando os instrumentos de coletas e como se procedeu para articular os objetivos a esses dados.

¹ Esse movimento traz, portanto, novas lógicas espaciais reticulares e verticais ao lugar, por causa do capital externo e da hospedagem visitantes externos, além do emprego da mão de obra local.

Em seguida, no segundo capítulo, “Turismo e Redes geográficas: tessituras do território”, enfatiza-se a discussão sobre como o turismo é uma atividade eminentemente espacial e apresenta-se dados de sua estrutura global, discutindo os aspectos espaciais dessa atividade. Por fim, propõe-se que, para o debate relacionado ao turismo, a discussão acerca do território e das redes apresenta subsídios para se ter uma discussão holística.

No terceiro capítulo, denominado “Reestruturação Produtiva e a Emergência da Atividade Turística em Natal”, evidencia-se alguns dos diferentes eventos que alteram a concepção da atividade turística, principalmente referente as ações do poder público e quais as consequências espaciais destes investimentos. Em seguida, apresenta-se dados demonstrando as dimensões econômicas e políticas do turismo em Natal: como essa atividade é representativa para a economia natalense e como, a partir do Polo Costa das Dunas, Natal está inserido em uma lógica de região turística, com investimentos que, mesmo indiretos, servem para alavancar o turismo na capital potiguar, demonstrando, dessa forma, como é importante o território normado para o desenvolvimento desta atividade.

Posteriormente, no quarto capítulo, titulado “Origem e Evolução dos Meios de hospedagem em Natal”, analisamos a gênese e a evolução da atividade turística em Natal a partir do setor de hospedagens e qual a influência do Estado para esse movimento durante, principalmente, as últimas quatro décadas.

Em seguida, no capítulo 5, “As Redes Geográficas em Natal/RN a partir do Turismo: Conexões Espaciais”, apresenta-se e discute as conexões espaciais que existem entre Natal e outras escalas espaciais, com foco em três redes geográficas: dos turistas, dos meios de hospedagem e dos trabalhadores. Por fim, as Considerações Finais tencionando reflexões sobre o turismo em Natal; e após os Apêndices, com o questionário semi-estruturado da pesquisa de campo.

1. Caminhos da Pesquisa

Este capítulo problematiza e discute a importância das redes do turismo em Natal. Após a definição dos objetivos geral e específicos, caracterizou-se a área de estudo e se apresentou os recortes espacial e temporal da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos, dados levantados, fontes utilizadas e técnicas de pesquisa adotadas.

1.1 Problematizações, Justificativa e Objetivos da Pesquisa

De acordo com Cruz (2001), o turismo é uma atividade com determinada forma espacial, apresentando variadas singularidades. Por conta disso, vários autores procuraram formular modelos e teorias as quais procuravam explicar o caráter técnico, social, ambiental e espacial dessa atividade, embora muitas vezes se prendendo ainda a uma abordagem com viés sistêmico (PANOSSO NETTO, 2012).

De todo modo, tomando por base Cruz (2006), o turismo se organiza a partir de redes. A atividade, de acordo com esta autora, tem o ponto emissor (o lugar de origem), o ponto receptor (o local o qual recebe os turistas) e as redes que interligam esses pontos – redes de turistas, o deslocamento etc. Quando essa atividade chega a determinado ponto do território, ela irá se espacializar, também, em forma de redes, porém as áreas de interesse e de visita dos turistas não correspondem a totalidade do território; portanto, o turismo territorialmente se insere de forma seletiva no espaço.

O turismo, pode-se dizer, pressupõe fluxos em sua constituição. Em seu conceito está intrínseco a ideia de deslocamento, quando a Organização Mundial de Turismo (OMT, 2001) afirma que o turismo é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por um período inferior a um ano.

O Pólo Costa das Dunas², localizado no espaço costeiro oriental do estado do Rio Grande do Norte, se constitui como uma destas áreas de visitação. Os municípios de Natal, Tibau do Sul e São Miguel do Gostoso se apresentam como destinações turísticas relevantes em nível de nordeste e, também, de Brasil, obtendo anualmente fluxo de milhares de turistas e

² O Pólo Costa das Dunas é uma região instituída através de órgãos de planejamento do turismo que se constitui a partir de todo o litoral leste do estado do Rio Grande do Norte.

com uma malha de infraestrutura, além de meios de hospedagem, os fixos, extremamente relevantes na composição do espaço urbano nessas cidades.

Como foi dito, o turismo se organiza espacialmente em redes. São a partir dessas redes que a atividade turística se caracteriza e, em sua constituição, se espacializa. Daí, também deve-se atentar ao fato das redes não serem apenas linhas permitindo a interligação de áreas distantes, isto é, infraestrutura material, as redes também pressupõem o caráter imaterial, podendo ser representado pelo fluxo de capital, alguns dados sociais e de informação (internet) que interligam os lugares por diversas formas. Sendo assim, a expansão do turismo no Rio Grande do Norte (no Pólo Costa das Dunas) e principalmente em Natal, a sua capital, propiciou a constituição de novas redes em seu espaço intraurbano, bem como entre este e o polo, entre o polo e o espaço regional, nacional e internacional.

A constituição das redes no espaço geográfico está cada vez mais presente em períodos recentes em grande parte dos países do mundo. Tal fato existe pois as redes se tornam imprescindíveis no período técnico-científico-informacional, uma vez que, por seu intermédio, há a possibilidade de interligar o global e o local. Além disso, a partir das próprias redes, permite-se o deslocamento em cidades próximas dentro uma região, de um estado ou, até mesmo, dentro de um município em grande velocidade – com as vias materiais e imateriais.

O turismo só existe com essa característica presente no mundo atual porque a ligação entre as cidades, através das redes, tornou-se algo muito mais fácil, devido às revoluções tecnológicas dos transportes (HARVEY, 2008). Há ainda um fator crucial para o entendimento do avanço do turismo em escala mundial e que é a gênese também desse fato para o Brasil: o papel do Estado.

Discutindo acerca do papel do empreendedorismo público urbano nos EUA, Compans (2005) retifica que as parcerias público-privadas e o planejamento estratégico são, ambas, caracterizações importantes para esse tipo de desenvolvimento urbano. O planejamento estratégico, assim, é entendido a partir do momento em que se planeja visando aprofundar a relação e a integração entre os setores público e privado. Concebeu-se o turismo no Brasil dessa forma, tendo em vista que as políticas públicas pensaram o turismo em uma escala impossível de se separar os agentes privados e públicos. São os dois, Estado e Mercado, quem ditam as regras, geralmente tendendo a força para o segundo.

Dessa maneira, as parcerias público-privadas tornaram-se centrais no desenvolvimento urbano dos municípios que receberam o turismo. As políticas públicas brasileiras do turismo

entenderam o espaço como um ente a se investir em infraestrutura, capacitação, vias de acesso, novos aeroportos, saneamento básico e segurança. Com isso, cria-se elementos para os hotéis e as agências obter vantagens e crescer economicamente nas cidades.

Conforme aponta pesquisa do SEBRAE/RN divulgada em 2013 com dados referentes à composição dos meios de hospedagem capital potiguar, a cidade de Natal apresentou, em 2012, uma quantidade total de 208 meios de hospedagem. A capacidade de leitos desses MH ultrapassava 27.000. No ano de 2016, de acordo com Ministério do Turismo, Natal recebeu mais de 30.000 turistas internacionais.

Em 2011, conforme aponta o IBGE³, mais de 846.000 turistas nacionais visitaram o Rio Grande do Norte, em algum momento do ano. Logo, entende-se que grande parte deles vieram para a capital potiguar, pois esta cidade concentra mais de 70% dos leitos do estado do Rio Grande do Norte (IBGE, 2011). Além disso, o turismo emprega, no RN, cerca de 100.000 pessoas, direta e indiretamente. Como a maioria dos leitos se concentram em Natal e esta cidade é a que maior apresenta fluxo turístico no Rio Grande do Norte, pode-se inferir o turismo também como fonte de renda/emprego para parte da população natalense. Ou seja, para Natal o turismo se apresenta como um dos serviços mais expressivos na dinâmica econômica desta atividade.

Esta atividade, portanto, altera conteúdo de Natal agregando novas formas no tecido urbano desta cidade. Dito isso, além de agregar novos fixos a paisagem das cidades, o turismo traz novos fluxos, ou seja, os turistas (de variados países), estabelecendo assim a inserção de Natal no fluxo global, com novas redes e fluxos. Além desses fluxos, o deslocamento interno cria uma sinergia para essa atividade organizar uma cadeia produtiva em torno desses próprios deslocamentos. Tais vias, muitas vezes, são criadas pelo Estado para otimizar o turismo e auxiliar na elevação econômica da atividade turística no estado do Rio Grande do Norte. São essas vias quem permitem o fluxo de turistas para pontos turísticos dentro de Natal e para outros pontos, sejam da Região Metropolitana de Natal (RMN) ou mesmo de municípios mais longínquos do Rio Grande do Norte.

Mas não é só o fluxo ou a forma de deslocamento e infraestrutura que permitem a existência dessas redes de turismo. O papel fundamental dos meios de hospedagem é que eles

³ Metodologicamente, há diferenças entre as pesquisas do IBGE e da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Norte. Porém, com relação aos dados apresentados por aquele, pretende-se demonstrar a representatividade da quantidade de visitantes de turistas nacionais e não discutir qual dos dados e, conseqüentemente, das metodologias exprimem a quantidade real de turistas que visitam Natal.

se constituem fixos de extrema importância para o funcionamento desta atividade, conforme a organização do turismo brasileiro. Os turistas, quase sempre, recorrem a esses meios para se hospedar, por causa da localização e segurança. A atividade turista, dessa forma, existe por causa desses meios de hospedagem, uma vez que eles permitem absorver grande contingente de fluxo em um determinado destino turístico.

A partir da problemática abordada, a questão central que norteará o presente estudo é a seguinte: quais são as novas redes geográficas que emergiram em Natal a partir do desenvolvimento da atividade turística?

As redes criadas pelo turismo têm os mais variados aspectos, a saber:

- Vias de acesso terrestre e aéreas;
- Redes regionais, nacionais e internacionais criadas pelo fluxo de turistas para ir a essa cidade;
- Redes criadas fluxo interno de turistas na cidade;
- Fluxo dos turistas entre a cidade em que está hospedado e outras cidades para as quais ele vai (regionalmente), dessa forma criando novas redes;
- Redes hoteleiras;
- Fluxo criado pelos trabalhadores na cidade para ir a seu local de trabalho;
- Redes de produtos e insumo;
- Redes criadas a partir de parceria organizacional entre agências e meios de hospedagem.

Dessa maneira há uma quantidade de redes consideráveis que existem com a atividade turística, tendo em vista o seu caráter espacial, bem como a constituição dessa atividade no território potiguar.

A presente pesquisa, entretanto, não analisou todas estas redes e se restringiu a entender as redes relacionadas à constituição dos meios de hospedagem, do fluxo de turistas e do deslocamento dos trabalhadores do segmento turístico por considerarem tais fluxos representativos da enorme dinâmica espacial da atividade, pois remetem ao consumidor principal do turismo, o turista, o local a qual eles se hospedam, a estadia, e a população local intimamente relacionada com esse fenômeno, os trabalhadores. Dessa forma, será abordado na presente pesquisa os fluxos de pessoas (turistas e trabalhadores) e o fluxo de capitais (dos meios de hospedagem).

A relevância da pesquisa se justifica, assim, pela necessidade de melhor compreender como se deu o processo de reestruturação urbana e produtiva de Natal a partir do turismo e como hoje as redes “usam” o território natalense, criando (novas) interações interescares, isto é, novos fluxos para esta cidade – locais, regionais, nacionais e internacionais –, e como estes fluxos contribuem para dinamizar Natal econômica e espacialmente, conectando a capital potiguar com outros lugares do mundo a partir do turismo.

Procurando entender a origem e evolução dos meios de hospedagem em Natal e o papel do Estado para fomentar esta atividade, bem como estão caracterizados os fluxos, as redes e as vias de conexão a partir de/para esta atividade, faremos, assim, algumas outras questões que serão respondidas no decorrer deste trabalho. As perguntas que nos ajudaram na execução do trabalho, são: Que tipo de conexões espaciais são estabelecidas em Natal através dos fluxos de turistas? Que tipo de conexões espaciais são estabelecidas em Natal através dos meios de hospedagem que operam localmente? Que tipo de conexões espaciais são estabelecidas em Natal através dos fluxos de trabalhadores do segmento turístico?

Destarte, as perguntas dessa pesquisa nos ajudam a refletir sobre o processo de constituição dos Meios de hospedagem e das infraestruturas criadas pela atividade turística no território natalense. Tal processo, que cria um rearranjo de objetos geográficos em determinados pontos do território, também redimensiona as redes as quais essa cidade terá a partir do turismo. Essas infraestruturas, principalmente em Natal, fomentam e estruturaram a atividade turística, contribuindo para o turismo ser relevante economicamente, por intermédio de vias de acesso, aeroportos, pontos turísticos e infraestrutura básica consideradas pelo turista como um fator locacional para o turista frequentar uma determinada cidade e, também, para os trabalhadores se deslocarem até o local de seu emprego.

Os turistas, assim, tornam-se o elo e o principal motivo da existência do turismo em qualquer que seja localidade. Eles são os consumidores, utilizam o espaço, veem as paisagens, ficam em estadias e “gastam”, dinamizando a economia da cidade e gerando empregos para a população local. Daí a existência das redes e, mesmo, da infraestrutura criadas para atendê-los.

Dessa forma procurar responder como estes fluxos estão caracterizados, estudar a gênese, a evolução atividade e as suas singularidades são questões norteadoras para o desenvolvimento dessa pesquisa. As redes estruturam o espaço geográfico e o turismo é uma atividade que funciona necessariamente em redes, precisa desse movimento para a sua existência. Tendo em vista a problemática acima, o objetivo geral da pesquisa é analisar como

o fluxo de turistas, os meios de hospedagem e os trabalhadores do segmento turístico contribuíram para a constituição de novas redes geográficas em Natal, propiciando novas interações e conexões espaciais. A partir do objetivo geral, alguns pontos específicos foram definidos, a saber:

- a) Analisar o papel do poder público para a implantação de infraestruturas que contribuíram para a promoção e desenvolvimento da atividade turística;
- b) Analisar a origem e expansão dos meios de hospedagem em Natal;
- c) Identificar as conexões espaciais estabelecidas pelos fluxos turísticos;
- d) Identificar as conexões espaciais estabelecidas pelos meios de hospedagem;
- e) Identificar as conexões espaciais estabelecidas pelos trabalhadores do segmento turístico, no espaço intraurbano de Natal.

Desse modo, as reflexões aqui empreendidas e as contribuições para a operacionalização dessa pesquisa são frutos de leituras, orientações e discussões junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia na UFRN, que contribuíram diretamente para esta pesquisa. Devido a isso e por este trabalho aparentar uma temática relacionada às redes, o território e o turismo, a sua contribuição para o universo acadêmico é a busca de uma visão espacial acerca do turismo em Natal/RN e o foco é, principalmente, as redes de turismo criadas a partir de Natal, a qual chamamos de “nó” dessa atividade do Rio Grande do Norte. Sendo assim, entender como funcionam as redes do turismo em Natal é de suma importância para a compreensão da estrutura do território potiguar, uma vez que os fixos e os fluxos são centrais no movimento existente no espaço geográfico. Essa atividade econômica, o turismo, por ter o seu protagonismo principalmente nos últimos anos, ajudou a reestruturar a composição de serviços do território natalense, criando objetos, novas ações, enfim, novos fluxos. Com essa nova reestruturação urbana e produtiva foi criado, assim, uma nova composição de fixos no espaço que alteraram e alteram a forma-conteúdo do espaço urbano de Natal, e são as redes a partir do turismo um dos fatores contribuintes para essa reconfiguração. Assim, o foco deste trabalho é entender esse movimento, essas redes, esses fixos e fluxos para, então, apreender as singularidades dessa atividade na cidade de Natal/RN.

1.2 Recorte Espacial e Temporal

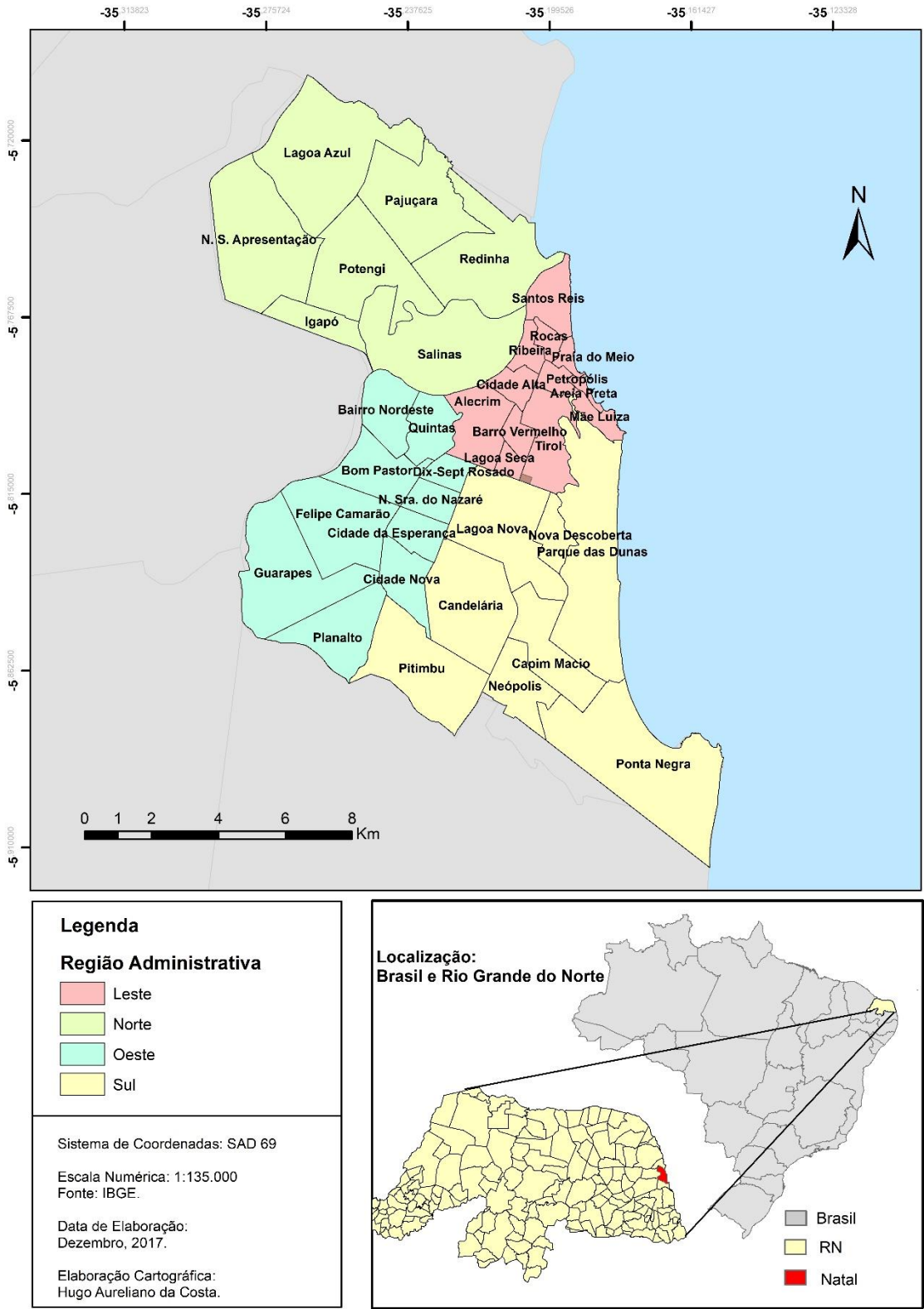
O Rio Grande do Norte, localizado na Região Nordeste do Brasil, é um estado relativamente pobre dentro da região Nordeste e, conseqüentemente, o Brasil. São poucas as cidades consideradas prósperas deste estado, porém uma se destaca como o principal polo econômico e político do RN, a capital Natal.

Natal (Mapa 01) é um município brasileiro pertencente à Mesorregião do Leste Potiguar. Tem uma área aproximada de 167 km², sendo a segunda capital com menor extensão territorial, ficando à frente apenas de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Localiza-se no extremo oriente do estado, sendo banhada pelo mar e pelos rios Pitimbu, Pirangi e Doce, além do rio seu principal: o Rio Potengi.

Devido a essa localização no extremo oriente potiguar, também apelidado de “esquina do continente”, Natal sempre foi vista desde o século XVI, pelos holandeses e portugueses, como um ponto estratégico para o restante do Brasil por conta de sua proximidade com a Europa. Foram travadas as mais diversas batalhas pelo controle de Natal e o litoral leste do Rio Grande do Norte, como é o exemplo das batalhas dos mártires de Cunhaú e Uruaçu.

Já no século XX, observando essa localização privilegiada, na Segunda Guerra Mundial os norte-americanos conceberam Natal como um ponto chave, um “trampolim para a vitória”, devido a sua localização, instaurando bases em território natalense no decorrer desse conflito. Por isso Natal sempre foi vista como uma centralidade do estado potiguar, por estar localizado em uma área estratégica para as mais variadas atividades.

Mapa 01 – Distribuição dos bairros e Regiões Administrativas de Natal/RN



Dessa maneira, além de sua localização geográfica privilegiada, Natal ainda conta com outro fator considerável para o turismo, também relacionado com essa localização, a saber: o seu clima. Chamada, também, por “Cidade do Sol”, Natal tem esse título pela elevada luminosidade solar durante o ano, em função de ter aproximadamente três mil horas insolação

anualmente, a maior dentre as capitais brasileiras, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (2000). Além disso, de acordo com o INTE, o seu clima é tropical chuvoso quente com verão seco, tem uma temperatura média de 26°, chegando a 30° no verão e caindo para 24° no inverno. Devido, também, a sua localização litorânea, o efeito da maritimidade é presente nessa cidade, uma vez que esse fator do clima contribui para a pouca amplitude térmica que essa cidade tem. Com isso, percebe-se que Natal, por estar localizada no litoral com uma frequência de sol durante o ano, é uma cidade propícia para o turismo de “sol e mar”.

No que diz respeito ao seu relevo, a cidade de Natal é constituída, principalmente, pelas planícies costeiras, sendo áreas extensas e planas que, alteradas pela presença das dunas, acabam sendo transição entre o mar e os tabuleiros costeiros do estado potiguar. Assim, além das praias constantes em todo o seu litoral, o seu terreno é composto de dunas, e são essas dunas, na cidade vizinha de Extremoz, nas chamadas “Dunas de Genipabu”, um “cartão postal natalense”, embora não esteja localizadas na capital potiguar, essas Dunas capitaneiam as propagandas para o destino turístico Natal. Assim, características naturais da capital potiguar e dos municípios vizinhos são imprescindíveis para o turismo “sol e mar”.

Além dos fatores naturais, Natal é central no contexto potiguar por ser a capital política do RN e concentrar grande parte da população do estado. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE, em 2010 a população natalense ultrapassou a faixa dos 803.739 habitantes e a estimativa que, no ano de 2016, esse número chegue a 877.662 residentes nessa cidade. Com as cidades da Região Metropolitana de Natal, este número chega a ser superior, com estimativas para 2016, a 1.577.022 pessoas, uma estimativa de 45% do total da população do estado do RN. Com isso, o grande número de pessoas residindo nesses municípios se relacionam proporcionalmente a uma maior dinamização econômica.

Dessa maneira, no ano de 2010, o PIB natalense, de acordo com o IBGE, foi de 11.221.667 mil., o qual a maior composição foi do setor terciário, seguido pelo secundário e, por fim, com o menor contingente o setor primário. Em 2007, o IBGE divulgou dados em que a economia de Natal tinha a sua maior receita originada pelo turismo. Percebe-se, então, que no ano de 2007, auge da atividade turística no RN, o turismo já tinha assumido o protagonismo no que diz respeito à base econômica de Natal/RN.

Conforme aponta Furtado (2005), esse processo de protagonismo do turismo ocorre devido a “onda do turismo” que veio se instalar, principalmente, nas Zonas Sul e Leste do território natalense. Essa “onda” foi gerada não só devido a velocidade do vento na superfície

do mar e todas as condições naturais que já foram citadas até aqui, o desenvolvimento dessa onda também ocorreu a partir dos investimentos privados e públicos que fizeram com que fomentasse o protagonismo da atividade turística, tornando-a próspera e rentável para a malha hoteleira nessa cidade. Evidentemente, até os dias atuais, o turismo se faz muito relevante para a economia do Rio Grande do Norte e de alguns bairros da cidade de Natal/RN.

Esse recorte de Natal/RN como área de estudo ocorre, portanto, por conta da quantidade de meios de hospedagem presentes nesta cidade e por ser a principal destinação do Polo Costa das Dunas. Como Natal quem, em grande parte, dinamiza esse polo, por sua representatividade referente à malha hoteleira, considerou que entender os fixos, os fluxos e as redes da capital potiguar iria subsidiar ter o entendimento dessas redes da atividade turística, demonstrando a área de influência de Natal. Além disso, a atividade turística, economicamente, é a mais relevante na composição do setor de serviços dessa cidade. Portanto, Natal é a cidade que se apresenta como o mais importante nó da atividade turística no Rio Grande do Norte, motivo pelo qual foi selecionada para o desenvolvimento da presente pesquisa referente às redes da atividade turística.

No que diz respeito ao recorte temporal, a pesquisa se inicia a partir da inserção dos meios de hospedagem, no contexto da Reestruturação Produtiva, em Natal, isto é, a partir dos anos 1980. Dessa forma, a construção da Via Costeira no território natalense, em meados dos anos 80, é o momento chave no qual será a gênese desta pesquisa, que se debruça datando dessa década aos dias atuais. Assim, o período o qual é analisado corresponde dos anos 1980 até o ano de 2017.

Entretanto, há ainda dados mais antigos no que diz respeito a hotéis que foram instalados no tecido urbano natalense antes de 1980. Porém, isso deve ao fato de mostrar que, embora o turismo fosse incipiente em Natal nesse período, ele já existia. Mas, de fato, a partir dos anos 80 é que esta atividade se aprofunda e começa a existir com maior dinamicidade (CRUZ, 1996). Assim sendo, é levantado meios de hospedagem instalados em Natal antes dos anos 80, mas a pesquisa remete, principalmente, aos meios de hospedagem inaugurados a partir dos anos 1980 e como eles estão estruturados hoje no tecido urbano natalense, junto com o fluxo de turistas e de trabalhadores.

1.3 Recortes Teóricos e Procedimentos Metodológicos

Para a pesquisa científica não há um método “seguro”, uma espécie de “receita de bolo” a qual caso se siga chegará a um resultado pré-definido. O método, como Morin (2001) afirma, é como a vida, instável e passível de mudanças. Precisa-se de um programa, de um ponto de partida, mas o resultado não necessariamente é sempre o estipulado.

Para esse mesmo autor, o grande problema da pesquisa que se utiliza de um “método cartesiano/rígido” é que, caso algum passo ou dado da pesquisa não esteja de acordo com o que vem foi planejado, esse fato diferente é descartado ou, mesmo, subjugado. Por isso, para esse autor, não há como um método seguir isso, afinal é o diferente que compõe a pesquisa.

Este mesmo autor critica as amarras de se ter uma teoria rígida na pesquisa e quando o pesquisador não procura avançá-la. Para ele, a teoria é ponto de partida, não de chegada. A teoria permite o conhecimento, não é a solução, mas sim uma das possibilidades de tratar e resolver um problema. Deve-se partir de uma teoria, mas o sujeito cognoscente é quem lhe dá a vida, é ele quem a “ressignifica” e a faz avançar de acordo com seus objetivos. Por isso não é importante ter uma “receita” definida e que não seja passível de mudanças, o que mais importa é ter um objetivo na pesquisa claro, definido e que a forma do método para respondê-lo pode ter alguns pontos mudados no decorrer da pesquisa.

Além disso, Morin (2001) retoma essa discussão sobre o método e a forma pela qual não se deve seguir modelos prontos, tendo em vista que o caminho da pesquisa pode dizer muito a respeito dela e seguir modelos prontos e rígidos pode fazer com que as singularidades desse processo sejam descartadas. Esse autor cita no decorrer de seu livro o poeta espanhol Antônio Machado para dar subsídio a essa ideia, quando este afirma que “o caminho faz-se caminho ao caminhar”. E o método, dessa maneira, é do sujeito elaborador da pesquisa, pois é este quem parte de uma teoria para chegar e responder o seu objetivo, afinal, o caminho parte de um princípio e prefigura um fim, mas quem tece o caminho é o autor, aquele que dá a vida a essa pesquisa.

Portanto, os procedimentos metodológicos, teóricos e técnicos para a elaboração dessa pesquisa partem do princípio de que eles vão subsidiar o entendimento do fenômeno turístico na cidade de Natal/RN, embora saibamos que a busca da totalidade nunca é completa, afinal esta é fugaz e não há como um pesquisador compreender a totalidade de nenhum fenômeno, principalmente com relação aos aspectos socioespaciais, em sua completude.

A pesquisa ora proposta parte do princípio explicativo (SILVA, 2002), para trazer uma abordagem que identifique os fatores determinantes na ocorrência de um determinado

fenômeno. Além desse princípio, há o caráter exploratório, que envolve levantamento de dados, entrevistas, análises de exemplos que estimulem o entendimento desse fenômeno etc.

No que diz respeito à natureza da pesquisa, ela se baseará, a saber, nos aspectos: quantitativo, descritivo, qualitativo e teórico – para a permissão de uma melhor interpretação. Com relação ao aspecto quantitativo, serão necessários os elementos estatísticos para a análise do fenômeno abordado, mas isso não exclui o qualitativo, uma vez que o sujeito em sua relação com o objeto é importante para a compreensão dessa pesquisa; dessa forma, a descrição do fenômeno é mais um aspecto chave, tendo em vista a descrição e identificação dos aspectos desse fenômeno, fato este que a Geografia fez e faz muito bem. Por fim, o quadro teórico subsidiará os demais caracteres, buscando relacionar e caracterizar os procedimentos metodológicos dessa pesquisa.

Nos tópicos a seguir estão o detalhamento dos recortes teóricos e procedimentos metodológicos e técnicos, com o devido rigor científico. Essa sistematização servirá para uma melhor operacionalização da pesquisa, tendo em vista a busca para alcançar os objetivos propostos.

1.3.1 Aspectos Teóricos da Pesquisa

Sendo assim, para o decorrer da pesquisa, as teorizações iniciais postas neste capítulo foram feitas a partir de levantamento realizado em livros, periódicos, sites, dissertações e teses. Há uma vasta literatura a respeito do turismo, da ciência geográfica e de outras áreas. Mas procurou se debruçar sobre autores com discussões espaciais do turismo e que dão subsídios teoricamente a tratar sobre esse fenômeno no decorrer da pesquisa. Para tanto, estruturaremos, primeiro, em parágrafos os autores que subsidiam os conceitos de nossa pesquisa e, depois, da temática do turismo em si.

No que diz respeito aos autores que debatem o território, Milton Santos (2005, 2011, 2012; SANTOS e SILVEIRA, 2011) contribui para discussões a respeito do território usado e de como hoje o território é uma categoria importante na compreensão do espaço geográfico. Outros autores, tais quais SOUZA (2014) também traz contribuições acerca do território, demonstrando como é um conceito amplo na geografia, mas é, sem dúvidas, FRATUCCI (2008; 2009), Knafou (1996), HAESBAERT (2006) e CRUZ (2001; 2006) quem trarão as discussões mais próximas do território e do turismo sob uma perspectiva geográfica. O território, desse

modo, visto por esses autores, é um conceito extremamente importante na construção do conhecimento geográfico, a “territorialização” a partir dos mais variados elementos e os diferentes “usos” do território demonstram o caráter atual e imponente que essa discussão tem na Geografia e no mundo atual.

Além do território, o conceito de redes é, também, central nessa pesquisa. A partir de CORREA (1999, 2006), CRUZ (2006), SANTOS (2011; 2012) e CASTELLS (1999), além de FRATUCCI (2008; 2009) e HAESBAERT (2006), a análise das redes é extremamente importante e corresponde a tessitura das relações do mundo atual. A globalização, *per si*, funciona a partir das redes, além disso são formadas redes de relações entre empresas do mesmo ramo ou de ramos diversos visando baratear custos, aumentar lucros para concorrer no livre mercado no neoliberalismo. Também, pode-se mencionar as relações entre redes existentes nas cidades, isto é, as redes urbanas formadas a partir dos mais variados usos do território e que se superpõem, criando uma complexidade cada vez maior de redes no espaço geográfico.

No entendimento desses dois conceitos, alguns autores consideram que, para discutir território e redes no período presente, a separação dos dois conceitos é apenas uma questão analítica, tendo em vista que na realidade é impossível separar estes dois conceitos, pois as redes se territorializam no espaço geográfico, conectando pontos distantes e reconfigura o espaço geográfico. Com isso, a discussão de território-rede é central para os fenômenos atuais, principalmente o turismo. Os autores Haesbaert (2006) e Fratucci (2008; 2009) são os principais autores que discutem essa temática e este binômio conceitual, o território-rede, será de enorme importância para a condução dessa pesquisa, pois, baseando-se em seus preceitos, analisou-se as redes geográficas do turismo no município de Natal e a sua relação com outros espaços escalares.

Evidentemente, as redes pressupõem interações espaciais. Para entendermos as relações existentes a partir da reestruturação produtiva no espaço geográfico, principalmente dos países subdesenvolvidos, ela reestrutura as bases econômicas desses países, inserindo-os de forma mais enfática na globalização. Esse movimento, a partir dos setores econômicos, conhecido como reestruturação produtiva, é cunhado e debatido por Soja (1993) e Harvey (1996). No que diz se refere às interações espaciais, toda rede pressupõe trocas, e essas trocas implicam em interações espaciais CÔRREA (1997).

Dessa maneira, a relação das redes com o território existe a partir de determinados vetores, que, por sua vez, são elementos espaciais considerados na pesquisa como categorias de

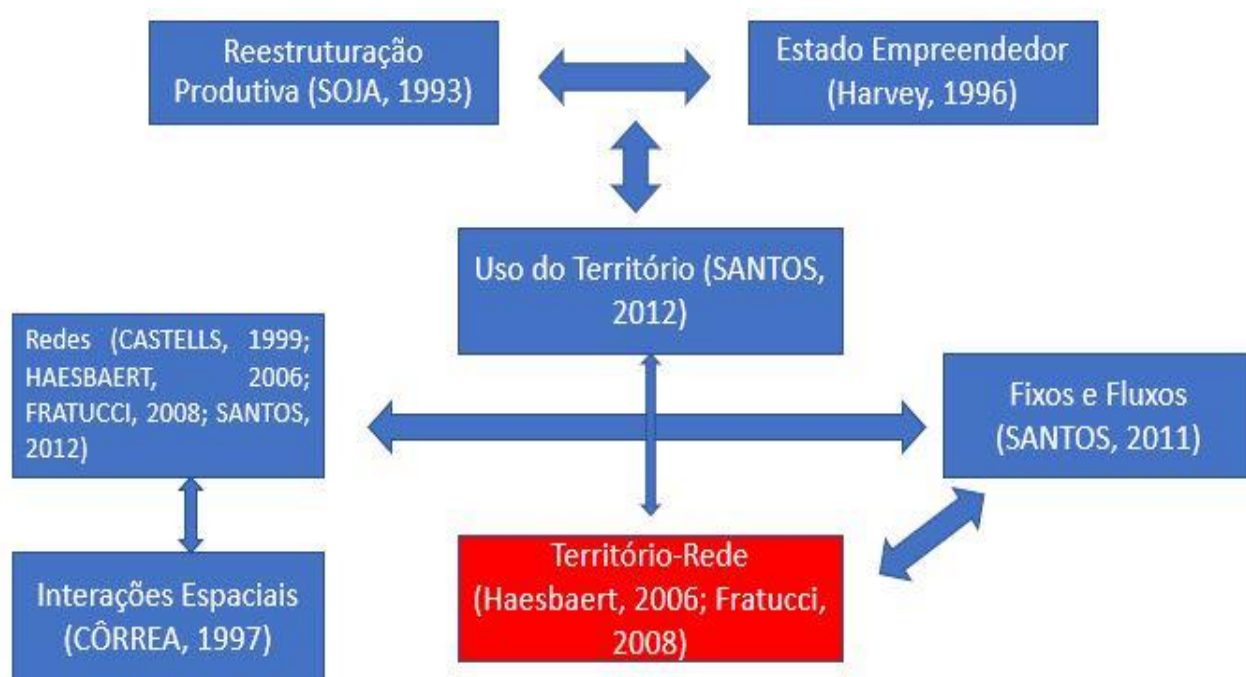
análise, como, por exemplo, no turismo: turistas, vias de acesso, hotéis, atrativos turísticos, aeroportos etc. Os fixos e os fluxos, abordados por Milton Santos na obra *Metamorfoses do Espaço Habitado* (2011), nos dão o movimento dialético dessas interações espaciais a partir desses vetores. Por isso, para a análise das interações espaciais e das redes é importante utilizar essas categorias, fixos e fluxos. A partir deles, entende-se que os objetos naturais e artificiais localizados no território são necessários para a existência de fluxos na atividade turística.

Porém, o fluxo do turismo e a sua existência não se dão sem a participação do Estado. Autores como Fonseca (2005; 2007; 2012), Furtado (2005); Cruz (1995; 2001; 2006); Caracristi (1994); e Fratucci (2008) analisam as políticas públicas do turismo e a sua inserção nos mais diferentes territórios, as quatro primeiras autoras, inclusive, analisam como se deu a procedência de investimentos públicos no estado do Rio Grande do Norte e em Natal/RN. Tomando por base o conceito de “empresariamento urbano”, do David Harvey (1996), analisaremos como o Estado influencia e é influenciado por essa atividade econômica, o turismo.

A Figura 01 apresenta, de forma sintética, os principais conceitos e categorias de análise da pesquisa, estando, em vermelho, o principal.

Figura 01 – Representação Esquemática dos Principais Conceitos da Pesquisa.

Fonte: Elaboração do autor.



1.3.2 Aspectos Metodológicos da Pesquisa

Metodologicamente, para analisar o papel do poder público na implantação das infraestruturas que contribuíram para a promoção e o desenvolvimento da atividade turística em Natal, alguns dados foram necessários para conseguir apreender essas ações, a saber: na pesquisa documental para apreensão desses investimentos públicos existentes e das transformações espaciais que existiram a partir dessa ação do Estado, fez-se coleta de dados na Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte (SETUR/RN); dados relacionados aos do PRODETUR I, PRODETUR II no site e em documentos do Banco do Nordeste Brasileiro (BNB); em documentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Plano Nacional de Turismo (PNT) obteve-se os investimentos recentes realizados em Natal em prol do turismo.

Além disso, as pesquisas de Cruz (1995), Furtado (2005) e Caracristi (1994) também apresentam dados referentes à localização e quais investimentos do Estado, em Natal, ocorreram. Com os dados obtidos nas instituições governamentais, nesses documentos, dissertações e tese foi possível identificar as tipologias e topologias dos investimentos.

Para analisar a origem e expansão dos Meios de hospedagem de Natal, várias fontes secundárias foram cruzadas para obter os dados precisos a respeito do ano de criação dos meios de hospedagem e dos empreendimentos. Assim, foi necessário para saber a quantidade de hotéis e outras informações como CNPJ, tabular dados na ferramenta do Ministério do Turismo conhecida como CADASTUR, bem como com a pesquisa realizada pelo SEBRAE, no ano de 2012, a respeito dos meios de hospedagem em Natal/RN.

No site do CADASTUR, pode-se colher o ano de instalação dos hotéis nas cidades do Rio Grande do Norte, quantidade de meios de hospedagem e o CNPJ. Com o CNPJ, no site da Receita Federal, tem-se a opção de colher o capital social das empresas. Este apresenta a magnitude do investimento, isto é, o total que foi investido na construção do meio de hospedagem e a procedência do investimento, se pertence a algum capital estrangeiro, se o empreendimento é filial ou matriz, dados da estrutura e, também, do ano de instalação etc. Dessa forma, os dados dos Meios de hospedagem, a partir dos anos 80, foram tabulados a partir do CADASTUR, SEBRAE e Receita Federal – os que não estavam cadastrados no CADASTUR, tiveram, em pesquisa em seus próprios sites ou no CNPJBrasil, a busca pelo número do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) para a pesquisa na Receita Federal,

com o objetivo de se ter o ano de instalação desse MH. O número de estabelecimentos compreendidos pelos meios de hospedagem é de 208 unidades. Deste total foram obtidas informações do CNPJ de 141 estabelecimentos, representando uma amostra de 70%, cujos dados (sem levar em consideração que, de 2013 até 2018, 13 desses MH fecharam) foram tabulados e apresentados o ano de sua origem, além de sua caracterização.

Assim, pôde-se entender a origem e evolução dos MH de Natal, ano após ano, com a criação de Mapas a partir desses dados. Com relação aos MH instalados no território natalense antes dos anos 80, Lopes Júnior (2000) apresenta empreendimentos cuja origem remete a esse período, junto com as localizações. Assim, também, foram tabulados seus endereços e plotados em um Mapa criado pelo Arcgis 10.1, demonstrando a localização destes MH. Esses dados não representam a totalidade dos Meios de hospedagem, uma vez que todos os que foram fechados antes de 2012 não se tem a localização ou, mesmo, o nome; há algumas, obviamente, falhas⁴, tendo em vista não se ter a totalidade dos MH (e sim uma grande parte), mas, mesmo assim, há um grau de representatividade considerável dos meios de hospedagem. Por isso, procedeu-se com o cruzamento dessas fontes para que os dados fossem os mais próximos da realidade.

Dessa maneira, há um conjunto de fontes para obter esses dados relacionados ao ano de instalação dos Meios de hospedagem de Natal. Porém para apreender o capital de origem dos hotéis e se pertencem a redes ou não, novamente, o procedimento foi a busca no site da Receita Federal, com o CNPJ, pelo Capital Social. Desse modo, para identificar as conexões estabelecidas pelos meios de hospedagem no território natalense, partiu-se de dois pressupostos, a saber: apreender o capital de origem (país) desse empreendimento e se pertencia a alguma rede/grupo.

Destarte, na pesquisa no site da Receita Federal, a partir do CNPJ, tem-se, na aba de Capital Social, o proprietário do empreendimento e seu país, além de demonstrar se o referido meio de hospedagem é uma matriz ou filial. Com isso, consegue-se saber de qual país se origina o proprietário (ou o sócio majoritário) daquele meio de hospedagem e se pertence a algum grupo. Com relação ao grupo, há duas formas de se proceder: em algumas vezes tem de se procurar o CNPJ da matriz para saber de onde provém o grupo ou mesmo procurar, nos sites das próprias redes, os empreendimentos cujos donos são de Natal e/ou se localizam na capital

⁴ Além disso, a data de instalação de alguns empreendimentos turísticos aparece distorcida da real data de inauguração destes. Embora seja mínimo a quantidade de meios de hospedagem que apresentam essa característica e falha a partir dos dados cedidos pela Receita Federal, durante o decorrer deste estudo salientaremos quando isso acontecer.

potiguar. Foi pesquisado, portanto, dessas duas formas. Buscou-se os dados do CNPJ e das principais redes dos MH que atuam no Brasil. Assim se conseguiu um conjunto de dados acerca dos grupos nacionais e internacionais presentes, a partir dos meios de hospedagem em Natal e o país de origem desses empreendimentos.

Dessa forma, com esses dados elencados, na ferramenta do Sistema de Informação Geográfica Arcgis 10.3, elaborou-se mapas a respeito desses empreendimentos, demonstrando: a localização dos MH, (a localização) o país de origem e a qual rede pertencia, além disso também foi mostrado localização do país de origem daqueles Meios de hospedagem, a partir dos dados da Receita Federal, que não pertencem a redes. Portanto, demonstra-se, desse modo, os empreendimentos internacionais (que pertencem ou não a grupos) e apresenta, assim, de forma mais holística os Meios de hospedagem com capital internacional.

Com relação às conexões espaciais estabelecidas pelos fluxos turísticos, há dados da Secretaria de Turismo/RN acerca do fluxo turístico em Natal. A princípio, pensou-se em utilizar esses dados para demonstrar o fluxo de turistas e realizar uma pesquisa de campo para entender o movimento dos turistas. Porém, o Ministério do Turismo divulgou, em 2017, o balanço a respeito do fluxo de turistas internacional nas capitais brasileiras em 2016 e, consequentemente, em Natal. Com isso, obteve-se esses dados dos visitantes externos ao Brasil.

No que se refere aos principais atrativos turísticos existentes em Natal e no Rio Grande do Norte⁵, a Federação de Comércio e Bens, Serviços e Turismo do Rio Grande do Norte (FECOMÉRCIO/RN) realizou, em 2017, uma pesquisa intitulada “Relatório Turismo Receptivo Natal-RN” cujo objetivo foi demonstrar quais são os locais os quais os turistas mais frequentam no Rio Grande do Norte e a origem desse fluxo turístico. Portanto, essa pesquisa da Fecomércio/RN, pautando-se em entrevistas semi-estruturadas com turistas e meios de hospedagem, deu subsídios para entender a estrutura do fluxo nacional (e internacional) de turistas para Natal, a partir dos estados da federação, e como os turistas se deslocam no Rio Grande do Norte.

Dessa forma, compreende-se as conexões espaciais entre o Brasil e Natal, e entre Natal e o Rio Grande do Norte. Há dados do Ministério do Turismo, a partir da ferramenta *Saiku Generation*, que mensuram, com o apoio da Polícia Federal do Brasil, a quantidade de turistas internacionais e o local de origem destes que se deslocam para Natal. Assim, para demonstrar espacialmente essas conexões de Natal com o Brasil e com o mundo, bem como deslocamento

⁵ Empreendimentos estes, que se verá no capítulo 5, praticamente correspondem ao Polo Costa das Dunas.

de turistas dentro de Natal e para o restante do estado do Rio Grande do Norte, foram elaborados 6 Mapas, na ferramenta ArcGis, demonstrando o fluxo turístico e os atrativos turísticos existentes na capital potiguar e no Polo Costa das Dunas.

No que diz respeito a identificação das conexões espaciais estabelecidas pelos trabalhadores do segmento turístico, no espaço intraurbano de Natal, procedeu-se com a aplicação de questionários, em campo, buscando obter informações referente ao local de moradia dos trabalhadores dos meios de hospedagem.

Para se ter uma amostragem, a partir de um total de 208 Meios de hospedagem, com 90% de confiança e 10% de erro amostral, a amostra necessária se dá com 52 Questionários aplicados para se obter este parâmetro. De tal modo, foi realizada essa pesquisa procurando colher informações relacionadas aos seguintes aspectos, a saber: a quantidade total dos trabalhadores do Meio de Hospedagem; a quantidade de trabalhadores operacionais e o local de origem destes (bairros e cidades da RMN); a quantidade de trabalhadores gerenciais e o seu lugar de origem.

Dessa forma, foi-se, em campo, aplicar questionários e se conseguiu entrevistar os 52 MH necessários para esta amostra. Porém, por exemplo, nenhum hotel da Via Costeira cedeu informação, e alguns dos principais hotéis da cidade também negativaram, afirmando que não estavam autorizados a ceder esse tipo de dados. Além disso, para a obtenção de dados dos trabalhadores gerenciais, também houve negativa, inclusive daqueles que responderam os trabalhadores operacionais. Em maioria esses MH não são autorizados a ceder informações dos bairros dos gerentes/donos dos Meios de hospedagem, de modo que esta análise e discussão ficou prejudicada.

Mesmo com esses adendos, conseguiu-se ter informação para atender a margem amostral dos trabalhadores operacionais do setor de hospedagem. Assim, as entrevistas foram realizadas nos empreendimentos de acordo com o Quadro 01.

Quadro 01 – Localização e Quantidade dos Meios de hospedagem que tiveram questionários aplicados

Tipo	Quantidade	Bairro
Hotel	18	Ponta Negra
Apart-Hotel/Flat	10	Ponta Negra
Pousada/Albergue/Hostel	17	Ponta Negra

Hotel	2	Cidade da Esperança
Pousada/Albergue	3	Cidade da Esperança
Hotel	1	Praia do Meio
Pousada/Albergue	1	Praia do Meio
Total	52	-

Fonte: Campo realizado pelo autor, 2017.

Dessa maneira, a aplicação desses questionários subsidiou a criação de 2 Mapas cujo objetivo foi demonstrar como estão espacializados os trabalhadores operacionais do segmento turístico em Natal, na RMN e o seu deslocamento para esses Meios de hospedagem. Assim, pode-se apreender, com esses Mapas, as conexões intra e interurbanas que existem entre os trabalhadores locais do turismo e os Meios de hospedagem natalense.

Assim sendo, pretendeu-se com todos esses dados colher informações referentes aos fluxos dos turistas na cidade de Natal/RN e sua relação com outros locais. Essas informações possibilitam a observação de como se constituem as redes (novas) e os fluxos dessa atividade, gerando, conseqüentemente, “nós” e suas novas tessituras no espaço geográfico. Por isso elenca-se três atores principais: os turistas, os meios de hospedagem e os trabalhadores destes. Informações referentes a estes ajudam a entender o funcionamento do turismo no espaço geográfico, uma vez que o turista é o ator principal da atividade e quem se desloca de um ponto a outro, e os meios de hospedagem são os pontos fixos no território que recebem esses turistas.

Os mapas criados a partir de Sistema de Informação Geográfica (SIG) ajudam na análise territorial, afinal a criação desses mapas serve para localizar fenômenos e a sua representatividade no espaço geográfico. Para o pesquisador, o resultado de determinados fenômenos é melhor visualizado através de representações em mapas. Com isso, os dados e os mapas como ferramentas de análise e interpretação são extremamente importantes na explicação de qualquer fenômeno que se territorialize, como é o caso do turismo e, evidentemente, da atividade turística na cidade de Natal. Por isso optar pela criação de diversos mapas a fim de auxiliar na explicação do fenômeno da territorialização e das redes em Natal/RN ocasionadas pelo turismo foi considerada crucial para essa pesquisa.

Problema/Questão Central	Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Técnicas de Coleta	Fonte	Técnicas de Análise
Quais são as novas redes geográficas que emergiram em Natal a partir do desenvolvimento da atividade turística?	Analisar como o fluxo de turistas, os meios de hospedagem e os trabalhadores do segmento turístico contribuíram para a constituição de novas redes geográficas em Natal, propiciando novas interações e conexões espaciais.	a) Analisar o papel do poder público para a implantação de infraestruturas que contribuíram para a promoção e desenvolvimento da atividade turística;	Levantamento dos Investimentos Públicos.	- SETUR/RN; - BNB; - Furtado (2005); - Caracristi (1994).	- Análise Documental; - Análise de Conteúdo.
		b) Analisar a origem e expansão dos meios de hospedagem em Natal;	Levantamento de dados secundários sobre a origem dos MH.	- Receita Federal; - SEBRAE/RN (2012) - CADASTUR.	- Elaboração e Análise de Mapas e Quadros; - Análise de Conteúdo; - Registro de Imagens.
		c) Identificar as conexões espaciais estabelecidas pelos fluxos turísticos;	Levantamento de dados primários e secundários.	- Ministério do Turismo; - Fecomércio/RN.	- Elaboração e Análise de Mapas, Quadros e Tabelas; - Análise de Conteúdo.
		d) Identificar as conexões espaciais estabelecidas pelos meios de hospedagem;	Levantamento de dados secundários.	- Receita Federal; - SEBRAE/RN; - Site das principais operadoras e redes de Meios de hospedagem.	- Elaboração e Análise de Mapas, Quadros e Tabelas; - Análise de Conteúdo.
		e) Identificar as conexões espaciais estabelecidas pelos trabalhadores do segmento turístico, no espaço intraurbano de Natal.	Aplicação de Questionário e Análise de Dados Primários.	- Aplicação de Questionários junto aos Meios de hospedagem e tratamento dessas informações em Mapas.	- Elaboração e Análise de Mapas, Quadros e Tabelas; - Análise de Conteúdo.

Quadro 02 - Quadro Metodológico

2. Turismo e Redes Geográficas: Tessitura do Território

Este capítulo discute a respeito de como o turismo estrutura-se no mundo, devido a sua magnitude econômica, e o que, de fato, significa o turismo, a partir de uma perspectiva espacial. Após esses pontos apresenta-se a discussão referente ao turismo, o território e as redes no espaço geográfico.

2.1 A estrutura do Turismo no Mundo

O turismo é um fenômeno de caráter complexo, seja pelo viés econômico, social ou espacial, esta atividade é significantemente expressiva no mundo atual, principalmente com o desenvolvimento da globalização.

De acordo com dados da Organização Mundial de Turismo (OMT, 2014), estima-se o turismo como a terceira atividade que mais empregou no mundo, atrás apenas dos setores de varejo e da agricultura. Tal fato demonstra o quão importante e significativo é essa atividade no mundo. E se, comparada com essas outras duas atividades, apresenta maior crescimento econômico. Mesmo com a constante elevação do crescimento do setor de turismo, essa atividade corresponde hoje a expressiva porcentagem 9% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Dessa forma, 6% das “exportações”⁶ mundiais são creditadas ao setor turístico, correspondendo, segundo dados da OMT, a 1,4 bilhões de euros anuais em exportações.

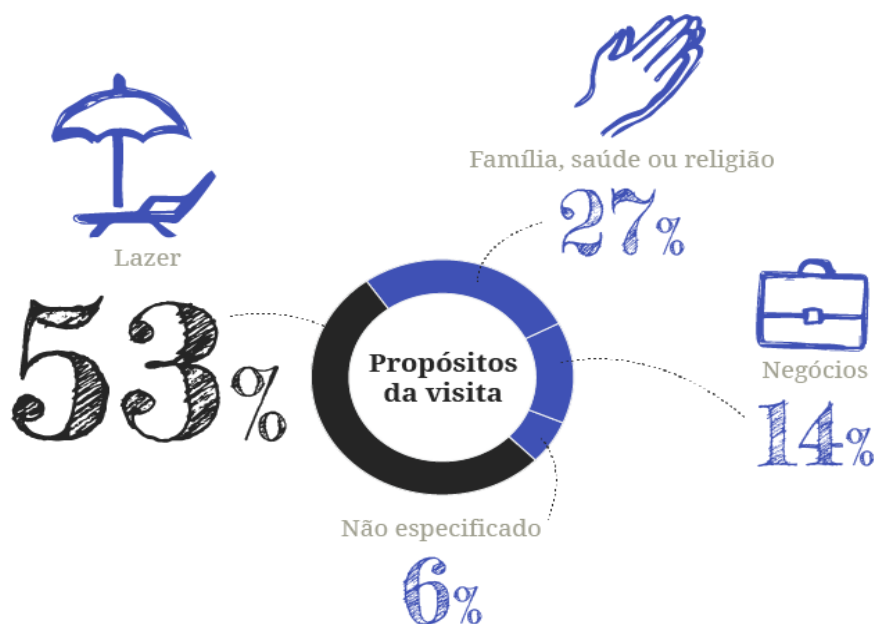
Esses dados demonstram a representatividade dessa atividade em caráter global, apresentando, assim, como o turismo é responsável por ser uma das atividades mais rentáveis no mundo hoje. Estima-se que, no ano de 2014, 277 milhões de empregos gerados no mundo estão relacionados direta ou indiretamente ao turismo, isto é, 1 a cada 11 empregos no mundo é ligado a esse setor.

Entretanto, o turismo em escala mundial não se organiza apenas para o “lazer”. Como se observa na figura 02, de acordo com os dados da pesquisa da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2015), o lazer, embora seja o fator principal, não é o único propósito de visita dos turistas. A família, tratamento de saúde, monumentos sagrados e negócios, dentre outros fatores, também são aspectos que levam turistas a outras localidades. Sendo, contudo, o lazer responsável por 53% das visitas dos turistas no mundo no ano de 2014; a família, saúde ou

⁶ Entendendo, aqui, como quando os turistas viajam e gastam nas localidades as quais estão hospedados ou mesmo as que visitam.

religião representaram 27% dos propósitos da visita; e os negócios motivam o deslocamento de 14% dos entrevistados. Os que não especificaram representam a cifra de 6%, conforme a OMT. Portanto, notamos o lazer como a principal motivação dos viajantes, entretanto não é o único fator, há ainda outros fatores relevantes e que devem ser citados, ou seja, não se deve generalizar como motivo único este ou aquele do turismo.

Figura 02 – Propósitos da Visita dos Turistas no Mundo em 2014



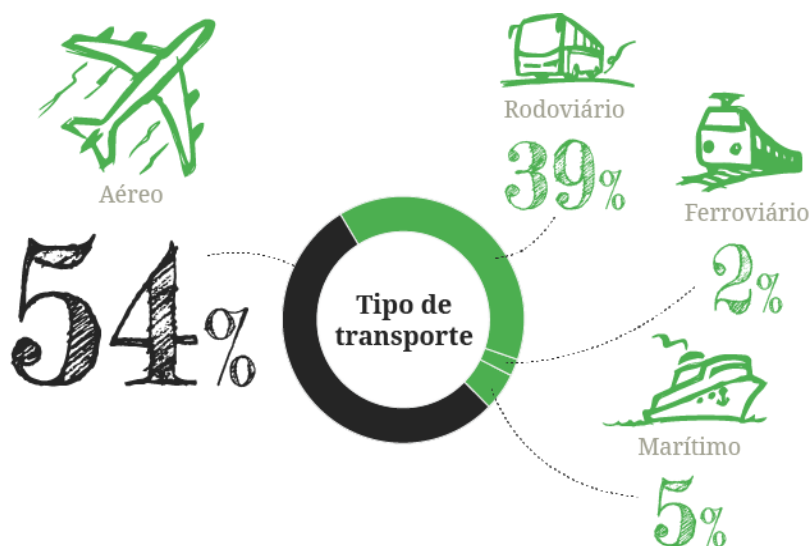
Fonte: OMT, 2015.

Dessa forma, o turismo é uma atividade que exige, necessariamente, deslocamento. Não há turismo sem o deslocamento do turista. E a massificação do turismo no mundo contemporâneo se deve, também, a melhora considerável, a maior segurança e mais rapidez dos transportes, além da diminuição do custo para efetuar a viagem. A atividade turística, desse modo, embora não seja necessariamente o foco principal dos transportes, é utilizada também por eles e há, para isso, criação de pacotes para viagens turísticas e toda uma sinergia entre as transportadoras aéreas e rodoviárias com, por exemplo, as agências de turismo, operadoras turísticas e com os hotéis.

Na figura 03 observa-se dados da OMT (2015) acerca dos transportes utilizados para a realização do turismo no mundo. De acordo com esses dados, 54% das viagens para o turismo são realizadas a partir do transporte aéreo; mais uma vez nota-se que, para percorrer grandes distâncias, o transporte aéreo é o seguro e rápido. O rodoviário, segundo mais utilizado, apresenta um total de 39% das viagens. Os transportes marítimos e ferroviários,

respectivamente, correspondem a 5% e 2% do total das viagens realizadas pelos turistas no mundo.

Figura 03 – Tipos de Transporte Utilizados pelos Turistas no Mundo em 2014



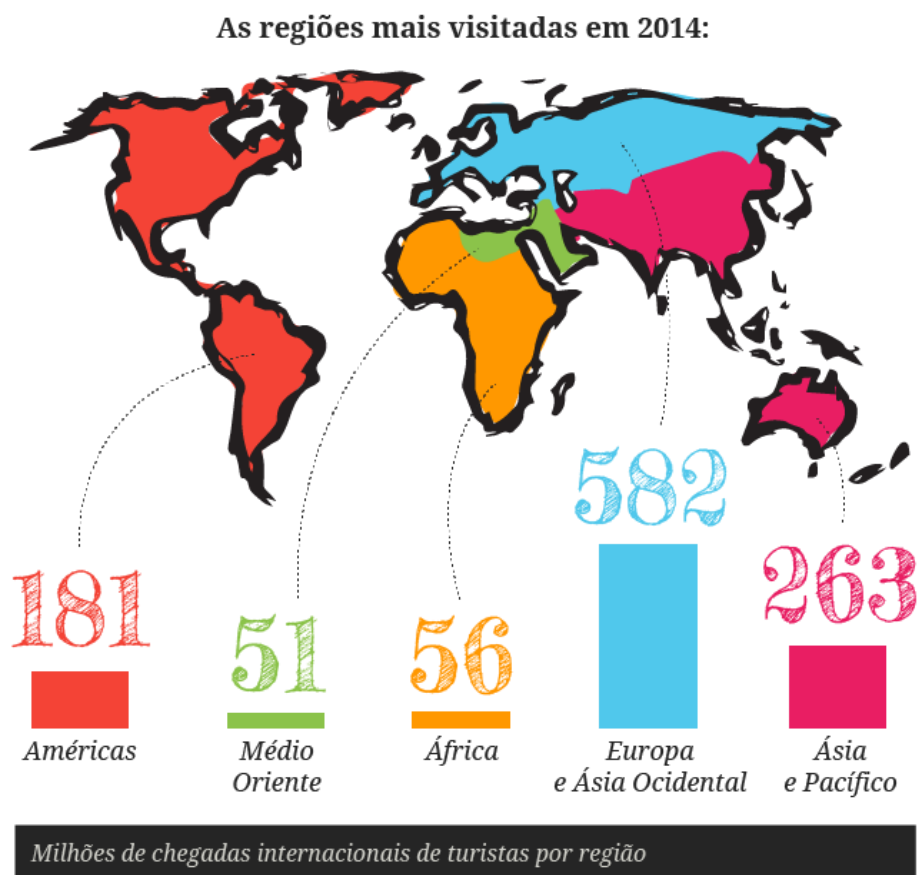
Fonte: OMT, 2015.

Seguindo a análise a respeito do turismo em escala mundial e suas características, evidentemente o fluxo turístico percorre todos os continentes. São múltiplas as experiências para os turistas se sentirem realizados em outros locais do mundo, e, também, há vários tipos de turistas, os que preferem visitar áreas consideradas mais seguras, menos exploradas etc⁷. A questão da seguridade é fundamental para o entendimento do fluxo turístico, pois áreas devastadas por guerras ou com instabilidade política tendem, geralmente, a absorver uma quantidade menor de turistas, caso este do Oriente Médio.

De acordo com os dados da OMT relacionadas ao ano de 2014, das regiões mais visitadas no decorrer desse ano no mundo, a Europa junto da Ásia Ocidental foram a que mais recebeu fluxo turístico, com um total de 582 milhões. Em segundo lugar, a Ásia e o Pacífico apresentaram 263 milhões de pessoas visitando-as durante 2014. A terceira região com o maior fluxo turístico no mundo foi a América, com o total de 181 milhões de pessoas, seguida pela África com 56 milhões e o Oriente Médio com 51 milhões.

⁷ Os turistas alocêntricos e psicocêntricos (PLOG, 1987).

Figura 04 – As Regiões Mais Visitadas pelos Turistas no ano de 2014



Fonte: OMT, 2015.

Dos 10 países que mais recebem turistas no mundo, 7 se localizam na Europa, dois na Ásia e um nos continentes Americanos, de acordo com a OMT (2015) e representado pela figura 04. O Brasil, de acordo com essas estatísticas, ocupa a 40ª posição entre os países com maior fluxo turístico internacional no mundo, atualmente sendo o 10º país com maior crescimento – seguindo a tendência de elevação do fluxo turístico das Américas. A figura 05 demonstra o número de turista entre os 20 países mais visitados no mundo e como o turismo se estrutura no mundo, por milhões de visitas anuais.

Figura 05 – Número de Turistas por Países no Mundo, no ano de 2014.



Na figura 05, o turismo, além de demonstrar enorme complexidade enquanto atividade econômica, tem sua representatividade no mundo como uma atividade que propicia o fluxo de milhões de pessoas, anualmente. Ele está presente em, praticamente, todos os países do mundo e, assim, com esse fluxo gerado consegue dinamizar a economia mundial, transformando essa atividade como uma das que mais geram emprego e que contribuem para o Produto Interno Bruto mundial. A América, como se percebeu nas figuras 04 e 05, apresenta-se como um continente representativo dessa atividade.

O Brasil nos últimos anos passou por um processo, de certa forma, de internacionalização do seu fluxo turístico devido a magnitude dos turistas internacionais que vêm de mais diversos países para o Brasil. Hoje, evidentemente, também recebe um considerável contingente desses turistas, totalizando no ano de 2016 uma cifra maior do que 6,6 milhões de turistas internacionais por ano e que injetaram na economia mais de 21 bilhões de reais, neste período⁸.

Com relação ao setor de turismo no RN e em Natal/RN, de acordo com os dados do anuário estatístico de 2016 do Ministério do Turismo, no Rio Grande do Norte, via aeroporto, entraram no Rio Grande do Norte mais de 30.425 turistas internacionais. O valor movimentado por esses turistas no RN foi superior a 80 milhões de reais. A princípio, esse dado diz respeito aos aeroportos, via marítima e terrestre, porém, como no RN o aeroporto de São Gonçalo do Amarante, na RMNatal, é o principal, deduzimos que vão, em grande maioria, para Natal estes turistas.

Dos turistas internacionais que vieram ao RN no ano de 2016 de acordo com o Ministério do Turismo, a grande maioria pertence ao continente europeu, totalizando 20.674 visitantes desse continente. Podemos justificar essa quantidade de europeus pelo fato de, além de Tibau do Sul, no litoral Sul potiguar, Natal/RN ser o centro de atração desses turistas devido ao seu setor de hospedagens e seus pontos turísticos, além, claro, de outras destinações no litoral norte do estado potiguar que também atraem esses turistas, como, por exemplo, Rio do Fogo, Maxaranguape e São Miguel do Gostoso. Outro dado interessante diz respeito ao fluxo por meses desses turistas.

Os turistas internacionais procuram o RN e, conseqüentemente, Natal principalmente a partir do solstício de verão, no hemisfério sul, conforme percebemos no quadro 03. A

⁸ Conforme aponta </ <http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/01/brasil-recebeu-6-6-milhoes-de-turistas-estrangeiros-em-2016> />. Acesso em 06 de maio de 2017.

magnitude, ainda assim, da maior visitação dos turistas internacionais ocorre nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, pois, como explicitamos acima, os turistas europeus, a maioria, preferem vir em busca do “turismo sol e mar”, isto é, quando há um maior período de insolação e é verão no hemisfério sul.

Quadro 03 - Fluxo de Turistas Internacionais no Ano de 2016 no RN

Mês	Quantidade de Turistas
Janeiro	2.992
Fevereiro	2.992
Março	2.313
Abril	1.120
Maiο	694
Junho	1.315
Julho	1.863
Agosto	2.146
Setembro	1.080
Outubro	2.941
Novembro	3.816
Dezembro	5.308

Fonte: Departamento da Polícia Federal e do Ministério do Turismo

Além dos turistas internacionais, não se pode falar do turismo sem mencionar, por exemplo, os turistas nacionais. Não há como encontrar os dados específicos da quantidade de turistas nacionais que visitam Natal, porém, no IBGE, consegue-se, em pesquisa efetuada no ano de 2011, encontrar o rendimento mensal desses visitantes e a estimativa dos turistas que vão ao Rio Grande do Norte, embora considera-se, com receio, a superestimação desses dados.

De acordo com essa pesquisa do IBGE (2011), O Rio Grande do Norte teve 846.000 turistas com rendimento nominal de até 4 salários mínimos no ano de 2011, além disso obteve, também, 218.000 turistas com rendimento mensal familiar na faixa de 4 a 15 salários mínimos. Acima de 15 salários mínimos, os dados apontaram para a 69 mil turistas. Portanto, totalizando um quantitativo maior que 1 milhão e 134 mil turistas no referido ano.

De acordo com pesquisa realizada pela Fecomércio/RN e a Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte (SETUR/RN) no ano de 2017, no que se refere à faixa de renda dos turistas que vão à cidade de Natal/RN, a saber:

- 44,4% declararam possuir rendimento mensal de até R\$ 3.000,00;
- Os que recebem de R\$ 3.001,00 a R\$ 6.000,00 representam 28,1%;
- Entre R\$ 6.001,00 a R\$ 9.000,00: 13%;
- Entre R\$ 9.001,00 e R\$ 12.000,00: 4,1%;
- Acima de R\$ 12.000,00 corresponde a 6,5%.

Ressalta-se ainda as respostas de 3,8% dos visitantes que não se sentiram à vontade para declarar seus rendimentos.

Nessa mesma pesquisa realizada pela SETUR/RN, com relação ao serviço utilizado pelo turista para a sua hospedagem, os hotéis (58%) foram os mais citados. Já 18,9% dos visitantes se hospedaram na casa de parentes ou amigos; 9,8% em pousadas; 5,1% em flats e 3,6% em casa alugada. A utilização de outros meios de hospedagem também foi detectada nessa pesquisa, a qual apresentou os seguintes percentuais: 2,1% de turistas se hospedaram em albergue/alojamento, 0,3% em apartamento e 0,3% em hostel.

Sendo assim, verifica-se que, no mundo, no Brasil, no estado do Rio Grande do Norte e na cidade de Natal/RN, o turismo é um ente representativo na composição econômica dessas localidades, apresentando um público diverso visitando os mais variados lugares por motivos diferentes, mas o lazer é a motivação principal destes fluxos. Assim, o turismo pode ser considerado, então, como uma atividade protagonista perante a dinâmica de fluxos turísticos e econômica do espaço geográfico.

2.2 Turismo: Espacialidades

O termo “turismo” passou a ser sistematizado após Thomas Cook organizar viagens com objetivo de lucrar e vender o ócio, na Inglaterra, no século XIX (PANOSSO NETTO, 2012). Este inglês, percebendo a possibilidade de organizar viagens e hospedar trabalhadores no período de férias destes, criou pacotes de viagens para a massa operária inglesa nesse período. Esses pacotes eram, basicamente, o transporte nos trens, as hospedagens em hotéis e pousadas com a possibilidade de lazer em determinados locais. Cabe ressaltar o papel fundamental das ferrovias para o incremento e execução dessa atividade, uma vez que o barateamento das viagens em trens possibilitou mais pessoas percorrer maiores distância em um menor período.

Mas antes de falar dos elementos do turismo, uma pergunta central a se fazer é: “O que é turismo?”

De acordo com a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2015), o turismo é a atividade do viajante em uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício da atividade remunerada por entidades do local visitado. Evidentemente esse é um conceito para planejamento e com caráter abrangente. Não há, nele, um debate a respeito do viés, por exemplo, antropológico da atividade. A questão espacial, por exemplo, do deslocamento e dos locais emissores/receptores é pouco apresentada. Mas, a partir disso, pode-se analisar a definição desse conceito de acordo a partir da perspectiva espacial.

O primeiro ponto apresentado é que o turismo, como diz o conceito, “é a atividade do viajante que visita uma localidade (...)”. Entender o turismo passa, necessariamente, por entender os turistas. Sem os turistas essa atividade não existe. Falar sobre o turismo e esquecer do turista é cegar-se para o principal ator dessa atividade, pois é em torno do turista/viajante que essa atividade se delinea.

Mas se há turista quer dizer, também, que ele provém de algum local. O local de origem do turista tem um papel fundamental para essa atividade. A princípio, irão existir fluxos no espaço mundial que corroboram com todo o aparato técnico mundial, gerando lucro para as empresas transportadoras que, de forma direta ou indireta, levam turistas aos outros locais no mundo. Estes fluxos são as viagens. E as viagens são o caráter móvel da atividade turística.

No turismo, os turistas são levados de seu local (emissor) para um outro local, o receptor. Esse local receptor é mais um ponto fundamental para se entender o que é o turismo, pois, tendo em vista o deslocamento e a permanência temporária desses viajantes, determinadas relações serão criadas no local receptor para atender esses turistas. Devido a isso, Barretto (1996) vai afirmar que turismo é o conjunto de relações e fenômenos produzidos pelos deslocamentos e permanência do turista fora de seu local de origem.

A respeito das relações existentes nos lugares visitados pelos turistas, são as mais variadas possíveis, passando por acréscimo de infraestrutura até investimentos internacionais e de formação técnica/intelectual de parte da população autóctone. Para a chegada de qualquer serviço em um ponto do território, é necessário, portanto, uma reestruturação em determinados pontos do território para melhor receber determinada atividade. Como turismo “usa” o território, através da noção de território usado do Santos e Silveira (2001), então haverá, para

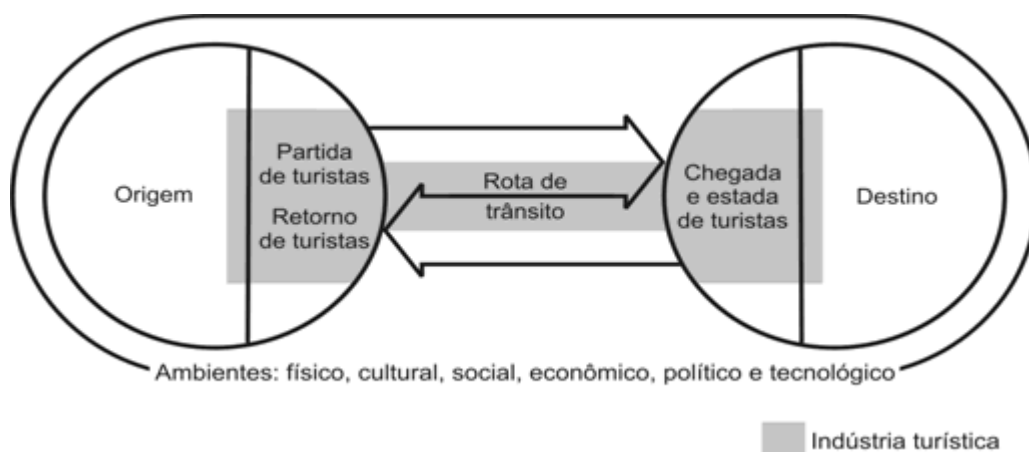
que o turismo se expanda em determinados lugares, a criação de novas infraestruturas que fomentem esse serviço nos lugares receptores.

Para Barretto (1996, p. 13), os elementos exigidos pelo turismo são, a saber: “1) estrutura de atendimento no local de origem do turista, composta pelas agências ou operadoras, guias ou softwares que preparam a viagem; 2) as transportadoras que viabilizarão o deslocamento e; 3) o equipamento receptor no local de destino, os serviços prestados ao turista e toda a trama de relações entre visitantes e residentes do local visitado.”

O turismo estruturalmente se fortaleceu nos últimos séculos devido, em grande parte, ao avanço dos transportes e, depois, da comunicação, em âmbito mundial. As ferrovias, a princípio, e depois as vias aéreas, aliadas ao transporte naval, permitem a interação de lugares distantes com trocas de produtos, bens, serviços e, também, pessoas. As revoluções técnicas existentes, como, por exemplo, a segunda revolução industrial e, após a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Técnico-Científica e que se transformou entre os anos 70 e 90 na Revolução Técnico-Científico-Informacional (SANTOS, 2012), propiciaram o avanço da infraestrutura de um sistema de objetos técnico avançado em boa parte do mundo. As distâncias, com isso, são percorridas em um tempo cada vez menor e há a possibilidade de se deslocar mais facilmente, em todo o mundo.

A partir do observado no modelo da figura 06 de Leiper (1990), percebe-se as regiões geradoras de turismo (Origem) e as regiões (Rota) de trânsito como fundamentais para o funcionamento do turismo, sem elas não se conseguirá apreender a estrutura e a forma do turismo. Entretanto, esse sistema só se completa ao entender as regiões do destino turístico (Destino), uma vez que é a partir do entendimento das regiões geradoras, de trânsito e de destino turístico que se conceberá, de acordo com o sistema de Leiper, a atividade turística.

Figura 06 – Modelo de Leiper para um Sistema Turístico (1990)



De acordo com esse sistema, as regiões de destino turístico apresentam alguns elementos internos, a saber: setor de alojamento, indústria de restauração e bebidas, indústrias de animação, atrações turísticas e acontecimentos, shopping e serviços turísticos. Como se percebe, as regiões de destino turístico normalmente apresentam uma gama de serviços. Apenas a inter-relação desses elementos darão a possibilidade de o turismo crescer e se estruturar.

O elemento interno da região de destino turístico fundamental para a atividade turística diz respeito ao setor de alojamento. Como um dos pontos-chaves do turismo é a não fixação de residência, seu caráter temporário e de deslocamento, quando as pessoas se deslocam de um local a outro para fazer turismo têm de, necessariamente, fixar-se em algum meio de hospedagem. Esses MH, como já ressaltamos, podem ser das mais variadas formas, mas, geralmente, são representados pelos hotéis, pousadas, resort's, hostels/albergues, dentre outros. E para a composição do setor de alojamento dos meios de hospedagem, o capital também se apropria desse setor.

Os meios de hospedagem, por exemplo, são cruciais e fundantes nesse sentido, uma vez que quando a demanda turística de uma determinada área aumenta, necessita de empreendimentos turísticos para a hospedagem. Além disso, os meios de hospedagem podem se instalar antes de haver fluxo turístico, quando isso ocorre os hotéis investem maciçamente em propaganda e, com isso, conseguem gerar novos fluxos, criando nós e novas sinergias no espaço geográfico.

Diante da complexidade desse tema e como observou-se em seu modelo, para Leiper, de acordo com Netto E Lohmann (2012), o sistema turístico é composto por 5 elementos. Dentre os elementos, três apresentam características geográficas, a saber: a região de origem do viajante, a região de trânsito que interliga a origem ao destino e a região do destino turístico. Além disso, há os outros dois elementos, tais quais: o turista e a indústria de turismo, com as viagens. E é com a interação de todos esses elementos que compreenderemos a magnitude deste fenômeno tão complexo, que é o turismo.

A respeito do efeito da atividade turística, o turismo, quando se instala em um determinado lugar, provoca mudanças econômicas quantitativas e qualitativas. Há dois tipos de efeitos na economia e no espaço turistificado: os efeitos diretos, por exemplo, podem ser considerados como despesas realizadas pelos turistas dentro dos equipamentos turísticos e de apoio no país, seja com alojamento, alimentação ou, mesmo, com os profissionais. Com relação

aos efeitos indiretos, os bancos recebem e movimentam dinheiro, as empresas de prestação de serviço têm seus impostos arrecadados para o setor público e, com isso, ocorre a possibilidade de maiores investimentos do Estado em outras áreas devido ao dinheiro arrecadado. Nesse caso, a tendência é, sempre, um efeito cascata na economia local com o crescimento do turismo.

Para atender a demanda turística e com o fluxo de turistas cada vez maior, há, geralmente, o aumento e melhora da urbanização/infraestrutura dos locais em que o turismo se instala. Desse modo, a tendência é o aumento das indústrias/empresas associadas ao turismo e a venda dos produtos locais para esses turistas. Com isso, o capital/dinheiro flui nesses agentes e atores da atividade, e o Estado aumenta a arrecadação de impostos. Esse efeito, por vezes, é considerado sinônimo de “desenvolvimento”/crescimento econômico. Por isso, para obter maior arrecadação de impostos, maior fluxo de capital e investimentos, o Estado intervém criando medidas para desenvolver a atividade turística, levando-a a crescer economicamente e apresentando-a na sociedade com o discurso de alternativa ou de próprio desenvolvimento.

Portanto, percebe-se o caráter complexo do turismo e o seu entendimento de ser uma alternativa para o crescimento econômico em vários países. Evidentemente, existem alguns tipos de turismo e ele se porta de maneira diferente nos países subdesenvolvidos se comparados ao desenvolvidos.

Por isso Moersch (2000, p.15) afirma que, no turismo, “as categorias que expressam sua estrutura, vão além do tempo, espaço ou consumo. O fenômeno também ocorre na dimensão comunicacional, tecnológica, ideológica, imaginária, prazerosa e subjetiva”. São várias as facetas a análise estar completa, sem perder de vista, obviamente, o papel do turista e todas as relações existentes a partir da combinação do inter-relacionamento entre os produtos e serviços turísticos.

De todo modo, percebe-se o caráter dinâmico e estático ao mesmo tempo no turismo. O elemento dinâmico da atividade diz respeito às viagens, porque são, nesse caso, os fluxos existentes da atividade (pessoas), e o elemento estático corresponde às estadia, pois é um fixo no território oferecendo a hospedagem. Esses elementos servem para analisar o turismo e a sua dinâmica em Natal. Outrossim, entendemos o turismo, tomando por base as ideias de Barretto (1996) se apoiando em Fuster, resumidamente como

de um lado, conjunto de turistas, do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequências de suas viagens. Turismo é todo equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias, (...) é o conjunto das organizações provadas ou

públicas que surgem para fomentar a infraestrutura e a expansão dos núcleos, as campanhas de propaganda. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem na comunidade receptora. (p.11)

Por isso, o turismo torna-se um fenômeno com face global. Com a globalização foi aprofundado sua estrutura e complexidade. Hoje, então, há vários órgãos de planejamento para otimizá-lo e gerar, conseqüentemente, maior lucro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR),

turismo é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (EMBRATUR, 2009).

Portanto, o turismo é um fenômeno complexo, relacionando o global e o local, além de servir para planejamento dos órgãos estatais, afinal é visto como uma possibilidade de entrada de divisas e, em certa medida, de desenvolvimento das regiões. Sendo assim, apreendemos o turismo com sua forma espacial, das regiões receptoras, de origem e de trânsito.

2.3 Turismo e Território-Rede

A respeito do turismo, a princípio, como já foi demonstrado no modelo de Leiper (1990), essa atividade tem características eminentemente espaciais, a saber: região geradora, região de trânsito e região de destino, além, evidentemente, de elementos fixos, a estadia, e fluídos, o deslocamento. Mas as características não se restringem a isso, o papel do mercado na turistificação dos lugares e como essa atividade está em processo constante de estruturação e reestruturação de bases materiais e imateriais apresenta uma concepção em que a geografia ajuda em seu entendimento.

Para o entendimento da sociedade e do espaço geográfico no mundo atual, Milton Santos (2012) propõe a concepção do espaço geográfico como o “conjunto indissociável, solidário e contraditório, composto por sistemas de objetos e sistemas de ações”. Tal concepção a respeito do espaço abre a possibilidade metodológica de entender os lugares a partir da totalidade das atividades ali presentes. Por exemplo, não é sistemas de objetos e ações; o entendimento do

espaço geográfico se dá a partir do momento em que se leve em consideração na análise todos os objetos para aquele determinado fim, “atuando” em sistema e intencionalmente concebidos no território, com pontos fixos. No que diz respeito ao sistema de ações, a análise também perpassa pelo entendimento de todas as ações, necessariamente em sistemas, sejam elas do grande capital ou mesmo de resistência dos moradores que habitam aquele lugar. Por isso é o sistema de ações e o sistema de objetos.

O espaço geográfico, dessa forma, não pode ser considerado de maneira alguma um elemento estático, pois difere, por exemplo, do espaço cartesiano por estar em constante transformação. A cada dia novas formas são criadas para atender às novas necessidades, ao mesmo tempo em que velhas formas mudam de conteúdo para corresponder a novas funções. Com isso, o espaço modifica seu conteúdo constantemente. Ele é dinamicamente construído e reconstruído, em um movimento o qual não para, é incessante, transformando os lugares e tornando-os de acordo com a face que se espera dele, ou seja, criando objetos e infraestrutura para possibilitar o acúmulo do capital por um sistema de ações intencional e, por vezes, vertical.

Nesse sentido, os lugares, majoritariamente, são transformados para atender a acumulação do capital – por parte dos grandes agentes. Todo o sistema de objetos, geralmente, tende a consentir os desígnios dos agentes hegemônicos instalados, por convênio com o poder público ou propriamente pela força do dinheiro naquela localidade. No turismo, por exemplo, alguns desejos são supridos quando o Estado intervém criando políticas públicas para fomentar a atividade turística, com a criação de infraestrutura e investimento em marketing para a divulgação do destino turístico.

Para haver, inicialmente, transformações na paisagem e nos lugares (pelo capital) para o turismo, é necessário, primeiro, existir atrativos turístico ou mesmo cria-los. No mundo atual, dos variados tipos de turismo existentes, no Nordeste, devido aos fatores locais, o turismo “sol e mar” se mostra significativo para o desenvolvimento dessa atividade. Existindo atrativos turísticos e com a incorporação da paisagem pelos mercados, intencionalmente concebidas pelo poder público, há o que podemos considerar como a “turistificação da paisagem”.

Diante disso, essa transformação na paisagem a partir do turismo ocorre com a implantação de infraestruturas, de aparelhos imobiliário-turísticos, dentre outros elementos no processo de “turistificação dos lugares”. Diferentemente de outras atividades econômicas, o turismo é uma das poucas que, metaforicamente falando, consome o “espaço” e a “paisagem”.

A partir dos elementos espaciais e de sua organização, ele irá ser concebido e se desenvolver. De acordo com a Cruz (2001, p. 17),

nenhuma outra atividade consome, elementarmente, o espaço, como faz o turismo e esse é um fator de diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos.

Com isso, percebe-se que o principal objeto de consumo do turismo é o espaço. A atividade turística ocorre, sempre, no espaço e precisa, portanto, de algum atrativo para existir. No Nordeste, por exemplo, são as praias na estação de verão no hemisfério sul os principais atrativos para os turistas. Os territórios turistificados, de acordo com Knafo (1996), são as áreas do território organizadas espacialmente para atender os turistas. Por isso, atrativos turísticos no espaço e com infraestrutura tendem a se tornar territórios turísticos. Dessa forma, mesmo os turistas procurando elementos naturais, como a incidência solar durante grande parte do dia e o mar com águas quentes, para a sua hospedagem precisa de meios de hospedagens que tragam o mínimo de conforto, além de restaurantes, transportes e vias minimamente acessíveis para o seu deslocamento.

Portanto, o turismo tem um caráter espacial e territorial extremamente claro, ele se utiliza do território e da paisagem, usando-os de diversas formas. Para o Milton Santos (2005), o território sempre foi concebido na geografia como uma determinada área apropriada e utilizada a um determinado fim por atores sociais. No caso do turismo, os atores e agentes se relacionam criando sinergias e funcionalizando espaços para o turismo.

É evidente que o território tem vários usos. Na teoria do Milton Santos a ideia de território usado é concebida quando sistemas de objetos e sistemas de ações são funcionalizadas e relacionadas a um determinado uso. Isto é, o território está sendo utilizado para um determinado fim quando, em movimento, esses sistemas convergem intencionalmente para aquela atividade, como, por exemplo, o turismo.

A discussão categórica a respeito do o território, que vem sendo debatida desde o Ratzel até por geógrafos mais recentes⁹, institui alguns pontos centrais para entender este conceito geográfico. Primeiro, o território é menor, geográfica e conceitualmente falando, que o espaço

⁹ No livro do autor Marcelo Lopes de Souza "Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial", do ano de 2014.

geográfico. O território, então, é uma parte do espaço, isto é, uma determinada área com fronteiras e localizada em determinado ponto no espaço. Portanto, para conceituar o território é necessário levar em consideração todos esses fatores, por isso o Milton Santos (2005) afirma que o território corresponde a frações funcionais do espaço apropriada por determinados atores sociais, num dado momento histórico.

O território, então, deve ser entendido como uma dimensão do espaço geográfico. Como se discutiu até aqui, o uso do território é imprescindível para qualquer atividade econômica, mas para o turismo é ainda mais essencial. O turismo é uma atividade que se apropria do espaço e se territorializa, ou seja, as ações e os objetos do turismo se implantam no espaço geográfico e dão determinados usos para alguns locais onde a atividade está inserida.

Sendo assim, a constituição de territórios do turismo, ou territórios turísticos, demonstra como a atividade se estrutura espacialmente de maneira seletiva no espaço geográfico. O turismo não é uma atividade localizada em todos os lugares do mundo, ao contrário, ela se organiza em determinados pontos seletivamente, de acordo com fatores locacionais, e é espacialmente concebida por diversos atores e agentes.

Além do território, a rede é um dos conceitos principais de nossa pesquisa. Cabe aqui, antes, dizer a respeito de como este próprio conceito, de certa forma, já foi fundamentado bem antes e é categoricamente geográfico. Vidal de La Blache, matriz epistemológica da geografia, já afirmara em 1896 que “qualquer que seja a fração da Terra que estude, ele [o geógrafo] não pode nela se fechar. Um elemento geral se introduz em todo estudo local”. Por isso a ideia de unidade do espaço geográfico já estava presente desde o início da concepção da Geografia enquanto ciência. Mais ainda, a ideia de unidade não sucumbe a concepção de diversidade e é isso que o próprio La Blache afirma quando “as causas locais dominam, pelo menos em aparência, e a influência das causas gerais, às quais pertencem todas as partes do organismo terrestre, não se deixa facilmente entrever”. Ou seja, é um par dialético essa unidade/diversidade existente nos lugares, ou, corroborando com o Milton Santos, o espaço geográfico enquanto uno se realiza nos lugares, e nestes as horizontalidades e verticalidades atuam atribuindo-lhe em cada época novos conteúdos.

Essa ideia de unidade terrestre presente em La Blache evoca aspectos particulares, a saber: a correlação, encadeamento, articulação entre a parte e o todo. Portanto, a ideia de conexão, isto é, da não isolamento dos fenômenos está sempre em um contexto, influenciado e

influenciando outros. Essa ideia de conexão é essencial para o entendimento desse conceito-chave de nossa pesquisa, as redes, pois a atividade turística estrutura-se em redes.

No clássico livro do Olivier Dolfus (1991) *A análise geográfica*, este autor discute sobre o caráter exclusivo e inclusivo da rede na constituição do território, o que, tomando por base os parágrafos anteriores, dá-nos a ideia de seletividade na construção do território. Esse autor, ainda, diz que “rede implica a construção de uma infraestrutura destinada a canalizar os fluxos, ao passo que, tratando-se de circuitos, é a própria dinâmica do sistema quem orienta e guia os fluxos” (p. 63). Nota-se, portanto, diferenciação do autor em duas concepções: rede e circuito. Para ele a rede tem, por isso, um caráter humano, uma intencionalidade, que irá estar posta no território no sentido de canalizar, isto é, permitir os fluxos, enquanto os circuitos estão relacionados com a estrutura e o funcionamento da natureza. Sendo assim, as redes apresentam um caráter humano em sua concepção, elas são construídas e, por isso, têm uma intencionalidade presente na sua origem.

Destarte, alguns pontos são relevantes: a ideia de conexão dos fenômenos, aliada a concepção de infraestrutura (ou, também, objeto geográfico) e a relação dos fluxos com os fixos nessas redes.

O Lobato Correa (2011), atribui dois pontos para compreender o significado das redes: o caráter social e geográfico indissociável na ideia de redes. Segundo este autor, “as redes geográficas são redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além das outras esferas de vida” e, mais à frente, ainda diz “ela se torna geográfica quando nós a consideramos em sua espacialidade. (...) A passagem de uma rede social para uma rede geográfica se dá quando a consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade, expressa em localizações qualificadas, e com interações espaciais entre elas”. (2011, p. 200-201)

Corroborando, assim, com essa discussão, por rede, de acordo com Santos, entende-se “toda infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre um território”. Entretanto, “(...) a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração.” (2012, p.262) A rede é, portanto, mais do que propriamente a materialidade. Ela é, também, e pressupõe fluxos. Estamos todos inseridos em mais de uma rede geográfica e, simultaneamente, excluídos ou ausentes de um

número ainda maior de redes, conforme nos aponta Côrrea (2006) e Castells (1999). Daí a importância de entendermos as redes, os fixos (meios de hospedagem, por exemplo) e os fluxos decorrentes da atividade turística na discussão referente ao turismo. Os turistas, para Rita Cruz (2001), são o principal elo desta cadeia, ou melhor, das redes criadas com intencionalidade turística, afinal são esses visitantes que dão sentido a todas as redes intrinsecamente relacionadas ao turismo.

Porém, não basta apenas a espacialização de uma determinada atividade econômica para o entendimento dela, há no capitalismo moderno, de acordo com Neil Smith (1988), a centralização das atividades econômicas no espaço urbano. Para esse autor, “através da centralização do capital, o espaço urbano é capitalizado como espaço absoluto de produção.” (p.197) E, obviamente, algumas atividades têm tendência a ocorrerem no tecido urbano das cidades. O turismo e o modo em que essa atividade vem sendo pensada, desenvolvida e concebida no Brasil também segue a essa tendência.

As empresas, cada vez mais, procuram se inserir no espaço de fluxos mundial a partir das redes. Sejam as redes enquanto categoria geográfica, isto é, fenômeno e objetos que compõem o espaço, através de pontos ou linhas, ou mesmo as redes como concentração de empresas a partir de teias de alianças estratégicas ou da composição organizacional das empresas (CASTELLS, 1999). Algumas empresas, assim, como os hotéis, instalam filiais em locais para otimizar seu lucro, além disso a concentração dos aparelhos imobiliários-turísticos por parte de poucas empresas é uma tendência da globalização, uma vez que, cada vez mais, as empresas se agrupam e as maiores dominam as menores. Essa articulação e organização das redes das empresas são essenciais no desenvolvimento da atividade em parte do mundo pelo turismo.

Portanto, “as redes tornaram-se a unidade operacional real” (CASTELLS, 1999, p.232), pois a partir delas diversas empresas funcionam plenamente no período técnico-científico-informacional. Esse funcionamento, evidentemente, completa seu sentido e função apenas em sistema (SANTOS, 2012), onde o Estado deve intervir para otimizar as atividades (SANTOS, 1997), (HARVEY, 1996) e reestruturar toda a malha de infraestruturas que existia até então, podendo, com isso, no caso do turismo, possibilitar ao turismo a criação de novos fixos e, por conseguinte, novos fluxos.

Para uma melhor operacionalização da pesquisa, o par dialético de fixos e fluxos e como se interagem no espaço geográfico ajuda a entender as redes do turismo, principalmente com a

relação de Meios de hospedagem/Turistas, Turistas/Atrativos Turísticos e Trabalhadores/Meios de hospedagem. Para o Milton Santos (2011, p.85), “o espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço”. Assim, o autor atribui em sua teoria um caráter dialético e dinâmico para o espaço geográfico, evocando sempre a ideia de totalidade/totalização. Para que o mundo esteja sempre se fazendo, é necessário a evolução constante da técnica. Por isso a ciência e a informação, aliadas a essa técnica, estão sempre em metamorfose e conseqüentemente dotando o meio geográfico de novos conteúdos, novos sistemas de engenharia e inserindo novos objetos para novos usos e fluxos, e, por conseguinte, possibilitando reestruturações espaciais.

Alguns locais do espaço geográfico não precisam mais da coesão territorial como antes para o seu funcionamento (HAESBAERT, 2006). Um dos aspectos do período ora vigente é a possibilidade de existência de lugares que são comandados e se relacionam com os demais a partir de pontos, isto é, de maneira reticular, porém nem todas as áreas se organizam dessa forma. As verticalidades e horizontalidades, além das solidariedades orgânicas e organizacional, são pares dialéticos em mútua relação e, ora menos ora mais, se sobressaindo para com o outro. As ordens globais e locais estão, portanto, intrinsecamente relacionadas.

Entender estes fixos diz respeito não apenas à sua localização, mas também ao modo como foram instalados no espaço urbano. Dito isso, pode-se também mencionar o fato de que, com as políticas públicas e fomento às atividades econômicas, o contexto da instalação e intencionalidade desses fixos dizem muito sobre a sua composição, pois saber a quem ele interessa, o porquê de se instalar em determinados pontos do território e a época a qual foi instalado nos dão respostas para compreender o funcionamento de parte da estrutura urbana da cidade de Natal/RN, por exemplo, a partir de uma atividade, o turismo, e mais especificamente atentando a um elemento desta atividade, os meios de hospedagem.

Nota-se que os conceitos de território e de rede estão intrinsecamente relacionados no que diz se refere à organização espacial das cidades, principalmente dos países subdesenvolvidos. Essa indissociabilidade, hoje, conforme aponta Haesbaert (2006), e importância desses conceitos em uma análise e a sua separação não passa de um recurso analítico, afinal toda rede se vincula a um território.

Não se consegue analisar as mudanças e o fluxo existente no território sem abnegar a análise das redes, da mesma forma para analisar as redes é necessário entender a sua

espacialização no território e ver como se territorializam. Dessa forma, o território, no mundo atual da globalização, está em constante mudança; a rede, com isso, é um componente territorial indispensável e, portanto, um elemento constituinte do território. Daí considerarmos a proposição do Haesbaert (2006) que, segundo este autor, deve-se trabalhar com o binômio território-rede em estudos geográficos para analisar as redes do turismo.

Portanto, este binômio é fundamental para se trabalhar com o turismo, afinal “a regionalização do turismo está fortemente ligada à localização dos atrativos turísticos, o que implica a descontiguidade de áreas, levando à formação dos chamados territórios-rede” (ALEXANDRE NETO, 1997). Dessa maneira, o fenômeno do turismo na cidade de Natal, mesmo com todas as descontiguidades existentes em seu território e, conseqüentemente, com a seletividade da inserção dos objetos fixos, está vinculado espacialmente a essa concepção de território-rede, além dos fluxos territoriais ocasionados pelos turistas e trabalhadores que também são seletivos não usam a totalidade do território.

Por conseguinte, a clássica concepção de território-zona, como uma área contígua e com limites claros, é questionável por causa da nova organização da atividade turística. Nos espaços turistificados parte dos territórios hoje são descontínuos, sazonais e flexíveis (FRATUCCI, 2009). Tais características existem, pois a atividade turística não se utiliza de toda uma região ou uma cidade de maneira homogênea, apenas das áreas procuradas pelos turistas e com serviço para atendê-los são consideradas áreas turísticas. Além disso, devido ao próprio fato da sazonalidade do turismo em algumas categorias, como o sol e mar, por exemplo, e com os períodos de alta e baixa estação, o território turistificado também segue essa lógica da sazonalidade e torna-se como tal, muitas vezes diminuindo sua área durante uma época do ano, saindo da concepção rígida de uma região e demonstrando ser, evidentemente, uma área flexível.

Assim, a lógica atual do território ou, melhor, da ideia de território-rede é que a concepção zonal e os limites muito rígidos das áreas para a atividade turística tornam-se, em certa medida, abandonados, tendo em vista a caracterização do território-rede a partir da organização do território em forma reticular. A caracterização de uma área reticular é relacionada aos fluxos, pólos de conexões, nós e redes. De acordo com Haesbaert (2006),

numa concepção reticular de território ou, de maneira mais estrita, de um território-rede, estamos pensando a rede não apenas enquanto mais uma forma (abstrata) de composição do espaço, no sentido de um ‘conjunto de pontos e linhas’, numa perspectiva euclidiana, mas como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão

temporal-móvel do território e que, conjugada com a ‘superfície’ territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento, suas perspectivas de conexão (‘ação à distância’, como destaca Machado, 1998) e ‘profundidade’, relativizando a condição estática e dicotômica (em relação ao tempo) que muitos concedem ao território enquanto território-zona num sentido mais tradicional (p. 286-87)

Isso não quer dizer, necessariamente, que todas as atividades turísticas se organizam dessa forma. Pois, como apontou Fratucci (2008),

nos espaços apropriados para o turismo convivem a lógica reticular e a lógica zonal, em movimentos complementares, concorrentes e antagônicos resultantes das ações e interações de todos os agentes produtores e das redes de relações que são estabelecidas entre eles. A combinação dessas lógicas distintas de territorialização vai revelar-se em um elemento fundamental do reordenamento dos espaços turistificados que podem ser melhor apreendidos se adotarmos a sua leitura como um território-rede, ora mais denso, ora mais esgarçado, mas sempre dinâmico e fluído, resultado do mosaico composto pelas territorialidades de cada um dos agentes sociais do turismo. (p. 19)

Mas, tendo em vista a caracterização do turismo potiguar e a lógica do turismo nordestino, a premissa é de que, pelo próprio fato das redes de acesso e do meio de transporte se articularem regionalmente através de pontos e linhas, o território usado pelo turismo em Natal/RN é seletivo no território e se territorializa de maneira reticular. Afinal,

em outras palavras, podemos afirmar que, sob a ótica do seu processo e da sua organização, o turismo estabelece uma rede composta por destinos turísticos e por centros emissores (nós), localizados em pontos diferentes do espaço que, por suas características funcionais, mantêm entre si certas ligações de comando. Existe, pois, uma organização que mantêm um nível de gerenciamento (por extensão, de poder) sobre eles, interligando-os por meio de objetivos comuns. O ponto/nó emissor precisa do ponto/nó receptor (destino turístico) para satisfazer as demandas dos turistas e para informá-los e transportá-los são necessários os “dutos” (materiais e imateriais) que os unem, formando uma rede complexa (FRATUCCI, 2000b), que em alguns casos pode avançar para a escala regional. (FRATUCCI, 2008, p. 124)

A ideia de região (para o turismo) é extremamente importante, tanto para o planejamento, bem como para a execução de políticas públicas, mas apreende-se que, no mundo atual, a caracterização de áreas econômicas se organiza a partir da relação com as escalas regionais, nacionais e internacionais, através dos nós e das redes. Assim, a atualização de conceitos é fundamental para a própria discussão da territorialização de atividades (como a

turística) e das redes, bem como a operacionalização das políticas públicas por parte do Estado e a concepção deste para o território.

Portanto, o entendimento do binômio território-rede para o turismo, principalmente na análise da atividade turística em Natal/RN, faz-se presente de maneira em que a territorialização dessa atividade se dá/ocorre em redes, embora essas possam ser reticulares e/ou zonais. Os territórios turistificados e as regiões turísticas, assim, mudam, em certa medida, sua configuração clássica e as redes¹⁰ tornam-se operacionalizadas com o território.

Dessa maneira, corrobora-se com a hipótese de que uma atividade se territorializa na forma de redes e cria, com isso, várias redes no território, como aponta Fratucci (2008). Essas redes são uma das faces mais evidentes da globalização e como esta altera a organização espacial dos lugares, seja a partir de algumas atividades econômicas ou políticas “usando” o território, em decorrência dos vários “usos” que este tem, ou mesmo de como uma atividade tem vários “usos” relacionados e diferentes, como é, por exemplo, com o turismo – afinal as várias facetas de uma atividade não usam e se organizam no território da mesma forma. Assim, o conceito de território-rede vem sendo pensado e é central para a operacionalização dessa pesquisa.

Portanto, compreende-se o território indissociável das redes, sob a prerrogativa do território-redes, como crucial no entendimento da espacialização da atividade turística. Esta, como se percebeu neste capítulo, tem, intrinsecamente, o caráter indissociável de deslocamentos e de fluxos em sua constituição. Sendo assim, o turismo é uma atividade representativa econômica e espacialmente no mundo, e estrutura-se como território-rede no espaço geográfico, principalmente no Brasil onde foi concebido o turismo principalmente a partir da lógica do “sol e mar”.

¹⁰ Nota-se que, até então, o conceito de redes sempre foi usado no plural, tendo em vista a magnitude de redes que existem no espaço geográfico e de sobreposições de vários tipos de redes no território.

3. Reestruturação produtiva e os aspectos organizacionais da atividade turística em Natal

Este capítulo discute acerca da Reestruturação Produtiva em âmbito mundial e local, e como o Estado, nos países subdesenvolvidos, delega-se a fomentar a reestruturação de novas atividades econômicas, como é o caso do turismo. Assim, a atividade turística, para Natal e o Polo Costa das Dunas, torna-se protagonista no que diz respeito à composição econômica desses lugares.

3.1 Reestruturação Produtiva e o Papel do poder público.

A revolução informacional é, para o Milton Santos (2012), um dos grandes diferenciais do atual período, o técnico-científico-informacional. O Manuel Castells (1999), sociólogo espanhol, em seu livro *A Sociedade em Redes*, atribui também um papel relevante no que diz respeito a revolução informacional. Para ele, o Ser de nossa sociedade, vivendo em meio a todos estes artifícios técnicos e informacionais, muda até a sua ontologia, isto é, a constituição do seu existir nesse período; o Lojkin (2002), outro autor que discute a respeito do período atual, afirma que, nesta revolução, há uma mudança brusca da relação da tecnologia com a geografia e a organização política. Os dois autores, ainda, consideram que estamos saindo de um período fordista para um pós-fordista, onde se altera a forma organizacional das empresas, das cidades e, conseqüentemente, da vida.

Dessa maneira, a década de 70 marca, mundialmente, uma mudança brusca na organização espacial e política das atividades econômicas, mudanças essas capitaneadas pelos governos de Ronald Reagan e Margareth Thatcher, nos EUA e na Inglaterra, respectivamente. Historicamente os anos setenta foram marcadas pela crise do petróleo de 1973/1974 que ebuliu as estruturas do capitalismo, gerando, assim, uma imensa crise que se refletiu em uma reorganização política e das bases do capitalismo da época. Essa crise, com relevância mundial, foi a gênese da grande reestruturação produtiva ocorrida século passado.

Mas, falando acerca dessa reestruturação. O que, de fato, ela é? De acordo com Soja (1993, p. 193),

a reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite a ideia de “fredda”, senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social. Evoca, pois, uma

combinação sequencial de desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição, proveniente de algumas deficiências ou perturbações nos sistemas de pensamento e ação aceitos.

Inicialmente, como se percebe no conceito acima, a ideia de reestruturação está atrelada a mudança de uma estrutura posta para outra. Essa mudança procura reconstituir algumas bases e modifica-la para, assim, reconstruir e reestruturar o sistema vigente. Geograficamente pensando esse conceito, a reestruturação ocorre na medida em que há enormes mudanças no território da ordem espacial, isto é, determinados padrões são alterados por outros a partir de novos aspectos econômicos, sociais e políticos, gerando, portanto, novas estruturas no espaço para superar crises, implicando em rupturas e continuidades, permanências e mudanças.

Assim, quando se designa transformar social e economicamente determinados locais, estabelece-se, dessa maneira, as reestruturações. O Soja (1993) discute a respeito da relação entre as crises e as reestruturações, uma vez que, para este autor, nas crises se tem a possibilidade de justificar mudanças bruscas. Dessa maneira, o caráter de modernização existe sob a prerrogativa dos elementos existentes estarem limitados e, por isso, faz-se necessário haver transformações que modifiquem estes elementos. Tais transformações são fomentadas pelos mais variados atores, porém, de forma alguma, consegue-se com certeza saber se essas mudanças são benéficas ou, mesmo, qual será o resultado disto, pois

a reestruturação não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados. Em sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária de e reativa a graves choques nas situações e práticas sociais preexistentes, e desencadeadora de uma intensificação de lutas competitivas pelo controle das forças que configuram a vida material. Assim, ela implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança. (SOJA, 1993, p.194)

Portanto, além de não saber o resultado das reestruturações, elas são, necessariamente, impacto entre as formas novas e velhas existentes, são fluxos e transição. Por conseguinte, são mudanças. Por isso a reestruturação tem, em sua base, a ideia de “freada” de uma determinada forma para a sua transformação. Daí que o momento propício para haver, espacial e economicamente, essas reestruturações, produtivas e/ou econômicas, são nas crises, afinal tem-se a justificativa da busca do progresso gerado por essas mudanças, do crescimento e, destarte, para o desenvolvimento.

Essas reestruturações estão atreladas, necessariamente, às espacializações. Afinal, para a análise desse fenômeno, como o Soja afirma (1993, p. 195), “o ponto de partida é a ligação afirmativa entre a reestruturação e a espacialização.” E, dessa maneira, o momento contemporâneo é a “mais recente tentativa de reestruturar as matrizes espaciais e temporais do capitalismo, mais uma busca de um arranjo ‘espaço-temporal’ voltado para a sobrevivência.” Portanto, na reestruturação produtiva, a espacialização desses elementos econômicos é necessária, tendo em vista que as matrizes espaciais e temporais contribuem para a dinâmica do capital no mundo e, caso queira alterá-las, é necessário modificar espacialmente essas configurações, para, assim, alterar o sistema econômico vigente naquele período.

Conforme aponta Harvey (2008), até o fim dos anos 70, o fordismo era o sistema sobre o qual o capitalismo tinha suas bases fundadas. Sob fortes leis trabalhistas, sindicatos protagonistas, rigidez no processo produtivo e o Estado investindo em diversas áreas, inclusive sendo dono de empresas, o capitalismo se desenvolve no pós-segunda guerra mundial de forma a diminuir consideravelmente as desigualdades econômicas e de renda até por volta do meio dos anos 70 (PIKETTY, 2014). Nesta década, com a crise do petróleo, o próprio fordismo declina devido ao endividamento público, a rigidez do trabalho e o Estado pouco fomentador das atividades privadas. Assim, ocorrem uma série de medidas para reestruturar essas bases consideradas “rígidas”, iniciando-se na Inglaterra e EUA para após “chegar” essas transformações em outros países do mundo.

Dessa maneira, de acordo com Harvey (2008), nesse movimento ocorre a saída do período “fordista” para o período da “acumulação flexível”, principalmente nos países desenvolvidos e depois nos países subdesenvolvidos. No período titulado acumulação flexível se busca, como aspecto fundante, a flexibilização das atividades produtivas e o protagonismo dos agentes privados na economia. Com isso, os sindicatos são enfraquecidos, os trabalhadores entram em regime de terceirização ou recebem salários por horas trabalhadas (não mais com salários fixados ao mês), o Estado passa a intervir menos na economia e a agir criando infraestrutura para propiciar novas bases do setor privado. Nos governos Thatcher e Reagan essas mudanças começam a acontecer; na Inglaterra são privatizados aeroportos, fragilizados sindicatos e estabeleceu-se uma nova concepção ideológica acerca do papel do Estado na economia. Como o Edward Soja (1993, p.206) afirma,

“a especialização flexível na produção, nas relações trabalhistas e na localização das atividades produtivas tem o efeito de desenrijecer as estruturas hierárquicas mais antigas e criar, pelo

menos, a aparência de uma ordem significativamente diferente da responsabilidade e controle.”

Assim sendo, a partir desses governos e da mudança da concepção política, há uma nova estrutura do capitalismo se montando a partir desse período, ou seja, há uma reestruturação procurando atender novos desígnios para o desenvolvimento e desenrejecimento das atividades do capital. Evidentemente esse processo não é homogêneo nem entre os países desenvolvidos, sequer adentra nos territórios dos países subdesenvolvidos durante o mesmo período.

Nos países subdesenvolvidos o processo de reestruturação das bases do capital não irá alicerçar todas as suas bases no fim dos anos 70. Ao contrário, tomando por base o Brasil e outros países subdesenvolvidos, o Milton Santos (2012) afirma que a entrada desses países no período técnico-científico-informacional será iniciado na década de 70, mas a partir dos anos 90, de fato, esse processo se aprofunda. Dessa forma, com relação ao Brasil, algumas medidas nesse sentido acontecem no fim dos anos 70 e na década de 80, mas nos anos 90 esse processo se alavancou e intensificou no território brasileiro, embora de forma seletiva, pois

“a geografia histórica do capitalismo não tem sido marcada por grandes reviravoltas e substituições completas de sistemas, mas, antes, por uma sequência evolutiva de reestruturações parciais e seletivas, que não apagam o passado nem destroem as condições estruturais profundas das relações sociais e espaciais capitalistas.

Nota-se, por isso, o papel central do Estado na reestruturação urbana e produtiva dos países, uma vez que ele é o agente transformador e fomentador das mudanças ocorridas na acumulação flexível. Além disso, torna-se papel do Estado investir em determinados locais e selecionar lugares e regiões para o crescimento econômico, de acordo com os desígnios do capital.

O Estado “fordista” muda para o Estado da “acumulação flexível”, isto é, na governança urbana, a mudança da concepção da política estatal é a saída do “gerenciamento público” para o “empresariamento” público das cidades, de acordo com Harvey (1996). O que é isso? Para este autor, os governos citadinos, principalmente até os anos 70, buscavam, principalmente, gerir a cidade com interesses públicos, para todos. Após os anos 70 e depois da década de 80,

“o novo empresariamento urbano se caracteriza, então, principalmente pela parceria público-privada tendo como objetivo político e econômico imediato (se bem que, de forma nenhuma, exclusivo) muito mais o investimento e desenvolvimento econômico através de empreendimentos

imobiliários pontuais e especulativos do que a melhoria das condições em um âmbito específico.” (HARVEY, p.53, 1996)

Assim, a lógica dominante neoliberal expande suas teias para além da governança urbana, atendendo interesses privados e assumindo os governos, enfraquecendo os meios representativos da classe proletária e instituindo interesses políticos de cunho mais “liberal”.

Essa alteração da composição do espaço geográfico mundial chega, evidentemente, às cidades. As bases da estrutura produtiva do território e as relações urbano-regionais (SOJA, 1993) são alteradas, com isso, nesse movimento. A paisagem capitalista das cidades altera seu conteúdo e percebe-se a mudança em busca da chamada competitividade, seja por causa da Divisão Internacional do Trabalho ou devido à atração do(s) consumo/consumistas. Há mudanças, assim, da função, da forma e das estruturas dos setores primário, secundário e terciário da economia, chegando a, em algumas cidades, o último destes “comandar” os demais, devido a sua expansão e influência no tecido urbano ou por causa da ida de capitais a locais menos viscosos por parte das indústrias, procurando diminuir o custo de produção.

Em artigo já citado, o Harvey (1996) discute o processo de renovação urbana. Desse modo, para atingir tal renovação ou reestruturação, faz-se necessário grandes investimentos para germinar e atrair consumo. Nesse sentido, devem ser criados atrativos de consumo, a saber: Shopping Centers, Estádios de futebol, centros de convenções etc., que juntos ajudam a atrair investimentos por causa do entretenimento, seja com festas e/ou eventos culturais. Esses elementos são as facetas da renovação urbana. Assim, novas atividades assumem relevância diante desse contexto, como, por exemplo, o turismo. Os espetáculos, as novas experiências são novos produtos criados pelo mercado voltados ao lazer e é papel do Estado fomentar essa atividade, com políticas públicas urbanas que procuram dar protagonismo ao turismo na composição de serviços nos países subdesenvolvidos.

O Brasil, assim como grande parte dos países do mundo, entrou em um período de instabilidade ainda maior nos anos 80, década considerada economicamente como a “década perdida” (SASSEN, 1998). E, como viemos discutindo até aqui, após longas e sucessivas crises, o Estado busca reestruturar sua composição de atividades econômicas em seu território para maximizar lucros e impulsionar a economia com crescimentos sucessivos, pois, caso isso não viesse a ocorrer, a tendência é a piora da crise e o colapso do sistema capitalista. (HARVEY, 2011)

Na fase chamada de “Acumulação Flexível” (HARVEY, 2008), alguns segmentos mudam sua estrutura e forma de funcionamento, saem da rigidez de produção, alteram sua composição básica de espacialização e algumas outras atividades ganham protagonismo, como, por exemplo, a financeirização do território através dos bancos, a mecanização de produções agrícolas (no RN temos o exemplo do Vale do Açu) e a entrada de divisas através do turismo.

Nesse processo e novo “período”, Harvey (2008) afirma que o Estado desregulamenta e re-regulamenta as leis trabalhistas e a atuação das empresas nos territórios dos respectivos Estados-Nação, pois, além de flexibilizar a produção e fomentar a “guerra dos lugares” (SANTOS e SILVEIRA, 2011), o Estado torna-se também empreendedor por causa da competitividade assídua da globalização. O espaço, portanto, se reconfigura, uma vez que as atividades econômicas agora tendem ainda mais a se agregarem através de arranjos produtivos locais ou mesmo se integrarem espacialmente com outras empresas, além de haver uma tendência maior às aglomerações espaciais. Com isso, essa integração espacial confirma o que Castells (1999) discute sobre o espaço de fluxos, pois, para esse autor, os serviços avançados, aliados dos fluxos da informação junto das cidades globais ou daquelas que comandam, através das novas tecnologias, conseguem reestruturar todo o processo produtivo de consumo e produção para fazer, assim, um novo espaço, cada vez mais denso, mais coeso e ligado.

As empresas, assim, começaram a cada vez mais agir em redes, seja por causa da maior facilidade de ligar processos econômicos através das grandes cidades mundiais às demais (SASSEN, 1998) ou então reestruturando sua forma organizacional nas cidades diante da acumulação flexível. Para isso o Estado não perde importância, ao contrário, torna-se mais importante para fomentar qualquer que seja a atividade e elevar a sua produção. No caso do turismo, um conjunto de políticas públicas, como os Programas de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR I e II), Plano Nacional de Turismo e Programa do Aceleração do Crescimento (PAC) são essenciais para a existência dessa atividade, uma vez que essas políticas possibilitam a infraestrutura demandada pelos Meios de hospedagem (MH) para a sua atração/instalação e, também, para dotar o território natalense, nas áreas cruciais para o turismo, com objetos geográficos que permitam o fluxo de turistas.

3.2 Expansão, Relevância e Dimensão Organizacional da Atividade Turística em Natal.

O Estado atua fomentando locais que apresentam atrativos para receber turistas, principalmente aqueles inseridos no contexto do turismo de “Sol e Mar”. E Natal, geograficamente inserida nesse contexto, recebeu investimentos de ordem pública em sua infraestrutura, para atrair turistas e meios de hospedagem. Com isso a capital potiguar se dotou de um contingente elevado de Unidades Habitacionais (UH) e leitos, isto é, infraestrutura.

O quadro 04 especifica em quais bairros estão as Unidades Habitacionais dos meios de hospedagem e os leitos dessas UH's, de acordo com o SEBRAE/RN (2013). Assim, verifica-se Ponta Negra e a Via Costeira como as localidades com maior capacidade de absorção do fluxo turístico em Natal.

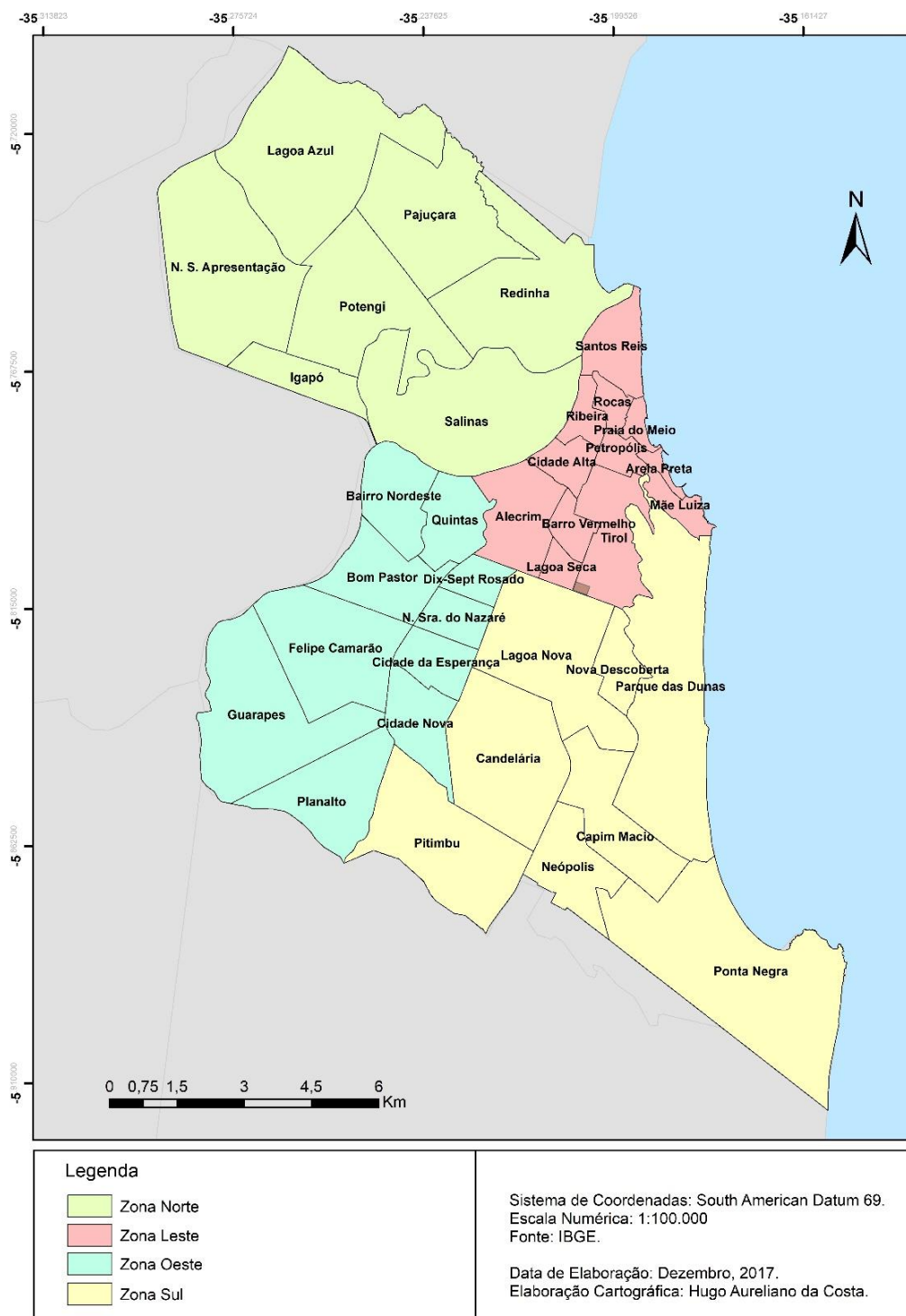
Quadro 04 – Unidades Habitacionais e Leitos por Bairros de Natal no ano de 2012

BAIRROS	UHs	LEITOS
Alecrim	78	271
Praia do Meio	520	1450
Capim Macio	97	319
Cidade da Esperança	262	529
Lagoa Nova	115	294
Petrópolis	160	444
Praia dos Artistas	268	739
Ponta Negra	5412	14729
Via Costeira	2381	7635
Restante dos Bairros	252	684
Total	9545	27094

Fonte: SEBRAE/RN, 2013.

Com isso, pode-se observar no quadro 04 que Ponta Negra é o bairro com maior capacidade de atendimento ao público turista, mas não só no que diz respeito aos meios de hospedagem, também relacionados à restaurantes e serviços, em geral. Evidentemente esses locais com maior oferta se localizam próximos ao litoral, conforme aponta o Mapa 02, que, pelo fato da proximidade da praia, têm maior quantidade de Unidades Habitacionais e Leitos.

Mapa 02 – Localização dos Bairros de Natal/RN



O bairro de Ponta Negra apresenta maior capacidade turística no que diz respeito a esses elementos – UH's e Leitos. Dado a toda essa estrutura dos meios de hospedagens na cidade de Natal, há mais um elemento, além do fluxo de turistas e dos MH, importante para a composição do turismo na cidade de Natal. Esse elemento é a quantidade de empregos gerados pelo turismo para o Brasil e, consequentemente, na cidade de Natal/RN. De acordo com pesquisa realizada

no ano de 2015 pela WTTC (World Travel & Tourism Council), o turismo gerou, direta e indiretamente, o total de 8,6% dos empregos no Brasil¹¹. Essa mesma empresa, no ano de 2012, afirmou que o turismo empregou a quantidade significativa de 2,8 milhões de pessoas na atividade turística, isto é, nos hotéis, nas agências de viagens, nas companhias aéreas e serviços de transporte etc.

Dessa forma, o Rio Grande do Norte segue a tendência da magnitude dos empregos gerados pelo setor de turismo, sendo direto ou indiretos. No RN, de acordo com o IBGE (2011), o turismo, direta e indiretamente, gera em torno de 100.000 empregos, uma quantia expressiva perante o estado potiguar e a sua população. No RN há 40.000 leitos que atendem turistas em hospedagens, de acordo com essa pesquisa; já na cidade de Natal, conforme apontou o Quadro 04, há em torno de 28.000 leitos, ou seja, 70% do total de leitos do estado potiguar. Logo, presume-se que grande parte do total de empregos gerados no RN são, assim, gerados na cidade de Natal/RN, devido a magnitude, por exemplo, de meios de hospedagem instalados no tecido urbano da capital potiguar.

Além desses fatores, há outros fatores locais importantes na consolidação de Natal como um centro importante do fluxo turístico na região nordeste. Mas o que são fatores locais? De acordo com Fonseca (2005), os fatores locais são o conjunto de elementos socioespaciais e estruturais que interferem diretamente e se relaciona com a distribuição de determinados elementos econômicos no território.

Há, então, uma “guerra entre os lugares” (SANTOS, 2012) para atrair empresas e investimentos, de modo que os locais os quais oferecem a melhor infraestrutura, as maiores vantagens econômicas e o apoio estatal têm grandes vantagens nessa competição. Mas há, evidentemente, outros fatores que permeiam a questão econômica para a atração das empresas: a estabilidade política e a permissividade das leis. Daí o porquê Natal ter apresentado uma grande importância perante a economia potiguar e ser considerado como nó fundamental da atividade turística no estado do Rio Grande do Norte.

Tratando a respeito de Natal e o porquê dos investimentos relacionados ao turismo nessa cidade, pode-se elencar, para a discussão, 7 elementos cruciais na atração do capital investido no turismo desta cidade e, além disso, os motivos pelos quais corroboram com a importância dessa cidade para o turismo potiguar, a saber: disponibilidade de matérias-primas; mão de obra

¹¹ Para se ter noção da representatividade desse dado, o Brasil, no ano de 2016, teve, de acordo com a CAGED, 41.6 milhões de empregos formais.

qualificada; incentivos fiscais; existência de infraestrutura logística; leis trabalhistas brandas e sindicatos limitados; amplo e ativo mercado consumidor; e a presença de empresas afins e redes de serviços correspondentes.

Assim, o fator locacional referente à qualificação da mão de obra para o turismo na capital potiguar foi influenciado pela política do Programa de Desenvolvimento Regional do Rio Grande do Norte (PRODETUR/RN II), por investimentos de “Treinamento Profissional Capacitação da População Local”, ficando dividindo este investimento em “Qualificação da Mão de Obra: Equipamentos Turísticos”, “Técnicos de Segurança” e “Treinamento da População Local”. Isto é, a qualificação da mão de obra é um fator atrativo para a vinda de empresas, afinal este serviço básico junto com o aumento de cursos de graduação em turismo nas Universidades públicas e faculdades privadas e de guias turísticos contribuíram para a qualificação da mão de obra natalense em todos os setores, de pessoas com o ensino médio, passando pelo técnico até chegar no ensino superior.

Além disso, a existência de infraestrutura logística, como, por exemplo, o aeroporto Augusto Severo, localizado em Parnamirim – cidade vizinha à Natal –, o aeroporto Aluizio Alves, em São Gonçalo do Amarante, o Porto de Natal, as vias estaduais e federais que ligam Natal a outras cidades com praias nos litorais sul e norte, contribuem para uma regionalização do turismo e de planos de agências turísticas com várias destinações. Esses passeios, fomentados por essas agências, fazem com que haja fluxo turístico para outras cidades a partir de Natal e deslocamento de outros municípios para a capital potiguar.

Devido aos fatores econômicos, naturais, políticos, de infraestrutura é que se considera Natal como uma cidade importante para a rede urbana potiguar e, por conseguinte, o fluxo turístico do RN. Porém a sua importância na rede de turismo regional e nacional é também extremamente evidente, por causa da malha de meios de hospedagem, pontos turísticos, fluxo de turistas e a quantidade de empresas com, consequentemente, os trabalhadores dependentes do turismo nessa cidade. Por isso, Natal é imprescindível para a tessitura econômica potiguar e a partir deste estudo busca-se o entendimento das redes de turismo internas e externas a cidade de Natal, bem como o processo de instauração dessa atividade, sua territorialização, a partir dos investimentos públicos e privados.

O debate a respeito da operacionalização dos conceitos de território e região ao longo dos séculos sempre foi visto como possibilidade para o planejamento, seja em escala internacional com o jogo geopolítico do espaço vital ratzeliano, os ordenamentos territoriais e

mesmo as unidades de planejamento das regiões com as políticas regionais, a que, no Brasil, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) aparece como um claro exemplo.

Conceber o espaço geográfico a partir de suas divisões exige grande complexidade em sua análise para, então, delegar quaisquer críticas a respeito de seu planejamento. A geografia clássica, principalmente a francesa, sempre teve seus interesses e suas análises delegadas ao Estado, daí Yves Lacoste dizer que *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*, título de sua grande obra que denuncia como os geógrafos, direta ou indiretamente, contribuíram para o planejamento estatal, por vezes, a partir de informações pesquisadas pelos geógrafos e com interesses variados, exceto, o popular, por parte do governo. A apropriação dos conceitos geográficos para determinadas políticas públicas é, portanto, um acontecimento relativamente antigo, mas ainda hoje é presente no desenvolvimento de qualquer atividade que os governos instituem suas ações no território.

De acordo com Rita Ariza Cruz (2001), as políticas do turismo no Brasil sempre podem e devem ser consideradas como “políticas territoriais”, tendo em vista a grande relação existente entre as políticas urbanas, de saneamento básico, as políticas regionais e as de desenvolvimento do turismo no Brasil, do início de sua aplicação até os dias atuais. Entretanto, pelo fato de o turismo e o território serem um par relacional, afinal é do território, dos lugares que o turismo se faz, inicialmente, as políticas para o seu fomento não poderiam ser diferentes.

Dessa maneira, algumas políticas públicas criadas pelo governo brasileiro em âmbito do turismo estão relacionadas ao território em suas diversas características. Há, portanto, uma grande relação existente entre as políticas públicas federais, a gestão governamental potiguar, a reestruturação produtiva a partir do turismo no RN e a constituição dos meios de hospedagem na cidade de Natal. Entretanto, sabe-se, para o fortalecimento da atividade turística no Brasil, da criação de uma série de ações governamentais para fomentar essa atividade em território brasileiro, principalmente no litoral nordestino.

Uma dessas ações do Estado foram os Programas de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR I e II), que se iniciou, em sua primeira fase, no ano de 1994¹². A partir desses programas, vários Polos foram criados no Brasil, mas foi no Nordeste que esses Polos mais surtiram efeito como ente de planejamento turístico. A segunda fase do PRODETUR/NE se iniciou no ano de 2002 e findou-se no ano de 2012. Em ambas, concebeu-se, inicialmente,

¹² Retirado do site </ <http://www.bnb.gov.br/prodetur> />, acessado em: 10/10/2016.

identificar atividades econômicas que pudessem trazer vantagens econômicas para o Nordeste e poder desenvolver essa região a partir do turismo.

Para tanto, investiu-se em infraestrutura, qualificação da mão de obra, enfim, em uma série de elementos para fomentar o desenvolvimento e crescimento da atividade na região nordeste. Com o sucesso da primeira fase da PRODETUR/NE, outras medidas públicas deveriam acontecer para continuar o crescimento da atividade turística nos estados nordestinos, e, de acordo com o site do Banco de Nordeste do Brasil, com o PRODETUR II (embora já no ano de 1999 tenha sido criado o Conselho de Turismo do Polo Costa das Dunas),

em parceria com os governos estaduais, o Banco do Nordeste identificou na Região Nordeste algumas áreas com vocações semelhantes do ponto de vista do turismo e iniciou um processo de formação de 16 Polos Turísticos. Com enfoque de planejamento estratégico da atividade turística, o Banco trabalhou o setor com visão empresarial, ao mesmo tempo calcado nos princípios do Desenvolvimento Sustentável, investindo em capacitação profissional e empresarial e financiando infraestrutura pública (por meio do PRODETUR/NE) e empreendimentos do setor privado (Programa de apoio ao Turismo Regional – FNE-PROATUR, Programa de financiamento às Microempresas, Empresas de Pequeno Porte e ao Empreendedor Individual – FNE-MPE, Programa de Financiamento à Conservação e Controle do Meio Ambiente - FNE Verde e outros). Com isso buscou-se promover o desenvolvimento sustentável do turismo na região, melhorando a qualidade de vida das comunidades locais e ao mesmo tempo criando um ambiente favorável a novos investimentos geradores de emprego e renda.

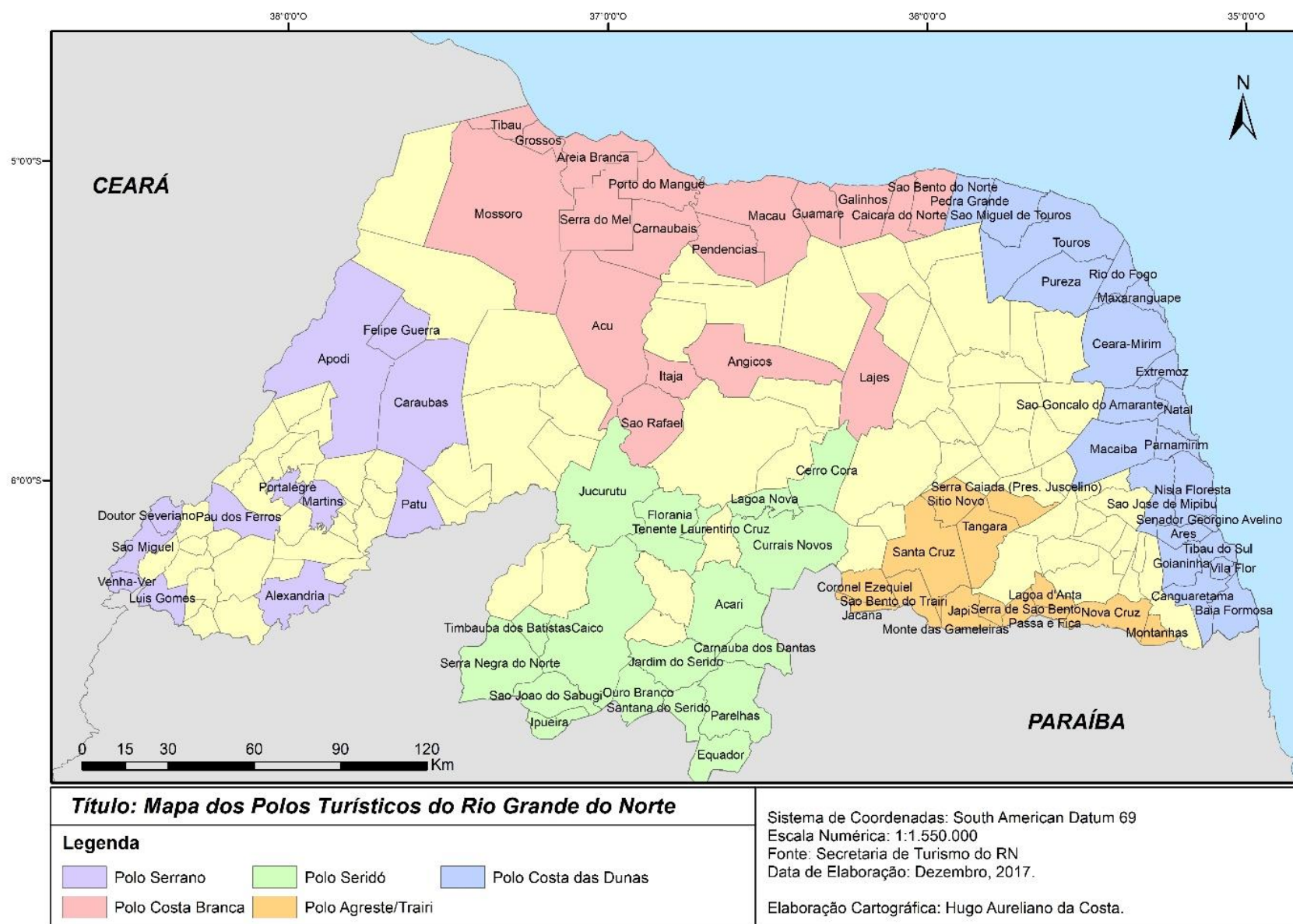
Dessa maneira, foram criados vários Polos de Turismo no Nordeste visando o fortalecimento e planejamento para a atividade turística. Esses polos, assim, receberam investimentos do PRODETUR/NE II e que, com o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDTIS), seguindo uma tendência mundial da sustentabilidade, a atividade turística apresentaria um caráter de desenvolvimento econômico, acréscimo de vinda de turistas e, concomitantemente a isso, seriam sustentáveis a atividade do turismo no que diz respeito à questão ambiental.

Mapa 03 – Polos de Turismo no Nordeste

A cidade de Natal, dessa forma, está integrada a uma concepção de planejamento de turismo mais ampla do que o seu território, que é o Polo Costa das Dunas. As ações empreendidas pelo poder público geralmente visam o investimento não só no território natalense, bem como investir no aprofundamento da atividade a partir da regionalização do turismo, uma vez que o desenvolvimento, assim, seria para as cidades litorâneas desse polo e não se restringiria apenas a uma. A escolha da cidade de Natal como área de estudo se deve ao

fato dela ser considerada como principal nó de atração do turismo neste polo, mas a importância deste se deve ao fato de investimentos do governo federal existirem para essa região turística.

Por isso, para planejar e otimizar a atividade turística, o Governo Federal começa a pensar o turismo como prática municipal, algo que pouco ocorria até então (REJOWSKI, 2002). Com isso se institui essas regiões/Polos a partir da integração de municípios e com demasiado investimento em infraestrutura, acessibilidade e capacitação profissional, além de um novo padrão de zoneamento do uso do solo dos municípios potiguares (FONSECA, 2005). No Rio Grande do Norte, desse modo, são 5 regiões criadas a partir desta política pública, a saber: Polo Costa das Dunas, Polo Costa Branca, Polo Seridó, Polo Serrano e Polo Agreste Trairi – tendo, na prática turística, relevância maior para a primeira mencionada. Estes investimentos, aliados com a segunda fase do PRODETUR, foram fundamentais para a inserção do estado potiguar no fluxo internacional e sua afirmação como receptáculo dessa atividade, como essa autora citada acima afirma. O Mapa 04 apresenta os Polos no Estado Potiguar, sendo a região em azul o Polo Costa das Dunas.



Mapa 04 – Polos turísticos no Rio Grande do Norte

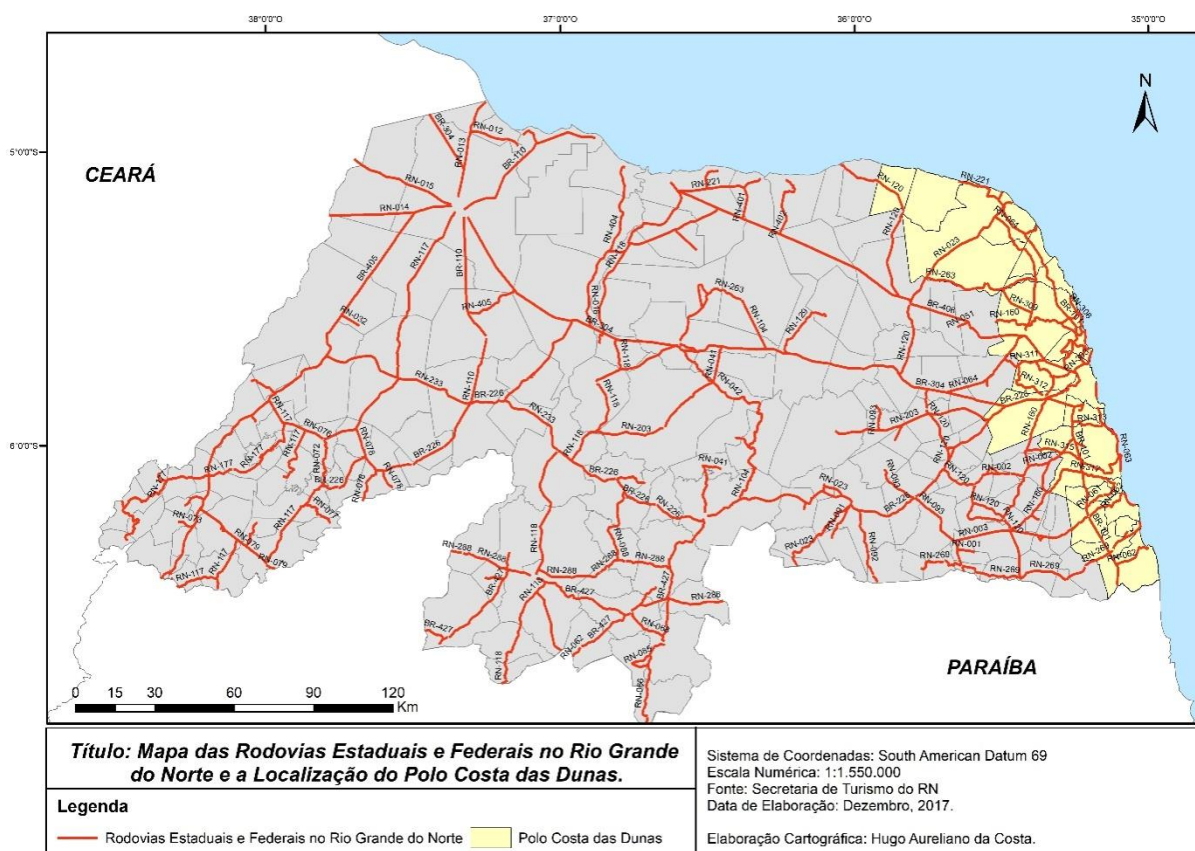
O Pólo Costa das Dunas/RN é a região mais importante turisticamente para o estado do Rio Grande do Norte. Nela encontram-se três das principais cidades com cunho turístico do RN, quais sejam: Tibau do Sul, com a praia de Pipa; São Miguel do Gostoso e Natal; além de cidades como Touros, Maxaranguape e Baía Formosa, também conhecidas por suas praias.

Mas não são apenas esses municípios que compõem o PCD/RN. De acordo com o próprio mapa, os municípios que integram o Polo Costa das Dunas são: Natal, Arês, Baía Formosa, Canguaretama, Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Maxaranguape, Nísia Floresta, Parnamirim, Pedra Grande, Pureza, Rio do Fogo, São Gonçalo do Amarante, São José de Mipibu, São Miguel do Gostoso, Senador Georgino Avelino, Tibau do Sul, Touros e Vila Flor. Além desses municípios, as praias de Pipa, Genipabu, Maracajaú, Pirangi e Barra de Tabatinga também fazem parte desse polo. Evidentemente que todas as áreas não recebem o mesmo fluxo e não são homogêneas, há os nós e redes dessa atividade espalhados nessa região.

Dessa maneira, para analisar a constituição das redes na cidade de Natal, é necessário saber as suas interações, articulações e fluxos com outras áreas. No Rio Grande do Norte, o Polo Costa das Dunas é a área com a maior quantidade de meios de hospedagem para a atividade turística e a que mais recebeu investimentos dos Programas de Desenvolvimento Regional do Turismo (PRODETUR/RN I e II).

A capital do estado do Rio Grande do Norte, por se localizar nessa região, já gera um efeito automático de importância política e econômica. Existe ainda o fato de que, como esse polo e Natal estão localizados no litoral oriental, a incidência de sol e um clima pouco hostil é frequência no ano todo, sendo que na alta estação é o período em que se concentra o fluxo turístico no estado potiguar. Como se percebe Mapa 05, a integração entre o Polo Costa das Dunas (região em amarelo) e outros municípios do Rio Grande do Norte se dá a partir das rodovias existentes.

Mapa 05 – Rodovias Estaduais e Federais do Rio Grande do Norte e a Localização do Polo Costa das Dunas.



Fonte: SETUR/RN.

Assim, há, a partir de Natal, integração entre este município e os demais do Polo Costa das Dunas através da via rodoviária. Para todas essas cidades e praias essas vias aparecem como veias na tessitura da rede urbana potiguar, haja vista a integração dos municípios a partir das rodovias estaduais e federais. Da mesma maneira, o Polo Costa das Dunas se relaciona com os municípios das outras regiões do estado potiguar, apresentando, com isso, que essa integração se dá a partir dos mais variados tipos de rodovias, federais ou estaduais.

Dessa forma, há a possibilidade de integração entre os municípios do Polo Costa das Dunas internamente e externamente a essa região. A figura 07 apresenta, assim, a fim de demonstrar onde está localizado os locais para os quais os turistas visitam, isto é, as principais praias no PCD – no litoral oriental.

Figura 07 – Praias do Litoral Oriental do RN

Fonte: SETUR/RN

Por isso internamente e regionalmente o Polo Costa das Dunas é um centro articulador do turismo no Rio Grande do Norte. Essa região, conforme idealizada pelo PDITS, é a matriz e principal área do turismo no estado do Rio Grande do Norte e apresenta, assim, além de uma área de planejamento do turismo, um conjunto de atrativos turísticos localizados no litoral leste e próximos à Natal.

Portanto, esse capítulo procurou demonstrar, objetivamente, como a reestruturação produtiva cria atividades que se tornam, diante do contexto da globalização, protagonistas na composição econômica de variados lugares. Assim, Natal também é estruturado diante desse contexto, com áreas legais que recebem investimentos do poder público e amalgamado a partir de Políticas Públicas que fomentam o turismo em seu território.

4. Origem e Evolução dos Meios de hospedagem em Natal/RN

O presente capítulo trata acerca da reestruturação urbana de Natal a partir do turismo sob dois pilares: os investimentos do setor público e os investimentos turísticos privados, isto é, a inserção no território dos Meios de hospedagem da atividade turística. Com isso se discute as peculiaridades deste processo, o aspecto organizacional do turismo na capital potiguar e a constituição desses fixos no tecido urbano natalense.

4.1 Meios de hospedagem em Natal/RN: A gênese do Setor de Hospedagens na capital potiguar.

A cidade de Natal teve seu crescimento populacional baixo até a década de 1940. A partir desse período, principalmente remontando ao contexto da Segunda Guerra Mundial, Natal passa por um processo chave em sua modernização e desenvolvimento que é ter sido escolhida como base militar norte-americana, com a justificativa de estar localizada na “esquina do continente”.

Pouco tempo antes disso, na década de 30, conforme aponta Caracristi (1994, p.79), Natal tem a instalação de seu primeiro grande hotel, iniciando a sua construção no ano de 1938, no governo do Interventor Rafael Fernandes Gurjão, e inaugurado em 1939. O hotel se chamava “Grande Hotel” (ver **figura 08**) e foi arrendado ao “major” Teodorico Bezerra, com uma estimativa de 108 quartos, três andares, duas lojas e salão de visitas. Este hotel, localizado no bairro da Ribeira, Zona Leste de Natal, hospedou os militares norte-americanos de alta patente durante a Segunda Guerra Mundial, recebendo em dólares pelas estadias. O “Grande Hotel” teve suas atividades encerradas no ano de 1987 e hoje abriga o Juizado Especial Central de Comarca de Natal (ver **figura 09**).

Figura 08 – Grande Hotel em operação: década de 40



Fonte: Blog Tok de História.

Figura 09 - Função atual do prédio Grande Hotel: Juizado especial Central da Comarca de Natal



Fonte: O autor, 2018.

Entretanto, antes do Grande Hotel, havia outros hotéis de pequeno porte na cidade de Natal/RN, todos na Ribeira e pertencentes a mesma pessoa, o Teodorico Bezerra. Os hotéis eram: o Hotel Internacional (**figura 10**), que foi durante vários anos o escritório da Ecocil, como se percebe na **Figura 11**; Hotel dos Leões, que funcionava no atual largo do Teatro Alberto Maranhão (**figura 12**); o Hotel Avenida, na Avenida Duque de Caxias, onde se localiza atualmente a Igreja Universal do Reino de Deus (**figura 13**)¹³. Como se percebe, estes hotéis eram de pequeno porte, mas os principais militares norte-americanos se hospedavam no Grande Hotel, trazendo, evidentemente, centralidade à Ribeira nesse período¹⁴¹⁵¹⁶.

¹³ Os hotéis Avenida e dos Leões não se obteve fotografias antigas. Porém, no google Earth, a partir da localização cedida pelas variadas fontes, pode-se obter a localização precisa destes e, assim, tirar a foto do local/prédio que correspondeu, durante décadas, a esses hotéis.

¹⁴ Fonte: Disponível em: </ <http://www.brechando.com/2015/12/o-que-foi-o-grande-hotel-de-natal/> > Acesso em 19/10/2017.

¹⁵ Fonte: Disponível em: </ <https://tokdehistoria.com.br/2015/06/30/o-grande-hotel-da-ribeira-e-a-ii-guerra/> > Acesso em 19/10/2017.

¹⁶ Fonte: Disponível em: </ <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/antigas-abandonadas-e-assombradas/157797/> > Acesso em 19/10/2017.

Figura 10 – Hotel Internacional, na década de 1930.



Fonte: TOK de história.

Figura 11 – Antigo Hotel Internacional, abandonado pela ECOCIL.



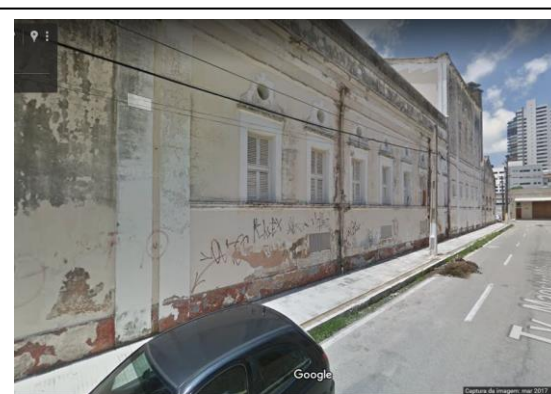
Fonte: O Autor, 2017.

Figura 12 – Igreja Universal, antigo Hotel Avenida.



Fonte: Google Earth, 2017.

Figura 13 – Largo do Teatro Alberto Maranhão, antigo Hotel dos Leões.



Fonte: Google Earth, 2017.

Assim, no auge desses hotéis, na década de 1940, Natal recebeu investimentos dos militares norte-americanos por causa principalmente dos seus fatores locacionais, uma vez que, além de estar em uma área litorânea, localiza-se próxima aos continentes africanos e europeus. Com isso, bases com milhares de militares estadunidenses foram instaladas nessa cidade, o que, por anos, dinamizou a economia natalense. Além disso, o investimento em infraestrutura realizado pelos EUA na capital potiguar serviu para estruturar vias, como a futura Avenida Salgado e as avenidas do bairro do Alecrim (LOPES JÚNIOR, 2000). Esse investimento ocorreu, pois, diante do contexto da Segunda Guerra, os Estados Unidos precisavam de bases

estratégicas para abastecimento e hospedagens de militares, e Natal foi a escolhida por ser a cidade da América do Sul que apresenta a menor distância para a Europa e a África.

Conforme apontado por Lopes Júnior (2000), com a saída dos militares norte-americanos após meados da década de 40, quando se verifica o fim da guerra, a cidade de Natal volta ao estado econômico anterior, isto é, com a “cultura do funcionalismo público”, tendo em vista que a classe média local era composta, majoritariamente, por funcionários públicos. Esse fato gerou para a economia natalense a estagnação na “mesmice”, segundo palavras do autor, e isso acarretou em uma “falta de iniciativa empresarial e no não aproveitamento das potencialidades comerciais oferecidas pela localização estratégica da cidade” (ibidem, p.34), mesmo com a possibilidade de desenvolvimento por parte da iniciativa privada.

Os anos 50 do século passado se apresentam para a hotelaria natalense com uma estagnação praticamente absoluta, ficando a cargo dos hotéis já citados a estadia das eventuais pessoas que visitavam a capital potiguar¹⁷.

Na década de 60 o governo brasileiro começa a planejar a atividade turística, com a disponibilização de recursos e parcerias entre o governo federal e governos estaduais. Por isso, no início dos anos 1960, com recursos do governo federal, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com recursos próprios, o governo estadual potiguar, de acordo com Caracristi (1994), viabiliza o planejamento e a construção de alguns projetos, quais sejam: o Hotel Internacional dos Reis Magos (**figura 14**), em Natal/RN, o primeiro em frente ao mar; o Hotel de Mossoró; o Hotel de Caicó; o Hotel de Angicos; e o Hotel Balneário de Olho D’água do Milho. Dos interioranos, exceto o Hotel de Mossoró, todos os outros não se mostraram sustentáveis financeiramente. Para supervisionar esse programa de investimento, foi criada, através do decreto nº 4284 de 16/09/1964, a Superintendência de Hotéis e Turismo do Estado (SUTUR).

No ano de 1965, na Praia do Meio, foi instalado o Hotel Internacional Reis Magos, hoje abandonado (**figura 15**), e logo após o Hotel Monte Líbano, no centro da cidade, conforme aponta Lopes Júnior (2000). De acordo com este autor, esses empreendimentos não eram vocacionados para o turismo de massa e tinham como público alvo os empresários, autoridades,

¹⁷ Durante as décadas de 40 e 50, há outro fator que propicia dinamização econômica no contexto potiguar: a extração de Tungstênio. Os municípios de Currais Novos e Caicó, por terem minas de extração de scheelita, se apresentaram como os dois núcleos urbanos potiguares que mais se desenvolveram neste período, devido a própria scheelita e a cultura do algodão. Dessa maneira, no ano de 1954 foi construído por um grupo privado o Hotel Tungstênio de Currais Novos e iniciado a construção do hotel Vila do Príncipe, em Caicó, demonstrando, assim, que Natal não monopolizava as ações centrais da economia privada no estado potiguar.

engenheiros e técnicos que se deslocavam para Natal em função da nascente industrialização e das intervenções habitacionais governamentais. O Hotel Monte Líbano, no ano de 1974, foi vendido ao grupo União de Empresas Brasileiras (UEB), alterando seu nome para Ducal Palace Hotel (**figuras 16 e 17**), conforme apontou Lopes Júnior.

Figura 14 – Hotel Internacional Reis Magos, na década de 1970.



Fonte: Curiozzo.com.

Figura 15 – Antigo Hotel Internacional Reis Magos, em 2017, abandonado.



Fonte: Curiozzo.com.

Figura 16 – Ducal Palace Hotel, na década de 1970.



Fonte: Facebook Natal Eu te Amo.

Figura 17 – Ducal Palace Hotel em 2017, com salas para alugar.



Fonte: O Autor, 2017.

No Mapa 6 observa-se que, até o início da construção da Via Costeira (meados dos anos 80), os hotéis concentravam-se próximo ao centro da cidade, não existindo a instalação de hotéis nas outras zonas urbanas. Dessa maneira, no bairro da Ribeira, encontravam-se 4 hotéis, sendo o Grande Hotel, o Hotel Internacional, Hotel Avenida e o Hotel dos Leões, todos pertencentes ao mesmo empresário e inaugurados antes dos anos 50. Os hotéis inaugurados na década seguinte – o Hotel Internacional Reis Magos e o Ducal Palace Hotel – saíram da Ribeira e se

localizaram em outras áreas, como a Praia do Meio e a Cidade Alta, ocorrendo, assim, o início da dispersão espacial dos hotéis em Natal.

Mapa 06 – Hotéis instalados em Natal/RN entre 1939-1970



No que diz respeito ao planejamento estatal em âmbito federal, o órgão criado inicialmente e de grande relevância para a atividade turística brasileira, nesse período, foi o Instituto Brasileiro de Turismo, mais conhecido como EMBRATUR. Este órgão, instituído no ano de 1966, foi uma empresa pública/estatal vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio que objetivava planejar, otimizar e fomentar a atividade turística brasileira.

Além da EMBRATUR, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), criada para descentralizar a concentração econômica das regiões Sul/Sudeste, passa a ser crucial para a economia nordestina, inclusive a turística. A partir dos anos de 1960 e 1970 foram instituídos os Planos Nacionais de Desenvolvimento, os quais tinham como desígnio orientar o desenvolvimento regional assentado sobretudo na criação de Polos para a dinamização econômica das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. No segundo Plano Nacional de Desenvolvimento há destaque para o Nordeste com a criação de indústrias vinculadas a base local e a implantação de polos, além de estudos para viabilizar novos investimentos.

No Rio Grande do Norte, com apoio da EMBRATUR e da SUDENE, no 1972 foi criada a Empresa de Promoção do Turismo no Rio Grande do Norte (EMPROTURN), que, segundo Lopes Júnior (2000, p.38), buscava “traçar uma política para o desenvolvimento turístico local”. Assim, começava-se a conceber, no RN, de forma planejada o turismo a partir da atividade turística para o desenvolvimento econômico potiguar, desenvolvendo programas especiais com a finalidade de atrair capital para a cidade. Entre os anos de 1977 e 1984 Natal entra no Programa de Cidade de Porte Médio, recebendo consideráveis investimentos em infraestrutura.

Na segunda metade da década de 60 e na primeira metade dos anos 70, a partir de estudos realizados pela SUDENE/NE e o Banco do Nordeste Brasileiro (BNB), criou-se modelos de desenvolvimento econômico para o Nordeste Brasileiro. O turismo foi considerado uma alternativa possível de desenvolvimento regional. Essa avaliação sobre as potencialidades da região nordestina foi, segundo Lopes Júnior (2000), baseada a partir da observação e descrição do mar de águas mornas, areias brancas e coqueirais, salientando, entretanto, a necessidade de criação de infraestrutura e a elaboração de políticas de atração de investimento.

Devido a esses estudos, o Banco do Nordeste Brasileiro (BNB) deu início ao programa de assistência de crédito e o financiamento de complexos hoteleiros, baseado em três subprogramas, de acordo com Lopes Júnior (ibidem), a saber: a) Investimento do Potencial Turístico; b) Financiamento a hotéis e similares; c) Divulgação e fomento ao turismo. Neste

contexto, a cidade de Natal foi contemplada com recursos do Banco do Nordeste Brasileiro para a construção da Avenida Senador Dinarte Mariz, mais conhecida como Via Costeira e o complexo hoteleiro em seu entorno. Esta obra se constituiu em um marco para a consolidação do turismo potiguar. A partir de sua inauguração, Natal se firma como uma destinação turística, de fato.

4.2 Meios de hospedagem em Natal/RN: a Via Costeira e os Anos 80

No processo de reestruturação o qual Soja (1993) aborda verifica-se a indissociabilidade entre as crises e as reestruturações. Todo reordenamento espacial a partir de vultuosos investimentos para superar economicamente determinada estrutura, ocorre, também, devido e em meio às crises que assolam cidades, regiões e países.

Nos anos 1970, assim, a crise do petróleo¹⁸ desencadeou um efeito cascata na economia mundial, fazendo, dessa forma, com que países do mundo procurassem encontrar alternativas para se desenvolver e voltar a crescer economicamente. O contexto brasileiro remete a isso, pois, após a diminuição do crescimento econômico do regime militar – o “milagre brasileiro” –, o Brasil precisava voltar a crescer e grandes projetos eram necessários, principalmente para dinamizar regiões periféricas.

E neste contexto é que, ao fim dos anos 70, observando o potencial turístico da Região Nordeste, o governo brasileiro na época entende o turismo na Região Nordeste como “uma solução econômica viável em busca da amenização de graves problemas sociais”, de acordo com Cruz (1995, p.22).

Buscando atingir este objetivo foi criado, pelo governo federal, a política de “Megaprojetos Turísticos”. As características dessa política eram a participação determinante do setor público, desde a idealização até a implantação do empreendimento, a extensão da área de abrangência do Projeto e mesmo o volume de capital empregado. Como aponta Cruz (1995), os megaempreendimentos tiveram, em nível de implantação, duas características totalmente diferentes, haja vista a divisão entre os investimentos no litoral do centro-sul brasileiro e do nordeste do Brasil. Este, a que essa autora denomina “Política de Megaprojetos Turísticos no litoral do Nordeste”, tem como principal empreendedor o Poder Público, inclusive criando

¹⁸ Essa crise foi gerada pelos membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) a partir da elevação do preço do barril do petróleo.

projetos para vários Estados nordestinos, a saber: O Projeto Linha Verde/BA, o PRODETURIS/CE, o Projeto Orla/SE, O Projeto Cabo Branco/PB, o Projeto Costa Dourada/PE e AL, o Projeto Parque das Dunas-Via Costeira/RN. Aquele, por sua vez, relativo ao litoral centro-sul do país se multiplicou com megaempreendimentos originados da iniciativa privada.

Nota-se nesse processo de reestruturação econômica, no Nordeste, o Estado intervindo no espaço e transformando-se em um agente do “empresariamento público”, passando a conceber políticas e procurando fomentar novas atividades econômicas, como é o caso do turismo no litoral nordestino.

Acerca do projeto Parque das Dunas/Via Costeira-RN, o qual foi projetado sua implantação em Natal no fim dos anos 70, aponta Cruz (1995, p. 49),

é nesse período que “se formam as condições necessárias para que o Rio Grande do Norte dê passos decisivos rumo ao seu desenvolvimento turístico, quando se coloca, de um lado, o desejo do governo do estado de transformar Natal em pólo de atração turística e, de outro, o Governo Federal, oferecendo financiamento para grandes projetos, característica marcante de uma época que ficou conhecida como ‘Milagre Brasileiro’.

A área destinada à implantação do empreendimento se constitui em uma via litorânea com aproximadamente 8,5 km de extensão localizado entre as praias de Areia Preta e Ponta Negra, sendo, à época, um dos projetos turísticos mais ousados do país¹⁹.

Como medida mitigadora à construção da Via Costeira, o governo do Estado, concomitantemente, cria o “Parque Estadual das Dunas de Natal”. De acordo com Cruz (1995, p.50), “única unidade de conservação desse tipo no Estado, abrangendo uma área de, aproximadamente, 1.172 ha”. Esse Parque tinha como objetivo preservar uma área de paleoduna e, também, ser uma resposta às críticas da época por não haver nenhuma mitigação.

A área referente à Via Costeira (**figura 18**), no litoral sul de Natal, era muito cobiçada pelo setor imobiliário natalense e representava a última grande área ociosa desse município. A construção dessa via interligando as praias centrais, Areia Preta e Praia dos Artistas, junto à

¹⁹ Dessa maneira, o então governador Tarcísio Maia decide implantar esse megaempreendimento, inicialmente denominado Distrito Industrial Turístico de Natal, cujo projeto é encomendado sem abertura de concorrência, conforme aponta Cruz (ibidem).

Ponta Negra seria, portanto, uma nova opção de acesso a esta última, valorizando, assim, os empreendimentos localizados próximos à praia de Ponta Negra.

A construção da Via Costeira objetivava atrair investidores do setor turístico, particularmente do segmento hoteleiro, para promover o turismo local. De acordo com Cruz (1995), o Estado arcaria com o ônus da implantação da rodovia e da infraestrutura básica (água, esgoto e energia elétrica). Aos empresários seria oferecido financiamento cobrindo desde a aquisição de lotes de terra até a construção de hotéis. Com essas facilidades e a perspectiva de retorno financeiro pelo potencial turístico natural oferecido por Natal/RN foram negociados os terrenos da Via Costeira e iniciada, de tal modo, a construção dos primeiros hotéis.

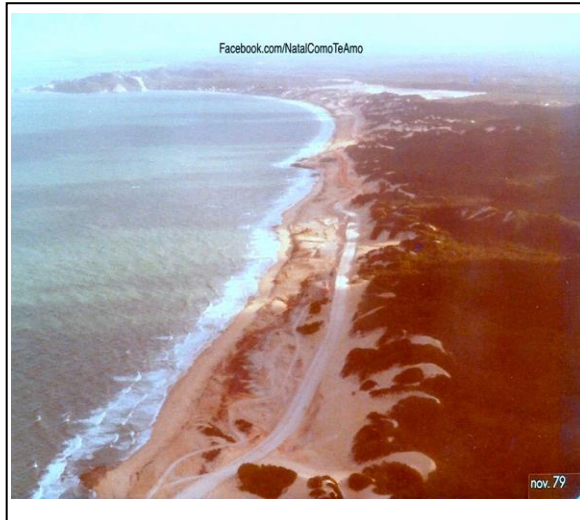
Entretanto, o turismo não se utiliza apenas de uma via para fluir em redes pela cidade. É necessário, evidentemente, também outras obras de infraestrutura urbana que, direta e indiretamente, contribuem para fomentar o turismo. No fim dos anos 70, de acordo com Furtado (2005), para viabilizar a circulação na capital potiguar, foram realizadas as seguintes obras:

- O viaduto de Ponta Negra, mais precisamente em 1975;
- O asfaltamento da estrada de Ponta Negra, com mais de 7 km de extensão;
- A urbanização das praias de Natal;
- A pavimentação da avenida Prudente de Moraes.

O Estado, portanto, investe em vias para dinamizar a circulação, bem como estrutura a cidade em prol de determinados locais para algumas atividades, como se verifica na localização desses investimentos. Além disso, a urbanização da orla marítima com calçadão, asfalto e muros de arrimo, em 1979 são outras intervenções estatais que demonstram o caráter seletivo nos investimentos públicos.

Além dessas outras obras, a Via Costeira (**figura 19**) se torna o marco competitivo para lançar Natal no mercado competitivo nacional de turismo, como aponta Furtado (*ibidem*). Assim, de acordo com esta autora, não se pode negar que a “Via Costeira se tornou o primeiro grande empreendimento turístico da cidade que envolveu governos e empresas privadas” (p. 125). Essas empresas, entretanto, não necessariamente tinham experiência no ramo turístico, muitas delas eram egressas da construção civil. A Via Costeira foi finalizada no ano de 1983 e o Mapa 07 mostra a sua localização e como ela está alicerçada no litoral natalense, ligando praias até então de fluxo direto inimaginável.

Figura 18 – Via Costeira em construção, no ano de 1979.



Fonte: Curiozzo.com, retirado do Natal como Te Amo, página do facebook.

Figura 19 – Via Costeira, em 2017.



Fonte: Agora RN

Mapa 07 – Localização Via Costeira/RN



Com o projeto e execução da Via Costeira, inicialmente, havia três Unidades Turísticas com lotes à venda. Dessa forma, os lotes para a construção dos hotéis começam a ser vendidos a partir da década de 80, mas as negociações, de acordo com Cruz (1995, p. 54), “se deram de

forma desenfreada e irregular”, uma vez que ao invés dos 12 lotes registrados que seriam vendidos, houve superposição de lotes e mais de 23 foram comercializados.

Houve, no ano de 1988, uma reformulação no que diz respeito ao projeto, através da Lei nº 5.826 de 07/12/1988 e regulamentada pelo Decreto nº 10.302 de 13/02/1989. Dessa forma, cada vez mais aconteceram reformulações a respeito do projeto, demonstrando como, do ponto de vista jurídico, não foi um projeto uniforme e mesmo mais de 10 anos da idealização do projeto, ainda as questões normativas suscitavam mudanças.

No que se refere a instalação desses fixos no território, isto é, dos hotéis que irão permitir e aumentar o fluxo na cidade de Natal/RN, houve uma redefinição de concentração a partir da instalação dos hotéis nos anos 80 (ver **Mapa 08** e **Quadro 05**).

Quadro 05 – Meios de hospedagem Instalados em Natal na década de 80.

Nome	Tipo	UH's	Leitos	Bairro	Ano de Fundação
1 - Imirá Plaza Hotel	Hotel	166	627	Via Costeira	1982
2 - Ocean Palace Hotel	Hotel	315	1055	Via Costeira	1983
3 - Hotel Ponta Do Mar	Hotel	35	95	Ponta Negra	1984
4 - Hotel Pousada Arco Íris	Pousada	16	45	Ponta Negra	1984
5 - Hotel Parque Da Costeira	Hotel	330	1372	Via Costeira	1984
6 - Hotel Vila Do Mar	Hotel	210	649	Via Costeira	1984
7 - Hotel Beira Mar	Hotel	35	86	Praia Do Meio	1985
8 - Serhs Natal Grand Hotel ²⁰	Hotel	396	1098	Via Costeira	1985
9 - Laina's Place Hotel	Hotel	31	110	Ponta Negra	1986
10 - Piramide Palace Hotel	Hotel	315	1149	Via Costeira	1986
11 - Hotel Porto Do Mar	Hotel	117	358	Via Costeira	1986
12 - Matoso Praia Hotel	Hotel	34	102	Praia Do Meio	1987
13 - Hotel Cidade Do Sol	Hotel	75	152	Cidade Da Esperança	1988
14 - Kit Apart Hotel	Apart Hotel/Flat	15	40	Lagoa Nova	1988
15 - Praiamar Natal Hotel & Convention	Hotel	214	565	Ponta Negra	1989
TOTAL	15	2304	7503		

Fonte: Receita Federal, SEBRAE/RN e CADASTUR.

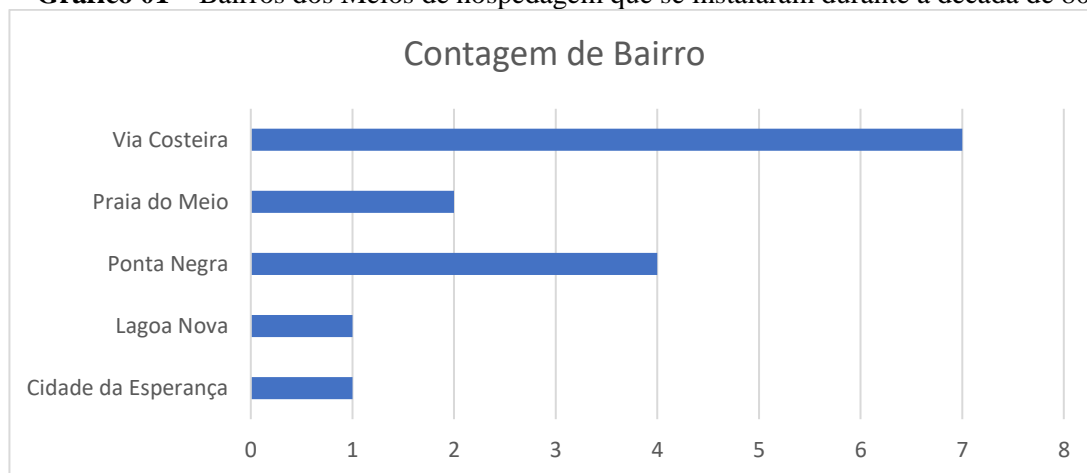
²⁰ Acerca do SEHRS, este hotel foi implantado no início do século XXI, porém a partir dos dados cedidos pela Receita Federal, o ano de instalação foi 1985 – isto é, uma incongruência. Porém, decidiu-se colocar este dado pois essa tabela é gerada das informações da Receita Federal.

Mapa 08 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN nos Anos 1980



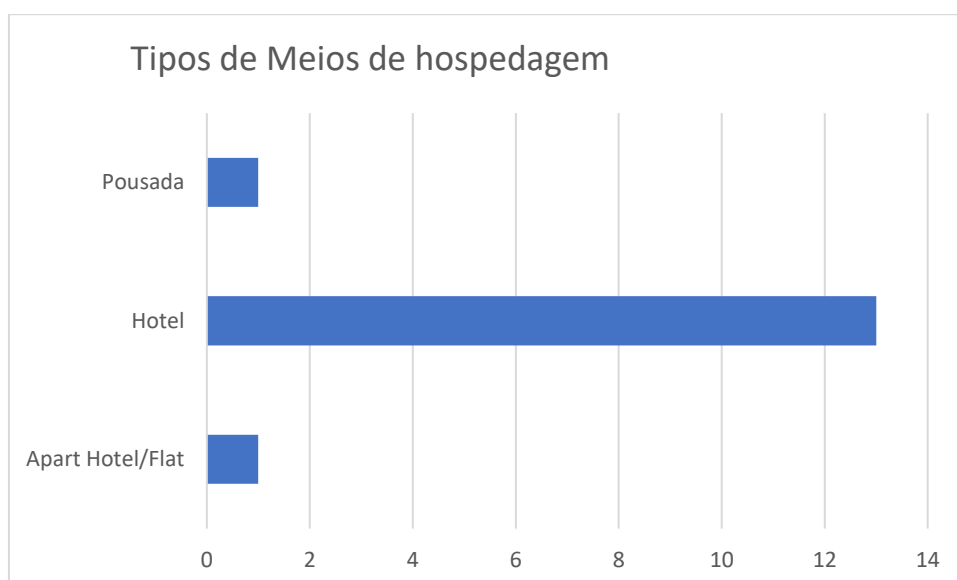
O Mapa 08 apresenta um padrão espacial diferente do Mapa 06, tendo em vista que os meios de hospedagem passam a se distribuir espacialmente para outros bairros e zonas de Natal. O gráfico 01 explana de forma didática a distribuição dos MH em bairros e demonstra como a Via Costeira foi quem mais recebeu investimentos privados do setor hoteleiro, nessa época:

Gráfico 01 – Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram durante a década de 80.



Além disso, como se percebe no Gráfico 02 e no Quadro 05, as pousadas e Apart-hotel/flats passam a figurar no tecido urbano natalense.

Gráfico 02 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal nos anos 80.



Com essa quantidade de Meios de hospedagem instalados, a composição da atividade turística natalense obteve o acréscimo de mais de 2304 unidades habitacionais e 7503 leitos.

Ou seja, Natal aumenta a capacidade de hospedar turistas de maneira considerável durante a década de 80. O maior meio de hospedagem instalado em Natal/RN na década nesse período foi o Imirá Plaza Hotel, localizado na Via Costeira, com uma quantidade de 330 UH e 1372 leitos. Com relação à dimensão dos demais meios de hospedagem implantados, temos:

- Entre 330 e 215 UH: Ocean Palace Hotel (Via Costeira); Hotel Ponta do Mar (Ponta Negra), Hotel Pousada Arco Íris (Ponta Negra), Hotel Parque da Costeira (Via Costeira); Hotel Vila do Mar (Via Costeira);

- Entre 166 e 75 UH: o Hotel Beira Mar (Praia do Meio); SEHRS Natal Grand Hotel (Via Costeira); Laina's Place Hotel (Ponta Negra).

- Abaixo das 35 unidades habitacionais ficaram 6 meios de hospedagem, distribuídos da seguinte forma: 2 na Via Costeira, 1 em Ponta Negra, 1 na Praia do Meio, 1 na Cidade da Esperança e 1 em Lagoa Nova. Destes são 1 Apart-Hotel/Flats e 5 hotéis.

Além dos investimentos citados acerca do turismo nos anos 70, a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo (SECTUR) passa a promover investimentos centralizados e institucionalizados da atividade turística. Conforme aponta Furtado (2005), as obras as quais são feitas, a saber, são:

- A construção de um novo terminal rodoviário, no bairro da Cidade da Esperança, no ano de 1981;

- Recapeamento em vias como a Avenida Salgado Filho, Avenida Hermes da Fonseca e a construção do Viaduto do Baldo;

- A construção do Centro de Convenções, em 1983, na Via Costeira.

Também foram realizados eventos como Encontros de Empresário do Turismo e Congressos de Agências de Viagens, ambos em 1987.

Dessa forma, os investimentos públicos perpassam as questões da estrutura física da cidade. O Estado investe em eventos que, de forma indireta, contribuam para o marketing da atividade turística. Além, obviamente, dos meios de hospedagem instalados em Natal/RN. Nota-se, assim, um padrão na instalação desses fixos do turismo, os meios de hospedagem, tendo em vista que a atividade turística começa a se adensar principalmente nas áreas litorâneas e no bairro de Ponta Negra. Outrora concentrava-se no bairro da Ribeira e em suas

proximidades, devido à antiga centralidade desse bairro. As alterações do padrão locacional podem ser observadas se compararmos os Mapas 06 e 08.

De acordo com Lopes Júnior, “espacialmente, esse processo significa um redirecionamento da dinâmica da cidade para a Zona Sul, com Ponta Negra, numa das extremidades da Via Costeira, tornando-se o bairro representativo da urbanização turística em Natal” (2000, p. 40). Destarte, a Via Costeira e os investimentos em infraestrutura ajudam, portanto, a criar meios que possam alocar melhor os turistas, sendo os meios de hospedagem parte essencial desse processo. Os dados acima indicam a década de 80 como um período relevante para a reestruturação da malha urbana de Natal, afinal, como se percebeu nos Mapas 06, 07 e 08, Natal passa a se urbanizar influenciada pelo turismo e esse processo se intensifica nos anos 90, com outras políticas públicas e a instalação ainda mais relevante de hotéis no tecido urbano natalense.

4.3 Meios de hospedagem em Natal/RN: Anos 90.

Diante do contexto da crise mundial dos anos 80, vários países os quais o modelo de Estado fordista entrou em cheque começam a se reestruturar com vultuosos investimentos procurando novas alternativas econômicas, isto é, novas reestruturações produtivas. Diante desse contexto, o Brasil segue essa tendência e começa, assim, a entrar com mais receptividade na lógica neoliberal do mercado mundial e na sua forma de governar. Para tanto, investe em novas atividades econômicas e o turismo surge como uma alternativa para o desenvolvimento de regiões consideradas periféricas, principalmente a nordestina.

O turismo natalense, como vem sendo concebido a partir dos anos 80, apresenta-se, por intermédio dessas políticas públicas, como uma alternativa econômica estruturante do território e capaz de gerar fluxos, desde que se tenha uma infraestrutura adequada ao funcionamento dessa atividade.

Assim, o governo federal, procurando estabelecer uma política pública para o turismo e complementar a política de Megaprojetos, no início dos anos 90, instituiu, através de diploma legal, o Programa de Desenvolvimento de Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE). Este programa objetivava representar uma política de turismo com caráter urbano e com investimento, principalmente, em infraestrutura urbana nas áreas consideradas relevantes para o desenvolvimento do turismo regional (litorâneas), de acordo com Furtado (2005).

Dessa maneira o PRODETUR I – RN foi projetado para ser a política pública central no desenvolvimento do turismo potiguar nos anos 90. Os mapas 08 e 06 demonstram a quantidade dos meios de hospedagem e o seu aumento/acréscimo no tecido urbano. O PRODETUR/RN também se objetivou a contribuir para a intensificação desse processo, tendo em vista a necessidade de investir para atrair meios de hospedagem e turistas para a cidade de Natal. Para tornar Natal um destino turístico nacional consolidado, conforme aponta Furtado,

o PRODETUR I – RN pretendeu ser um instrumento indutor de crescimento socioeconômico da área costeira do estado do Rio Grande do Norte, com aplicação de recursos nas seguintes ações: saneamento básico (esgoto); implantação de centro de visitação do Parque das Dunas em Natal; desenvolvimento institucional; melhoramento do Aeroporto Internacional Augusto Severo, situado no município de Parnamirim, e melhoramento das estradas. (2005, p. 170).

Portanto, o PRODETUR/RN tinha como foco expandir os investimentos na infraestrutura em diversos âmbitos. De acordo com a Secretaria de Turismo do RN²¹, o PRODETUR no Rio Grande do Norte, durante 1996 e 2002, investiu cerca de US\$ 44 milhões no estado potiguar. Esses recursos foram aplicados, principalmente, em obras consideradas pilares de infraestruturas, quais sejam:

- O novo terminal de passageiros do Aeroporto Internacional Augusto de Severo, à época único aeroporto na Região Metropolitana de Natal e localizado em Parnamirim/RN;
- Implantação de acesso viário às principais praias dos litorais sul e norte;
- Continuação da Rota do Sol (em Ponta Negra) interligando-a à Praia de Cotovelo e Barreta;
- Implantação da rede de saneamento em parte dos bairros de Mãe Luiza e Ponta Negra, além da Via Costeira;
- Pavimentação de todas as vias e urbanização da orla de Ponta Negra; melhoria no Parque das Dunas para a maior visitação;
- Desenvolvimento institucional de órgãos governamentais ligados ao turismo, em Natal e em outras cidades do litoral oriental potiguar;

²¹ Fonte: Disponível em </ <http://natalbrasil.tur.br/setur/secretaria-de-turismo-do-rn/prodetur/> /> . Acesso em 21 de outubro de 2017.

- Elaboração de Planos Diretores de cidades limítrofes à Natal, como Ceará-Mirim, Extremoz, Parnamirim, além de Nísia Floresta e Tibau do Sul.

Observa-se, então, Natal e os demais municípios do litoral oriental potiguar recebendo grandes investimentos, afinal, para o surgimento e criação de uma região turística é necessário investir não apenas no destino central, bem como nos demais. Assim, esses investimentos beneficiaram uma população de mais de 1,1 milhão de habitantes em todos os municípios atingidos por esse Programa. De acordo com a SETUR, baseando na avaliação feita pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco do Nordeste (executor financeiro do programa) e o Governo do estado do RN, sobre os resultados dessa primeira fase, houve o aumento do fluxo turístico, do número de empregos gerados pelo turismo e, consequentemente, da receita turística.

De acordo com os dados disponibilizados pela SETUR em seu site, no ano de 1995 a estimativa de empregos diretos gerados pelo turismo era de 95 mil, mas no ano de 2001 esse dado passou para 240 mil empregos gerados, direta e indiretamente. A receita turística do Estado que, no ano de 1995, era de US\$ 138 milhões/ano, passou para US\$ 216 milhões/ano em 2001, com aumento real de 56%, mesmo com a desvalorização da moeda brasileira ocorrida no período. Além disso, em 1995 havia apenas 1 voo internacional por semana para o Aeroporto Augusto Severo, e no ano de 2001 esse número passou para 8. Os municípios beneficiados por esses investimentos arrecadavam 7,3% com o turismo, no ano de 2001 o montante passou para o total de 31,3%.

Portanto, com a realização do PRODETUR I – RN nos anos 90, esses grandes investimentos contribuíram para a consolidação da atividade turística nesse período. Com isso, cada vez mais, a atividade turística demonstrava seu protagonismo no RN, principalmente no litoral oriental. Assim sendo, os investimentos em infraestrutura e em vias que ligavam os municípios foram propícios para essa atividade, pois, além de elevar o fluxo turístico, uma maior quantidade de pessoas foi empregada e a renda a partir do turismo aumentou consideravelmente, tornando Natal e o Rio Grande do Norte uma das destinações mais requisitadas para o turismo nordestino e, consequentemente, nacional.

Além do aumento dos dados relacionados ao turismo, verifica-se, dessa maneira, a não concentração desses investimentos em Natal, e sim a territorialização por outros municípios do litoral oriental.

Evidentemente os investimentos no sistema viário potiguar (estradas) e na ampliação do aeroporto Augusto Severo foram fundamentais para o desenvolvimento do sistema turístico natalense e potiguar. Ambos facilitaram conexões e interações espaciais, pois o turismo se concebe a partir do deslocamento de uma região à outra, e os elementos que permitem esse trânsito são cruciais espacialmente para a estruturação dessa atividade econômica.

Percebe-se, então, os investimentos do PRODETUR privilegiando as áreas litorais e em Natal foi, principalmente, o bairro de Ponta Negra o qual mais recebeu investimento. Nesse sentido houveram obras de saneamento neste bairro, a construção e reforma da Orla praia de Ponta Negra e, inclusive, investimentos na Via Costeira, voltados sempre aos elementos de infraestrutura, permitindo melhorar a circulação interna de Natal e externa a essa cidade. Além desses investimentos, na década de 1990 “com o objetivo de divulgar Natal como cidade turística, os operadores e agentes de viagens e outros empresários estiveram presentes em feiras internacionais, campanhas publicitárias e, ainda, 14 workshops e fan tours” (FURTADO, 2005, p.126). Tal ação resultou, de acordo com esta autora, em mais de 90 voos internacionais no ano 1994, além do estabelecimento da rota Milão/Roma/Natal.

Concomitante a esses investimentos, evidentemente, a urbanização turística não se faz apenas com a infraestrutura de vias de circulação e urbanização de praias criadas para o turismo. Os meios de hospedagem, também, são chaves, afinal, para a existência e recepção do fluxo turístico, são necessários alguns fixos, como as estadias. Estes, dessa maneira, redimensionam a atividade turística e dão a possibilidade de captar grandes quantidades de turistas que poderiam ir à Natal durante determinados períodos, principalmente na alta estação. O Mapa 09 e o Quadro 06 apresentam quais Meios de hospedagem se instalaram na cidade de Natal na década de 1990.

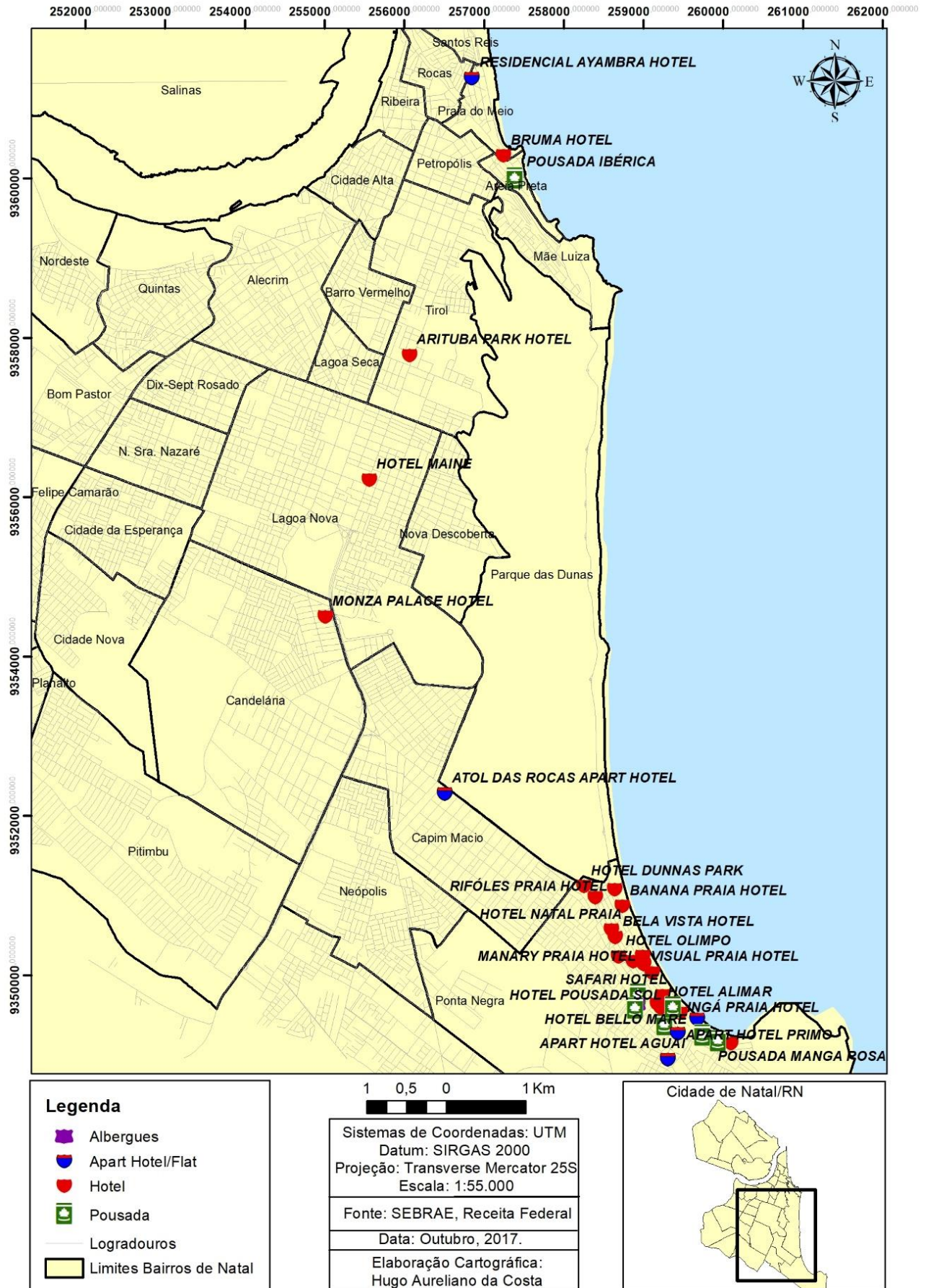
Quadro 06 – Meios de hospedagem Instalados em Natal na década de 90.

Nome	Tipo	UH's	Leitos	Bairro	Ano Fundação
1 - Atol Das Rocas Apart Hotel	Apart Hotel/Flat	36	101	Ponta Negra	1990
2 - Pousada Maria Bonita	Pousada	20	55	Ponta Negra	1990
3 - Hostel Verdes Mares	Albergues	12	50	Ponta Negra	1990
4 - Hotel Maine	Hotel	30	90	Lagoa Nova	1991
5 - Hotel Morro Do Careca	Hotel	27	62	Ponta Negra	1991
6 - Bruma Hotel	Hotel	25	64	Praia Dos Artistas	1991
7 - Arituba Park Hotel	Hotel	73	259	Tirol	1991

8 - Hotel Dunnas Park	Hotel	22	43	Ponta Negra	1992
9 - Pousada Manga Rosa	Pousada	16	45	Ponta Negra	1992
10 - Cabanas Apart Hotel	Apart Hotel/Flat	44	100	Ponta Negra	1993
11 - Hotel Bello Mare	Hotel	38	109	Ponta Negra	1994
12 - Natal Dunnas Hotel	Hotel	102	254	Ponta Negra	1994
13 - Pousada Aconchego	Pousada	9	41	Ponta Negra	1994
14 - Monza Palace Hotel	Hotel	63	148	Lagoa Nova	1995
15 - Banana Praia Hotel	Hotel	15	40	Ponta Negra	1995
16 - Bela Vista Hotel	Hotel	21	64	Ponta Negra	1995
17 - Ingá Praia Hotel	Hotel	24	64	Ponta Negra	1995
18 - Manary Praia Hotel	Hotel	24	65	Ponta Negra	1995
19 - Pizzato Praia Hotel	Hotel	63	156	Ponta Negra	1995
20 - Safari Hotel	Hotel	38	86	Ponta Negra	1995
21 - Pousada Castanheira	Pousada	10	35	Ponta Negra	1995
22 - Hotel Alimar	Hotel	29	93	Ponta Negra	1996
23 - Hotel Recanto Da Costeira	Hotel	27	98	Ponta Negra	1996
24 - Visual Praia Hotel	Hotel	136	379	Ponta Negra	1996
25 - Hotel Pousada Sol	Pousada	32	78	Ponta Negra	1996
26 - Pousada Ibérica	Pousada	11	26	Praia Do Meio	1996
27 - Hotel Olimpo	Hotel	98	226	Ponta Negra	1997
28 - Pousada Amazonacre	Pousada	14	42	Ponta Negra	1997
29 - Rifóles Praia Hotel	Hotel	204	609	Ponta Negra	1998
30 - Apart Hotel Aguai	Apart Hotel/Flat	15	40	Ponta Negra	1999
31 - Apart Hotel Primo	Apart Hotel/Flat	25	64	Ponta Negra	1999
32 - Divi Divi Praia Hotel	Hotel	34	93	Ponta Negra	1999
33 - Hotel Natal Praia	Hotel	24	55	Ponta Negra	1999
34 - Residencial Ayambra Hotel	Apart Hotel/Flat	30	100	Praia Do Meio	1999
TOTAL	34	1391	3834		

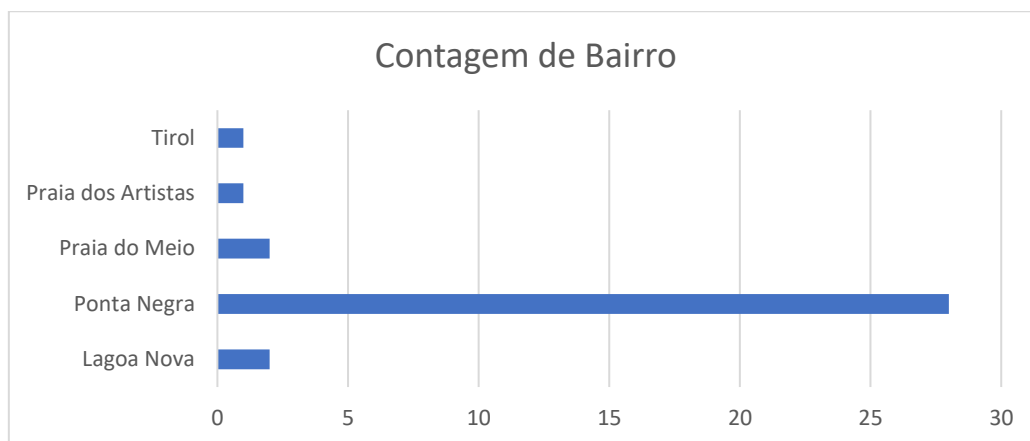
Fonte: Receita Federal, SEBRAE/RN e CADASTUR.

Mapa 09 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN nos Anos 1990



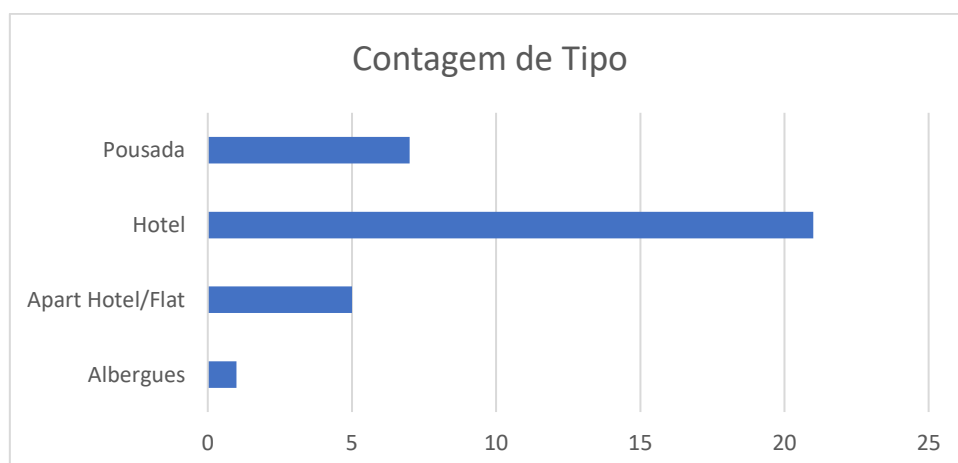
Analisando os dados apresentados, verifica-se que os novos empreendimentos hoteleiros inaugurados nos anos noventa são instalados, preferencialmente, em Ponta Negra e não na Via Costeira, como se observou na década anterior (Ver Mapas 08 e 09). O Gráfico 03 apresenta, de forma sucinta, como ficou distribuído, por bairros, a instalação dos meios de hospedagem em Natal.

Gráfico 03 - Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram durante a década de 90.



Além disso, como se percebe no Gráfico 04, as pousadas e Apart-hotel/flats passam a figurar com representatividade no tecido urbano natalense, fato este incipiente na década anterior.

Gráfico 04 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal nos anos 90.



Com essa quantidade de meios de hospedagem instalados, a composição da atividade turística natalense obteve o acréscimo de mais de 1391 unidades habitacionais e 3834 leitos. Portanto, a capital potiguar novamente aumenta a capacidade de hospedar turistas de maneira relevante durante os anos 90. O maior meio de hospedagem instalado em Natal/RN nessa

década nesse período foi o Rifóles Praia Hotel, localizado em Ponta Negra, com um total de 204 UH e 609 leitos.

No que diz respeito à dimensão dos demais meios de hospedagem implantados, temos:

- Entre 204 e 98 UH: Visual Praia Hotel, Natal Dunnas Hotel e Hotel Olimpo, todos em Ponta Negra;

- Entre 73 e 38 UH: o Arituba Park Hotel (Tirol); Monza Palace Hotel (Lagoa Nova); Pizzato Praia Hotel, Cabanas Apart Hotel, Hotel Bello Mare e Safari Hotel (Ponta Negra).

- Abaixo das 36 unidades habitacionais ficaram 24 meios de hospedagem, distribuídos da seguinte forma: 20 em Ponta Negra, 2 na Praia do Meio, 1 na Praia dos Artistas e 1 em Lagoa Nova. Destes são 1 Albergue, 4 Apart-Hotel/Flats, 12 hotéis e 7 pousadas.

Além disso, outro fato começa a chamar atenção, de acordo com os dados obtidos na Receita Federal: alguns proprietários dos meios de hospedagem passam a ser estrangeiros. Na Receita Federal há informações que se referem à nacionalidade do sócio majoritário declarado do empreendimento. Com essas informações percebeu-se que, nos anos 90, empresários procedentes de outros países começam a operar localmente:

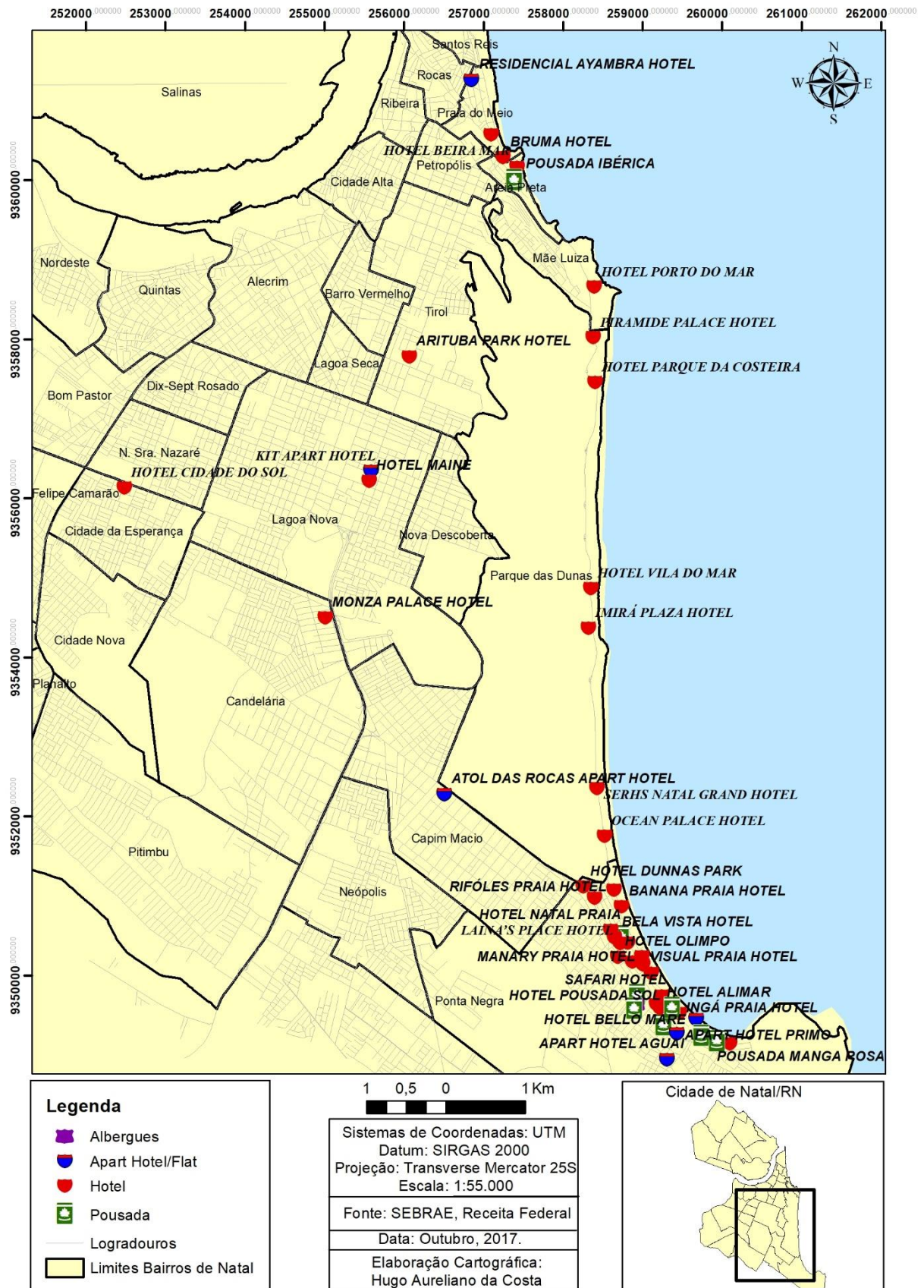
- Origem italiana: Apart Hotel Primo, Hotel Bello Mare e Manary Praia Hotel.

- Origem espanhola: Pousada Ibérica e o Hotel Morro do Careca

- Origem estadunidense: Pousada Castanheira

Com a implantação destes empreendimentos, verifica-se que o turismo vinha sendo lucrativo e começa a se internacionalizar neste período. O mapa 10 demonstra a espacialização dos meios de hospedagem em Natal até o final dos anos 90.

Mapa 10 – Distribuição Espacial dos Meios de hospedagem em Natal/RN no fim da Década de 1990.

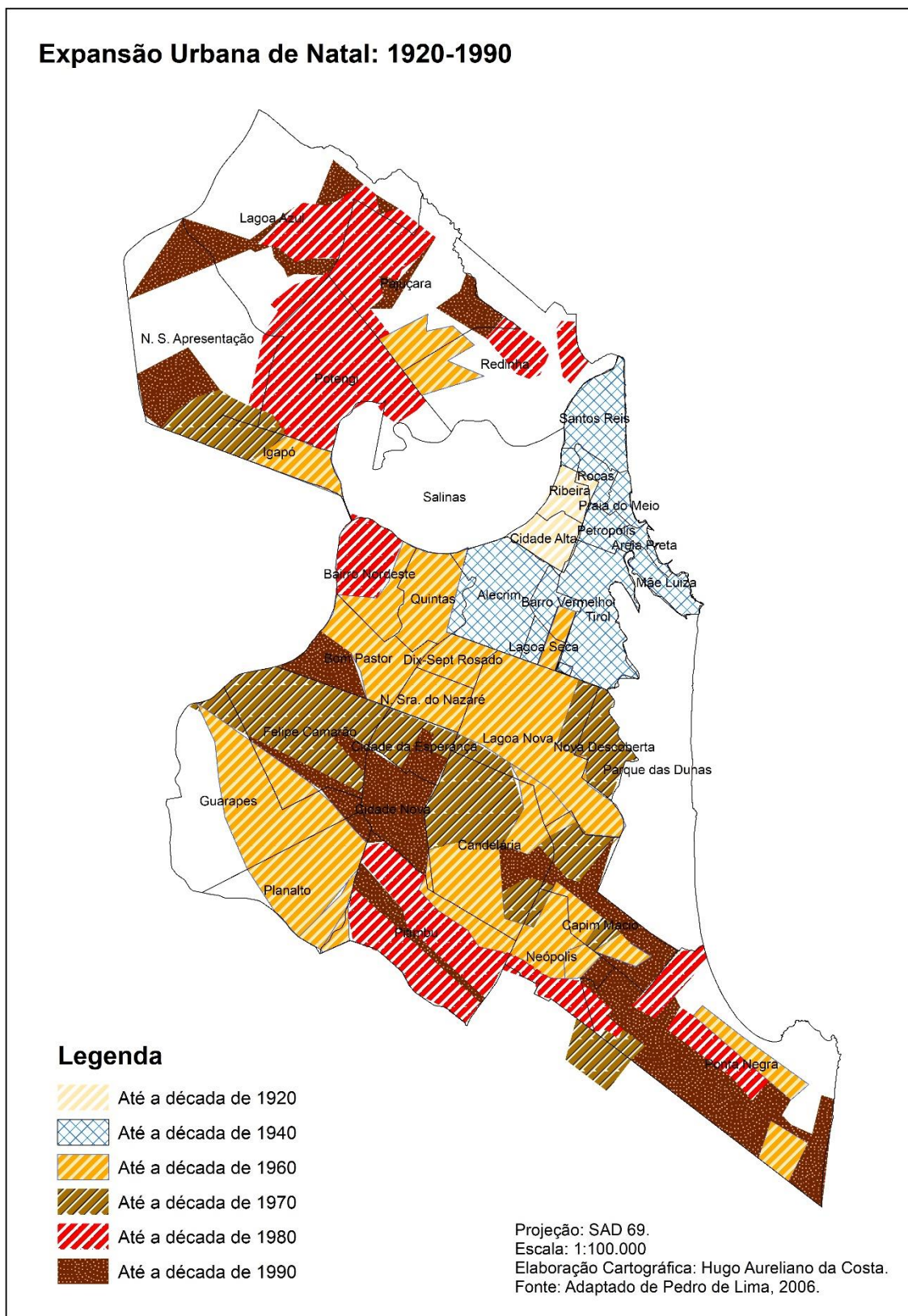


Dessa maneira verifica-se que, espacialmente, Natal apresenta MH distribuídos ao longo da faixa litorânea das Zonas Sul e Leste, com maior, evidentemente, quantidade desses empreendimentos no bairro de Ponta Negra. Além disso, estruturalmente, percebe-se hotéis sempre mais próximos à praia e as pousadas, ao contrário, são as mais distantes da zona de estirâncio, em Ponta Negra. Tal fato ocorre porque há diferentes graus de capital investidos na instalação de ambas, ficando, assim, para as Pousadas as áreas mais distantes da praia no principal bairro do turismo em Natal.

Assim, a instalação dos Meios de hospedagem em Natal direcionou, como se pode observar na comparação entre os Mapas 10 e 11, o crescimento urbano da capital potiguar para a Zona Sul, pois, conforme foi adaptado pelo Mapa do estudo de Pedro Lima (2006), Natal cresce, até o fim dos anos 90, influenciada pela valorização imobiliária ocasionada pelo turismo principalmente em direção à Ponta Negra.

Além disso, nesse período o PRODETUR I – RN se mostrou propício e fecundo para o aumento dos Meios de hospedagem a partir dos investimentos em infraestrutura, uma vez que Natal triplicou a quantidade de Meios de hospedagem nos anos 90 se comparado aos instalados na década de 80. Sendo assim, nota-se como o processo de urbanização turística não parou nos anos 1980, ao contrário, nos anos 1990 Natal elevou sua renda a partir do turismo e este se tornou uma atividade protagonista na composição do setor terciário dessa cidade. Por isso o Lopes Júnior afirma que “a urbanização turística é o resultado da entrada de Natal no mercado de paisagens turísticas. Ela se traduz na emergência de uma reorganização espacial da cidade, orientada para a produção de *lugares de consumo e o consumo de lugares*, voltados ao prazer” (2000, p. 48-49). E esse processo do turismo natalense se acentua, cada vez mais, em locais seletivos e de acordo com uma lógica, a do “sol e mar”.

Mapa 11 – Expansão Urbana de Natal: 1920 – 1990.



4.4 Meios de hospedagem em Natal/RN: Anos 2000

A atividade turística em Natal nos anos 90 se consolidava e os investimentos públicos estavam atraindo investimentos privados. A significativa instalação de meios de hospedagem estava ocorrendo de maneira intensa no tecido urbano natalense. Dessa maneira, Natal se consolidava como um destino turístico nacional, com infraestrutura propícia aos ditames do turismo e, portanto, obtendo protagonismo. As políticas públicas, assim, investiam em Natal e nas cidades limítrofes objetivando criar uma região turística no litoral oriental do Rio Grande do Norte.

A fim de atingir esses objetivos, o Governo do Estado do RN, no ano de 1998, elaborou um Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico, apoiado financeiramente pela EMBRATUR. Este plano definiu estratégias para o desenvolvimento do turismo no estado potiguar e, ao mesmo tempo, serviu de marco lógico para o PRODETUR II – RN. Dessa forma, o Plano previa o processo de interiorização do turismo, com investimentos nos principais municípios com interesse e potencial turístico, descentralizando, assim, os investimentos da atividade turística.

De acordo com a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Norte, em seu site²², “ao avaliar o PRODETUR/NE, o BID entendeu que os investimentos realizados pelos Estados na primeira fase do programa não foram suficientes para garantir a consolidação da atividade turística na região, propondo manter as áreas de investimentos dentro do mesmo espaço beneficiado, completando e complementando as ações”. Dessa forma, os estados se comprometeriam a elaborar novos Planos, dentro da área planejada que foi impactada pelos investimentos da primeira fase do Programa.

No ano de 2002 foram elaborados os Planos de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável – PDITS dos estados brasileiros. Esses plano se constituíram como orientadores básicos dos futuros investimentos na atividade turística, como, por exemplo, no estado potiguar, no que se refere ao poder público, bem como em relação a possíveis parcerias e investimentos do setor privado. Dessa maneira, o PDITS objetivava desenvolver o turismo de forma integrada e sustentável, associando à valorização da cultura, à preservação ambiental e a participação da comunidade na atividade turística, tendo como resultado a geração de emprego e renda.

²² Fonte: Disponível em <<http://natalbrasil.tur.br/setur/secretaria-de-turismo-do-rn/prodetur/>> Acesso em 22/10/2017.

No Estado do Rio Grande do Norte alguns Polos foram criados, a saber: Polo Costa Branca, Polo Seridó e Polo Costa das Dunas (PCD). Entre os polos turísticos, o PCD recebe o maior fluxo turístico e comporta um maior número de Meios de hospedagem, leitos e unidades habitacionais. No Polo Costa das Dunas²³, também, é onde se localiza Natal, como se percebe no Mapa 04, e, conseqüentemente, é o mais importante para o estado potiguar.

Resumindo, de acordo com as informações da SETUR/RN, o PDITS do Polo Costa das Dunas tratava acerca da descrição da área de Planejamento, justificada pelos resultados dos impactos da primeira fase do programa, apresentando um estudo referente a dinâmica socioeconômica da região, os seus aspectos ambientais, institucionais, de infraestrutura, a oferta turística, a demanda, as atrações e os produtos turísticos, o emprego, o setor privado, o gasto turístico, os investimentos do setor privado, os pontos fortes, os pontos fracos, os riscos e as oportunidades, a projeção da evolução e o plano de ação contendo as propostas a serem contempladas pelo PRODETUR/RN II.

Dessa forma, houve a continuação do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte. Com o grande sucesso do PRODETUR I em toda a região do nordeste brasileira, o Banco Interamericano de Desenvolvimento disponibilizou, para a continuidade do programa (PRODETUR II), um valor de US\$ 800 milhões, dos quais 60% foram diretamente financiados pelo BID, 20% dos governos federais e os outros 20% dos governos estaduais. Os estados do Rio Grande do Norte, da Bahia e de Sergipe foram escolhidos como amostras para a definição dos parâmetros do programa, uma vez que foram os únicos estados a apresentar seus Planos de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável, que tratavam a respeito de “completar e complementar” os resultados iniciados na primeira fase do programa, para garantir, assim, a consolidação e a sustentabilidade da atividade turística na região.

A segunda fase Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte (PRODETUR II – RN) privilegiou, além da infraestrutura, a formação e capacitação de empresários e gestores públicos que atuavam na atividade turística, para, assim, melhorar a qualificação profissional dos gestores do turismo no RN. Nesta segunda fase do programa foram incorporados novos municípios distribuídos ao longo do Polo Costa das Dunas: Natal,

²³ Além de Natal/RN, o Polo Costa das Dunas é composto pelas seguintes localidades: Arês, Baía Formosa, Canguaretama, Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Maxaranguape, Nísia Floresta, Parnamirim, Pedra Grande, Pureza, Rio do Fogo, São Gonçalo do Amarante, São José de Mipibu, São Miguel do Gostoso, Senador Georgino Avelino, Tibau do Sul, Touros e Vila Flor. Além desses municípios, as praias de Pipa, Genipabu, Maracajaú, Pirangi e Barra de Tabatinga também fazem parte desse polo.

Parnamirim, Nísia Floresta, Ceará-Mirim, Extremoz, Tibau do Sul (já englobados na primeira fase do programa), Maxaranguape, Rio do Fogo, Touros, São Miguel do Gostoso, Pedra Grande, São Gonçalo do Amarante, Senador Georgino Avelino, Arês, Canguaretama e Baía Formosa. Os investimentos necessários para esse programa giraram na ordem de US\$ 65 milhões.

Para atingir esses fins, as seguintes ações foram executadas:

- A urbanização da Orla da Redinha, com o valor total de R\$ 2,2 milhões;
- A elaboração do Plano Diretor de Esgotamento Sanitário de Natal cujo valor foi de R\$ 2,5 milhões;
- Ampliação do Centro de Convenções, que, por sua vez, custou aos cofres públicos a cifra de R\$ 10 milhões;
- Diagnóstico do Estudo da Oferta e da Demanda da Capacitação Profissional e Empresarial do Polo Costa das Dunas, totalizando mais de R\$ 97,8 mil;
- Elaboração do PDITS custou R\$ 200 mil;
- Fortalecimento da Gestão Municipal natalense - R\$ 56 mil;
- Elaboração dos Planos de Recuperação de Áreas Degradadas (4 trechos) e dos Projetos Executivos das Rodovias (2 trechos), em que custaram R\$ 570 mil;
- Elaboração do Plano de Manejo e Gestão APA Genipabu e de Bonfim/Guaraíras e Base Cartográfica de Bonfim/Guaraíras, em que foi gasto R\$ 1,1 milhões;
- Execução do projeto de Sinalização Turística, totalizando R\$ 74,1 mil;
- Rodovia Pipa/Sibaúma (com a proteção das falésias de Pipa), teve um gasto total superior a R\$ 1,68 milhões;
- Base Cartográfica do Polo, a fim de planejamento, teve um custo R\$ 10 milhões;
- Planos Diretores Municipais de Ceará-Mirim, Nísia Floresta e São Gonçalo do Amarante custaram R\$ 600 mil;
- Foram disponibilizados R\$ 3,4 milhões para Treinamento Empresarial e Capacitação da População Local;
- Reforma e urbanização das praias de Cotovelo, Pium e Pirangi – R\$ 21 milhões;

- Reforma e urbanização das Praias da Redinha e da Redinha Nova – R\$ 8,9 milhões;
- Reforma e urbanização em Tibau do Sul e Praia da Pipa, projeto executado com o total de R\$ 11 milhões;
- Implantação Sinalização Turística no litoral orientado, com o custo de R\$ 550 mil;
- Projetos Executivos de Urbanização das Orlas de Pirangi, Cotovelo, Tibau do Sul, Pitangui, Jacumã e Muriú; dentre outros investimentos.

Além desses investimentos, houve, também, a criação da Ponte Newton Navarro (figura 20), a qual liga a Zona Leste à Zona Norte de Natal. Esta Ponte foi construída com o objetivo de melhorar o fluxo de pessoas, valorizar e desenvolver a Zona Norte, bem como contribuir para a circulação entre Natal e o litoral norte do estado do potiguar.

Figura 20 – Ponte Newton Navarro, em 2017.



Fonte: PASPED.

De acordo com esses dados, então, percebe-se a intencionalidade do poder público de investir não tão somente em Natal/RN, e sim de expandir ainda mais as áreas prioritárias para receber investimentos públicos em outros municípios do litoral oriental, como se percebe nos maciços investimentos em cidades como Tibau do Sul, Parnamirim e nas praias dos litorais norte e sul. Dessa forma, Natal, na segunda fase do PRODETUR, não foi o único destino turístico a receber recursos, mas indiretamente esses investimentos seriam frutíferos à capital potiguar, pois se o Polo Costa das Dunas desenvolvesse turisticamente, Natal aumentaria o seu

fluxo turístico por ser a porta de entrada desses turistas. E isso é o que ocorre. Com os investimentos em infraestrutura e na área administrativa, os outros destinos turísticos da região oriental do estado potiguar passam, também, a receber (mais) turistas, devido a sua infraestrutura e, inclusive, como mostra Fonseca (2007), a receber investimentos privados internacionais.

Embora a metodologia do IBGE e da antiga EMPROTUR/RN sejam diferentes, o quadro 07 apresenta a evolução do fluxo turístico para Natal.

Quadro 07 – Fluxos Turistas em Natal dos anos de 1987 a 2010.

Especificações	1987	1990	1993	2001	2005	2010	% 87-10
Fluxo Total de Turistas para Natal/RN	112.779	115.288	205.561	291.095	402.828	554.158	494%

Fonte: Adaptado de Cruz (1995) e EMPROTUR/RN (1994); IBGE.

Dessa maneira, como se percebe no Quadro 07, o ano de 1987, após a inauguração dos hotéis na Via Costeira, Natal recebia um fluxo de 112.779 turistas anuais. Até 1990 esse número se mantém estagnado, mas em 1993 há um aumento considerável que gira em torno de 80% se comparado a 1990, chegando a mais de 200 mil turistas em 1993. Após esse ano e com os investimentos do PRODETUR/RN I, no ano de 2001 Natal recebe o montante de 291.095 turistas, aumentando em, praticamente, 50% do total, caso compare com os dados de 8 anos atrás.

Com o sucesso do PRODETUR/RN I e início da segunda fase deste programa, o número de turistas continua elevando-se em números consideráveis, chegando a mais de 402 mil turistas anuais em 2005 e, em 2010, a 554.158. Esse sucesso do turismo se deve, principalmente, aos investimentos públicos e privados no território com a inserção de elementos técnicos (sistemas de engenharias) necessários para o desenvolvimento da atividade.

Assim, a magnitude dos investimentos públicos criou uma região turística centralizada em Natal, isto é, o litoral oriental dotado de elementos técnicos para comportar o fluxo desses turistas com um nó claro. Devido também a isso e as duas fases do PRODETUR é que na década de 2000 houve a maior quantidade de instalação de Meios de hospedagem no tecido urbano natalense.

De acordo com os dados levantados na pesquisa realizada pelo SEBRAE/RN em 2013, dados do CADASTUR, do Ministério do Turismo e da Receita Federal, durante a década de

2000 mais de 66 Meios de hospedagem iniciaram suas atividades – Quadro 08. No Mapa 12 temos a distribuição espacial dos Meios de hospedagem inaugurados em Natal na década de 2000.

Quadro 08 – Meios de hospedagem Instalados em Natal na década de 2000.

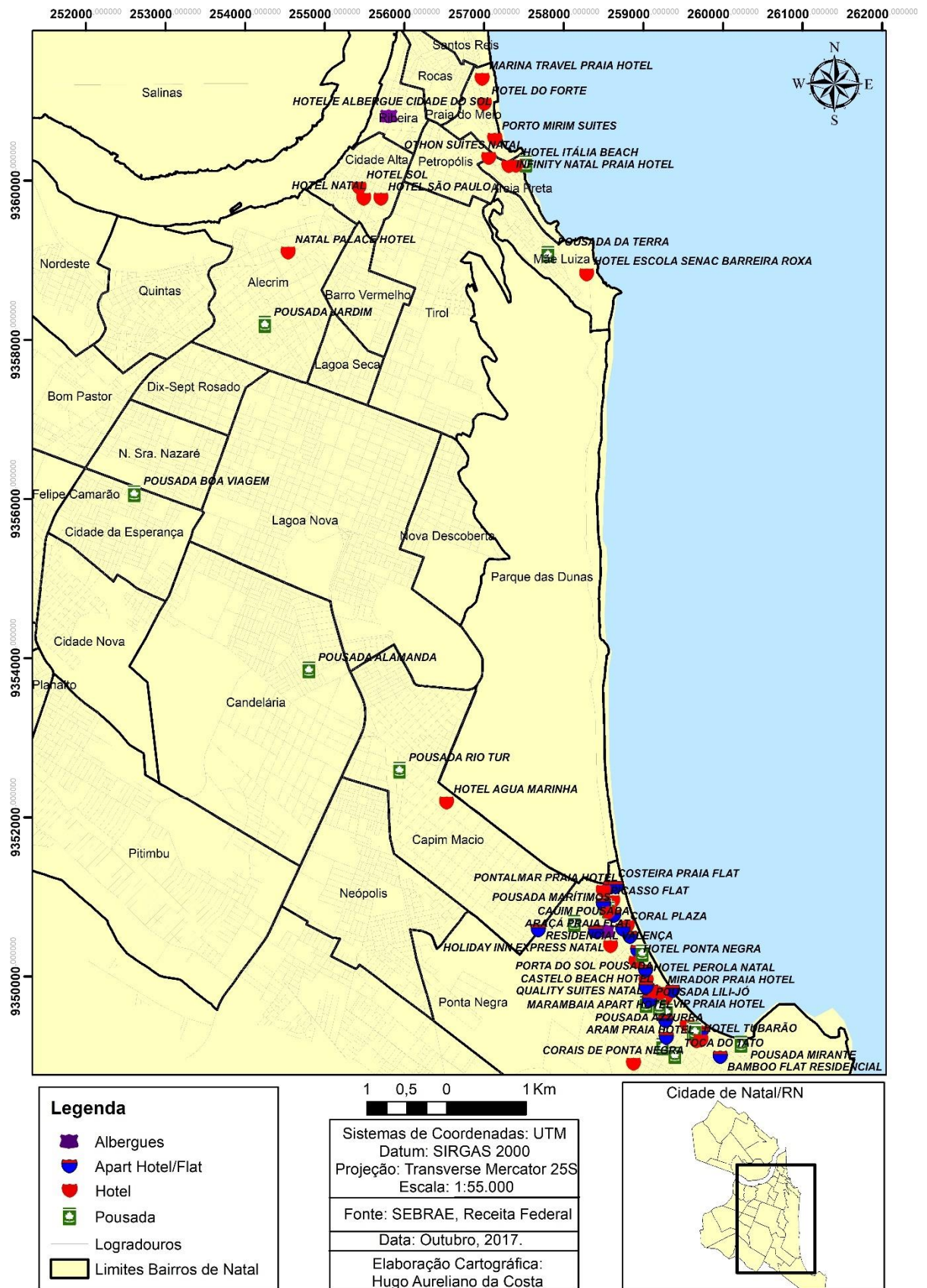
Nome	Tipo	UH's	Leitos	Bairro	Ano Fundação
1 - Atlântico Flat Service	Apart Hotel/Flat	32	96	Ponta Negra	2000
2 - Costeira Praia Flat	Apart Hotel/Flat	38	114	Ponta Negra	2000
3 - Flat Elegance Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	39	104	Ponta Negra	2000
4 - Corais De Ponta Negra	Hotel	19	83	Ponta Negra	2000
5 - Esmeralda Praia Hotel	Hotel	234	490	Ponta Negra	2000
6 - Pousada Ventos Do Mar	Pousada	10	30	Ponta Negra	2000
7 - Pousada Da Terra	Pousada	21	71	Capim Macio	2001
8 - Pousada Boa Viagem	Pousada	25	52	Cidade Da Esperança	2001
9 - Hotel Perola Natal	Hotel	29	174	Ponta Negra	2001
10 - Aquamarina Praia Hotel	Hotel	18	49	Ponta Negra	2001
11 - Costa Do Atlântico Hotel	Hotel	72	178	Ponta Negra	2001
12 - Pousada Marítimos	Pousada	18	51	Ponta Negra	2001
13 - Pousada Recanto Das Jangadas	Pousada	16	43	Ponta Negra	2001
14 - Natal Palace Hotel	Hotel	36	107	Alecrim	2002
15 - Hotel Agua Marinha	Hotel	37	109	Capim Macio	2002
16 - Hotel Natal	Hotel	52	124	Cidade Alta	2002
17 - Bamboo Flat Residencial	Apart Hotel/Flat	10	42	Ponta Negra	2002
18 - Marambaia Apart Hotel	Apart Hotel/Flat	13	40	Ponta Negra	2002
19 - Hotel Pousada Brisa Do Morro	Hotel	15	45	Ponta Negra	2002
20 - Vip Praia Hotel	Hotel	40	120	Ponta Negra	2002
21 - Pousada Azzurra	Pousada	32	66	Ponta Negra	2002
22 - Toca Do Tato	Pousada	11	44	Ponta Negra	2002
23 - Apart Hotel Casa Grande	Apart Hotel/Flat	18	54	Ponta Negra	2003
24 - Pousada Lili-Jó	Pousada	6	24	Ponta Negra	2003
25 - Pousada Recanto Das Flores	Pousada	10	24	Ponta Negra	2003
26 - Albergue Da Costa Hostel	Albuergues	8	29	Ponta Negra	2003
27 - Hotel Do Forte	Hotel	23	79	Praia Do Meio	2003
28 - Quality Suites Natal	Apart Hotel/Flat	134	325	Ponta Negra	2004
29 - Castelo Beach Hotel	Hotel	17	36	Ponta Negra	2004
30 - Hotel Ponta Negra	Hotel	46	104	Ponta Negra	2004

31 - Hotel Tubarão	Hotel	20	76	Ponta Negra	2004
32 - Porta Do Sol Pousada	Pousada	17	59	Ponta Negra	2004
33 - Pousada Terra De Minas	Pousada	16	48	Ponta Negra	2004
34 - Infinity Natal Praia Hotel	Hotel	165	437	Praia Dos Artistas	2004
35 - Marina Travel Praia Hotel	Hotel	46	150	Praia Do Meio	2004
36 - Hotel Escola Senac Barreira Roxa	0	52	158	Via Costeira	2004
37 - Pousada Rio Tur	Pousada	24	65	Capim Macio	2005
38 - Araçá Praia Flat	Apart Hotel/Flat	41	156	Ponta Negra	2005
39 - Blue Marlin Apartments	Apart Hotel/Flat	26	64	Ponta Negra	2005
40 - Ponta Negra Beach Residence	Apart Hotel/Flat	73	163	Ponta Negra	2005
41 - Flat Pousada Da Praia	Apart Hotel/Flat	16	48	Ponta Negra	2005
42 - Mirador Praia Hotel	Hotel	29	116	Ponta Negra	2005
43 - Pousada Jardim	Pousada	42	164	Alecrim	2006
44 - Picasso Flat	Apart Hotel/Flat	12	36	Ponta Negra	2006
45 - Apart Hotel Residence Vespucci	Apart Hotel/Flat	25	75	Ponta Negra	2006
46 - Terrazo Ponta Negra Flat	Apart Hotel/Flat	33	99	Ponta Negra	2006
47 - Varandas De Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	54	208	Ponta Negra	2006
48 - Residencial Valença	Apart Hotel/Flat	58	120	Ponta Negra	2006
49 - Holiday Inn Express Natal	Hotel	160	320	Ponta Negra	2006
50 - Pontalmar Praia Hotel	Hotel	75	207	Ponta Negra	2006
Hotel Pousada Maravista	Pousada	14	35	Ponta Negra	2006
51 - Pousada E Locadora Ondas Do Mar	Pousada	15	40	Praia De Areia Preta	2006
52 - Porto Mirim Suites	Hotel	105	330	Praia Do Meio	2006
53 - Hotel São Paulo	Hotel	46	83	Cidade Alta	2007
54 - Coral Plaza	Apart Hotel/Flat	103	206	Ponta Negra	2007
55 - Apart Hotel Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	11	44	Ponta Negra	2007
56 - Hotel Praia De Ponta Negra	Hotel	15	34	Ponta Negra	2007
57 - Pousada Alamanda	Pousada	14	48	Candelária	2008
58 - Hotel Sol	Hotel	56	127	Cidade Alta	2008
59 - Othon Suítes Natal	Hotel	99	200	Petrópolis	2008
60 - Littoral Maximum Flat	Apart Hotel/Flat	78	468	Ponta Negra	2008
61 - Aram Praia Hotel	Hotel	70	160	Ponta Negra	2008
62 - Cauim Pousada	Pousada	9	29	Ponta Negra	2008
63 - Hotel Itália Beach	Hotel	42	97	Praia Do Meio	2008

64 - Hotel E Albergue Cidade Do Sol	Albuergues	30	74	Ribeira	2008
65 - Pousada Mirante	Pousada	21	52	Ponta Negra	2009

Fonte: Receita Federal, SEBRAE/RN e CADASTUR

Mapa 12 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN na década de 2000



Conforme se observa no Mapa 12 e no Quadro 08, Ponta Negra continua sendo o bairro em Natal com a maior quantidade de Meios de hospedagem instalados, com um total de 47 unidades. Neste período merece destaque o crescimento dos Apart-Hotéis/Flats (gráfico 06), uma nova modalidade de meios de hospedagem. Verifica-se também a implantação de meios de hospedagem em outros bairros de Natal: Alecrim: 2 (uma pousada e um hotel); Capim Macio (3 pousadas); Praia do Meio e Cidade Alta (3 hotéis por bairro); Cidade da Esperança, Ribeira, Praia dos Artistas, Via Costeira, Praia de Areia Preta, Candelária e Petrópolis (1 MH por bairro). O Gráfico 05 explana os bairros e a quantidade de meios de hospedagem instalados em Natal, nesse período.

Gráfico 05 – Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram durante a década de 2000.

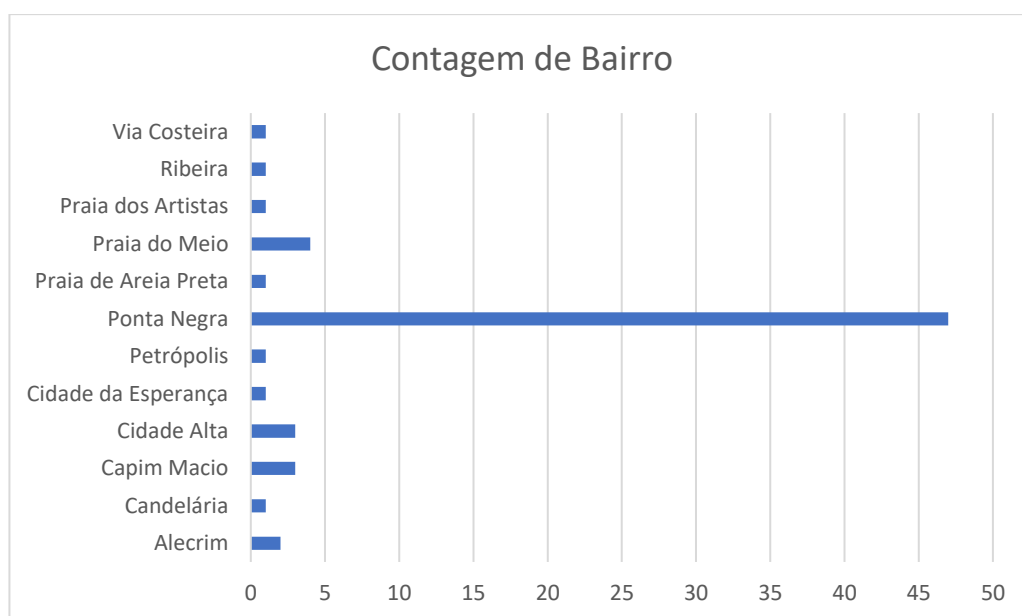
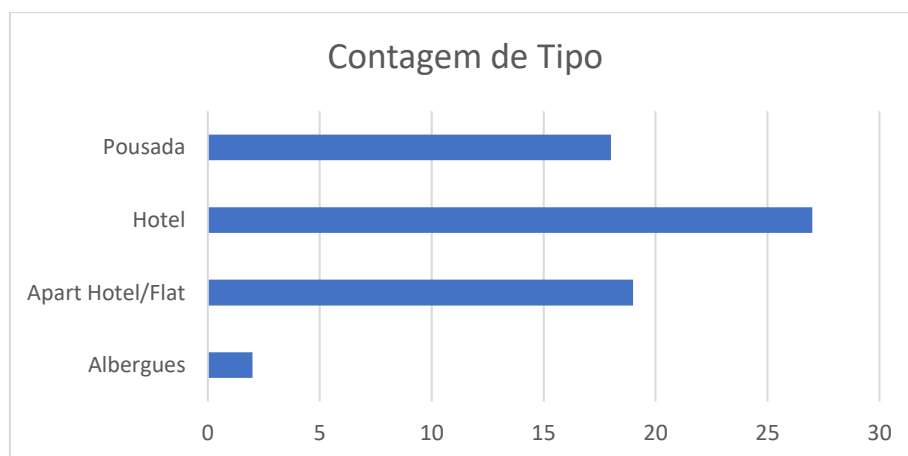


Gráfico 06 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal nos anos 2000.



Com essa quantidade de meios de hospedagem instalados, a composição da atividade turística natalense obteve o acréscimo de mais de 2791 unidades habitacionais e 7703 leitos. Ou seja, Natal aumenta a quantidade de leitos para hospedagem de maneira considerável, tendo em vista que, a cada ano, como se percebe no Quadro 08, o número de turistas aumentava substancialmente. O acréscimo de leitos, a partir desses MH, é crucial para a hospedagem dos visitantes na capital potiguar. O maior meio de hospedagem instalado em Natal/RN na década de 2000 foi o Esmeralda Praia Hotel, localizado em Ponta Negra, com uma quantidade de 234 UH e 490 leitos. Com relação à dimensão dos demais meios de hospedagem implantados, temos:

- Entre 243 e 100 UH: Infinity Natal Praia Hotel (Praia dos Artistas); Holiday Inn Express, Quality Suítes Hotéis, Coral Plaza (Ponta Negra); Porto Mirim Suítes (Praia do Meio);
- Entre 99 e 50 UH: o Hotel Othon (Petrópolis); Littoral Maximum Flat, Pontalmar Praia Hotel, Ponta Negra Beach Residence, Costa do Atlântico Hotel, Aram Praia Hotel, Hotel Natal, Varandas de Ponta Negra, Residencial Valença (Ponta Negra); Hotel Escola Senac Barreira Roxa (Via Costeira) e o Hotel Sol (Cidade Alta);
- Abaixo das 50 unidades habitacionais ficaram 49 unidades, distribuídos da seguinte forma: 36 em Ponta Negra, 3 em Capim Macio, 3 na Praia do Meio, 2 no Alecrim, 1 na Cidade da Esperança, 1 em Areia Preta, 1 na Candelária e 1 na Ribeira. Destes são 2 albergues, 13 Apart-Hotel/Flats, 16 hotéis e 18 pousadas.

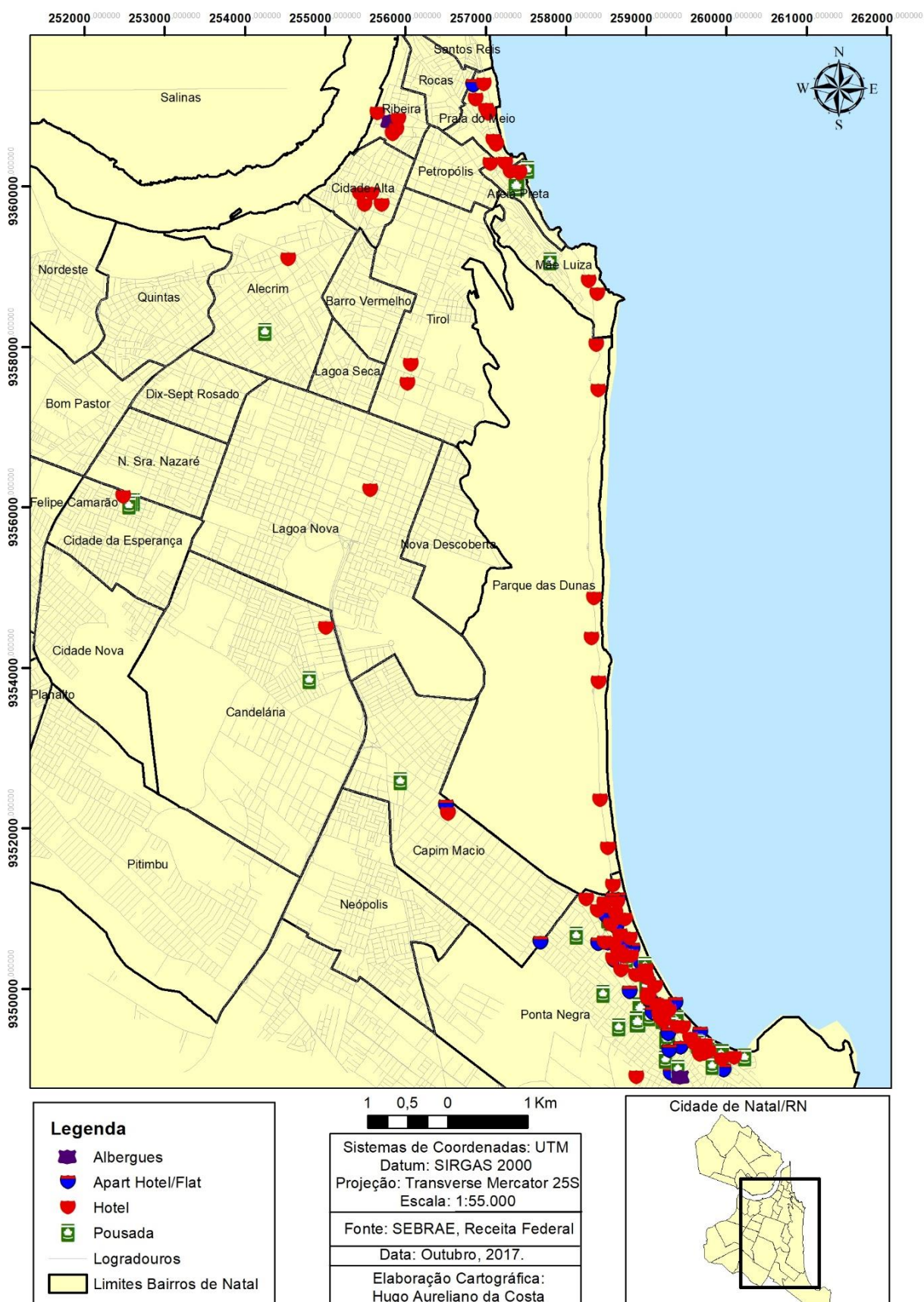
No que se refere à origem do seu capital investidos dos meios de hospedagem no período enfocado, segue a tendência da década de noventa, isto é, verifica-se o aumento de inversores de origem estrangeira:

- Origem italiana: Esmeralda Praia Hotel, Bamboo Flat Residencial, Mirador Praia Hotel e Hotel Pousada Azzurra;
- Origem gilbratana: o Coral Plaza, Apart-Hotel/Flat;
- Origem norueguesa: Hotel Pérola;
- Origem espanhola: Residencial Valença;
- Origem estadunidense: Quality Suítes Hotel.

Assim, percebe-se como, cada vez mais, empresários de vários países estão procurando investir em Natal e a década de 2000 foi um período importante neste processo de

internacionalização do turismo local. O Mapa 13 demonstra, então, como ficou, ao fim da década de 2000, a quantidade de Meios de hospedagem no tecido urbano natalense.

Mapa 13 – Distribuição Espacial dos Meios de hospedagem em Natal/RN no fim da Década de 2000.



Portanto, a década de 2000 para Natal foi um período extremamente importante no desenvolvimento e consolidação da atividade turística. Os investimentos dos Programas de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte, como explicitado anteriormente, eleva a quantidade de turistas a um fluxo, em 2010, de mais de 500 mil visitantes anuais, com uma malha de Meios de hospedagem acima de 115 empreendimentos. A década de 2000 torna-se indispensável por, além de duplicar o fluxo turístico, também, praticamente, dobrar a quantidade de meios de hospedagem, demonstrando, assim a ascensão do mercado turístico em Natal.

Além disso, identifica-se em Natal e em outras cidades do litoral oriental, de acordo com Fonseca (2007), investimentos de ordem internacional. Esse processo de internacionalização, segundo esta autora, corrobora com a ideia de que Natal se apresentava como uma cidade fecunda para o turismo. Porém, assim como com as questões organizacionais da segunda fase do PRODETUR/RN e do PDTIS, há investimentos em cidades limítrofes à Natal e próximas, no litoral. Esses investimentos desenvolvem o Polo Costa das Dunas como uma região turística, e Natal torna-se o principal destino turístico desse Polo, pois concentra a maior parte do fluxo turístico, dos Meios de hospedagem e, mesmo, das agências de viagens.

Por isso o desenvolvimento do turismo em outras cidades do litoral indiretamente também desenvolve Natal. Como se percebe no Mapa 13, ao fim da década de 2000, mais precisamente em 2009, Natal tinha uma malha complexa de Meios de hospedagem, estando estes em todo o litoral das Zonas Leste e Sul, em outros bairros como Ribeira, Alecrim, Cidade da Esperança, Cidade Alta, mas concentrando-se, de forma intensa, em Ponta Negra. É este bairro, assim, o protagonista do turismo na cidade de Natal, pois, do total de 115, 79 estabelecimentos encontravam-se em Ponta Negra, o que representa 68,69% do total existente, além dos outros localizados na Via Costeira, próximos à Ponta Negra (Ver Mapa 13).

No ano de 2008 houve a crise imobiliária norte-americana e inglesa que se tornou mundial (HARVEY, 2011), acarretando em diminuição do PIB mundial e, consequentemente, na diminuição do poder aquisitivo de estrangeiros provindos de países centrais. Esse fato redimensiona as atividades econômicas em nível global. O turismo, dessa forma, é impactado por essa crise, diminuindo o fluxo internacional em Natal e no mercado nacional.

4.5 Meios de hospedagem em Natal: 2010 Aos Dias Atuais

Em meio à crise Mundial de 2007/2008 e os efeitos gerados pelo decréscimo do Produto Interno Bruto Mundial (PIB), novas redefinições espaciais começam a existir, além de políticas, nos países desenvolvidos, principalmente, para salvar grandes empresas atingidas por essa crise²⁴. Evidentemente, como consequência, os investimentos do setor imobiliário cessaram durante os primeiros anos pós-crise, inclusive com a diminuição, nesse período, do fluxo turístico internacional, conforme aponta a OMT²⁵.

O Brasil, após a Crise de 2008, novamente, aposta em grandes projetos para dinamizar a economia e tentar diminuir os efeitos dessa crise. Para isso, estabelece parâmetros e cria o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no ano de 2007. Este programa teve como objetivo retomar o planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável. De acordo com o próprio site oficial do PAC, sobre este, ele “teve importância fundamental para o país durante a crise financeira mundial entre 2008 e 2009, garantindo emprego e renda aos brasileiros, o que por sua vez garantiu a continuidade do consumo de bens e serviços, mantendo ativa a economia e aliviando os efeitos da crise sobre as empresas nacionais.”²⁶

O PAC finaliza a sua primeira fase no ano 2011 e neste mesmo ano entra na segunda fase. Nesta continua o mesmo pensamento estratégico, porém com maior quantidade de recursos e parcerias entre os estados, o governo federal e municípios. Antes disso, no ano de 2007, o Brasil foi eleito para sediar a Copa do Mundo de futebol (soccer) do ano de 2014. Assim, o PAC passa a se integrar, também, às obras estruturantes para as cidades-sede da Copa do Mundo de 2014.

Em 31 de Maio de 2009, dezoito cidades brasileiras se candidataram objetivando sediar partidas da Copa do Mundo e, conseqüentemente, receber demasiados investimentos da União devido a esse megaevento. As cidades, assim, viam uma oportunidade de expandir o turismo com criação de infraestrutura e o marketing/divulgação que esse evento iria trazer para as cidades-sedes dos jogos da Copa do Mundo. Porém, das 18 candidatas, foram 12 escolhidas. Neste dia foram eleitas as seguintes cidades-sede da Copa do Mundo: Manaus/AM, Cuiabá/MS, Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG,

²⁴ Fonte: Disponível em </ <https://jornalggn.com.br/noticia/a-crise-de-2008-como-washington-salvou-wall-street-por-motta-araujo> />. Acesso em 22/10/2017.

²⁵ Fonte: Disponível em </ <http://www.unric.org/pt/actualidade/22157> />. Acesso em 22/10/2017.

²⁶ Fonte: Disponível em <\ <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac> />. Acesso em 22/10/2017.

Brasília/DF, Salvador/BA, Recife/PE, Fortaleza/CE e Natal/RN. Como se pode ver, esta última, a capital potiguar, que já havia recebido investimentos, nos anos 1980, do EMBRATUR, e nos anos 1990 e 2000 das duas fases do PRODETUR/NE, agora estaria recebendo investimentos do PAC, por causa da Copa do Mundo, e mais uma vez teria a construção de obras com cunho logístico, de infraestrutura, de saneamento etc.

Como justificativa para a escolha de Natal como sede da Copa do Mundo, um fator relacionado ao turismo foi primordial, pois, de acordo com Figueiredo,

o governo federal apresentou duas justificativas técnicas para a escolha de Natal como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014. Uma dessas justificativas foi a localização geográfica já que Natal é a cidade mais próxima da Europa, o que facilita o tráfego aéreo internacional. A estrutura hoteleira da capital potiguar também contribuiu para a sua inserção como uma das sedes da FIFA já que a cidade conta com uma disponibilidade de 28 mil leitos, sendo uma das maiores redes hoteleiras do país. Às duas justificativas técnicas, agregamos uma política que, no nosso entendimento, foi preponderante para a escolha de Natal como uma das sedes do megaevento. (2013, p.8)

Portanto, além do fator locacional sempre importante para Natal, a estrutura dos meios de hospedagem (ver **Mapas 7, 9, 10, 10, 12 e 13**) contribuiu para a escolha de sediar este evento devido, também, a sua capacidade de leitos. Assim, mais investimentos estruturantes ocorreriam para essa atividade e, conseqüentemente, poderiam dinamizar os fluxos da circulação da atividade turística a partir de Natal, tendo em vista que em junho de 2014 o mundo “voltaria seus olhos” à capital potiguar, por causa da importância desse megaevento.

Como investimento central para a Copa do Mundo, inicialmente, houve a demolição e substituição do antigo estádio Machadão e do ginásio Machadinho para a construção da Arena das Dunas, que, por sua vez, custou 423 milhões de reais. Além do Arena das Dunas, várias outras obras, financiadas pelo PAC, aconteceram, a saber:

- A construção do Terminal de Passageiros e Reforma do Porto de Natal, no bairro das Rocas;
- A construção do Aeroporto Augusto Severo, no município de São Gonçalo do Amarante, e parte das obras de acesso para o aeroporto;
- Prolongamento da Avenida Prudente de Moraes;
- Viaduto na BR-101 nas proximidades da Arena das Dunas e outro na cidade de Parnamirim;

- Parte do sistema de drenagem da Arena das Dunas, para ligar o sistema de drenagem da Zona Sul de Natal à Zona Oeste;
- O Complexo Viário Dom Eugênio Sales, na Zona Oeste;
- Binários das Avenidas Jerônimo Câmara e Mor Gouveia;
- Sistema de Esgotamento Sanitário dos Bairros de Tirol, Lagoa Nova, Nova Descoberta e do Parque das Dunas;
- Obra do Viaduto do Baldo;
- Reforma das Orlas de Ponta Negra e da Praia de Areia Preta.

Assim, como Harvey (1996) afirma, verifica-se o Estado empreendedor investindo em grandes obras de infraestrutura e em grandes eventos para dinamizar economicamente a cidade, principalmente nas áreas consideradas primordiais para o setor privado, nos períodos de crise. Dessa maneira, mais uma vez, com a Crise de 2008 e a Copa do Mundo de 2014, Natal se viu diante dessa lógica e, com o apoio de recursos vindo da União, investiu na logística, com grandes obras de acesso em algumas das principais avenidas da cidade. Dessa forma, antigas formas foram demolidas para a entrada de novos objetos com novos conteúdos e a cidade, assim, passa por um processo de renovação urbana.

Com os meios de hospedagem, consequentemente, não seria diferente. A renovação urbana que existe a partir da infraestrutura também atrai a instalação desses fixos do turismo. Entretanto, diferentemente da década dos anos 2000, a qual houve a instalação de mais de 66 empreendimentos do setor de hospedagem, no período compreendido entre 2010 a 2017 apenas 27 MH foram instalados no tecido urbano natalense, devido, também, a desaceleração econômica mundial e nacional, mesmo com a Copa do Mundo de 2014 indo em contramão a essa lógica. O Mapa 14 e o Quadro 09 apresentam quais Meios de hospedagem foram instalados em Natal/RN a partir do ano de 2010 até o ano de 2017.

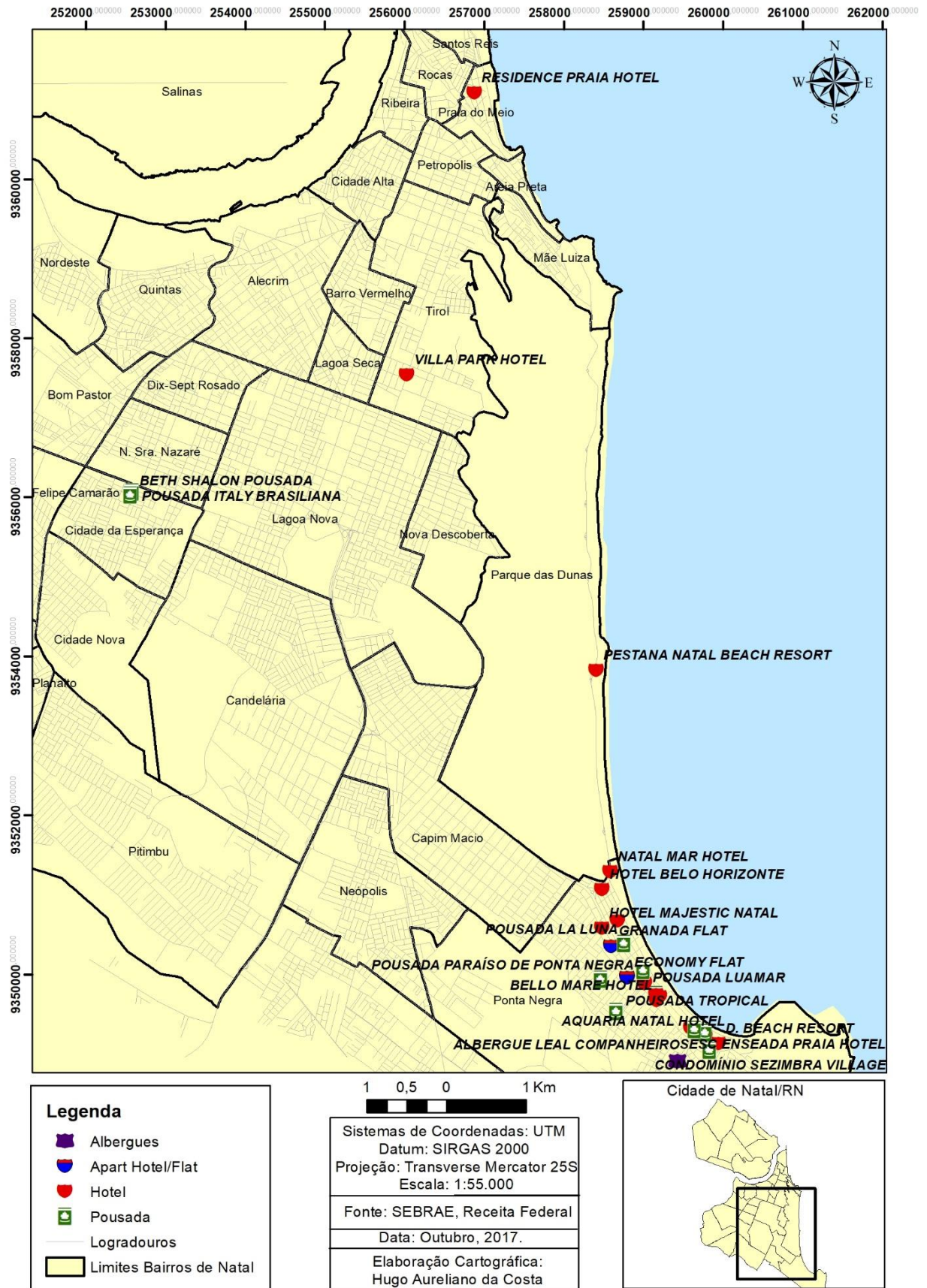
Quadro 09 – Meios de hospedagem Instalados em Natal entre os anos de 2010 e 2017.

Nome	Tipo	UH's	Leitos	Bairro	Ano Fundação
1 - Granada Flat	Apart Hotel/Flat	34	76	Ponta Negra	2010
2 - Aquaria Natal Hotel	Hotel	89	202	Ponta Negra	2010
3 - D. Beach Resort	Hotel	179	421	Ponta Negra	2010
4 - Nobiles Suites Ponta Negra Beach	Hotel	73	150	Ponta Negra	2010
5 - Sesc Enseada Praia Hotel	Hotel	50	130	Ponta Negra	2010

6 - Pousada Olho De Tigre	Pousada	10	25	Ponta Negra	2010
7 - Pestana Natal Beach Resort	Hotel	188	443	Via Costeira	2010
8 - Hotel Majestic Natal	Hotel	135	250	Ponta Negra	2011
9 - Ponta Do Sol Praia Hotel	Hotel	101	235	Ponta Negra	2011
10 - Condomínio Sezimbra Village	Pousada	18	72	Ponta Negra	2011
11 - Villa Park Hotel	Hotel	88	189	Tirol	2011
12 - Pousada Italy Brasileira	Pousada	18	35	Cidade Da Esperança	2012
13 - Solar Tropical Hotel	Hotel	22	57	Ponta Negra	2012
14 - Pousada Tropical	Pousada	14	30	Ponta Negra	2012
15 - Beth Shalon Pousada	Pousada	18	36	Cidade Da Esperança	2013
16 - Bello Mare Hotel	Hotel	114	282	Ponta Negra	2013
17 - Albergue Leal Companheiro	Albergues			Ponta Negra	2013
18 - Residence Praia Hotel	Hotel	117	264	Praia Do Meio	2013
19 - Natal Mar Hotel	Hotel	154	336	Via Costeira	2014
20 - Economy Flat	Apart Hotel/Flat	30	120	Ponta Negra	2015
21 - Hotel Belo Horizonte	Hotel	26	68	Ponta Negra	2015
22 - Hotel Enseada De Ponta Negra	Hotel	22	44	Ponta Negra	2015
23 - Pousada Luamar	Pousada	8	20	Ponta Negra	2015
24 - Pousada Hotel America Do Sol	Pousada	13	54	Ponta Negra	2015
25 - Pousada Paraíso Del Dourado	Pousada	7	27	Ponta Negra	2015
26 - Pousada Paraíso De Ponta Negra	Pousada	13	39	Ponta Negra	2015
27 - Pousada La Luna	Pousada	13	36	Ponta Negra	2016

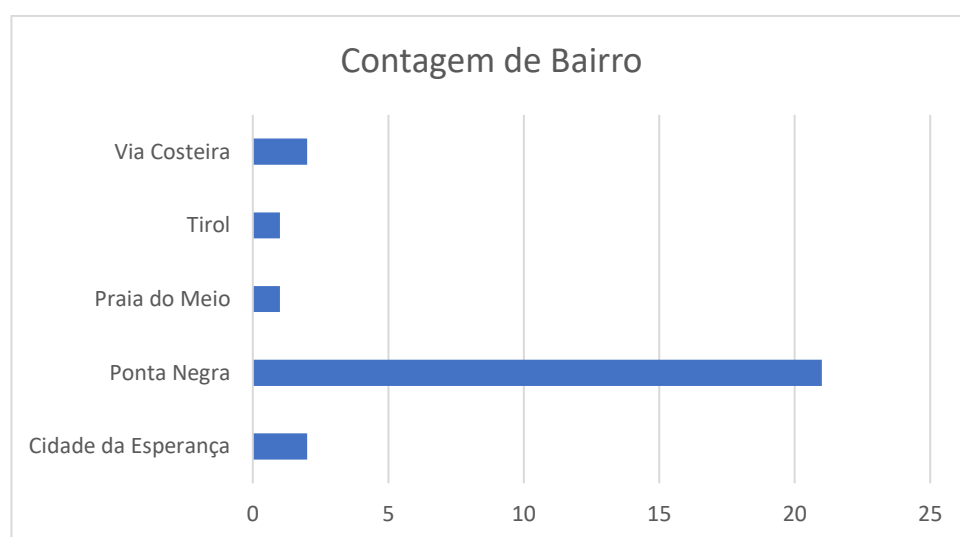
Fonte: Receita Federal, SEBRAE/RN e CADASTUR

Mapa 14 – Meios de hospedagem Instalados em Natal/RN durante os anos de 2010 a 2017.



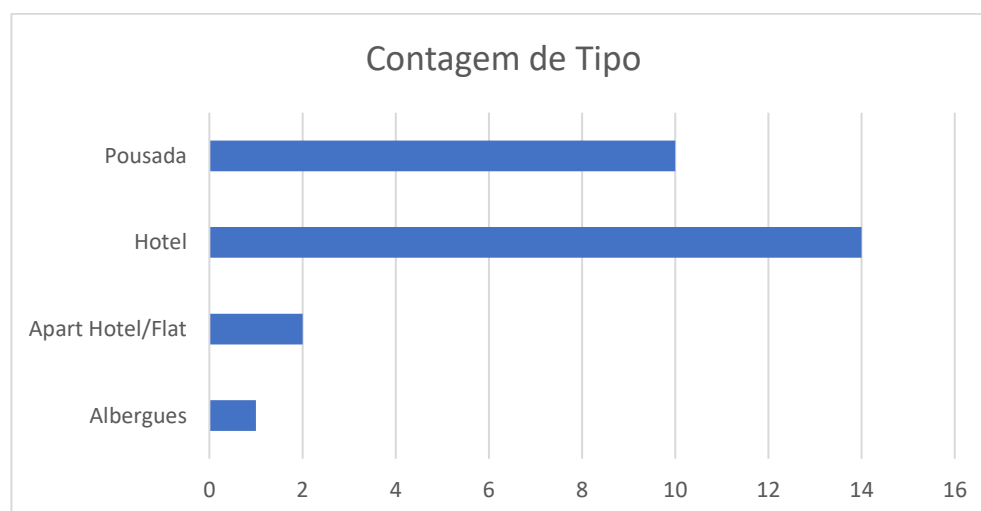
Observando a territorialização dos Meios de hospedagem em Natal a partir de 2010, conforme demonstra o Quadro 09 e o Mapa 14, verifica-se, novamente, que o padrão de instalação desses fixos é o mesmo dos anos 1980 até 2017. O bairro de Ponta Negra continua, com 21 Meios de hospedagem instalados (gráfico 07), sendo o local com a maior concentração a de Meios de hospedagem. Na Via Costeira, com a construção de dois hotéis, e na Cidade da Esperança, com mais duas construções de pousadas, são locais que aumentam sua concentração desses meios, além de Tirol e da Praia do Meio, com um hotel cada instalado em suas áreas durante esse período.

Gráfico 07 – Bairros dos Meios de hospedagem que se instalaram entre 2010 e 2017.



Além disso, como se percebe no Gráfico 08 e no Quadro 09, pousadas e albergues foram instalados nesse período com representatividade no território natalense.

Gráfico 08 – Tipos dos meios de hospedagem instalados em Natal entre 2010 e 2017.



Com o acréscimo de 27 meios de hospedagem instalados, a composição da atividade turística natalense obteve o acréscimo de mais de 1554 unidades habitacionais e 3641 leitos. Natal continua aumentando a capacidade de receber turistas, embora com menos ênfase se comparado a outras décadas. O maior meio de hospedagem instalado em Natal/RN neste período foi o D. Beach Resort, localizado em Ponta Negra, totalizando 179 UH e 421 leitos. No que diz respeito à dimensão dos demais meios de hospedagem implantados, temos:

- Entre 179 e 101 UH: Pestana Natal Beach Resort²⁷ e Natal Mar Hotel (Via Costeira); Hotel Majestic Natal, Residence Praia Hotel, Bello Mare Hotel e Ponta do Sol Praia Hotel (Ponta Negra).

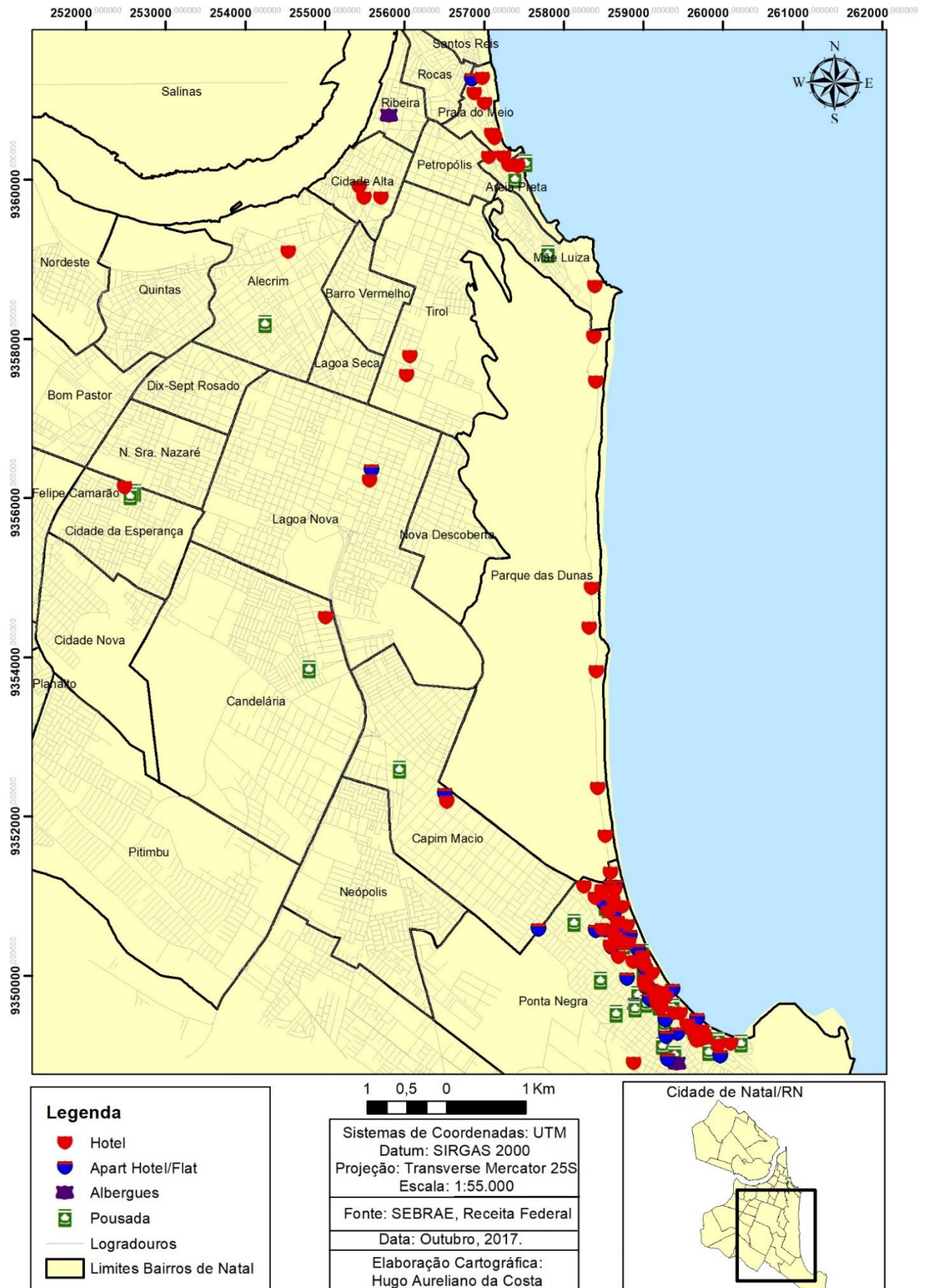
- Entre 100 e 50 UH: Aquaria Natal Hotel (Ponta Negra); Villa Park Hotel (Tirol); Nobles Suítes Ponta Negra Beach e Sesc Enseada Praia Hotel (Ponta Negra).

- Abaixo das 49 unidades habitacionais ficaram 16 meios de hospedagem, distribuídos da seguinte forma: 14 em Ponta Negra e 2 na Cidade da Esperança. Destes são 2 Apart-Hotel/Flats, 3 hotéis, 10 pousadas e 1 albergue.

No Mapa 15 temos o número total de Meios de hospedagem para a cidade de Natal. Lembrando que, dos 211 Meios de hospedagem atualmente cadastrados em Natal, conseguiu-se informações, no site da Receita Federal referentes ao CNPJ, de 141. Dessa maneira, pode-se observar no Mapa 15 como Natal hoje concentra a sua malha de Meios de hospedagem na Zona Sul e, principalmente, em Ponta Negra, além de outros bairros litorâneos. Esse processo de constituição e da instalação intencional dos objetos Furtado (2005) vai chamar da “Onda do Turismo”, pois, próximo ao mar, é onde se verifica a instalação desses Meios de hospedagem, a partir de uma lógica seletiva e territorialmente intencional.

²⁷ A criação desse meio de hospedagem remete ao início dos anos 2000. Entretanto no site da Receita Federal, na aba do capital social dessa empresa, o ano de inauguração corresponde a 2010. Ou seja, junto com o SEHRS são duas peculiaridades que um órgão oficial brasileiro divulga informação minimamente questionável.

Mapa 15 – Distribuição Espacial dos Meios de hospedagem em Natal/RN no Ano de 2017.



Dessa maneira, observa-se espacialmente a distribuição dos Meios de hospedagem em Natal nas Zonas Sul e Leste da cidade, gerada em decorrência da intencionalidade do poder público de investir nessas regiões em detrimento das outras. Na Zona Oeste a explicação a respeito da instalação de alguns desses empreendimentos na Cidade da Esperança se deve à proximidade do Terminal Rodoviário Lavoisier Maia (Terminal Rodoviário de Natal), terminal este que movimenta, por mês, grande quantidade de pessoas. Enquanto isso, na Zona Norte, embora a Ponte Newton Navarro aumentou o fluxo turístico e populacional para essa localidade, bem como para as praias do litoral norte, como Genipabu e Santa Rita, ainda assim continua irrelevante no que diz respeito à constituição de pousadas ou hotéis em sua área, não existindo uma única unidade até o presente momento.

De acordo com os dados obtidos, os meios de hospedagem territorializados no tecido urbano natalense ano de 2017 são: 4 Albergues, 27 Apart-Hotéis/Flats, 36 pousadas e 74 hotéis.

Verifica-se, também, a localização das pousadas mais “à dentro do continente”, se comparadas aos hotéis do bairro de Ponta Negra. Isto é, por preços mais baixos e por serem menores empreendimentos, geralmente ficam mais distantes da praia em comparação com os outros Meios de hospedagem com maior capital investido. A localização mais próxima da praia, nesse caso, se dá, principalmente, entre os Apart-Hotéis/Flats e os próprios hotéis. Analisando a distribuição espacial dos meios de hospedagem existentes, temos a seguinte configuração:

- Ponta Negra: engloba 100 Meios de hospedagem, representando em torno de 71% do total instalados (75 Hotéis e 36 Pousadas, 27 Apart-Hotel/Flats, 4 Albergues);

- Via Costeira: possui um total 10 hotéis localizados ao longo deste eixo viária, diferenciando-se por ser os melhores e maiores hotéis da cidade, com capacidade de 7245 leitos. É o segundo local com maior concentração dos meios de hospedagem;

- Cidade da Esperança: possui 4 meios de hospedagem (3 Pousadas e 1 Hotel). É o bairro onde se encontra a Estação Rodoviária;

- Capim Macio: possui 3 meios de hospedagem (2 pousadas e 1 hotel). É o bairro adjacente à Ponta Negra;

- Lagoa Nova: possui 3 meios de hospedagem (2 Hotéis e 1 Apart-Hotel);

- Cidade Alta: possui 3 hotéis. É a área central mais importante de Natal;

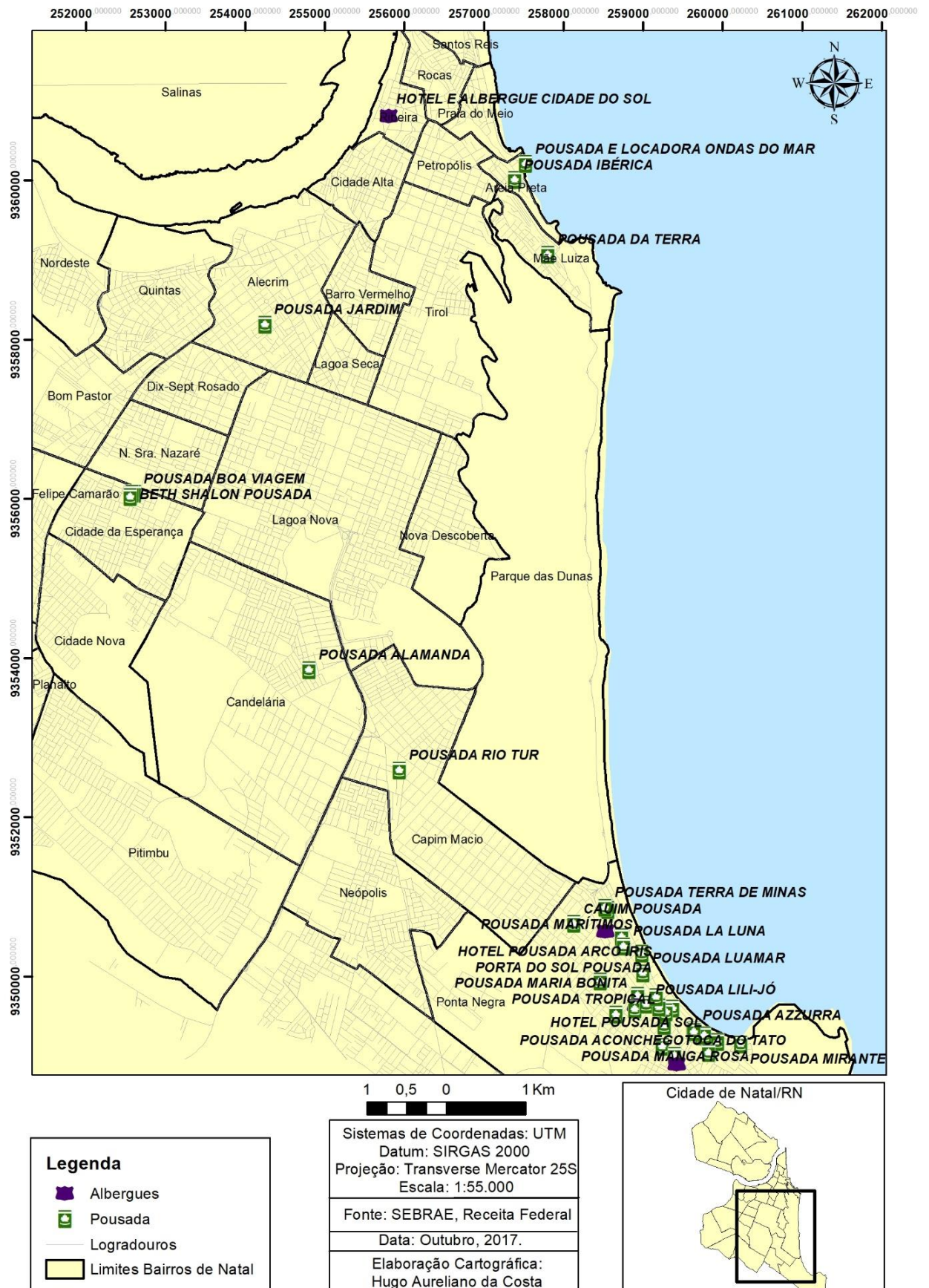
- Alecrim: possui 2 meios de hospedagem (1 hotel e 1 pousada). É um importante centro de comercial popular;

- Ribeira: o bairro que outrora se constituía o principal centro da cidade e abrigou os primeiros hotéis, hoje possui apenas 1 Albergue em funcionamento;

- Tirol e Praia dos Artistas: possuem 2 hotéis cada bairro;
- Candelária e Praia de Areia Preta: possuem 1 hotel cada bairro;
- Petrópolis: apesar de ser o bairro mais provido de infraestrutura urbana, apenas 1 hotel está instalado nesse antigo bairro natalense. (ver Mapa 15)

Assim, percebe-se como Natal tem sua concentração dos Meios de hospedagem em determinados pontos do território, fator este que ocorreu como consequência da localização dos investimentos efetuados pelo poder público até os dias presentes. Dessa maneira, Ponta Negra e o litoral foram pensados, de fato, para serem as centralidade de serviços turístico de Natal e a lógica do turismo de “sol e mar” corrobora para tal. Até por isso o padrão espacial da instalação e da atividade turística ocorreu dessa forma. A construção da Via Costeira foi o marco inicial para ligar as Zonas Leste e Sul, acarretando em uma maior facilidade na circulação e dinamização entre as praias da cidade, incorporando Ponta Negra e a conectando mais facilmente com as Zonas Leste e Norte. Como verificou-se nos tópicos anteriores, os investimentos públicos sempre seguiram também essa lógica, de corroborar com o aumento da circulação dos turistas, mas não apenas em Natal, bem como entre esta e os demais municípios do litoral potiguar. Até por isso o Polo Costa das Dunas serviu de parâmetro para o PRODETUR II – RN e o desenvolvimento deste polo possibilitou, como consequência, a expansão da atividade turística para Natal. Os Mapas 16, 17 e 18 demonstram a espacialização de cada tipologia de meios de hospedagem na área urbana de Natal, isto é, dos Albergues, Pousadas, Apart-Hotéis/Flats e Hotéis.

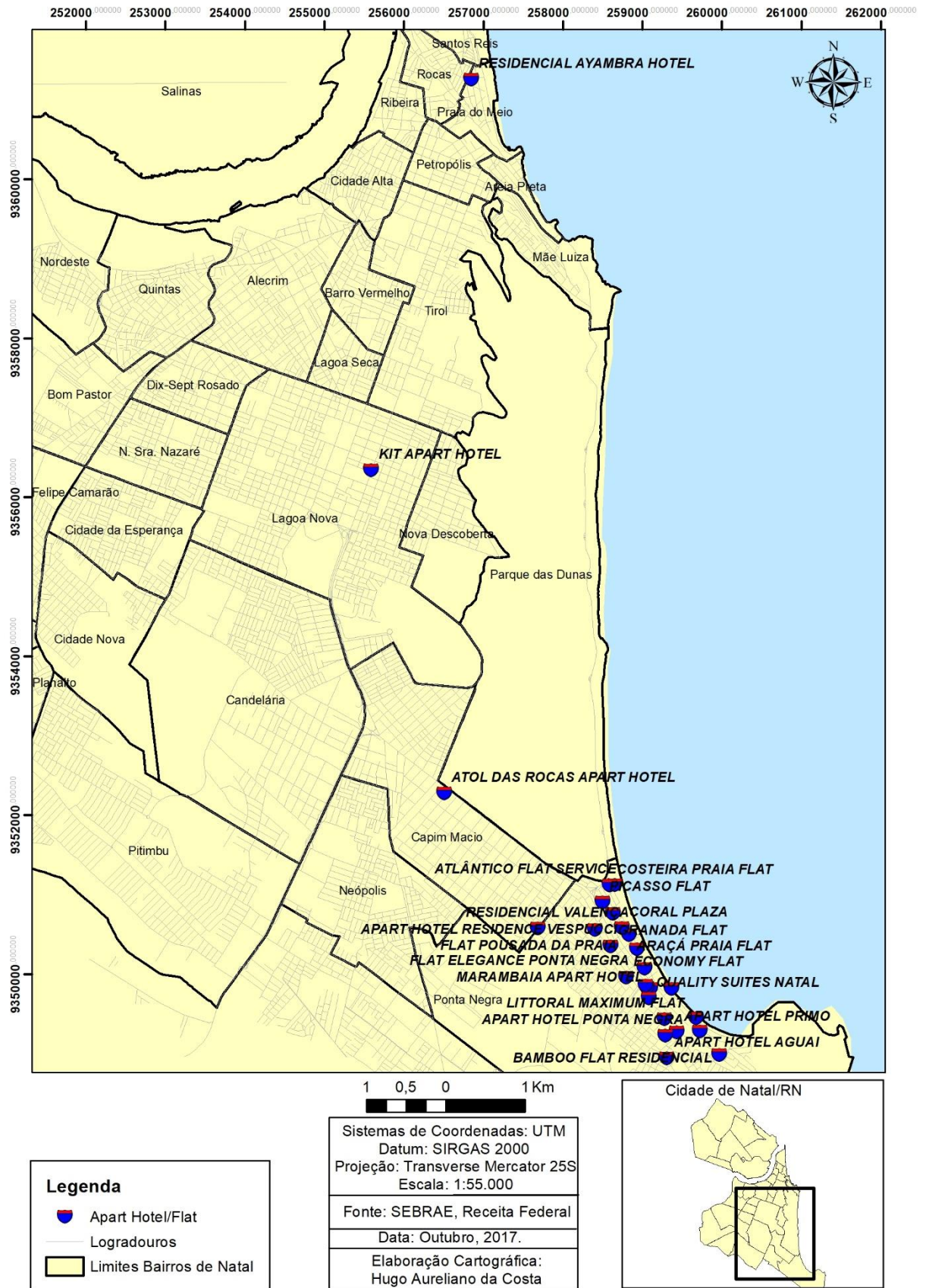
Mapa 16 – Distribuição Espacial das Pousadas e dos Albergues na Cidade de Natal/RN no ano de 2017.



Quadro 10 – Albergues e Pousadas em Natal, por bairros - 2017

Nome	Bairro	Tipo
1 - Hotel Pousada Arco Íris	Ponta Negra	Pousada
2 - Pousada Maria Bonita	Ponta Negra	Pousada
3 - Hostel Verdes Mares	Ponta Negra	Albergue
4 - Pousada Manga Rosa	Ponta Negra	Pousada
5 - Pousada Aconchego	Ponta Negra	Pousada
6 - Pousada Castanheira	Ponta Negra	Pousada
7 - Hotel Pousada Sol	Ponta Negra	Pousada
8 - Pousada Amazonacre	Ponta Negra	Pousada
9 - Pousada Ventos Do Mar	Ponta Negra	Pousada
10 - Pousada Marítimos	Ponta Negra	Pousada
11 - Pousada Recanto Das Jangadas	Ponta Negra	Pousada
12 - Pousada Azzurra	Ponta Negra	Pousada
13 - Toca Do Tato	Ponta Negra	Pousada
14 - Pousada Lili-Jó	Ponta Negra	Pousada
15 - Pousada Recanto Das Flores	Ponta Negra	Pousada
16 - Albergue Da Costa Hostel	Ponta Negra	Albergue
17 - Porta Do Sol Pousada	Ponta Negra	Pousada
18 - Pousada Terra De Minas	Ponta Negra	Pousada
19 - Hotel Pousada Maravista	Ponta Negra	Pousada
20 - Cauim Pousada	Ponta Negra	Pousada
21 - Pousada Mirante	Ponta Negra	Pousada
22 - Pousada Olho De Tigre	Ponta Negra	Pousada
23 - Condomínio Sezimbra Village	Ponta Negra	Pousada
24 - Pousada Tropical	Ponta Negra	Pousada
25 - Albergue Leal Companheiro	Ponta Negra	Albergues
26 - Pousada Luamar	Ponta Negra	Pousada
27 - Pousada Hotel America Do Sol	Ponta Negra	Pousada
28 - Pousada Paraíso Del Dourado	Ponta Negra	Pousada
29 - Pousada Paraíso De Ponta Negra	Ponta Negra	Pousada
30 - Pousada La Luna	Ponta Negra	Pousada
31 - Pousada Boa Viagem	Cidade Da Esperança	Pousada
32 - Pousada Italy Brasileira	Cidade Da Esperança	Pousada
33 - Beth Shalon Pousada	Cidade Da Esperança	Pousada
34 - Pousada Da Terra	Capim Macio	Pousada
35 - Pousada Rio Tur	Capim Macio	Pousada
36 - Pousada Jardim	Alecrim	Pousada
37 - Pousada Alamanda	Candelária	Pousada
38 - Pousada E Locadora Ondas Do Mar	Praia De Areia Preta	Pousada
39 - Pousada Ibérica	Praia Do Meio	Pousada
40 - Hotel E Albergue Cidade Do Sol	Ribeira	Albergue

Mapa 17 – Distribuição Espacial dos Apart Hotel/Flats na Cidade de Natal/RN – 2017.

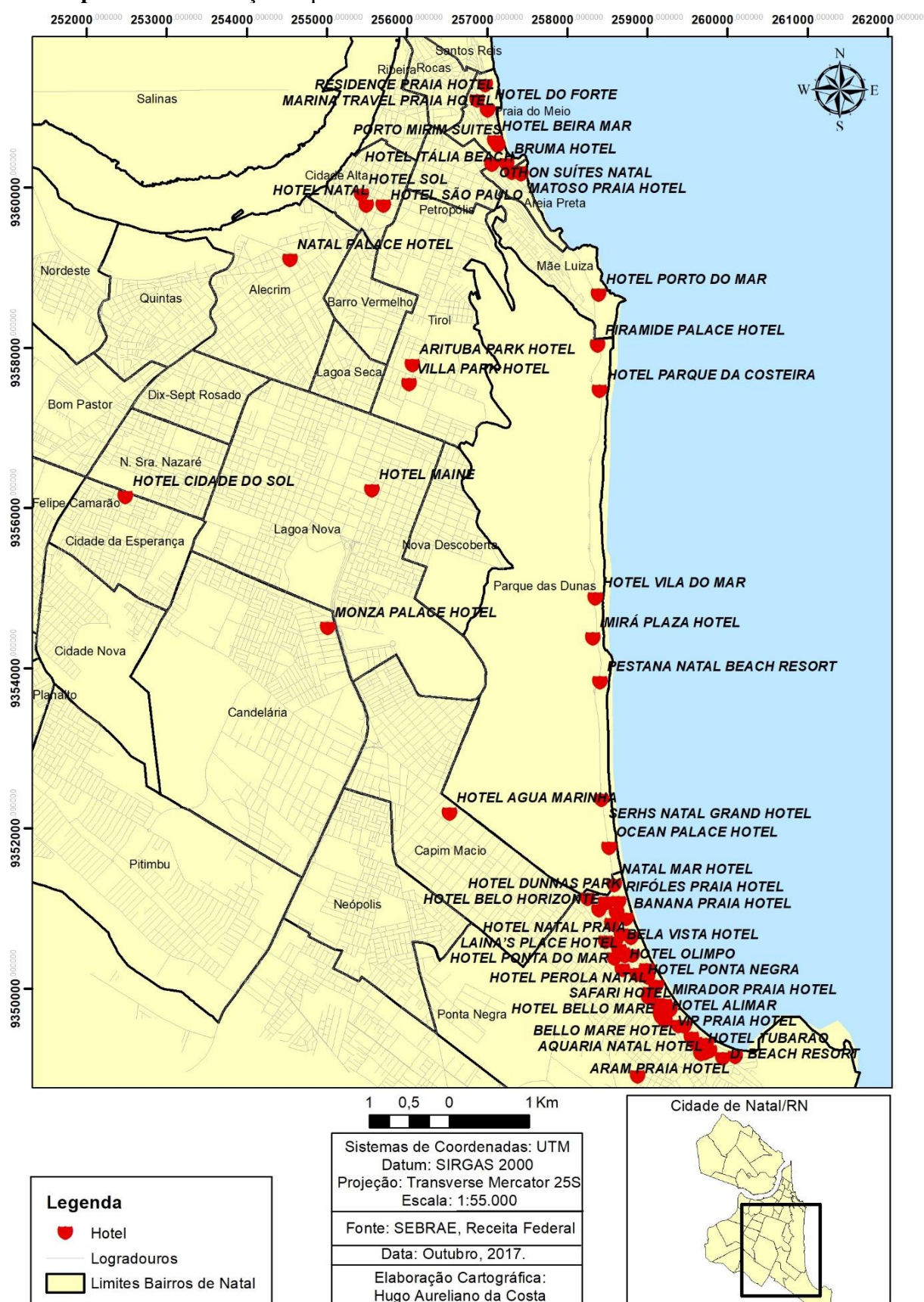


Quadro 11 – Apart/Hotéis e Flats em Natal, por bairros – 2017.

Nome	Bairro
1 - Atol Das Rocas Apart Hotel	Ponta Negra
2 - Cabanas Apart Hotel	Ponta Negra
3- Apart Hotel Aguai	Ponta Negra
4 - Apart Hotel Primo	Ponta Negra
5 - Residencial Ayambra Hotel	Ponta Negra
6 - Atlântico Flat Service	Ponta Negra
7 - Costeira Praia Flat	Ponta Negra
8 - Flat Elegance Ponta Negra	Ponta Negra
9 - Bamboo Flat Residencial	Ponta Negra
10 - Marambaia Apart Hotel	Ponta Negra
11 - Apart Hotel Casa Grande	Ponta Negra
12 - Quality Suites Natal	Ponta Negra
13 - Araçá Praia Flat	Ponta Negra
14 - Blue Marlin Apartments	Ponta Negra
15 - Ponta Negra Beach Residence	Ponta Negra
16 - Flat Pousada Da Praia	Ponta Negra
17 - Picasso Flat	Ponta Negra
18 - Apart Hotel Residence Vespucci	Ponta Negra
19 - Terrazo Ponta Negra Flat	Ponta Negra
20 - Varandas De Ponta Negra	Ponta Negra
21 - Residencial Valença	Ponta Negra
22 - Coral Plaza	Ponta Negra
23 - Apart Hotel Ponta Negra	Ponta Negra
24 - Littoral Maximum Flat	Ponta Negra
25 - Granada Flat	Ponta Negra
26 - Economy Flat	Praia Do Meio
27 - Kit Apart Hotel	Lagoa Nova

Fonte: Receita Federal, SEBRAE/RN e CADASTUR.

Mapa 18 – Distribuição Espacial dos Hotéis na Cidade de Natal/RN no ano de 2017.



Quadro 12 – Hotéis em Natal, por bairros – 2017.

Nome	Bairro
1 - Hotel Ponta Do Mar	Ponta Negra
2 - Laina's Place Hotel	Ponta Negra
3 - Praiamar Natal Hotel & Convention	Ponta Negra
4 - Hotel Morro Do Careca	Ponta Negra
5 - Hotel Dunnas Park	Ponta Negra
6 - Hotel Bello Mare	Ponta Negra
7 - Natal Dunnas Hotel	Ponta Negra
8 - Banana Praia Hotel	Ponta Negra
9 - Bela Vista Hotel	Ponta Negra
10 - Ingá Praia Hotel	Ponta Negra
11 - Manary Praia Hotel	Ponta Negra
12 - Pizzato Praia Hotel	Ponta Negra
13 - Safari Hotel	Ponta Negra
14 - Hotel Alimar	Ponta Negra
15 - Hotel Recanto Da Costeira	Ponta Negra
16 - Visual Praia Hotel	Ponta Negra
17 - Hotel Olimpo	Ponta Negra
18 - Rifóles Praia Hotel	Ponta Negra
19 - Divi Divi Praia Hotel	Ponta Negra
20 - Hotel Natal Praia	Ponta Negra
21 - Corais De Ponta Negra	Ponta Negra
22 - Esmeralda Praia Hotel	Ponta Negra
23 - Hotel Perola Natal	Ponta Negra
24 - Aquamarina Praia Hotel	Ponta Negra
25 - Costa Do Atlântico Hotel	Ponta Negra
26 - Hotel Pousada Brisa Do Morro	Ponta Negra
27 - Vip Praia Hotel	Ponta Negra
28 - Castelo Beach Hotel	Ponta Negra
29 - Hotel Ponta Negra	Ponta Negra
30 - Hotel Tubarão	Ponta Negra
31 - Mirador Praia Hotel	Ponta Negra
32 - Holiday Inn Express Natal	Ponta Negra
33 - Pontalmar Praia Hotel	Ponta Negra
34 - Hotel Praia De Ponta Negra	Ponta Negra
35 - Aram Praia Hotel	Ponta Negra
36 - Aquaria Natal Hotel	Ponta Negra
37 - D. Beach Resort	Ponta Negra
38 - Nobiles Suites Ponta Negra Beach	Ponta Negra
39 - Sesc Enseada Praia Hotel	Ponta Negra
40 - Hotel Majestic Natal	Ponta Negra
41 - Ponta Do Sol Praia Hotel	Ponta Negra
42 - Solar Tropical Hotel	Ponta Negra

43 - Bello Mare Hotel	Ponta Negra
44 - Hotel Belo Horizonte	Ponta Negra
45 - Hotel Enseada De Ponta Negra	Ponta Negra
46 - Imirá Plaza Hotel	Via Costeira
47 - Ocean Palace Hotel	Via Costeira
48 - Hotel Parque Da Costeira	Via Costeira
49 - Hotel Vila Do Mar	Via Costeira
50 - Serhs Natal Grand Hotel	Via Costeira
51 - Piramide Palace Hotel	Via Costeira
52 - Hotel Porto Do Mar	Via Costeira
53 - Pestana Natal Beach Resort	Via Costeira
54 - Natal Mar Hotel	Via Costeira
55 - Hotel Beira Mar	Praia Do Meio
56 - Matoso Praia Hotel	Praia Do Meio
57 - Hotel Do Forte	Praia Do Meio
58 - Marina Travel Praia Hotel	Praia Do Meio
59 - Porto Mirim Suites	Praia Do Meio
60 - Hotel Itália Beach	Praia Do Meio
61 - Residence Praia Hotel	Praia Do Meio
62 - Hotel Natal	Cidade Alta
63 - Hotel São Paulo	Cidade Alta
64 - Hotel Sol	Cidade Alta
65 - Hotel Maine	Lagoa Nova
66 - Monza Palace Hotel	Lagoa Nova
67 - Bruma Hotel	Praia Dos Artistas
68 - Infinity Natal Praia Hotel	Praia Dos Artistas
69 - Arituba Park Hotel	Tirol
70 - Villa Park Hotel	Tirol
71 - Natal Palace Hotel	Alecrim
72 - Hotel Agua Marinha	Capim Macio
73 - Hotel Cidade Do Sol	Cidade Da Esperança
74 - Othon Suítes Natal	Petrópolis

Fonte: Receita Federal, SEBRAE/RN e CADASTUR.

O Mapa 16 e o Quadro 10, dessa forma, apresentam como as pousadas e os albergues se localizam na cidade de Natal/RN. Percebe-se, então, 30 dos 40 empreendimentos do mapa localizados em Ponta Negra, ou seja, 75%. Assim, este bairro concentra todos os tipos de hospedagens, também as consideradas mais “simples”. Considerando-se todas as tipologias dos meios de hospedagem, as pousadas e os albergues apresentam o menor número de leitos e unidades habitacionais, porque, ambos, têm um limite de quantidade.

De acordo com o Ministério do Turismo (2011), a pousada é “um empreendimento de característica horizontal, composto de no máximo 30 unidades habitacionais e 90 leitos, com serviço de recepção, alimentação e alojamento temporário, podendo ser um prédio único com até três pavimentos, ou contar com chalés ou bangalô”. No MTur não há definição para os Albergues/Hostels, mas percebe-se que, a partir dessa definição, a pousada é, assim, um empreendimento ou, na linguagem geográfica, um objeto técnico que, se comparado com os outros empreendimentos do ramo de hospedagem – principalmente hotéis e Apart Hotel/Flats –, detém menor grau de complexidade na sua constituição, evidenciado pelo limite na quantidade de UH, mas tem um papel primordial, junto com os albergues, tendo em vista que as classes mais populares o frequentam, devido ao seu preço mais econômico, se comparados aos outros Meios de hospedagem.

O Mapa 17 trata acerca dos Apart-Hotel/Flats e se nota a concentração ainda maior em Ponta Negra, tendo em vista que 92%, isto é, 25 unidades de um total de 27, localizam-se neste bairro. Em comparação, é uma concentração ainda maior do que as pousadas/albergues (Mapa 16) e os hotéis (Mapa 18). De acordo com o próprio MTur, os Apart Hotéis/Flats não têm uma quantidade específica (limitada) de Unidades Habitacionais e dispõem, em seu interior, de dormitório, banheiro, sala e cozinha equipada, em edifício com administração e comercialização integradas. Isto é, são muito mais equipados do que as pousadas e os albergues, caracterizando, assim, em uma maior complexidade e elitização de seus usuários. Dessa forma, verifica-se, espacialmente, como os Apart-Hotel/Flats são objetos geográficos intencionalmente concebidos em Ponta Negra devido a sua própria forma-conteúdo.

Com relação aos hotéis, apresentados pelo Mapa 16 e Quadro 12, há uma distribuição maior se comparado com os outros Meios de hospedagem, na cidade de Natal (Mapa 16 e 17). Há mais hotéis em outros bairros do que pousadas, albergues ou mesmo Apart Hotel/Flats. Dentre os meios de hospedagem, os hotéis apresentam maior número, totalizando 74 unidades, ou seja 52%, representando a tipologia mais relevante de hospedagem instalada na cidade de Natal. (Mapa 18). Deste total, 45 se localizam em Ponta Negra, representando 60% desses MH e encontrando-se, quase sempre, próximos à praia.

Na Via Costeira, também, são mais 9 hotéis. Na Zona Leste e no litoral oriental, os hotéis estão territorializados em locais como a Praia do Meio, Praia dos Artistas, além dos já citados. Os hotéis localizados na Cidade Alta e no Alecrim atendem a um público relacionado ao comércio desses bairros, ainda relevante hoje, principalmente do comércio popular.

Assim, espacialmente, além da variedade dos tamanhos desses empreendimentos, com alguns com baixa e outros com grande capacidade, esses objetos geográficos ainda são intencionalmente concebidos concentrando-se próximo ao litoral, como se percebe no Mapa 18. Os investimentos públicos em infraestrutura, também, principalmente nesses bairros, contribuíram para a instalação desses objetos geográficos nessas localidades, já que, tomando por base onde a melhor infraestrutura se instala, os hotéis podem oferecer serviços de estadia para o turista, além deles ficarem próximos às praias mais famosas de Natal, principalmente Ponta Negra, e, também, do cartão postal da cidade, o Morro do Careca, fator este que atrai os turistas, *per si*. Dessa forma, Ponta Negra desempenha grande centralidade turística, englobando o maior número de hospedagens de Natal: 92% dos Apart/Hotéis, 75% das Pousadas/Albergues e 60% dos hotéis.

De acordo com os dados dos Mapas apresentados (Mapas 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14) percebe-se a evolução dos Meios de Hospedagem em Natal/RN. O Estado ao executar Programas como, primeiro, o “Megaprojetos Turísticos”, transformou o tecido urbano e redimensionou os fluxos e a circulação em Natal, a partir da construção da Via Costeira. Mudou-se, a partir dessa Via, a estrutura urbana, pois a configuração territorial foi modificada e agora poderia se deslocar entre as praias natalense com maior facilidade, além da venda de lotes nesse projeto e a consequente instalação de grandes hotéis nessa Via. Assim, mudanças urbanas aconteceram e o turismo, até então era incipiente, territorializou-se na cidade e se tornou protagonista economicamente.

Após esses investimentos, os Programas de Desenvolvimento do Turismo, em suas duas fases, vão confirmar o que Harvey (1996) chama de “empresariamento” público. Assim, políticas públicas urbanas são executadas, principalmente, visando atender alguns setores econômicos em detrimento de outros, renovando urbanisticamente a cidade em prol de seletivas atividades e selecionando, assim, áreas de investimentos.

Por isso Natal teve o acréscimo do turismo como matriz econômica da cidade, chegando hoje a ter 211 Meios de hospedagem e, dos quais, mostrou-se a evolução de 141.

Urbanisticamente Natal cresceu seguindo o desenvolvimento do turismo e este, praticamente irrelevante até o início dos anos 1980, torna-se agora uma atividade territorializada e proeminente para a cidade, demonstrando, de tal modo, que ela alterou as bases urbanísticas de Natal e, por ser uma atividade produtiva, também modificou a composição dos setores econômicos natalense, em especial o setor terciário.

Portanto, corrobora-se com a ideia de que essa inserção das hospedagens em Natal, aliado aos investimentos para a sua atração, contribuíram significativamente para a valorização de Ponta Negra e dos bairros da Zona Leste localizados próximos à praia, no processo de reestruturação urbana e produtiva da cidade. Dessa forma o turismo e os meios de hospedagem foram cruciais para as transformações da cidade de Natal e dos processos aos quais essa cidade passou nas últimas 4 décadas, intensificando-se, principalmente, a partir dos anos 90 e alterando a dinâmica urbana de Natal até 2017.

5 As Redes Geográficas em Natal/RN a partir do Turismo: Conexões Espaciais.

Este capítulo versa sobre como, devido ao turismo, Natal se conecta espacialmente com outros municípios, estados, países e internamente com os seus próprios bairros. Sendo assim, o turismo é um elemento conector dessas redes, tendo em vista a sua capilaridade e o fluxo que, a partir dele, existe no território. Para tanto, apresenta-se as redes do turismo e suas interações espaciais em Natal a partir dos meios de hospedagem, dos turistas e dos trabalhadores desses meios de hospedagem.

5.1 As Redes e os Meios de Hospedagem: Conexões Espaciais de Natal.

O turismo, assim como toda atividade econômica, está entrelaçado no sistema-mundo da competitividade da globalização. Aliás, essa atividade, por ter, em essência, a ideia de movimento de “um lugar para o outro”, tem a perspectiva espacial como fundante em sua organização. Assim, no rol da competitividade global, onde os locais buscam, cada vez mais, serem os mais chamativos para as atividades econômicas, algo que outrora o Milton Santos (2012) chamou de a “guerra dos lugares”, essa perspectiva está estritamente presente nos locais os quais o turismo se instala, que é de os lugares competirem pela atração dos turistas.

Além disso, por concepção, o turismo, em meio a essa concorrência, se diferencia espacialmente da maioria das atividades por outro fator que pode, a depender do lugar, ser único. De acordo com Harvey (2005), hoje alguns locais, mesmo em meio à estandardização dos lugares, apresentam fatores que os tornam singulares e diferenciam-no dos demais – características e atributos presentes apenas nesse local no espaço global. O turismo é, portanto, uma atividade que se apodera dessas singularidades e a utiliza espacialmente de maneira frequente, como, por exemplo, quando um determinado lugar apresenta uma paisagem única, uma formação geológica ímpar ou, mesmo, construções históricas singulares – existentes apenas nessa localidade. Por isso, os locais que atraem turistas precisam ter, além da infraestrutura, o “motivo” pelo qual irão se deslocar, mas não apenas isso; atraindo-os, precisam, também, ter o meio de hospedagem para onde esses turistas irão²⁸.

²⁸ No capítulo 4 observou-se como se deu o processo de origem e evolução dos Meios de hospedagem em Natal.

Dessa maneira, a geografia apresenta em sua análise, como aponta Haesbaert (2006), desde sua origem e cientificização, com autores como Ratzel e Dardel, uma valorização pelos elementos fixos do território. A análise, portanto, não se restringe às redes e aos fluxos, mas também leva em consideração os fixos, os espaços delimitados. A geograficidade desses elementos traz discussões e influenciam na forma organizacional dos fenômenos, dos fluxos. Observando esse caráter de fixidez e fluidez do território, mas atentando aos fixos e aos sistemas de engenharias, Milton Santos (2011) desenvolveu conceitos que explicam a forma de espacialização desses objetos no espaço. Para o autor, os sistemas de engenharia referem-se aos elementos naturais e aos objetos geográficos criados artificialmente e instalados no território; enquanto que aquele, os fixos, por sua vez, referem-se aos objetos criados que permitem fluxos.

Dessa forma, percebe-se uma relação entre os sistemas de engenharias e os fixos, atentando ao caráter dos dois que, um objeto geográfico, um fixo é “um objeto técnico, mas também um objeto social, graças aos fluxos” (ibidem, p. 86). Portanto, esses elementos criados são também sociais, não apenas técnicos e só podem ser entendidos em sistema, em conjunto.

Os fixos, obviamente, são inseridos no território sempre intencionalmente. A intencionalidade e a localização foram percebidas, inclusive, no Mapa 18, uma vez que, por exemplo, os Meios de hospedagem em Natal estão, em maioria, próximos a áreas litorâneas e nos bairros onde o turismo é presente. Por isso Fratucci (2008, p. 66) considera que o

processo de apropriação de trechos do espaço pelos agentes do turismo para a implantação da atividade turística, pela inclusão de novos fixos e/ou da re-funcionalização de outros já existentes e de novos fluxos e relações que caracterizam o turismo como fenômeno socioespacial contemporâneo.

Assim, essa apropriação de locais pela inclusão de fixos na paisagem é um aspecto, segundo o mesmo autor, da turistificação. Portanto, alguns espaços são “apropriados” pelo turismo e caracterizado por esses fixos. Entretanto, este processo não é contínuo no território. Além de haver, por exemplo, territorialidades distintas no mesmo lugar, os processos de territorialização são “múltiplos e complexos, admitindo flexibilidade, sobreposição e intercalação de territórios” (FRATUCCI, 2008, p.117). Portanto, há descontinuidades. Os fixos não estão em uma área, necessariamente, zonal, mas sim reticular e extremamente intencional. Por isso, para esses agentes do turismo, os espaços são apropriados em razão da garantia do retorno financeiro a partir dos lucros possíveis. Na escala local, sua espacialidade é sempre pontual (zonal) e depende da localização e da proximidade dos atrativos turísticos capazes de

atrair e manter os turistas e da disponibilidade de infraestrutura de acesso e urbana. O autor observa ainda que,

por outro lado, quase sempre esses agentes de mercado são de grande e médio porte e exógenos ao destino turístico e, por isso, também seguem uma lógica reticular ao estabelecer ligações verticais com suas matrizes e com seus fornecedores, especialmente os grandes operadores de turismo. (FRATUCCI, 2008, p. 250)

Portanto, há uma duplicidade na organização (origem) desses fixos turísticos – os Meios de hospedagem. Eles apresentam, em si, uma lógica zonal por atrair pessoas que, localmente, se deslocam às áreas próximas e a outros pontos mais distantes, neste caso em um movimento reticular. Mas a sua administração, quando é de um Meio de Hospedagem pertencente a uma grande rede ou gerido por um grande grupo, é externa, vertical, isto é, reticular. Essas multiplicidades das lógicas espaciais desses meios de hospedagem influenciam, assim, a própria multiplicidade das redes. Afinal,

“para esses agentes do turismo, os espaços são apropriados em razão da garantia do retorno financeiro a partir dos lucros possíveis. Na escala local, sua espacialidade é sempre pontual (zonal) e depende da localização e da proximidade dos atrativos turísticos capazes de atrair e manter os turistas e da disponibilidade de infra-estrutura de acesso e urbana.” (ibidem, p. 249)

Mas o próprio movimento, no turismo da instalação dos Meios de hospedagem é extremamente articulado. No caso de Natal a evolução se deu, necessariamente, influenciada pelo poder público. Sem este, não haveria turismo. Nos países subdesenvolvidos essa influência do Estado na composição da economia e mesmo na criação de áreas propícias a investimentos atrai grupos que extrapolam os investidores locais e regionais. Com isso, consegue-se trazer grandes empresários externos àquela localidade para, assim, instalar seus negócios e dinamizar a economia.

Conforme aponta Castells (1999), na sociedade globalizada com o espaço de fluxos vigente, as empresas começam a se articular juntas para superar a concorrência. Dessa forma, grandes redes e grupos passam a existir de maneira mais presente nos mais variados lugares. Com a possibilidade, a partir da internet, de comandar negócios em localidades longínquas e, mesmo, de acompanhar os investimentos, fazer propaganda em outros pontos do território e com a facilidade de créditos.

Essas empresas, com características organizacionais de grupos/redes, começam a, principalmente nos anos 1990, instalar no tecido urbano de Natal suas filiais ou, mesmo, administrar outros investimentos feitos anteriormente. Portanto, grupos são criados a partir de grandes investimentos para se localizarem em diversos pontos do território, procurando, obviamente, vender sua mercadoria, nesse caso a hospedagem. Esses grupos e as redes criam cadeias que se articulam espacialmente nos mais variados pontos, tendo em vista obter menores custos com fornecedores, criar público cativo e atrair turistas internacionais. Daí que, no âmbito da competitividade global, esses grupos acaba lucram consideravelmente, haja vista que eles têm, em sua organização, todos os elementos chaves, além da propaganda, para a atração dos turistas.

Com isso, aspectos de uma internacionalização dos meios de hospedagem começam a se fazer mais presentes, uma vez que o capital estrangeiro, de forma mais enfática, se instala em Natal durante a referida década e passa a redefinir os usos do território, transformando a configuração territorial da cidade e implementando, dessa forma, o turismo como um elemento central na dinâmica urbana da capital potiguar.

O papel dos fixos do turismo, como os MH, é permitir fluxos e criar redes de conexões, a partir da hospedagem. Nesse sentido, mais do que propriamente ter o fixo, esses agentes de mercado, como o Frattucci (2008) define os meios de hospedagem, produzem espaço e se apropriam de locais, alterando a organização espacial dos lugares – por conta das consequências geradas por esses fixos, como, por exemplo, os trabalhadores diretos e indiretos, bem como a infraestrutura criada pelo Estado para a sua instalação. Portanto, os Meios de hospedagem e, mais especificamente, os grandes grupos nacionais e internacionais são cruciais na dinâmica do turismo.

A partir de dados obtidos no SEBRAE/RN, CADASTUR, Receita Federal e dos sites das próprias redes, foram identificados e espacializados os meios de hospedagem pertencentes à grupos nacionais e internacionais que operam hoje em Natal, conforme apresentado no Mapa 19. Os MH pertencentes a esses grupos se localizam principalmente próximos às praias natalenses, além de se fixarem aproximadamente aos shoppings e a principal praça esportiva da capital potiguar, a Arena das Dunas. Com isso, a intencionalidade dos objetos técnicos a qual o Milton Santos (2012) considera ser crucial no entendimento do espaço geográfico é vista, dessa forma, no uso do território pelo turismo e onde as redes/grupos estão instalados em Natal.

Mapa 19 – Meios de hospedagem pertencentes a grupos nacionais e internacionais que operam em Natal, segundo tipologia - 2017



Percebe-se, então, no Mapa 19 quarenta e nove (49) Meios de hospedagem pertencentes a redes ou grupos nacionais e/ou internacionais. Tal fato demonstra a força do turismo para a economia potiguar, tendo em vista a quantidade significativa de objetos geográficos pertencentes a grupos e externos ao lugar.

Evidentemente, a concentração dos Meios de hospedagem é, principalmente, onde o turismo se apropria, sobretudo nas partes litorâneas da cidade e o bairro de Ponta Negra, no extremo sul da cidade. Assim, os grupos/redes dos Meios de hospedagem encontram-se no referido bairro, na Via Costeira e, também, nas Praias da Zona Leste da cidade, mostrando, dessa maneira, a estrutura espacial (territorialidade) desses meios de hospedagem.

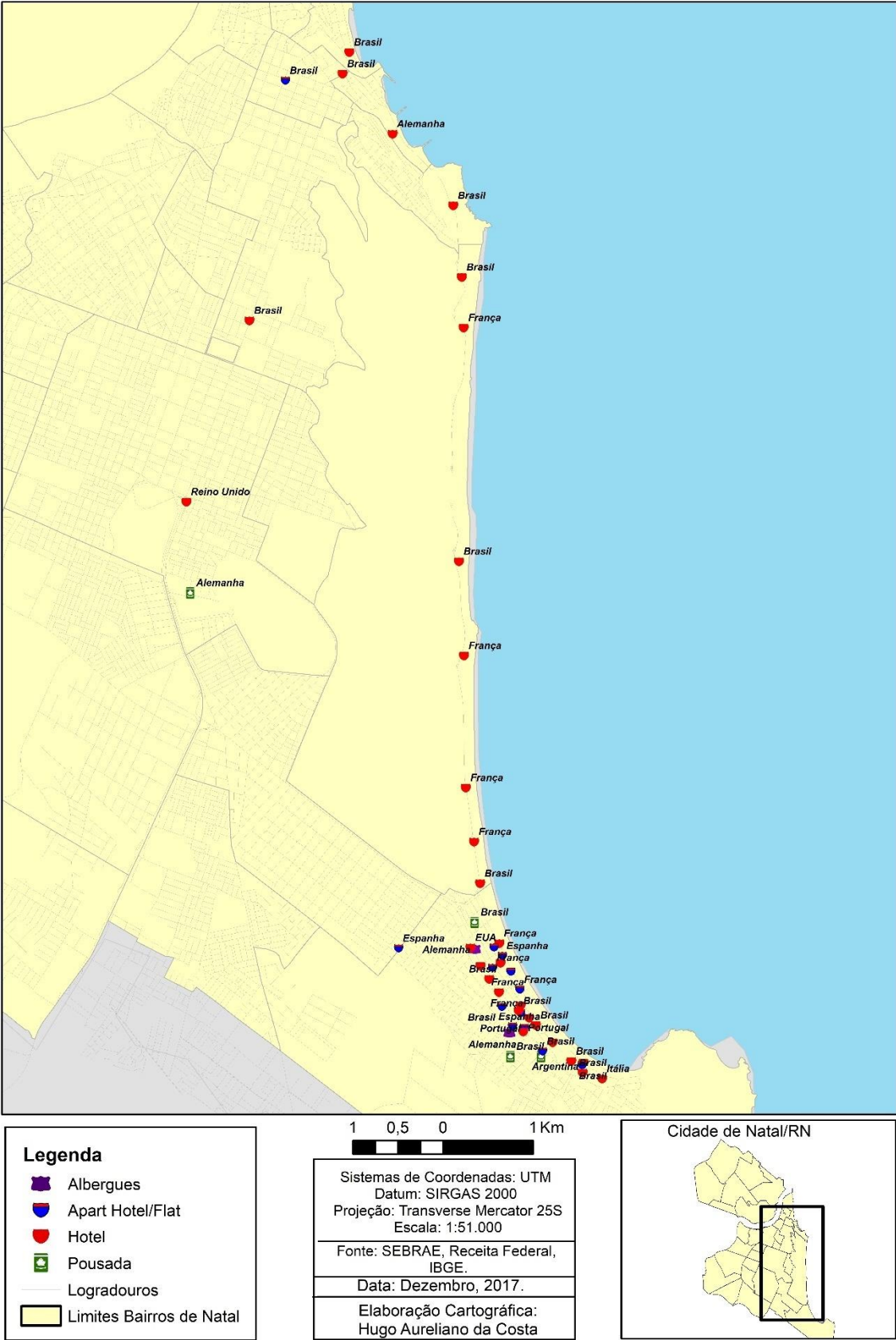
Nesse sentido, o litoral da capital potiguar tem de se readequar a esses ditames, pois, com a vinda de capitais nacionais e internacionais de grupos/redes, ocorrem mudanças para adaptar o território a esta atividade, fomentadas a partir do Estado (ver **capítulo 4**). O capital externo ao lugar, destarte, é crucial no processo de reestruturação produtiva e urbana desse lugar, e retifica-se a importância do turismo para Natal a partir também dessas redes e grupos, pois o primeiro passo para a internacionalização dos lugares é a instalação de capital instalado e, assim, facilitar a vinda de turistas, com pacotes mais atrativos ou mesmo com a melhor propaganda promovida por estes meios de hospedagem.

O Mapa 20 apresenta, então, quais são as redes e os grupos atualmente instalados no território natalense. Com isso, percebe-se algumas das maiores redes mundiais de hotéis na cidade de Natal. E o Mapa 21 se refere aos países os quais essas redes pertencem, demonstrando, dessa forma, o caráter espacial dessas redes/grupos, atentando aos países e dando mostras, portanto, da articulação internacional que há entre os grupos, os países e a cidade de Natal.

Mapa 20 – Meios de hospedagem pertencentes a grupos nacionais e internacionais que operam em Natal, segundo os grupos - 2017.



Mapa 21 – Meios de hospedagem pertencentes a grupos nacionais e internacionais que operam em Natal, segundo países - 2017



De acordo com o Mapa 20, retomando essa discussão sobre como Natal altera sua estrutura a partir de novas conexões espaciais devido a instalação dos grupos dos meios de hospedagem, percebe-se que há, dessa maneira, uma quantidade relevante de grupos e redes no território, totalizando vinte e nove (29). Ainda, nota-se algumas das maiores redes do mundo, como é o caso da Rede Accor, originária da França e considerada como a principal rede de hospedagem do mundo. Em Natal há 8 hotéis pertencentes a essa rede. Além da Rede Accor, outras grandes redes têm MH instalados como, por exemplo, a Inter Continental Hotel Groups, fundada no Reino Unido e que possui 3 hotéis de Natal: o Holiday Inn Express Natal, Holiday Inn Express Natal Ponta Negra e o Praiamar Natal Hotel & Convention.

Além dessas duas grandes redes, encontram-se outras redes importantes a nível mundial, como é o caso da alemã Hi Hosterling Internacional – Rede, focada nos hostels e albergues da cidade, obtendo, assim, o controle de 3 empreendimentos dessa categoria, a saber: Hostel Verdes Mares, Albergue da Costa Hostel e Natal Eco Hostels. A argentina Che Largato também se localiza, com um MH, na cidade de Natal. Outros países como Itália (Operadora Dimensione), Portugal (Atlântica Hotels, Continental Hotels Group e Rede Dorisol) e Espanha (Unihotéis) também têm redes instaladas na cidade.

Dessa forma, percebe-se 29 redes e grupos atuando no mercado local procedente de 10 países, contando com o Brasil. O Quadro 13 apresenta, de forma discriminada, quais são os Meios de hospedagem, grupos e países citados no referido mapa.

Quadro 13 – Meios de hospedagem que Pertencem a Redes Internacionais e o seu Local de Origem.

Nome	Tipo	Rede/Grupo	Local de Origem
Othon Suítes Natal	Hotel	Brazil Hospitality Group (BHG)	Brasil
Varandas De Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	Feller Hotéis	Brasil
Littoral Maximum Flat	Apart Hotel/Flat	Littoral Hotéis	Brasil
Hotel Olimpo	Hotel	Lopes Adm Hoteleira - Grupo	Brasil
Villa Park Hotel	Hotel	Monteplan	Brasil
Nobiles Suites Ponta Negra Beach	Hotel	Nobile Hotéis	Brasil
Porto Mirim Suites	Hotel	Porto Atlântico Empreendimentos Turísticos	Brasil
Aram Praia Hotel	Hotel	Rede Aram Hotéis	Brasil
Natal Mar Hotel	Hotel	Rede Aram Hotéis	Brasil
Pousada Terra De Minas	Pousada	Rede De Pousadas	Brasil
Pousada Dos Amigos	Pousada	Rede De Pousadas	Brasil

Potengi Flat	Apart Hotel/Flat	Rede Paradise	Brasil
Solar Tropical Hotel	Hotel	Rede Tropical Hotel	Brasil
Hotel Vila Do Mar	Hotel	Rede Vert Hotéis	Brasil
Piramide Palace Hotel	Hotel	Scr Brasil Participacoes	Brasil
Hotel Escola Senac Barreira Roxa	Hotel	SENAC - AR/RN	Brasil
Sesc Enseada Praia Hotel	Hotel	SESC	Brasil
Golden Tulip Natal Ponta Negra	Hotel	Brazil Hospitality Group (BHG)	Brasil
Beach Paradise Flat	Apart Hotel/Flat	Rede Paradise	Brasil
Ocean Palace Hotel	Hotel	Rede Accor	França
Hotel Marsol Beach Natal	Hotel	Rede Accor	França
Serhs Natal Grand Hotel	Hotel	Rede Accor	França
Natal Dunnas Hotel	Hotel	Rede Accor	França
Flat Elegance Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	Rede Accor	França
Esmeralda Praia Hotel	Hotel	Rede Accor	França
Prodigy Beach Resort Natal	Hotel	Rede Accor	França
King's Flat Hotel	Apart Hotel/Flat	Rede Accor	França
Terrazo Ponta Negra Flat	Apart Hotel/Flat	Rede Delphia	França
Marsallis Flat	Apart Hotel/Flat	Rede Delphia	França
Hostel Verdes Mares	Albergues	Hi Hosteling Internacional - Rede	Alemanha
Albergue Da Costa Hostel	Albergues	Hi Hosteling Internacional - Rede	Alemanha
Natal Eco Hostels	Pousada	Hi Hosteling Internacional - Rede	Alemanha
Hotel Intercity Natal	Hotel	Rede Intercity	Alemanha
Quality Suites Natal	Apart Hotel/Flat	Atlântica Hotels	Portugal
Comfort Hotel & Suites Natal	Hotel	Atlântica Hotels	Portugal
Hotel Pousada Brisa Do Morro	Hotel	Continental Hotels Group	Portugal
Hotel Marítima Flat	Hotel	Rede Dorisol	Portugal
Castelo Beach Hotel	Hotel	Anton Munnik E Ronald Lazarini	Reino Unido
Praiamar Natal Hotel & Convention	Hotel	Inter Continental Hotel Groups	Reino Unido
Holiday Inn Express Natal Ponta Negra	Hotel	Inter Continental Hotel Groups	Reino Unido
Holiday Inn Express Natal	Hotel	Inter Continental Hotel Groups	Reino Unido
Araçá Praia Flat	Apart Hotel/Flat	Unihotéis	Espanha
Residencial Valença	Apart Hotel/Flat	Unihotéis	Espanha
Premium Flat Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	Unihotéis	Espanha
D. Beach Resort	Hotel	Operadora Dimensione	Itália
Coral Plaza	Apart Hotel/Flat	Agudo Holdings Limited	Gibraltar
Hotel Majestic Natal	Hotel	Best Western Hotels & Resorts	EUA
Che Lagarto Hostel Natal	Pousada	Rede Che Lagarto Hostels	Argentina

Fonte: SEBRAE/RN, Receita Federal, CADASTUR e Site das Redes de Hospedagem.

Com esses dados se percebe como estão estruturados os Meios de hospedagem vinculados à grupos/redes. O Brasil, evidentemente, é o país com a maior quantidade de grupos e de Meios de hospedagem instalados em Natal, totalizando 15 Grupos e 19 Meios de hospedagem. Além do Brasil, há outros 9 países que têm redes instaladas, a partir de grupos de MH, na capital potiguar, a saber: Reino Unido (com 4 MH e 2 grupos), Estados Unidos (com 1 MH e 1 grupo), Argentina (1 MH e 1 Grupo), Gibraltar (1 MH e 1 Grupo), Itália (1 MH e 1 Grupo), Espanha (1 Grupo e 3 MH que pertencem a esse grupo), Portugal (3 grupos e 4 MH), França (2 grupos e 10 MH) e Alemanha (com 4 MH e 2 grupos). Assim, verifica-se a representatividade considerável de grandes grupos externos a Natal com objetos geográficos no território cujo objetivo é a hospedagem.

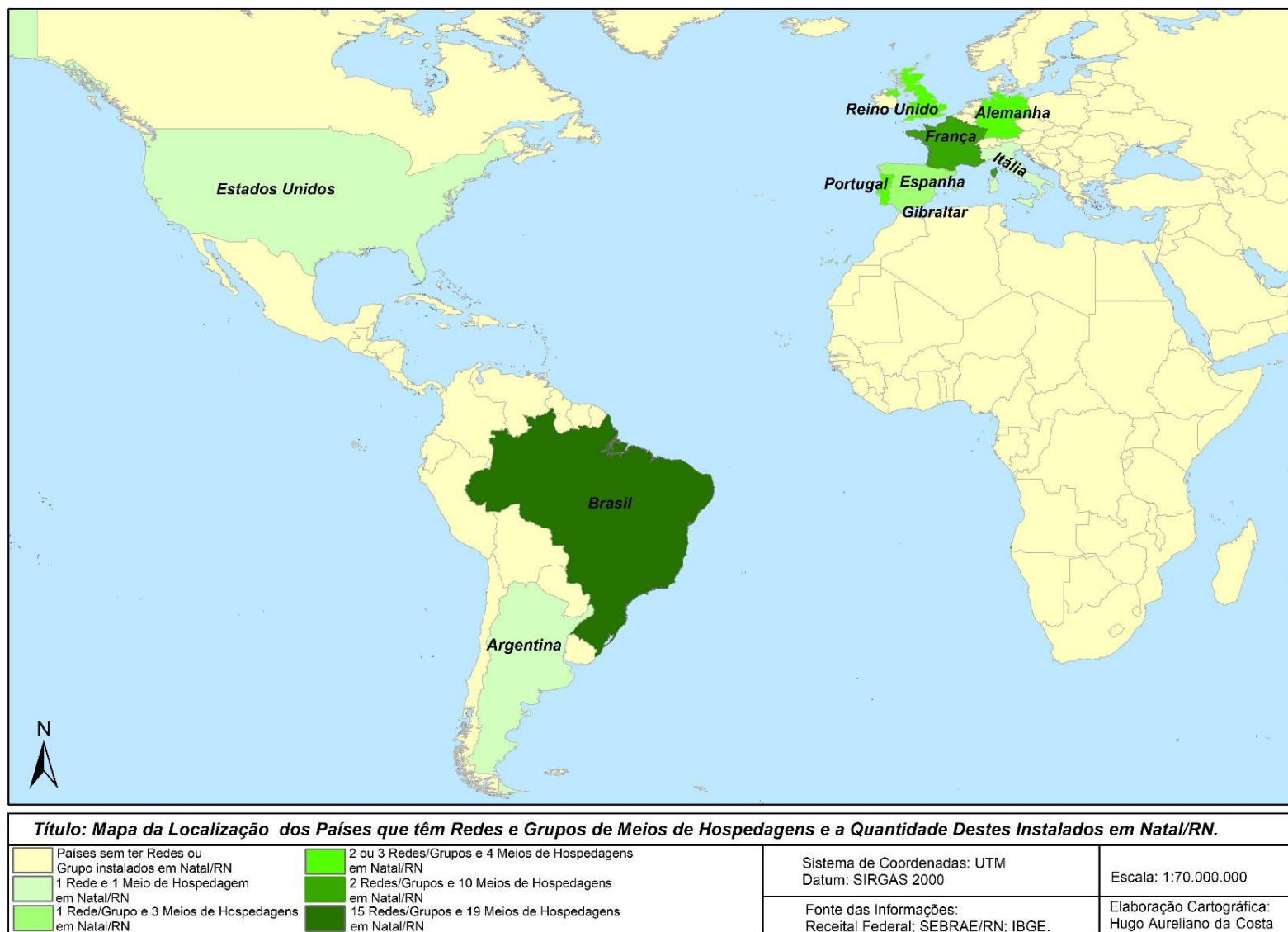
Portanto, nota-se internacionalização dos grupos dos Meios de hospedagem na cidade de Natal, devido a relevância e a representatividade da quantidade de países e das redes/grupos nacionais e, principalmente, internacionais que têm investimentos a partir de redes de meios de hospedagem na cidade de Natal. Evidentemente, há destaque para alguns grupos, como, por exemplo, é o caso da Rede Accor, com grande quantidade de MH operando (oito), entretanto, alguns fatores começam, também, a redefinir esses fixos do turismo instalados em Natal: mudanças nas composições e propriamente nos turistas.

Um exemplo dessas mudanças são os hostels. Antes, outrora praticamente inexistentes em Natal, estes MH cada vez mais ganham protagonismo no território devido a preços mais baixos se comparados com os outros tipos de hospedagens e por se tornarem alternativos a uma estrutura rígida do funcionamento dos hotéis, atraindo novos públicos de turistas. Assim sendo, entram em evidência tendo, inclusive, alguns MH pertencentes a redes internacionais, como é o caso da Che Lagarto e da Hi Hosteling Internacional – Rede, grupos argentino e alemão, respectivamente.

Desse modo, há internacionalização a partir desses grupos externos ao contexto natalense, bem como grandes grupos nacionais também instalam hotéis na cidade de Natal. Por internacionalização entende-se, aliado a ideia de corporatização do território (SANTOS, 2012), a existência e relevância de investimentos internacionais na criação de objetos geográficos no território. Objetos estes que permitem novos fluxos e novas ações, alterando a estrutura do lugar. Em consequência disso, o Estado investe em infraestrutura objetivando reestruturar a ordem local, mesmo que a infraestrutura seja criada com a finalidade de suprir intencionalmente determinadas poções do território que essas empresas venham a se instalar – uma ordem global. Nesse movimento os meios de hospedagem internacionais se instalam, principalmente, após a

consolidação do destino turístico e dos hotéis nacionais/locais, remetendo ao ciclo de vida da atividade turística de Butler (1980). Como em Natal houve essa consolidação, o movimento de internacionalização da atividade turística, a partir dos meios de hospedagem, também ocorreu.

Por isso, os Meios de hospedagem (os hotéis, hostels, pousadas, apart/hotel) têm uma grande complexidade e, inclusive, atraem diferentes tipos de turistas. Assim, novas tessituras são criadas, complexificando as relações espaciais do turismo de Natal com outros países do mundo, conectando a capital potiguar a novos com a criação de novas redes e novos fluxos, por causa da origem desses grupos e, obviamente, dos turistas (fluxos de pessoas). Ainda assim, a concentração dos grupos dos meios de hospedagem remete a dois continentes, o americano e o europeu. Não há, portanto, nenhum MH que extrapole esse limite, o que, também, pode influenciar demasiadamente o público de turistas. O Mapa 22 apresenta a procedência das redes e grupos atuantes em Natal, tomando por base os dados do Quadro 13.



Mapa 22 – Localização dos Países que têm Redes e Grupos de Meios de hospedagem e a quantidade destes instalados em Natal/RN.

Observa-se no Mapa 22 os grupos e redes dos meios de hospedagem concentrados na América e na Europa. Uma rede, inclusive, localiza-se nos EUA e outra na Argentina. Na Europa ocidental, pela tradição do turismo, é comum grandes empresas instalando seus hotéis, por exemplo, em países onde o turismo é emergente, principalmente no Caribe, América do Sul e Sudeste Asiático, objetivando a busca incessante pelo lucro, as leis ambientais fragilizadas, bem como as legislações trabalhistas aquém da seguridade laboral. De tal modo, influenciado por esse contexto, há, também, uma quantidade significativa de redes e grupos com suas filiais no território natalense, como se pôde perceber neste mapa.

O Mapa 22 exprime informações relacionadas a quantidade de grupos e de meios de hospedagem em Natal, demonstrando os MH pertencentes a grupos e os países de origem. Assim, percebe-se as interações espaciais de Natal com diversos países ocorridas a partir desses capitais, algo que até o início dos anos 1990 era incipiente, e o turismo contribui para aumentar essas conexões. Dessa maneira, os principais países europeus têm laços com Natal por causa da atividade turística, que, por sinal, é a principal atividade econômica da cidade. Mas não só esses países, Natal passa a se conectar internamente com o restante do Brasil, também, quando absorve os investimentos nacionais e aumenta a sua capacidade de leitos, podendo assim ter uma quantidade maior de fluxos no território, nacional ou internacional.

Dessa maneira, no Mapa 22 a França, Espanha e o Reino Unido são os países cuja quantidade de grupos e MH é elevada, além obviamente do próprio Brasil, que, por sua vez, apresenta a maior quantidade. Esses meios de hospedagem, portanto, articulam capitais fixos na própria instalação intencional de objetos geográficos no território, mas também dão fluidez a esse mesmo território, tendo em vista que a instalação desses fixos permite determinados fluxos.

A organização de empresas em grupos/redes, para obter maiores lucros, traz novas dimensões ao território, reconfigurando-o e o dotando de novos movimentos, novas redes. Por isso esses investimentos estrangeiros em Natal mudam a forma como a cidade está organizada espacialmente; e o turismo é/foi, portanto, elemento-central na reestruturação urbana que aconteceu em Natal, transformando-a em uma das principais cidades turísticas do Nordeste e, conseqüentemente, do Brasil.

Devido a isso, os grupos e as empresas em redes se tornam extremamente relevantes na composição da tessitura urbana de Natal. Entretanto, dos empreendimentos turísticos cujo objetivo é a hospedagem, a instalação não está restrita a meios de hospedagem internacionais

com capital de origem que sejam originários de grupos. Ao contrário, há ainda alguns outros MH que, mesmo sem pertencer a algum grupo ou rede internacional, tem como seu proprietário um empresário de origem estrangeira, configurando em mais um aspecto da internacionalização.

Até por isso não há como apenas discutir a internacionalização dos meios de hospedagem com as redes as quais esses MH estão inseridos, há ainda os empreendimentos turísticos cujos donos não têm/não são integrados a nenhuma rede ou grupo, mas são estrangeiros e decidem, por variados motivos, investir em um determinado local – neste caso, por exemplo, em Natal²⁹. Com a pesquisa em todos os MH de Natal, conseguiu-se captar dados relacionados a proprietários estrangeiros e, com isso, foram sintetizados, aliados com os dados dos grupos/redes internacionais, fazendo, assim, com que pudéssemos observar, em tabela e mapas, como estão postos os MH internacionais em Natal.

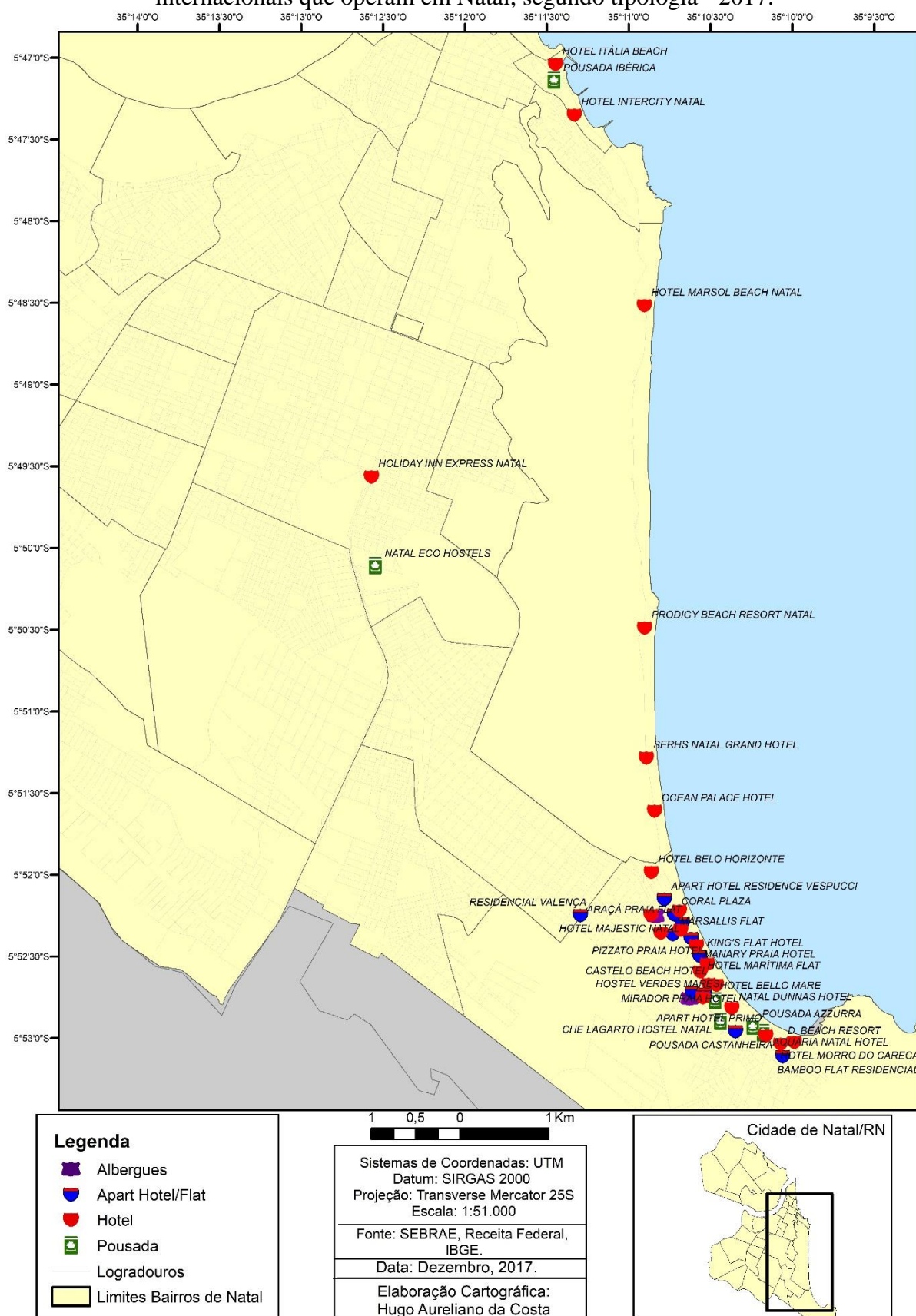
Dessa maneira, a internacionalização tem ainda mais elementos para observá-la na estrutura urbana de Natal. Conseguindo esses dados, percebe-se, portanto, como a turistificação de boa parte de Natal esteve atrelada, também, a esses empreendimentos, devido a sua representatividade com relação a quantidade total dos Meios de Hospedagem de Natal e, mesmo, para a capacidade de leitos. Assim, o entendimento do turismo, novamente, se passa com os meios de hospedagem, por ser um agente de mercado (FRATUCCI, 2008) crucial na estrutura dessa atividade econômica e por criar esses fixos, dar novos direcionamentos da valorização urbana de uma cidade.

Com isso, as conexões espaciais que existem entre Natal e outras localidades também são aprofundadas, mesmo com MH estrangeiros com donos sem ter vínculo com nenhum grupo ou redes. Esses podem, com boa propaganda, atrair turistas principalmente de seu local de origem para a capital potiguar com as mais variadas estratégias, com pacotes e operadoras. Então a criação dessas novas redes ou a consolidação destas tem considerável influência no capital de origem desses meios de hospedagem, daí a importância de se verificar a estrutura de Natal não apenas por forma-função, mas também por sua estrutura, entendendo por trás todo o processo para a consolidação desses empreendimentos.

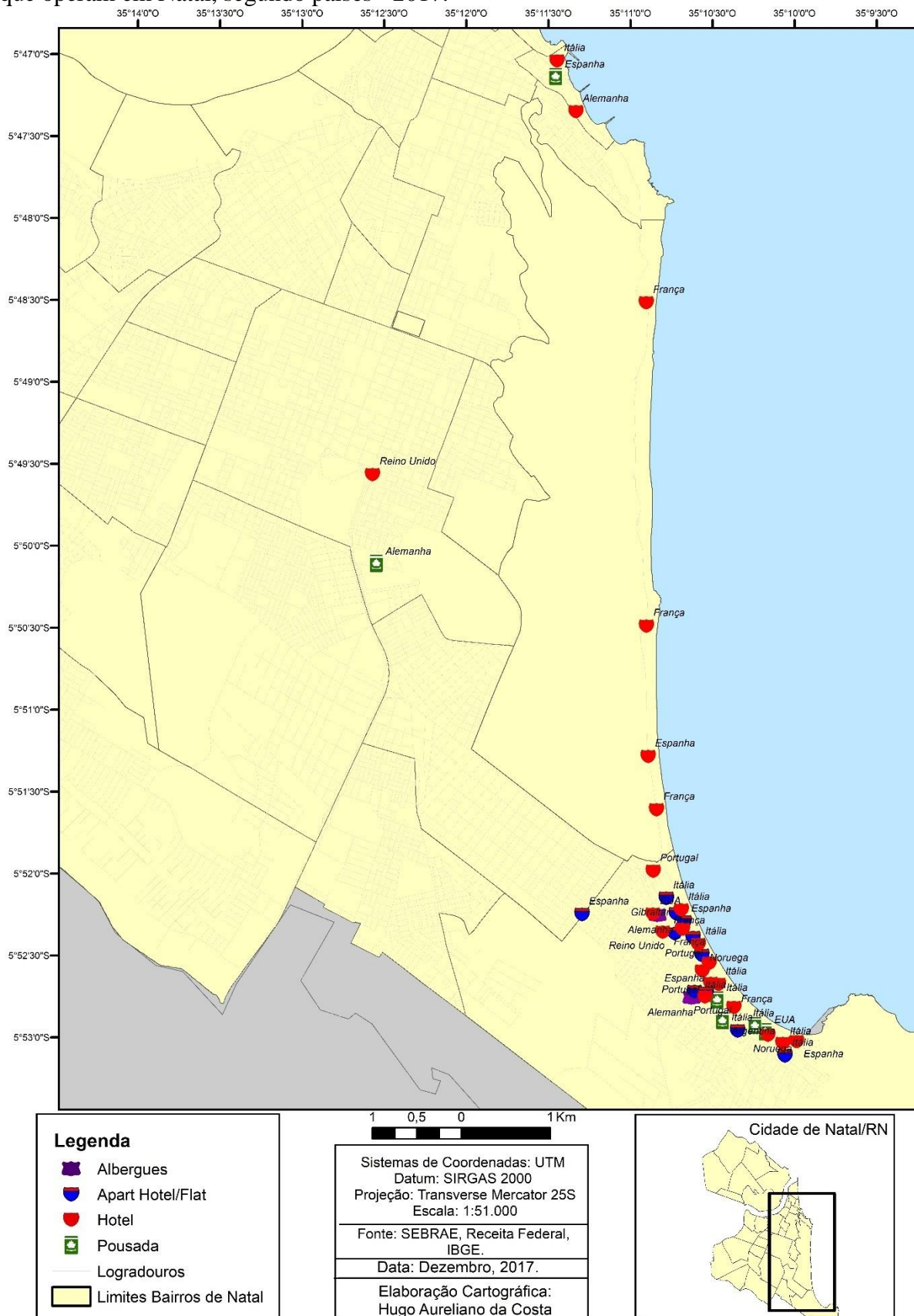
²⁹ Para obter esses dados, foi feita uma pesquisa com o CNPJ dos MH captados no Cadastur e na pesquisa do SEBRAE/RN (2012) para cruzar com os dados da Receita Federal, indo em busca do capital social das empresas. Nesse tópico, pode-se observar o capital social (quantidade declarada de valor do empreendimento, mas que por ter cifras irreais não se considerou colocá-las aqui) e pode-se ver o proprietário ou sócio da empresa, além do país de origem deste. O empreendimento tendo um sócio estrangeiro, já decidiu-se quantificar como meio de hospedagem com capital internacional.

Assim sendo, esses meios de hospedagem apresentam interações entre Natal para com o mundo pelo fato de terem proprietários provenientes de outras localidades. Apresentando esses objetos geográficos verticais/externos à Natal, o Mapa 23 demonstra quais são esses fixos e como eles estão territorializados no tecido urbano da capital potiguar. É importante mencionar que esse mapa se refere aos investimentos internacionais, seja de proprietários ou grupos. O Mapa 24, além disso, mostra, em cada ponto, qual é o país de origem desses empreendimentos, dando, assim, entendimento a respeito dos investimentos externos que aconteceram em Natal.

Mapa 23 – Meios de hospedagem pertencentes a proprietários ou grupos internacionais que operam em Natal, segundo tipologia - 2017.



Mapa 24 – Meios de hospedagem pertencentes a proprietários ou grupos internacionais que operam em Natal, segundo países - 2017.



Portanto, observa-se no Mapa 22 a principal característica dos Meios de hospedagem com capital estrangeiro é, a exemplo do Mapa 19, é se localizar nas partes mais propícias e fecundas do turismo natalense, neste caso nas proximidades com a praia. No bairro de Ponta Negra, mais uma vez, tem-se a concentração da maior parte dos Meios de Hospedagem com capital internacional, o que acarreta em valorização imobiliária e demonstra como o turismo está, de fato, direcionado para essas áreas. Por isso a lógica do “sol e mar” é a principal catalizadora da forma em que o turismo se estrutura na capital do Rio Grande do Norte. Destarte, os MH de origem nacional ou internacional, quase sempre, vão estar inseridos diante desse contexto, gerando assim relativamente padrões espaciais desses objetos geográficos em Natal.

Dessa maneira, o Mapa 23 apresenta uma estrutura, caso comparada com a do Mapa 21, demonstra algumas divergências, como, por exemplo, ter uma representatividade maior de meios de hospedagem espanhóis, portugueses e, principalmente, italianos. Estes, a despeito de não estarem vinculados à redes e grupos, acabam, pelas informações colhidas, por mostrarem-se presentes em quantidade considerável na capital potiguar, totalizando 11 empreendimentos. Além deles, há o acréscimo, também, de meios de hospedagem cujos proprietários são noruegueses, demonstrando que investimentos de países nórdicos existem em Natal, embora sejam mais frequentes em outros municípios (do litoral) do Rio Grande do Norte³⁰. Assim, há, pois, mudanças entre os Mapas 24 e 21, tendo em vista a maior quantidade de MH representados no primeiro e outros países tornando-se protagonistas na quantidade desses objetos geográficos, os Meios de hospedagem; de tal modo, as conexões espaciais criadas a partir desses fixos não se restringem, evidentemente, às redes e grupos, por isso os Mapas 23 e 24 são importantes para entender esse aspecto, dos Meios de hospedagem, na sua totalidade, cujo capital de origem pertencem a países internacionais e fazem com que Natal se conecte espacialmente com outros lugares.

O Quadro 14 apresenta, de maneira sucinta e discriminada, as informações tabuladas e espacializadas nos Mapas 23 e 24. Dessa maneira, quando o Meio de Hospedagem não pertence a nenhuma rede ou grupo, optou-se por deixar o espaço em branco, para destacar os MH cuja

³⁰ O Pereira (2015), em estudo realizado no litoral setentrional potiguar, principalmente em Rio do Fogo e Touros, apresenta os investimentos de países internacionais, demonstrando como algumas cidades a norte de Natal recebem fixos do turismo, por exemplo, de países como a Noruega, Suécia, dentre outros que não são tão comuns na capital potiguar.

origem ou mesmo diante de seu funcionamento tem premissas básicas na organização que os diferem dos outros objetos geográficos do ramo hoteleiro.

Quadro 14 – Local de Origem dos Meios de hospedagem internacionais.

Nome	Tipo	Rede	País de Origem
Hotel Bello Mare	Hotel		Itália
Manary Praia Hotel	Hotel		Itália
Apart Hotel Primo	Apart Hotel/Flat		Itália
Esmeralda Praia Hotel	Hotel	Rede Accor	Itália
Bamboo Flat Residencial	Apart Hotel/Flat		Itália
Pousada Azzurra	Pousada		Itália
Pousada Recanto Das Flores	Pousada		Itália
Mirador Praia Hotel	Hotel		Itália
Apart Hotel Residence Vespucci	Apart Hotel/Flat		Itália
Hotel Itália Beach	Hotel		Itália
D. Beach Resort	Hotel	Operadora Dimensione	Itália
Ocean Palace Hotel	Hotel	Rede Accor	França
Hotel Marsol Beach Natal	Hotel	Rede Accor	França
Natal Dunnas Hotel	Hotel	Rede Accor	França
Flat Elegance Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	Rede Accor	França
Prodigy Beach Resort Natal	Hotel	Rede Accor	França
King'S Flat Hotel	Apart Hotel/Flat	Rede Accor	França
Marsallis Flat	Apart Hotel/Flat	Rede Delphia	França
Serhs Natal Grand Hotel	Hotel	Rede Accor	Espanha
Hotel Morro Do Careca	Hotel		Espanha
Pousada Ibérica	Pousada		Espanha
Residencial Valença	Apart Hotel/Flat	UniHotéis	Espanha
Araçá Praia Flat	Apart Hotel/Flat	UniHotéis	Espanha
Premium Flat Ponta Negra	Apart Hotel/Flat	UniHotéis	Espanha
Pizzato Praia Hotel	Hotel		Portugal
Quality Suites Natal	Apart Hotel/Flat	Atlântica Hotels	Portugal
Hotel Belo Horizonte	Hotel		Portugal
Comfort Hotel & Suites Natal	Hotel	Atlântica Hotels	Portugal

Praiamar Natal Hotel & Convention	Hotel	Inter Continental Hotel Groups	Reino Unido
Holiday Inn Express Natal Ponta Negra	Hotel	Inter Continental Hotel Groups	Reino Unido
Holiday Inn Express Natal	Hotel	Inter Continental Hotel Groups	Reino Unido
Castelo Beach Hotel	Hotel	Anton Munnik	Reino Unido
Hostel Verdes Mares	Albergues	Hi Hosteling Internacional - Rede	Alemanha
Albergue Da Costa Hostel	Albergues	Hi Hosteling Internacional - Rede	Alemanha
Hotel Intercity Natal	Hotel	Rede Intercity	Alemanha
Natal Eco Hostels	Pousada	Hi Hosteling Internacional - Rede	Alemanha
Pousada Castanheira	Pousada		EUA
Hotel Majestic Natal	Hotel	Best Western Hotels & Resorts	EUA
Hotel Marítima Flat	Hotel	Rede Dorisol	Noruega
Aquaria Natal Hotel	Hotel		Noruega
Che Lagarto Hostel Natal	Pousada	Rede Che Lagarto Hostels	Argentina
Coral Plaza	Apart Hotel/Flat	Agudo Holdings Limited	Gibraltar

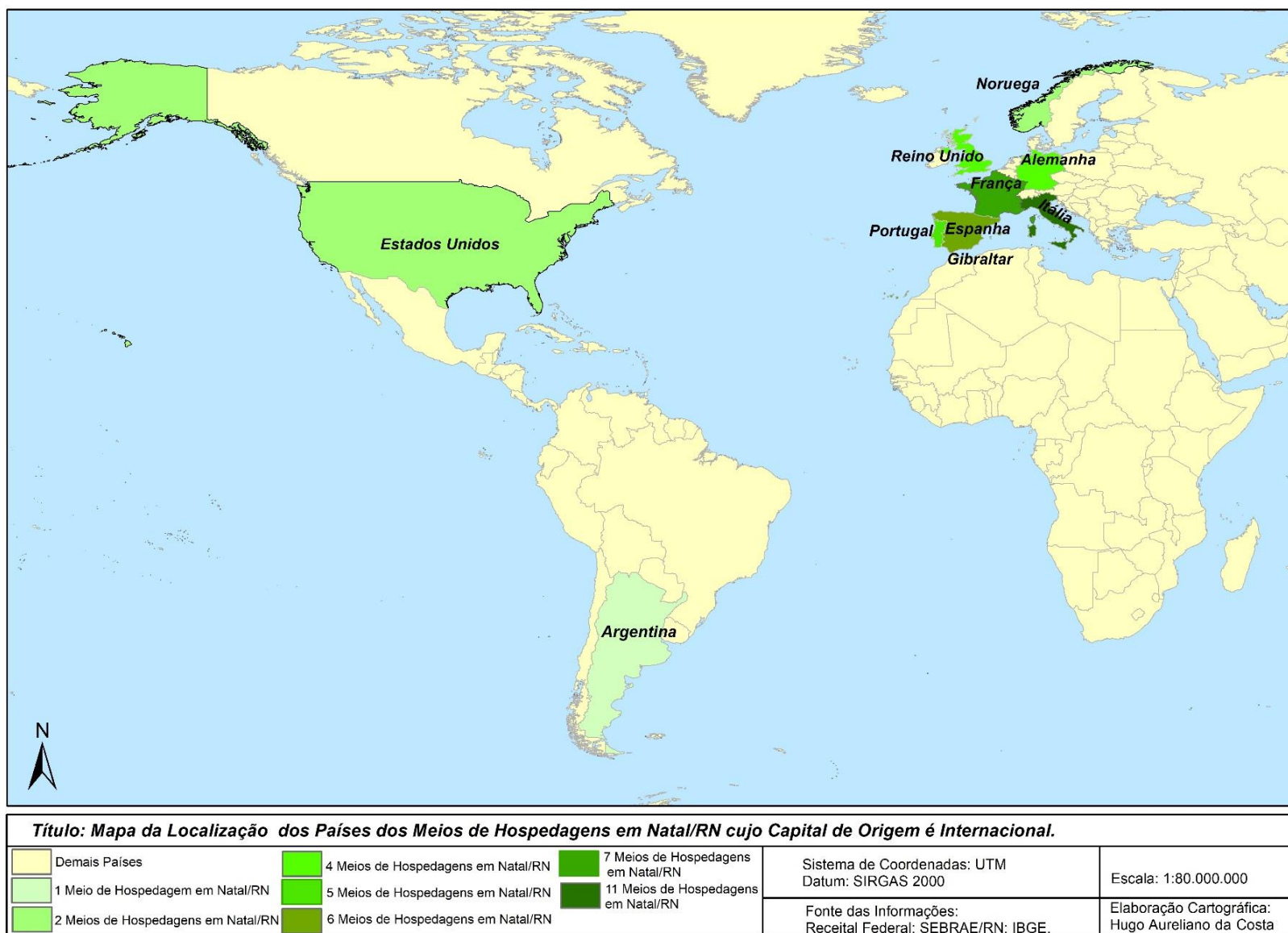
Fonte: SEBRAE/RN, Receita Federal, CADASTUR e Site das Redes de Hospedagem.

Nota-se nos dados do Quadro 14 um hotel cujo dono declarado é italiano (Esmeralda Praia Hotel), mas que pertence a Rede Accor, originária da França. Esse fato é explicado pois a Accor, quando não compra a totalidade do empreendimento, compra “a plataforma da gestão” deste, sendo passada a parte organizacional de um hotel, por exemplo, para a Rede Accor, repaginando-a com alguma de suas marcas (como a Ibis, Mercure, Novotel) e os lucros divididos entre a Rede e o proprietário do prédio/hotel. Dessa maneira, a Rede Accor consegue expandir a quantidade de Meios de hospedagem os quais administra, devido a essa estratégia mais flexível de gestão. Mesmo assim, a França não lidera a quantidade total dos MH em Natal, sendo, ao contrário, a Itália quem tem a maior representatividade referente a esses objetos geográficos, como se pode perceber nos dados do referido quadro.

Portanto o Quadro 14 demonstra como os hotéis de dono italianos são os com maior representatividade na cidade de Natal, com um total de 11, seguido pela França, com 7, a Espanha, com 6 e Portugal com 5. A Alemanha, com 4, junto do Reino Unido vêm em seguida; além deles, os Estados Unidos e a Noruega também se apresentam como países de origem de mais 2 empreendimentos, cada. E Gibraltar com a Argentina possuem, ambos, 1 meio de hospedagem no território natalense. Assim é perceptível que há, dessa maneira, variados países, de dois continentes, com capital instalado em Natal. Em comparação com o mapa 20, a concentração dos países internacionais e seus investimentos provêm com maior quantidade da Europa, como se percebe no Mapa 23.

O continente europeu apresenta, em Natal, 40 meios de hospedagem instalados na capital potiguar pertencentes a grupos ou que o proprietário se origina no “velho continente”; e o continente americano, excetuando o Brasil, apresenta, portanto, 3 empreendimentos. Assim, a Europa é, ainda hoje, importante para a dinâmica do turismo potiguar, obtendo papel inclusive de protagonista. Mas não só a dinâmica no que diz respeito ao fluxo de turistas, também com relação aos objetos geográficos do turismo instalados no território.

Dessa forma, o turismo é uma teia complexa da relação entre os mais variados fatores, fixos e fluxos, e a sua dinâmica não está imbricada a apenas os turistas. Os meios de hospedagem são, portanto, cruciais por, além de permitirem o fluxo, serem eles um fluxo de capital, de investimentos. Assim sendo, são dotados de lógicas externas em sua origem para com Natal, uma vez que eles têm, em sua concepção, origem internacional, com os mais variados interesses e fixam na capital potiguar durante o período em que a atividade turística resulte em lucro, além de, em conjunto, ter força para captar e influenciar ações públicas. O Mapa 25 apresenta, então, como está distribuído, por países, em um mapa global os meios de hospedagem localizados em Natal cujo capital de origem é internacional.



Mapa 25 – Localização dos Países dos Meios de hospedagem em Natal/RN cujo capital de origem é internacional.

O Mapa 25 explicita as conexões espaciais entre o capital internacional (Meios de Hospedagem) e a cidade de Natal. Há, de fato, uma internacionalização e turistificação dos lugares, também, a partir desses MH. Este Mapa mostra a distribuição espacial dos países dos quais procedem os investidores presentes na atividade turística de Natal, destacando-se a Europa Ocidental com maiores aportes de investimentos.

Assim, no território natalense, interligado por esses agentes de mercado, são criadas redes devido ao fluxo de turistas que, por ventura, irá existir e se alojar nos meios de hospedagem; porém,

o território-rede estabelecido pelos agentes produtores do turismo na escala local dos destinos turísticos resultante da combinação das relações estruturais e funcionais com que cada um deles atua, ultrapassa os limites do território apropriado pelo turista e apresenta especificidades oriundas das próprias características do fenômeno turístico: descontinuidade espacial, sazonalidade e flexibilidade. (FRATUCCI, 2008, p. 256)

Os MH portanto, enquanto agentes produtores de turismo, são uma face do turismo, implantados no território e permitindo redes, principalmente aquelas que comportam os turistas e a sua territorialização. Por isso sua importância, pois, além da quantidade verificada desses objetos geográficos no Mapa 15, os mapas 20 e 23 apresentam um caráter que vai além a este, isto é, demonstram aqueles com origem internacional e como modificam os territórios.

5.2 Os Turistas, as Redes e Natal: Conexões espaciais internas ao Polo Costa das Dunas e externas à Capital Potiguar.

O turista é, necessariamente, o ator principal do turismo. É por causa dele que a atividade se estrutura, visando atendê-los e, com isso, organiza-se toda a cadeia produtiva para esse ator. Os turistas, em essência, de acordo com Fratucci (2008, p. 242), são reticulares, isto é, agentes externos (visitantes) a uma determinada localidade e usam o território a partir de alguns lugares, não necessariamente contíguos e não visitam a região turística em sua totalidade. Por isso seus deslocamentos são, também, feitos em formato reticular, ou seja, por meio de pontos, deslocando-se para esses atrativos turísticos (fixos), o lugar o qual têm interesse. Além disso, a fixidez espacial caracteriza a destinação turística, de modo que o produto não pode se deslocar, gerando a necessidade da viagem para o consumo do produto turístico (SANCHEZ, 1999).

Dessa maneira, de acordo com o próprio Fratucci (2008), os motivos das viagens dos turistas são, a saber: oportunidade de afastamento do cotidiano e da rotina de trabalho; tempo de lazer e descanso; busca ver e ser visto; e há os mais exigentes e interessados em manter contato com a cultura dos locais visitados. Portanto, por variados motivos os turistas se deslocam espacialmente para outros pontos do território. Chegando a esses locais, deslocam-se para os locais de seus interesses, isto é, lugares, principalmente, com caráter turístico, daí considerar, segundo esse autor, que os turistas têm “territorialidade flexível”. Isso reverbera, também, em pensar como, além da flexibilidade do deslocamento turístico, há a sazonalidade dos turistas, intermediando entre a alta e a baixa estação.

Destarte, esses visitantes não apresentam uniformidade durante o ano em deslocamento para algumas regiões, nem usam o território na sua totalidade. Com relação à alta e baixa estação, devido a forma como o turismo se organiza nos países subdesenvolvidos, como é o exemplo o Brasil e a cidade de Natal, a estação do deslocamento turístico coaduna com as estações climáticas. O auge da atividade e com maior visitação corresponde ao verão (alta estação), compreendido entre dezembro e fevereiro; no inverno (baixa estação) há, sempre, um menor deslocamento de turistas a essa localidade, pois o turismo no litoral natalense, é capitaneado pelo “sol e mar”.

Além da incidência da alta e baixa estação, outros fatores são considerados na estruturação da mobilidade dos turistas no território. Por exemplo, há múltiplos tipos de turistas que, portanto, vão para diferentes meios de hospedagem. Alguns visitantes se hospedam em hostels/albergues, além disso apresentam comportamentos e hábitos com cunho do tipo excursionista-recreativo; aqueles que se hospedam em resorts, por sua vez, tendem a procurar lugares mais seguros. De todo modo, ambos, quando se hospedam em um determinado MH, deslocam-se para uma rede de destinos turístico em busca dos atrativos (fixos), criando, assim, uma região de articulação dos pontos turísticos, os fluxos. Em Natal, a cidade central a qual esses turistas vão, primeiro, é a própria capital potiguar, que se apresenta como a maior centralidade turística do Rio Grande do Norte, para, depois, deslocar-se a outros pontos do território. Acerca desse fenômeno, Fratucci (2008, p. 247) afirma que

Essas viagens, limitadas por uma distância-tempo média de duas horas, estimulam a articulação de uma rede de destinos turísticos, normalmente ancorados em torno de um centro turístico consolidado no mercado ou de um atrativo turístico de expressivo poder de atratividade, como um parque nacional, uma queda d'água de grande expressão ou um conjunto de praias.

Dessa maneira, a articulação entre Meios de hospedagem, destinos turísticos e turistas cria uma complexidade na composição do turismo, como é o caso de Natal. Os meios de hospedagem, com os atrativos turísticos de Natal, criam um “nó”, do qual fala Fratucci (2008), que é o local central do turismo na região. Esse local central pode ser considerado, também, como centro emissor, pois os turistas hospedados se articulam com outros “pontos”, isto é, os destinos turísticos. Dessa maneira, o deslocamento entre esses pontos e nós cria redes no território, tendo sua gênese, portanto, a partir desses fluxos dos turistas em ida e volta em outras cidades ou mesmo dentro de Natal. Acerca dessa articulação, Fratucci (*ibidem*, p. 124) é enfático e esclarece que

Com base no comportamento e nas ações dos diversos agentes produtores do turismo, o espaço turistificado organiza-se a partir de pontos/nós (destinos turísticos) articulados e interligados entre si e com outros pontos/nós (centros emissores), estabelecendo tessituras, que variam de intensidade e de escala, de acordo com o tipo e o modo do turismo estabelecido.

Por isso, além dos meios de hospedagem e outros agentes de mercado como operadores turísticos e agências de viagens, é fundamental a existência de turistas para criação de redes e tessituras no espaço geográfico. Dessa maneira, o deslocamento dos turistas aos atrativos turísticos é essencial porque acarreta em transformações espaciais nos lugares que atendem a este público, devido a organização para gerar um serviço satisfatório; o deslocamento desses turistas também gera emprego e renda para a população local. Assim, os gastos desses turistas ocasionam evidentemente a entrada de divisas em determinados locais e, com isso, dinamiza-se a economia. Portanto, o turista é o elemento central do turismo. Entender esse movimento no território é crucial para o debate das redes existentes a partir dos turistas, inclusive no estado potiguar.

O debate referente ao turismo com relação aos turistas pauta-se, neste estudo, sobre a procedência destes e as etapas de seu deslocamento. A cidade de Natal, como o principal destino turístico consolidado do Rio Grande do Norte, foi a primeira a receber vultuosos investimentos e tornou-se, no contexto da reestruturação produtiva potiguar, um centro emissor e receptor dos turistas – receptor dos turistas externos à Natal e emissor para os destinos turísticos próximos. Mas, para os turistas visitarem Natal, duas características se estabelecem como centrais, a saber: a infraestrutura natalense para receber os visitantes e a existência de atrativos que coloquem a capital potiguar no rol das destinações turísticas.

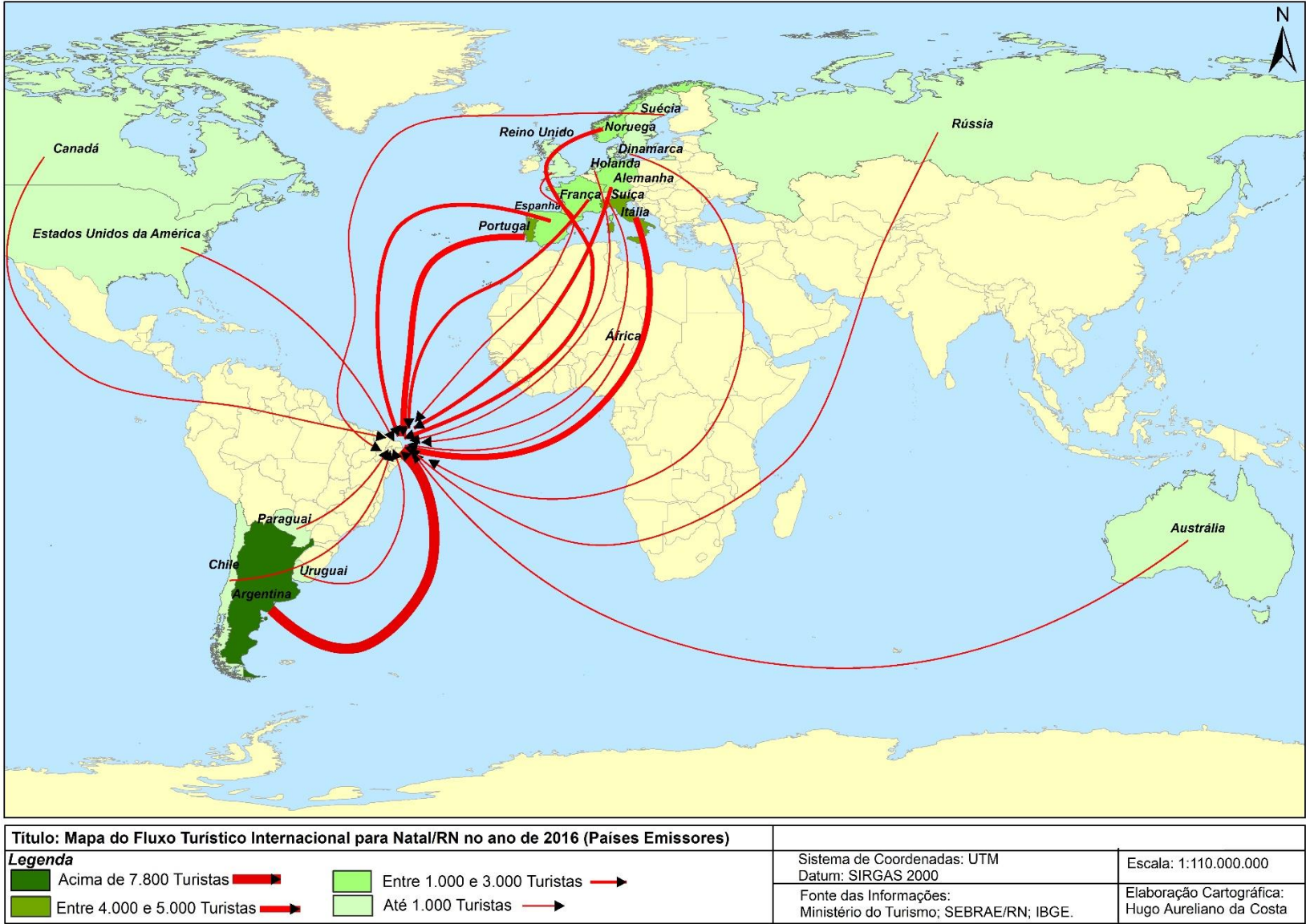
Entendendo Natal como um nó da rede turística e do turismo do Polo Costa das Dunas, a partir da referida atividade, este município recebe fluxos também de origem internacional. Assim, a capital potiguar se conecta com as cidades próximas devido ao turismo com redes internas, conecta-se espacialmente com outros estados brasileiros a partir de redes externas e, também, tem interações espaciais com outros países do mundo por conta do turismo.

Destarte, a relação entre a rede global de turistas e Natal se dá na medida em que variados países emitem visitantes para a capital potiguar. Essa relação apresenta determinados efeitos para a economia natalense, a saber: o turista necessariamente vai consumir no (neste) local visitado, podendo ser: restaurantes, a própria hospedagem, o deslocamento para visitar determinados atrativos turísticos etc. Com isso, o lugar que hospeda esse visitante ou irá receber, portanto, divisas, dinamizando a economia e gerando um efeito cascata, pois, quanto mais consumo se tem em um determinado local, mais dinâmica a economia se torna.

Dessa forma, os turistas os internacionais são vistos com “bons olhos” pelo poder público. Daí o massivo investimento em propaganda visando o fluxo turístico internacional³¹. Conforme pesquisa da Fecomércio/RN (2017)³², estipulou-se a quantidade (porcentagem) de turistas nacionais e internacionais no ano de 2016. Na alta estação, do referido ano, 79,7% dos turistas eram provenientes de algum estado brasileiro, entretanto 20,3% do total de turistas pertenciam a algum outro país, o que mostra, portanto, a relevância e protagonismo, também, dos visitantes internacionais a cidade de Natal. De acordo com dados do governo do estado do RN, o mercado turístico internacional, por intermédio de 30.425 turistas, em 2016, movimentou (injetou), neste ano, mais de 80 milhões de reais para a economia potiguar. Isto é, uma quantia extremamente alta e relevante. Como se percebe no Mapa 26, o fluxo turístico internacional para Natal é bem diversificado. Além disso, o gasto diário, por cada turista, foi de 235 reais. A cidade de Natal se apresentou, neste ano, como o 15º destino mais visitado por turistas internacionais no conjunto do território brasileiro, de acordo com o Ministério do Turismo e o valor médio movimentado por esse setor no estado do Rio Grande do Norte foi de 3 bilhões de reais, representando 8% do PIB potiguar.

³¹ E, consequentemente, a maior arrecadação de impostos.

³² Fonte: </ <http://blog.tribunadonorte.com.br/eturismo/87121/> >. Acesso em 21/01/2018.



Mapa 26 – Fluxo Turístico Internacional para Natal/RN no ano de 2016 (Países Emissores).

Como se percebe no Mapa 26, a cidade de Natal tem seu fluxo turístico internacional pertencente aos 5 continentes, principalmente o continente europeu. Assim, nota-se uma gama de países, através de seus fluxos, emitindo visitantes para a capital potiguar e conectando-a espacialmente com esses países. Dessa maneira, o fluxo internacional apresenta algumas características principais, a saber: o movimento de visitantes regionais, principalmente devido a magnitude dos argentinos, faz com que os países limítrofes com o Brasil apresentem relevância no turismo potiguar, acarretando, portanto, em um turismo regional entre os países da América do Sul e Natal; além dessa característica, o mercado com a maior emissão de turistas internacionais para o Brasil é o europeu, no período compreendido entre os meses de dezembro e março, ou seja, na alta estação, a partir da lógica do turismo “Sol e Mar.

Tabela 01 – Quantidade de Turistas que visitaram Natal no ano de 2016 e o seu País de Residência Permanente.

País de Residência Permanente do Turista que visitou Natal no ano de 2016	Total de Turistas
Continente Africano	43
Rússia	87
Chile	102
Canadá	120
Dinamarca	134
Uruguai	134
Paraguai	174
Austrália	176
Reino Unido	493
Estados Unidos	558
Suécia	655
Suíça	807
Holanda	897
Alemanha	1380
Espanha	1744
Noruega	1763
França	2536
Portugal	4524
Itália	4630
Argentina	7683

Fonte: Ministério do Turismo, 2017.

Portanto, como se percebe no Mapa 26 e na Tabela 01, o país que mais emite visitantes para o Brasil é a Argentina, com quase 7.800 turistas. Além da proximidade com os argentinos, o mercado sulamericano entre esses países é forte – muitos brasileiros visitam a Argentina e vice-e-versa; em seguida, a Itália é o segundo país do mundo com maior fluxo de visitantes para

Natal, totalizando 4630, seguido por Portugal, com 4524. A França, a Espanha, a Noruega e a Alemanha, também são relevantes turisticamente com, respectivamente, 2536, 1744, 1736 e 1380 visitantes anuais. Todos os outros países apresentaram menos de 1000 turistas por ano, porém cabe destacar a Suíça com 807, a Suécia com 655, os Estados Unidos com 558 e o Reino Unido com 493. A Tabela 01, com os dados do Ministério do Turismo, apresentam, também, relação com os dados da Tabela 02³³ cuja fonte é da pesquisa realizada pela Fecomércio/RN. Nesta, observou-se, com as entrevistas, que, do total de turistas entrevistados, 20,3% eram provenientes de outros países. Os países desses turistas, como se percebe na Tabela 02, são semelhantes aos do Mapa 26, com a liderança do fluxo de turistas provenientes da Argentina e, logo em seguida, da Itália, além da demonstração que o fluxo europeu e sulamericano são os mais presentes na capital potiguar.

Tabela 02 – Porcentagem do Fluxo Turístico Internacional à Natal, de acordo com a Fecomércio/RN (2017).

País de Origem	Porcentagem no geral
Argentina	6,90%
Itália	1,00%
Uruguai	1,00%
Estados Unidos	0,50%
Chile	0,30%
Paraguai	0,30%
Portugal	0,30%
África	0,20%
Austrália	0,20%
Espanha	0,20%
Holanda	0,20%
Noruega	0,20%

Fonte: FECOMÉRCIO/RN, 2017.

O fluxo turístico internacional, portanto, tem, além de sua relevância na quantidade de pessoas, outro dado importante, a saber: no Mapa 25, que afere acerca dos países de origem de capital estrangeiro dos Meios de hospedagem, existe uma similaridade com o Mapa 26 e o fluxo de turistas internacionais à Natal. Isto é, empreendimentos e/ou redes com origem na Argentina, Estados Unidos, França, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Noruega e Reino Unido são, praticamente, os mesmos países (principais) que emitem turistas para Natal. Assim, percebe-se a semelhança entre os empresários do ramo hoteleiro, as redes de Meios de hospedagem com

³³ A princípio, na pesquisa realizada pela FECOMÉRCIO/RN (2017), 20,3% dos turistas que foram entrevistados e que “vieram” à Natal eram internacionais, enquanto que o restante residia no próprio país. Esta tabela demonstra, portanto, esses turistas internacionais de maneira discriminada pela FECOMÉRCIO.

capital internacional e o próprio fluxo de turistas, demonstrando como, a partir dessas redes e empreendimentos, há a coadunação do território não só do fixo de origem estrangeira de um determinado país, bem como também do fluxo resultante do mesmo país.

Dessa maneira, os turistas e os Meios de hospedagem estrangeiros conectam Natal com outras partes do mundo e o reestruturam internamente, por intermédio dessas redes. Haesbaert (2006, p. 123) discorre acerca desse fato e afirma que

a realidade concreta envolve uma permanente interseção de redes e territórios: de redes mais extrovertidas que, através de seus fluxos, ignoram ou destroem fronteiras e territórios (sendo, portanto, desterritorializadoras), e de outras que, por seu caráter mais introvertido, acabam estruturando novos territórios, fortalecendo processos dentro dos limites de suas fronteiras (sendo, portanto, territorializadoras).

Assim, para atender as redes internacionais de turistas, como uma ordem global, os meios de hospedagem desestruturam a forma na qual está organizada a cidade de Natal e a reestrutura, criando tessituras urbanas e readequando locais aos preceitos do turismo. Dessa forma, os turistas, ao chegarem em Natal (principal nó do Polo Costa das Dunas) e se deslocar no RN, também reestruturam o lugar, fomentando a criação de novos empreendimentos. Destarte, a territorialização e as redes do turismo estão dialeticamente se fundindo. Rogério Haesbaert inclusive fala acerca dessa dualidade do binômio território-rede e como percebe-se a territorialização de um fenômeno e/ou as redes dependendo da escala em que se observa, pois, para esse autor, “assim, dependendo da escala em que se concentrar nossa observação, estaremos percebendo mais, ora os territórios, ora as redes que os conectam (ou que os compõem).” (*ibidem*, p. 124).

Portanto, ao observar as redes internacionais e os países que emitem turistas, nota-se, então, as redes entre Natal e sua conexão com o mundo, fomentada pelos turistas. Porém, caso verifique a forma como os turistas se deslocam no território e o próprio movimento de instalação dos Meios de hospedagem, percebe-se a territorialização do turismo no Rio Grande do Norte. Por isso é um caráter mútuo e intrinsecamente relacionado – a territorialização e as redes. Mas, o próprio deslocamento dos turistas dentro do PCD é uma forma de rede, afinal Natal é o nó principal e ele quem conecta e centraliza o turismo para o restante do estado.

Sendo assim, além das transformações internas ocasionadas pelo turismo ocasiona ao se territorializar em uma região turística e alterar a organização do lugar, há, evidentemente,

também, fluxos da ordem externas ao lugar vindo de outros estados brasileiros. O turismo doméstico é consideravelmente relevante para a dinâmica econômica da cidade de Natal. A magnitude desses turistas e a sua importância econômica levou o Michel Jairo, professor de turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a afirmar, em entrevista realizada ao jornal Tribuna do Norte no ano de 2015, que, para Natal, “o turismo doméstico é, até hoje, o nosso principal público”³⁴. Assim, a atividade turística, mesmo com a sua internacionalização, ainda tem como principal público os turistas nacionais.

Dessa maneira, o fluxo turístico entre os estados brasileiros e Natal ocasiona conexões e interações espaciais, uma vez que deslocamento de visitantes acarreta em transformações espaciais. Essas interações, geradas a partir das redes de vias aéreas e terrestres, principalmente, estabelecem, dessa forma, conexões que, até antes do turismo ser relevante para Natal, pouco existiam. A capital potiguar passa a se conectar espacialmente com outros estados brasileiros a partir do turismo. De tal modo, com a reestruturação produtiva em Natal sobretudo a partir dos anos 90, o turismo se transformou em uma das principais atividades econômicas e de serviços da capital potiguar, e essa relevância se dá na medida em que, além de protagonismo, o turismo gera dinâmica de fluxo de capitais e de pessoas. A respeito dessas interações espaciais que existem entre Natal e o restante do Brasil, no Mapa 27 percebe-se quais são os principais estados são relevantes no fluxo de turistas para Natal.

³⁴ Fonte: </ <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-o-turismo-domestico-ata-hoje-a-o-nosso-principal-paublicoa/318307> />. Acesso em 21/01/2017.

Mapa 27 – Fluxo Turístico Nacional, no ano de 2016, para a cidade de Natal/RN.



Dessa maneira, baseando-se em dados da pesquisa divulgada pela Fecomércio/RN no ano de 2017, o Mapa 27 apresenta quais são os estados mais relevantes com o seu fluxo turístico para Natal, demonstrando as conexões espaciais entre os turistas dos estados do Brasil e a cidade de Natal³⁵.

Assim, é perceptível com esses dados todos os estados brasileiros apresentando fluxo turístico para Natal, de acordo com a tabela 03. O estado de São Paulo com, praticamente, 24% se apresenta como o estado mais relevante para o fluxo turístico na capital potiguar. Seguido por Rio de Janeiro, Minas Gerais e a Paraíba; o primeiro com 7,9% e os outros dois com 7,56% se apresentam como locais de origem protagonistas do turismo potiguar. O estado de Pernambuco, também, apresentou uma quantidade relevante de turistas, totalizando 7,11%. O Distrito Federal, Ceará e o estado do Paraná, seguindo a ordem da maior porcentagem, têm, cada, respectivamente, 5,07%, 4,85% e 4,62% do total de turistas que visitaram Natal no ano de 2016. Além deles, Goiás apresentou, nessa pesquisa, 2,93%; já Mato Grosso proporcionou a quantia de 2,48%. O fluxo dos estados da Bahia e Rio Grande do Sul, ambos, apontaram a quantidade de 2,37%. Os demais estados do Brasil ficaram abaixo dos 2%. Além de todos eles, o Rio Grande do Norte apresenta, para Natal, um fluxo de 11,17%, como se percebe na tabela 03.

Tabela 03 – Dados do Fluxo Nacional de Turistas para Natal/RN.

Rótulos de Linha	Porcentagem total de fluxo
São Paulo	23,81%
Rio de Janeiro	7,90%
Minas Gerais	7,56%
Paraíba	7,56%
Pernambuco	7,11%
Distrito Federal	5,07%
Ceará	4,85%
Paraná	4,62%
Goiás	2,93%
Mato Grosso	2,48%
Bahia	2,37%
Rio Grande do Sul	2,37%
Amazonas	1,69%
Mato Grosso do Sul	1,69%
Santa Catarina	1,35%

³⁵ Tendo em vista deixar o Mapa mais didático e perceptível, optou-se, na sua elaboração, por não colocar o fluxo do Rio Grande Norte para Natal, pois prejudicaria o entendimento da chegada das “flechas” na capital potiguar e ficaria, portanto, com o visual mais “carregado”.

Rondônia	1,01%
Alagoas	0,79%
Acre	0,56%
Espírito Santo	0,56%
Maranhão	0,56%
Pará	0,56%
Roraima	0,33%
Sergipe	0,33%
Piauí	0,22%
Tocantins	0,22%
Rio Grande do Norte	11,17%
Não respondeu	0,22%

Fonte: Fecomércio/RN, 2017.

Dessa forma, observando os dados do Mapa 27 e da Tabela 03, percebe-se conexões espaciais entre Natal e praticamente todo o Brasil a partir do turismo. As redes externas ao lugar apresentam, de acordo com o Milton Santos (2012, p.270), três níveis de solidariedades, a saber: o nível local, nível do território-nação (Estado nacional) o nível mundial. A solidariedade local, criada, por exemplo, a partir das redes e do turismo, é onde se tem uma dimensão única e concreta, graças a sua ocorrência no lugar. Isto é, o turismo cria redes externas, mas a dimensão concreta do seu funcionamento no lugar apresenta singularidade na forma em que, a partir das redes, o lugar se adequa a elas e as redes se adequam aos lugares, dando a especificidade do funcionamento do lugar influenciado por essas redes.

O nível mundial é, como se entende, “a primeira totalidade”, empiricizada por intermédio das redes. Em nível mundial determinados fenômenos influenciam vários lugares do mundo ao mesmo tempo, por causa das redes. Este “nível mundo” se tornou, hoje, “empiricizado” – isto é, as redes mundiais instaladas nos lugares são verticais – e se percebe nos lugares estas redes e, por consequência, o mundo.

Já a solidariedade do território, a nacional, é resultado da forma de controle das redes, da regulação e das próprias redes nacionais. Logo, o turismo também está imbricado nessas três ordens/solidariedades. As redes nacionais são importantes para o funcionamento do turismo por causa da criação de infraestrutura através do ente Estado, devido as normas, para, enquanto Sociedade Nacional, funcionalizar determinadas áreas de variados conteúdos, bem como pela existência do próprio fluxo e das redes criadas a partir desse conteúdo pelo próprio território-nação.

Desse modo, o turismo nacional brasileiro segue a essa lógica. Como a cidade de Natal foi dotada de infraestrutura para atender os preceitos mundiais do turismo, há, dessa forma, fluxo turístico para Natal devido aos atrativos e a infraestrutura básica necessária ao turismo, além da legislação necessária que fomenta a atividade turística.

Assim, o turismo, para Natal, a partir do Brasil, existe e tem duas características principais, a saber: a primeira, apresenta forte influência regional, pois 35% do fluxo turístico pertence a região Nordeste, ou seja, 1/3 do turismo nacional que visita Natal se encontra em relativa proximidade; a segunda é, como se percebe no Mapa 27, São Paulo liderar, com folga, o fluxo turístico para a capital potiguar, fato este explicável por causa do público paulista ter o maior poder aquisitivo da nação brasileira. Porém, além de São Paulo, Minas Gerais e o Rio de Janeiro, estados da região sudeste, emitem com grande quantidade turistas à capital do Rio Grande do Norte, com o total, desses três (3) estados, de 39,26%. Dessa maneira a forma organizacional do turismo potiguar e, em particular, natalense tem como principais atores os estados da região Nordeste e a tríade citada da região Sudeste – os estados mais ricos da federação brasileira.

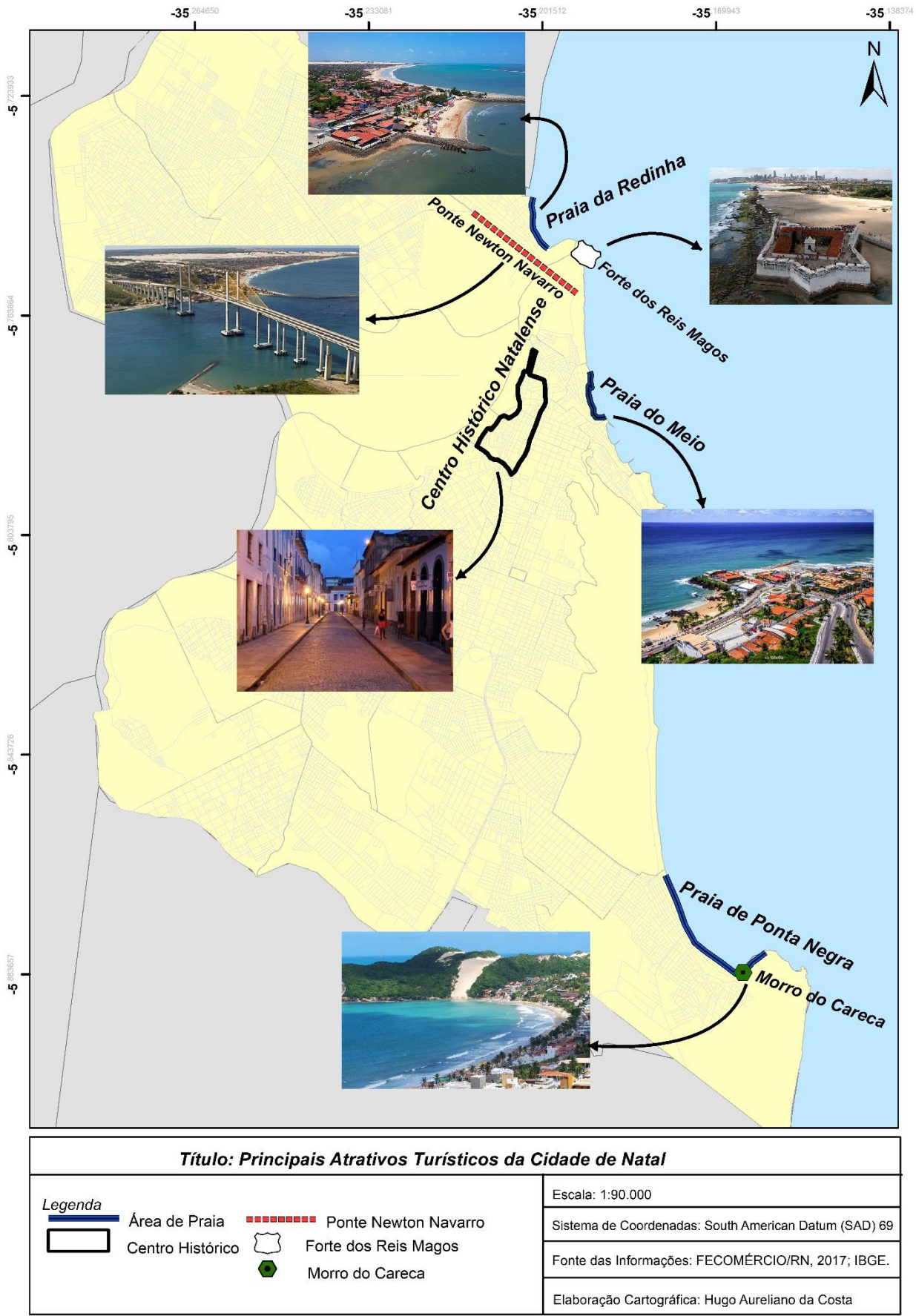
Portanto, Natal se conecta espacialmente com, praticamente, todos os estados nacionais, mas, a partir dessas redes de turistas, as interações espaciais têm estruturas claras e evidentes, com interações da própria região da qual Natal pertence e com os estados de SP, MG e RJ. O turismo é uma atividade que interliga a capital potiguar com o restante do Brasil, sendo, pois, espacialmente e economicamente um serviço relevante na composição econômica e na própria dinâmica de fluxo de capitais e de outros estados da federação brasileira para com Natal. Assim, Natal, no âmago do fluxo turístico, recebe redes de turistas nacionais, dando, dessa forma, novas configurações de ordens externas que, até os anos 90, não existiam.

Desse modo, objetivando suprir essas questões, o governo investiu em infraestrutura e conseguiu, dessa maneira, fomentar a instalação de meios de hospedagem em Natal. Com relação aos atrativos turísticos, pela prática de “sol e mar” a qual Natal está inserida, a Praia de Ponta Negra se estabelece como “carro-chefe” desse movimento, vindo em seguida a Praia do Forte dos Reis Magos, dentro da cidade de Natal, e mesmo a Praia do Meio, essas últimas na Zona Leste da cidade.

Na pesquisa da Fecomércio (2017), estabeleceu-se Natal com 7 atrativos turísticos principais, de acordo com as informações cedidas a partir das respostas dos turistas³⁶. No questionário, os turistas entrevistados em Natal diziam os três principais atrativos turísticos aos quais eles se deslocavam no RN. O Mapa 28 evidencia, de acordo com essas informações, quais são os principais atrativos turísticos da capital potiguar. Evidentemente, as localidades frequentadas pelos turistas são mais amplas do que apenas esses locais. Entretanto, como justificativa para se deslocar a um ponto do território, são esses locais que atraem, de fato, os turistas; e não shopping-centers ou restaurantes. Indo ao local, os turistas visitam, por consequência, essas lojas comerciais. Mas a questão, aqui, é o atrativo turístico em si, o que leva o visitante a se deslocar para visitar. Daí considerar, na pesquisa, esses atrativos como pilares na constituição presente do turismo.

³⁶ De acordo com a pesquisa realizada pela Fecomércio/RN (2017), as perguntas direcionadas aos turistas sobre o deslocamento no estado potiguar se restringia a saber os três principais atrativos turísticos que os turistas iriam visitar ou se já tinham visitado. A partir da mensuração desses dados foram criadas tabelas que serviram como base para a elaboração de mapas na presente pesquisa.

Mapa 28 – Principais Atrativos Turísticos da cidade de Natal/RN, de acordo com os turistas.



Portanto, Natal está ancorada em, principalmente, 7 principais atrativos turísticos, a saber: Morro do Careca e Praia de Ponta Negra, Praia do Meio, Ponte Newton Navarro, Forte dos Reis Magos, Praia da Redinha e o Centro Histórico. Dessa maneira, nota-se no Mapa 28 a maior parte desses atrativos localizados no litoral da cidade, corroborando, assim, com a prerrogativa do caráter litorâneo do turismo natalense.

Mesmo assim, há, ainda, diferenciações nos próprios atrativos, uma vez que o objetivo da construção e da própria ida dos turistas não é, necessariamente, o mesmo. Por exemplo, a construção do Forte dos Reis Magos, datada de 1599, objetivava a proteção militar do território e, hoje, também é visitada por aqueles que procuram observar determinados fatos históricos; característica esta similar ao motivo de visitação do Centro Histórico da Cidade, localizado nos bairros da Cidade Alta e Ribeira. Porém, todos os outros atrativos, majoritariamente, estão vinculados a perspectiva do Sol e Mar, tendo em vista que são, em maioria, praias e/ou objetos geográficos, naturais ou artificiais, na proximidade do estirâncio praial. Isso gera, pois, toda a organiza o de infraestrutura também no litoral, afinal os meios de hospedagem e os atrativos turísticos encontram-se nessa parte do território.

Assim, o turismo se estrutura no litoral natalense. Com os MH e os atrativos, o fluxo dos turistas pode existir para essas localidades e, assim, demonstrar como, a partir de alguns fixos no território, há a cria o de fluxos em dire o a esses fixos, gerando redes (Mapa 29), portanto, no território com o deslocamento dos turistas a essas localidades, acarretando em transforma es espaciais. O próprio fluxo só ocorre, nas redes, caso haja fluidez, por isso o Milton Santos (2012, p. 174) afirmou que esta “ , ao mesmo tempo, uma causa, uma condi o e um resultado”. Daí se criar objetos e lugares destinados a favorecer a fluidez e, por isso, ser importante para os tenha fluxos, como estradas, vias e aeroportos. Com esses elementos criados o fluxo pode ser gerado.

Mapa 29 - Atrativos com maior número de visitação turística em Natal - 2016.

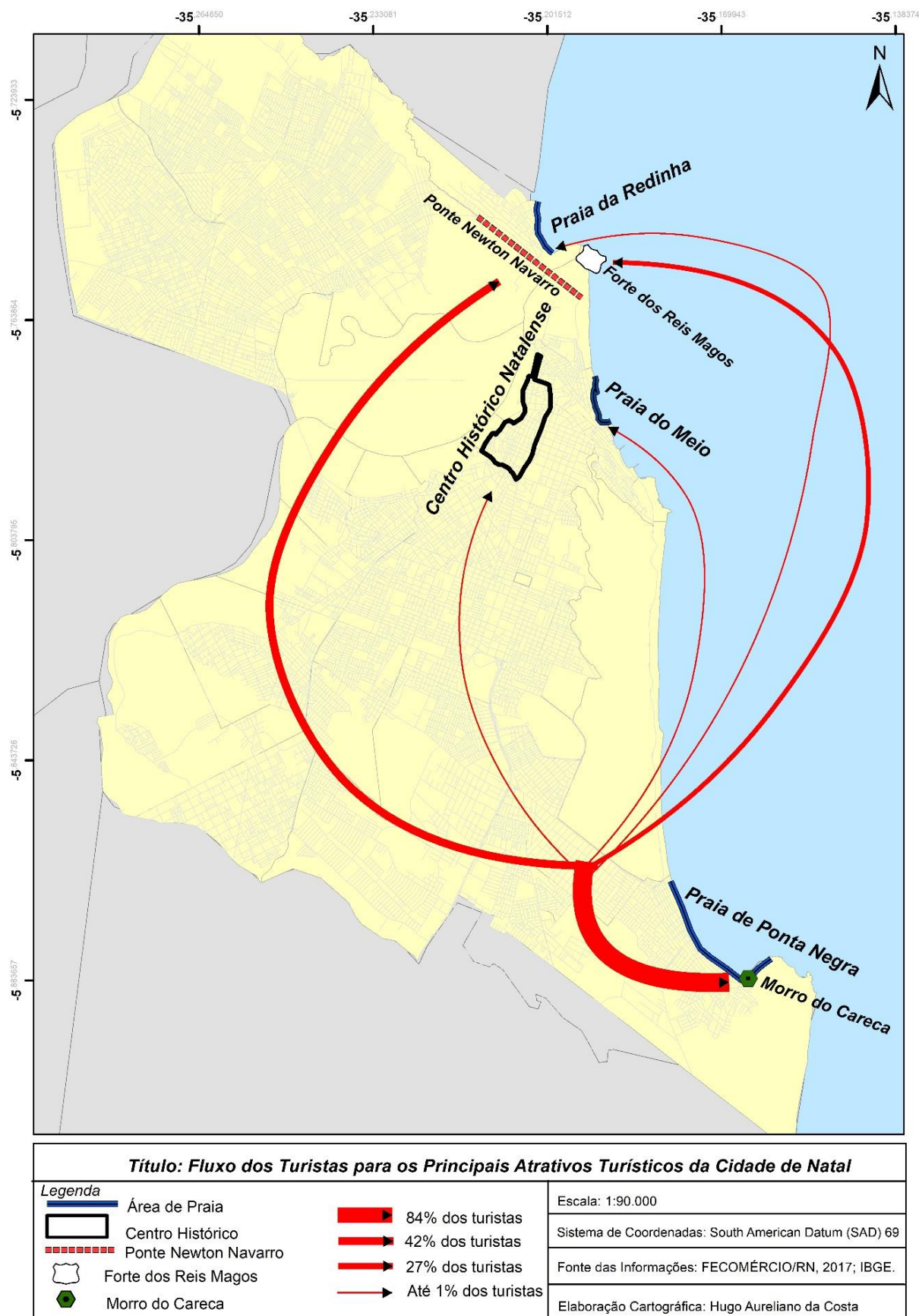


Tabela 04 – Porcentagem da visitação aos atrativos de Natal/RN – 2016;

Atrativo Turístico	Porcentagem do Fluxo citado pelos turistas
Ponta Negra e Morro do Careca	84%
Ponte Newton Navarro	42%
Forte dos Reis Magos	27%
Praia do Meio	0,2%
Praia da Redinha	0,9%
Centro Histórico	0,2%

Fonte: FECOMÉRCIO/RN, 2017.

De acordo com o Mapa 29, percebe-se que o principal atrativo de Natal é a praia de Ponta Negra e o Morro do Careca (figura 21), pois apresenta a porcentagem de 84% das visitas³⁷ em Natal. Isso demonstra como, junto da instalação dos meios de hospedagem, Ponta Negra e sua praia são, de fato, além do principal cartão postal da cidade, o bairro no território natalense com maior fluxo turístico. Dessa maneira, este bairro é o protagonista da atividade turística em Natal, recebendo maior fluxo de turistas e, por conseguinte, mais dinamizado. Cabe lembrar que, conforme a pesquisa da Fecomércio/RN (2017), os turistas, aqui falado, são os nacionais e internacionais, não especificados o local do qual vêm e, sim, o resultado é dos entrevistados em totalidade.

Entretanto, na tabela 04 e no Mapa 29, há contingente de deslocamento dos visitantes não apenas para a Praia de Ponta Negra, outros locais de Natal também são visitados. A Ponte Newton Navarro, que liga a Zona Norte da cidade às Zona Sul/Leste, no litoral, é mencionada pelos turistas com 42% de visitas, especialmente por causa da proximidade com as praias da zona leste da cidade e, também, com as da Zona Norte. O Forte dos Reis Magos, e consequentemente a praia do Forte, capta 27% dos turistas que se deslocam para Natal. As Praias do Meio e da Redinha, nas Zonas Leste e Norte, respectivamente, além do Centro Histórico de Natal, obtêm, cada, menos de 1%.

³⁷ Neste caso, o total não é 100%. Essa tabela, devido aos moldes da pesquisa, refere-se a quantidade de vezes que cada atrativo foi citada. Lembrando que, para cada turista, 3 atrativos eram citados. A metodologia consistia em: perguntar 3 atrativos os quais eram visitados. Então, de cada 100 turistas que vieram à Natal, 84% tinham Ponta Negra, por exemplo, como um dos 3 principais atrativos turísticos a serem visitados.

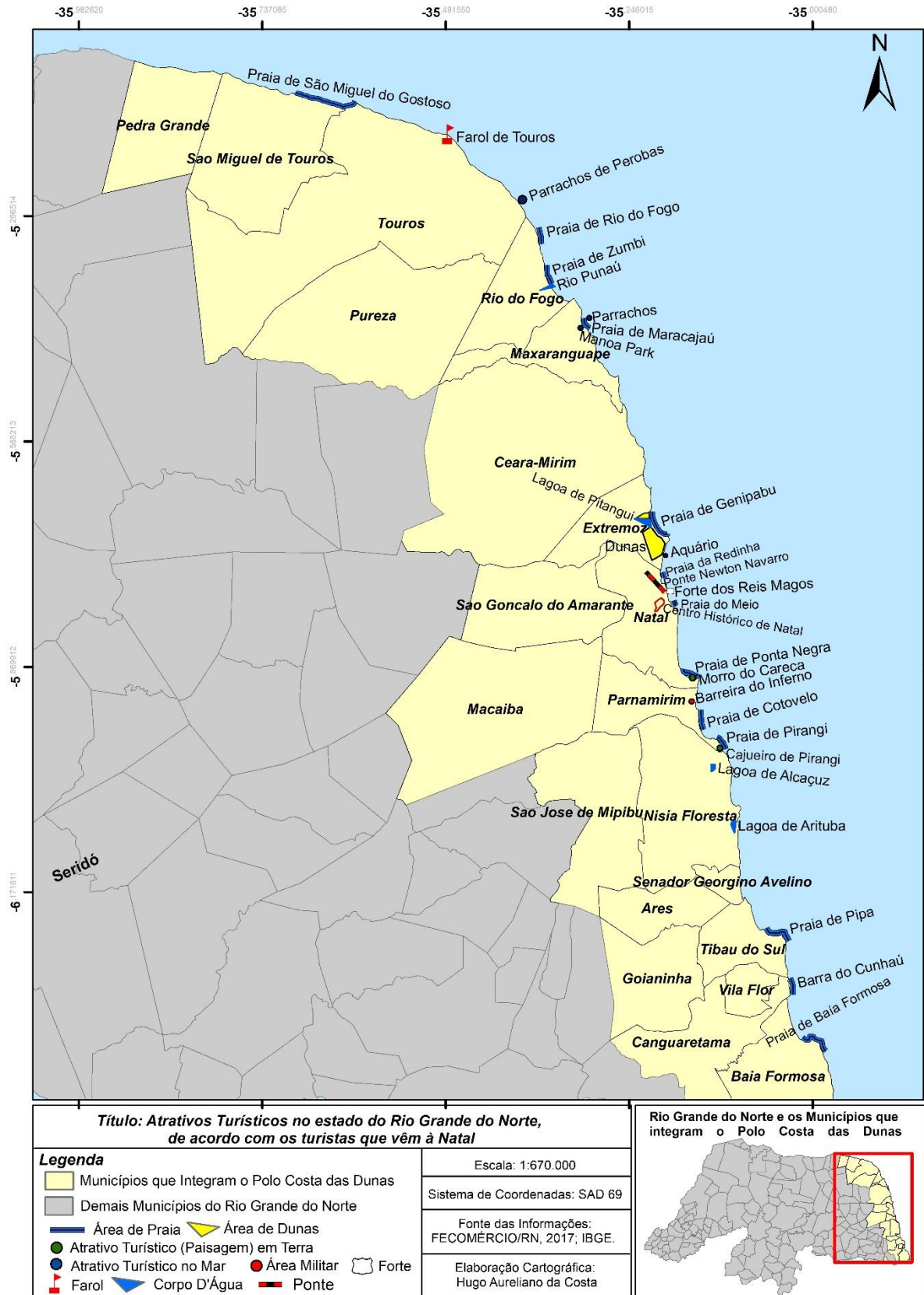
Dessa maneira, Natal detém alguns atrativos turísticos responsáveis pela captação dos turistas, porém Ponta Negra se apresenta como o local de força motriz para receber este fluxo. As interações espaciais, a partir do turismo, demonstram como Ponta Negra é o bairro que, além da infraestrutura, tem todo esse fluxo de pessoas, gerando, portanto, uma organização da atividade para a sua captação. Os turistas que se deslocam para Natal, não visitam apenas Ponta Negra. Muitas vezes Ponta Negra e Natal servem como a primeira visita e o local de hospedagem, mas, durante o dia, outros atrativos turísticos do Estado são visitados, fomentados pelas agências de viagem, ônibus de passeio, operadores turísticos etc. Assim, as agências criam pacotes para os turistas visitar grande parte do litoral leste do Rio Grande do Norte e não restringem a visita à Natal. Por isso, quando se consolida vários destinos a partir de um centro turístico, pode-se conceber a criação de uma região turística. O Estado, também, a fomenta, mas a sua gênese tem origem no turista, nos agentes de mercado e no Estado, na relação entre esses três agentes.

Dessa forma, no Rio Grande do Norte o turismo se estabelece nesse sentido, há Natal como principal centro turístico do litoral leste do estado potiguar, mas também outros destinos nos municípios litorâneos atraindo turistas. Dentro de uma região turística criada/fomentada, gera-se redes de conexões e interações espaciais dentro desse território. Portanto, a atividade turística, a partir do fluxo dos turistas e dos meios de hospedagem, estabelece uma rede complexa a partir desses agentes do turismo no espaço.

Figura 21 – Morro do Careca e a Praia de Ponta Negra, principais cartões-postais de Natal



Mapa 30 – Localização dos Principais Atrativos Turísticos no Estado do Rio Grande do Norte, de acordo com os turistas que visitam Natal.



O Mapa 30 trata sobre os atrativos turísticos aos quais foram respondidos, pelos próprios turistas, como os visitados. Por isso, procurando, também, observar a relação entre a política pública com a instituição de regiões turísticas e do movimento existente, de fato, dos visitantes no território potiguar, optou-se, no mapa, por colocar o Polo Costa das Dunas (PCD), em amarelo, e os atrativos turísticos citados. Assim, percebe-se, no referido mapa, a semelhança entre a área do PCD e os destinos turísticos do litoral leste, demonstrando em praticamente todo o litoral do Rio Grande do Norte como corresponde os atrativos citados e a área de planejamento do Polo Costa das Dunas, principalmente nas áreas litorâneas.

O Quadro 15 apresenta os atrativos turísticos elencados na pesquisa da Fecomércio/RN (2017). No RN há uma diversificação de atrativos, embora relacionados com a prática de “Sol e Mar”, a saber: praias, lagoas, forte, parrachos, farol, ponte e aquário. Assim, o Polo Costa das Dunas tem, principalmente, como relevante em sua área turisticamente elementos com características majoritariamente litorâneas. Dessa maneira, praticamente todas os municípios limítrofes ao mar, exceto Ceará-Mirim, Senador Georgino Avelino e Pedra Grande, têm atrativos turísticos; os que não têm limite com o mar não apresentam atrativos turísticos, demonstrando a forma do turismo no Rio Grande do Norte, a partir de Natal.

Quadro 15 – Três atrativos mais citados pelos turistas para visitação no RN

Atrativos mais citados pelos turistas para visitação no RN
Ponta Negra/Morro do careca
Praia de Pipa
Cajueiro/Pirangi
Genipabu/Dunas
Passeio de Buggy
Ponte Nova
Lagoa de Pitangui
Parrachos/Maracajaú
Barreira do Inferno
Forte dos Reis Magos
Aquário
Praia de Galinhos
São Miguel do Gostoso
Praia de Pirangi
Barra de Cunhaú
Litoral Sul
Baía formosa
Praia da Redinha
Punaú

Encanto das águas
Lagoas de Nísia
Praia de Cotovelo
Centro Histórico
Litoral Norte
Manoa
Lagoa de Arituba
Lagoa de Alcaçuz
Camurupim
Praia de Zumbi
Farol de Touros
Rio do Fogo
Perobas
Passeio de quadriciclo
Praia do Meio
Seridó

Fonte: Fecomércio/RN, 2017.

Embora o PCD ocupe uma área de 21 municípios, 11 destes apresentam atrativos turísticos. Há, então, dois fatos que se consumam nessa questão, a saber: primeiro, a área do Polo Costa das Dunas designada pelo poder público é zonal, isto é, uma área contígua, como as regiões clássicas, pensada e entendida na totalidade de todos os municípios que a integram, entretanto, na prática, o turismo se territorializa a partir de redes e pontos, com isso as regiões acabam tornando-se áreas com características reticulares, com “buracos” (na região)³⁸ e nem todos os municípios integrantes entram na rota do turismo, apenas pontos (alguns atrativos de determinados municípios) no território que “usados” pelos turistas, e não a totalidade da área; dessa maneira, o outro fator é que o Estado, por entender o PCD como um ente zonal, perde a capacidade de compreendê-lo enquanto território-rede, e acerca dessa relação Fratucci (2008, p.252) afirma que

A espacialidade dessas ações do poder público é nitidamente zonal, pois raramente ocorre uma seleção ou priorização dos trechos a serem turistificados, já que optam por tratar como tal todo o seu território de atuação. Politicamente é muito difícil o estabelecimento de áreas prioritárias para o desenvolvimento turístico, uma vez que, quase sempre é inviável para os representantes eleitos pela população, justificar o porquê da

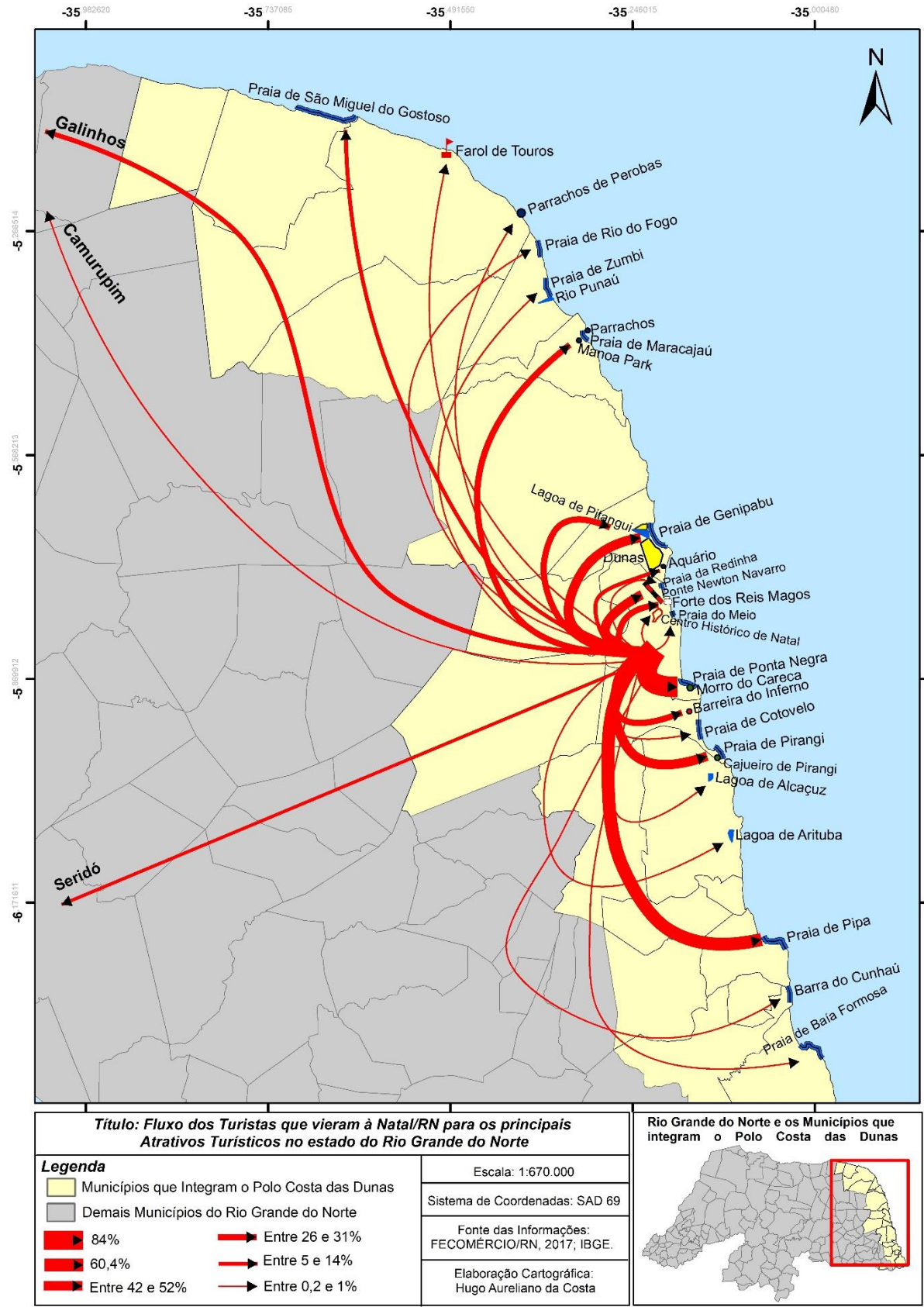
³⁸ Como se percebe, por exemplo, com cidades como Ceará-Mirim, próximas à Natal e que tem praias, mas que, no entanto, não há fluxo de turistas para ela, independente de estar em uma região com cunho eminentemente turístico.

priorização dos investimentos em turismo para determinadas áreas em detrimento de outras.

Assim, a região turística apresenta-se como um espaço zonal e reticular ao mesmo tempo (FRATUCCI, 2009). No que diz respeito à sua organização normativa por parte do Estado, ela é entendida como uma área que apresenta contiguidade entre todos os municípios, no entanto, o próprio movimento do turismo de se instalar em um determinado fixo e se territorializar, em redes, para outros fixos faz com que essa característica seja colocada em questão³⁹ (FRATUCCI, 2008). Ao apresentar os atrativos turísticos no Mapa 30, observa-se, novamente, como isso está, na prática, organizado. O fluxo turístico a esses pontos é apresentado no Mapa 31.

³⁹ Fratucci (2008) analisou essa lógica de dualidade entre as áreas zonais e reticulares da região turística em seu estudo sobre a região de Agulhas Negras/RJ.

Mapa 31 – Fluxo dos Turistas que vieram à Natal para os principais Atrativos Turísticos do estado do Rio Grande do Norte.



Dessa maneira, o Mapa 31 apresenta o fluxo dos turistas entrevistados em Natal para os atrativos turísticos no Rio Grande do Norte. Podemos perceber, pela forma do fluxo, que o PCD não é englobado em sua totalidade pelas visitas dos turistas; ao contrário, algumas áreas são centrais, Natal é o principal nó dessa rede, outras recebem visitantes e há algumas onde sequer têm visitas, mesmo na proximidade com outras destinações relevantes. Assim, o movimento se dá na medida em que, vindo dos meios de hospedagem natalense, os turistas visitam outros fixos do território. Esse movimento, portanto, criado e fomentado por esses visitantes existe devido a fluidez das redes; e o próprio fluxo de turistas é uma rede no espaço geográfico, afinal a rede, como Santos (2012) afirma, não é apenas material, mas também social, as ações são partes das redes e, com isso, integra-se espacialmente o Polo Costa das Dunas (ou parte dele) através de variadas redes, complexas e reticulares.

Não há, destarte, um espaço turistificado puro. As áreas que apresentam forte influência na sua composição por serem voltadas ao turismo também estão imbricadas com outras redes e outras atividades econômicas. Assim, com a multiplicidade das redes, os espaços turistificados não são exclusivos, porquanto contínuos. No mesmo trecho é possível a superposição de territorialidades distintas, com flexibilidade, sobreposição e intercalação do território. Mesmo assim, no litoral potiguar o turismo é a atividade protagonista da composição econômica das cidades. Dessa maneira, o caráter não contínuo da atividade entre as áreas, a relação entre as vias que interligam esses fixos e a representatividade dos fluxos na dinâmica do uso do território potiguar pelo turismo demonstram como essa atividade está tecida espacialmente – através da noção de território-rede (HAESBAERT, 2006).

Como se percebe no Mapa 31, a praia de Ponta Negra, em Natal, é a principal destinação do fluxo turístico do litoral oriental potiguar, com a porcentagem de que, a cada 100 turistas que vão à Natal, 84% visitam-na – isto é, além da infraestrutura e da maior parte dos Meios de Hospedagem do RN, Natal é o nó central dessa rede, tendo em vista a sua importância e singularidade no turismo potiguar. Entretanto, a Praia de Pipa, no litoral Sul, com a sua internacionalização no início dos anos 2000, apresenta-se, também, como um destino consolidado, apresentando o contingente de 60% do fluxo turístico. Ao sul de Natal, em Parnamirim, o Maior Cajueiro do Mundo e a Praia de Pirangi, com 52,7% também se oferecem como um destino estritamente relevante, dado a sua composição e exuberância no total dos turistas que a visitam. Seguindo, as Dunas de Genipabu, com os tradicionais passeios de buggy, de dromedários e com seu aspecto mais natural, ao norte de Natal, na cidade de Extremoz, apresenta 52,5% das visitas. Além desses atrativos, o fluxo turístico também apresenta força

em locais como a Ponte Newton Navarro, mais conhecida como Ponte Nova com 42,7%; a lagoa de Pitangui, também em Extremoz, é outro atrativo com um alto índice de visitação, totalizando 31%. Os Parrachos, de Maracajaú, junto com a Praia também denominada o nome dessa cidade apresenta 30,2%. Assim, foram elencados 33 atrativos turísticos na pesquisa do SEBRAE aos quais está se baseando nessa análise. Com isso, percebe-se um conjunto de atrativos no litoral norte, com grande relevância e fluxo, bem como no litoral sul, com protagonismo e dinamização turística também elevada. A Tabela 05 apresenta as localidades e a porcentagem da visitação, porcentagem esta que serviu como base para a elaboração do Mapa 31.

Tabela 05 – Fluxo Turístico, em porcentagem, para os Atrativos Turísticos do Rio Grande do Norte.

3 Atrativos Turísticos a se visitar/visitados	Porcentagem
Ponta Negra/Morro do careca	84,00%
Praia de Pipa	60,40%
Cajueiro/Pirangi	52,70%
Genipabu/Dunas	52,50%
Passeio de Buggy	44,30%
Ponte Nova	42,70%
Lagoa de Pitangui	31,00%
Parrachos/Maracajaú	30,20%
Barreira do Inferno	28,60%
Forte dos Reis Magos	26,40%
Aquário	14,10%
Galinhos	9,40%
São Miguel do Gostoso	4,80%
Seridó	3,00%
Redinha	0,90%
Pirangi	0,90%
Barra de Cunhaú	0,90%
Litoral Sul	0,70%
Baía formosa	0,50%
Punaú	0,50%
Encanto das águas	0,30%
Lagoas de Nísia	0,30%
Cotovelo	0,20%
Centro Histórico	0,20%
Litoral Norte	0,20%
Manoa	0,20%
Lagoa de Arituba	0,20%
Lagoa de Alcaçuz	0,20%

Camurupim	0,20%
Praia de Zumbi	0,20%
Farol de Touros	0,20%
Rio do Fogo	0,20%
Perobas	0,20%
Passeio de quadriciclo	0,20%
Praia do Meio	0,20%
Outros	1,50%
Não respondeu	7,20%

Fonte: Fecomércio, 2017.

O Mapa 31 demonstra, apesar da operacionalização e tentativa do poder público de apresentar uma região zonal/contígua, como o Polo Costa das Dunas, os próprios limites dessa região são extrapolados com o fluxo turístico, indo além do litoral oriental potiguar, adentrando nas praias próximas ao Polo Costa Branca (Praia de Galinhos, principalmente) e na região do Seridó, que, por sua vez, apresenta expressiva quantidade do fluxo turístico. Tal fato se deve a hoje como algumas cidades serranas potiguares, localizadas no centro do estado do Rio Grande do Norte, também conhecido como Seridó, receberem fluxo de turistas devido a eventos, ecoturismo, passeios em serras etc. Ou seja, mesmo interligada na lógica do Sol e Mar, a totalidade dos turistas não está tão somente para ver praias, parrachos e lagoas. Algumas outras áreas do estado potiguar também vêm se desenvolvendo turisticamente e, com isso, criando redes do turismo no estado do Rio Grande do Norte, pois, a cada novo destino que se consolida, exige uma readequação de objetos geográficos, fixos e sistemas de engenharias, para capilarizar esses fluxos no território.

Assim sendo, a dinâmica do turismo potiguar a partir de Natal se estabelece no litoral oriental quase todo, com alguns “buracos”, mas com uma quantidade de atrativos turísticos relevantes. Esses atrativos são, quase sempre, relacionados ao Sol e Praia/Mar, e Natal com as áreas mais próximas é onde irão a maior parte dos turistas (junto com a Praia de Pipa). Essa territorialização do turismo acarreta, portanto, em novas dinâmicas e novos usos que o território potiguar começou a fazer após a reestruturação produtiva na qual o turismo foi se estabeleceu como relevante, a partir dos anos 1990, na transformação da dinâmica produtiva (econômica) e urbana potiguar.

Essa atividade, que é um serviço, consegue dinamizar grande contingente populacional e não apenas Natal, com toda a sua infraestrutura, recebe turistas. Várias localidades apresentam fluxo de turistas e dinamiza diversas áreas turistificadas. O maior exemplo é a Praia de Pipa cujas mudanças a tornaram uma das praias mais badaladas do nordeste brasileiro, recebendo,

sempre, grande quantidade de turistas internacionais e tornando-se, com Natal, uma das duas destinações consolidadas nível A (o “máximo que um destino turístico brasileiro pode alcançar”), conforme aponta relatório do Ministério do Turismo⁴⁰. Por isso Natal e os atrativos turísticos, em maioria no Polo Costa das Dunas, são representativos para a economia potiguar, pois, além da entrada de capitais, há também o fluxo de pessoas, gerando, portanto, transformações na tessitura do território do Rio Grande do Norte.

Além das transformações existentes no que se refere à dinâmica de fluxos de turistas na cidade de Natal e no Rio Grande do Norte, esse fluxo que se territorializa no estado, através das redes e se deslocando para alguns fixos do território (não o usando em sua totalidade), estabelece uma nova forma do uso do território, uma vez que a dinâmica do turismo é estruturalmente espacial e a maneira em que se organiza no espaço geográfico acarreta transformações nos lugares, e até mesmo na forma como o Estado a vê. Afinal o PCD é a região mais proeminente turisticamente do estado e, com isso, tem-se a possibilidade de captar um número maior de recursos por intermédio de políticas públicas e do próprio gasto gerado por esses turistas nas localidades as quais eles visitam. Entretanto, o uso desse recurso deve levar em consideração os locais para os quais os turistas se deslocam, pois a região do Polo Costa das Dunas não é homogênea, precisa de vias internas para dar fluidez ao fluxo dos turistas e, também, infraestrutura para a sua captação.

Assim, as interações espaciais fomentadas pelas redes, as diversas territorializações promulgadas pelo turismo e a conexão com outros estados brasileiros e países do mundo demonstram o caráter complexo e multifacetado do turismo no estado potiguar e, em específico, em Natal. A relação da capital potiguar com esses outros países é que, diante da globalização, o turismo se torna uma atividade organizada a partir dos múltiplos deslocamentos, das propagandas e aparece, para essa cidade, como uma ordem vertical e dotada de uma racionalidade dominante (SANTOS, 2012), com preceitos econômicos e estritamente caracterizados por ser uma das principais atividades difundidas com a globalização. No contexto da reestruturação produtiva, o turismo é um serviço que conecta Natal a outras partes do mundo, com os fixos e fluxos, e, portanto, além de sua relevância econômica, na paisagem está inserido por sua representatividade.

⁴⁰ Fonte: </ <https://blogdobg.com.br/ministerio-do-turismo-eleva-categoria-de-tibau-do-sul-e-da-praia-de-pipa-para-o-topo-dos-destinos-nacionais/> />. Acesso em 09/02/2018.

5.3 Os Trabalhadores dos Meios de hospedagem de Natal: dinâmica e fluxos.

O turismo, portanto, é uma atividade que, para funcionar, necessita do turista. As transformações espaciais ocasionadas pelo turismo não se restringem apenas aos turistas e aos atrativos turísticos os quais eles visitam, as mudanças geradas pelos visitantes também inferem nos lugares novas dinâmicas no que diz respeito aos Meios de hospedagem e, também, ao fluxo de trabalhadores desses fixos.

Quando a atividade turística se matiza em uma determinada cidade ou região, o discurso em prol de sua vinda sempre se refere aos empregos os quais serão gerados para essa localidade. Com a instalação da atividade turística, cria-se e se consolida meios de hospedagem para atender ao fluxo turístico. No RN, o turismo gera em torno de 100 mil empregos, direta e indiretamente. O estado potiguar apresenta 40.000 leitos; Natal, 28.000. Além disso, em 2012, de acordo com dados da Secretaria de Turismo do RN, de todo o fluxo turístico para o RN, a capital potiguar recebeu 80% deste⁴¹. Logo, considera-se que, dos empregos diretos e indiretos gerados pela atividade turística no RN, boa parte está relacionada à Natal e, conseqüentemente, no setor de hospedagem.

O fluxo de trabalhadores, proveniente do segmento de hospedagens, é proeminentemente local. Este dado ajuda a entender a dinâmica turística, pois as características da mão-de-obra dos meios de hospedagem auxiliam no entendimento de como o local está integrado economicamente ao turismo e quais são os bairros que mais fornecem a trabalhadores para este serviço. Por isso, a área do território-rede (região) do turismo aumenta, uma vez que não são apenas locais os quais visitados pelos turistas que podem ser entendidos a partir das redes do turismo, os lugares fornecedores de mão-de-obra, de certa forma, são, também, áreas turísticas ou, mesmo, influenciadas pelo turismo, dependentes dessa atividade (FRATUCCI, 2008).

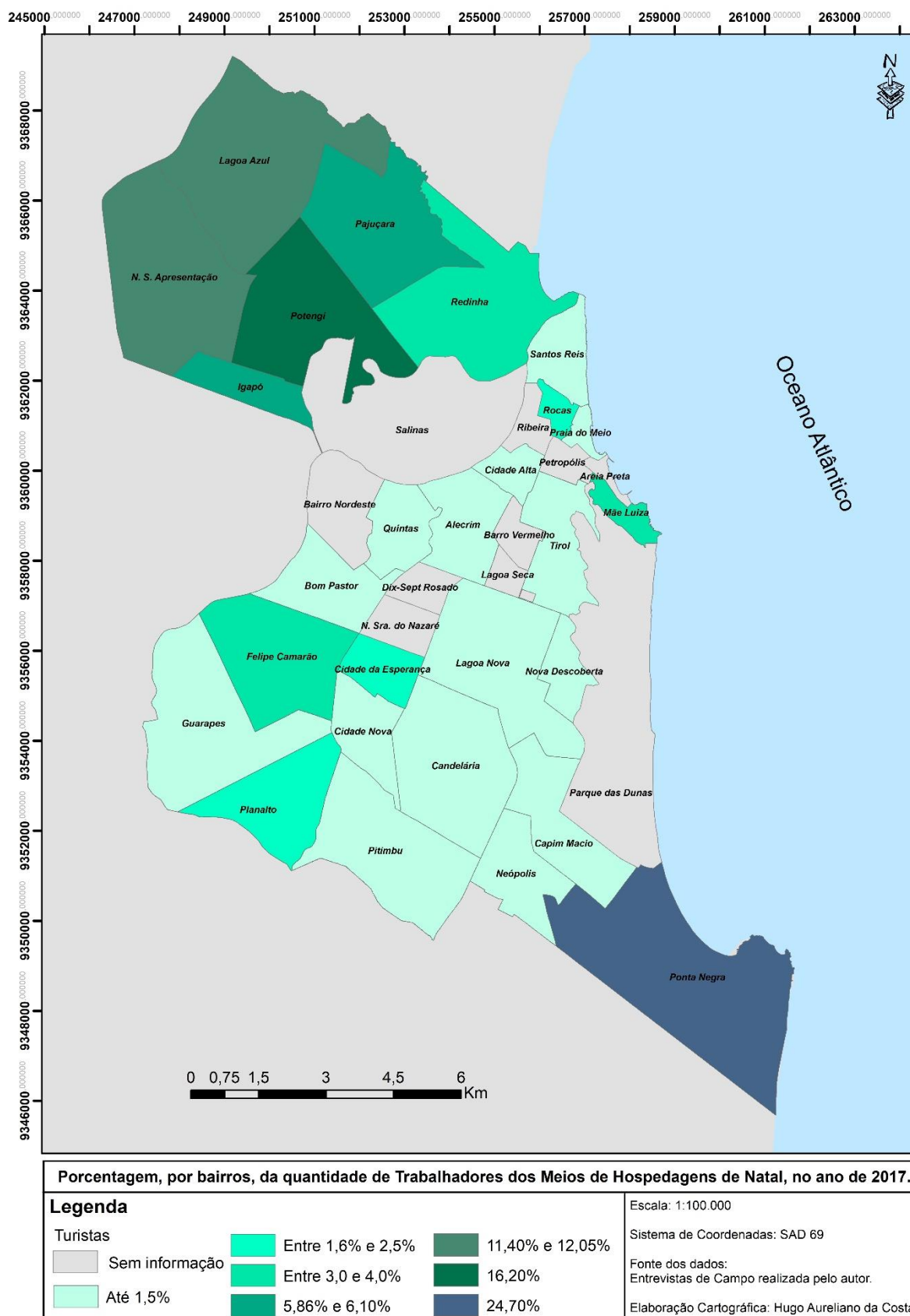
Logo, a relação do turismo com o território extrapola os limites locais, por causa do local de origem dos turistas e de parte dos Meios de hospedagem, bem como extrapola o local dos atrativos turísticos, pois onde reside os trabalhadores é um dado importante para se entender quais fluxos são estabelecidos para o seu trabalho e, com isso, ter-se uma maior compreensão do funcionamento da área turística.

⁴¹ Fonte: </

<http://www.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=50181&ACT=null&PAGE=null&PARM=null&LBL=Reportagens> //> Acesso em: 20/02/2017.

Procurando, assim, entender a territorialização dos trabalhadores dos Meios de hospedagem, realizou-se pesquisa de campo, no ano de 2017, e entrevistou 52 MH objetivando obter respostas acerca do local de moradia dos empregados e a quantidade. Informar acerca dos trabalhadores é, sempre, difícil, pois dados relacionados ao local de origem destes não são cedidos pela maioria dos gerentes dos Meios de Hospedagem. Entretanto, com o levantamento obtido a partir dessas entrevistas/questionários, elaborou-se alguns mapas e quadros para demonstrar quais são os bairros que residem/procedem estes trabalhadores.

Mapa 32 – Porcentagem, por bairros de Natal, da quantidade de Trabalhadores dos Meios de hospedagem de Natal, no ano de 2017.



O Mapa 32 refere-se à quantidade de trabalhadores dos Meios de hospedagem de Natal que residem exclusivamente nos bairros da capital potiguar. Assim, este mapa trata acerca da porcentagem desses trabalhadores e como eles estão distribuídos nos bairros da cidade. O Mapa 33 trata da totalidade dos trabalhadores dos MH de Natal, incluindo os residentes na Região Metropolitana de Natal (RMN). Com isso, o Mapa 32 restringe-se apenas aos trabalhadores residentes da (na) capital potiguar, apresentando dados de distribuição, por bairros, desses trabalhadores dos Meios de hospedagem.⁴²

Dessa maneira, os trabalhadores dos Meios de hospedagem são, portanto, trabalhadores diretos do turismo. Há, obviamente, toda uma cadeia dependente do turismo, como, por exemplo, os turismólogos, os empregados do setor de restaurantes, trabalhadores das operadoras turísticas, das agências de viagens, dos hotéis, na distribuição e no fornecimento de insumos etc., além dos trabalhadores indiretos do turismo, que representam, também, uma quantidade considerável. Porém, para a discussão das redes do turismo e a distribuição desses trabalhadores, optou-se por ter dados, apenas, dos empregados do setor de hospedagem, principalmente os trabalhadores operacionais. Assim, esse grupo de trabalhadores diretos, como Fratucci (2008, p. 93) afirma,

é o grupo de agentes sociais do turismo composto pela parte da população residente nas áreas receptoras ou nas suas cercanias, autóctones ou migrantes, que se emprega nas diversas empresas ou atividades geradas pelo processo de turistificação e tem no turismo o meio principal de obtenção de renda para sua sobrevivência. Na sua grande maioria é oriunda de outros setores econômicos e depende diretamente dos fluxos de visitantes para obter seus ganhos e manter seus empregos.

Desse modo, se percebe no Mapa 32 e na tabela 06 os trabalhadores estão distribuídos por, praticamente, toda a cidade de Natal. O turismo, de fato, consegue influenciar, de forma direta ou indireta, quase todo o território natalense, embora os turistas usem apenas alguns

⁴² Decidiu-se elencar o total dos trabalhadores de Natal e dar a eles uma porcentagem de 100%, excluindo os dos outros locais, para assim dividi-los e demonstrar quais são os que apresentam o maior protagonismo no que diz respeito à oferta de trabalhadores para o segmento de hospedagens.

trechos do território que, geralmente, não corresponde com o local de moradia dos trabalhadores desse setor.

Tabela 06 – Local de residência dos trabalhadores dos meios de hospedagem de Natal.

Local de Moradia dos Trabalhadores dos Meios de Hospedagem - Natal		Porcentagem
Zona Norte	Potengi	16,20%
	Redinha	3,50%
	Igapó	6,10%
	Pajuçara	5,86%
	Nossa Senhora da Apresentação	11,40%
	Lagoa Azul	12,05%
	Salinas	-
Zona Oeste	Quintas	0,65%
	Nordeste	-
	Dix-Sept Rosado	-
	Bom Pastor	1,30%
	Nossa Senhora de Nazaré	-
	Cidade da Esperança	2,60%
	Cidade Nova	0,65%
	Guarapes	0,65%
	Planalto	2,28%
	Felipe Camarão	3,25%
Zona Leste	Petrópolis	-
	Tirol	0,32%
	Barro Vermelho	-
	Areia Preta	-
	Lagoa Seca	-
	Alecrim	1,30%
	Praia do Meio	0,32%
	Ribeira	-
	Rocas	1,30%
	Cidade Alta	0,32%
	Santos Reis	0,97%
	Mãe Luiza	4,40%
Zona Sul	Ponta Negra	24,70%

Lagoa Nova	0,65%
Capim Macio	0,65%
Candelária	0,32%
Neópolis	0,32%
Nova Descoberta	0,65%
Pitimbu	0,32%

Fonte: Campo do autor, 2017.

Há uma diferença entre o fluxo de turistas e o fluxo de trabalhadores que é crucial. No fluxo turístico, geralmente, o deslocamento é feito de forma reticular e a maneira como utilizam o território também segue a essa lógica. Já o Estado e os trabalhadores têm uma outra percepção, o primeiro através das normas e o segundo devido aos seus deslocamentos, mas ambos, geralmente, usam o território através de uma área zonal, contígua, embora influenciada por agentes externos.

O bairro de Ponta Negra é o mais proeminente no que diz respeito aos meios de hospedagem, o qual chega a ter, praticamente, 80% do total existente na cidade de Natal. Com relação aos trabalhadores desse setor que residem exclusivamente em Natal, Ponta Negra também se apresenta, como bairro, com a maior quantidade de empregados, totalizando 24,70%. Seguido, de acordo com as informações obtidas na tabela 06, pelo bairro do Potengi, na Zona Norte, com a quantia de 16,20%. A Zona Norte, aliás, embora distante das Zona Sul e da Leste⁴³, demonstra ser o local que mais cede mão-de-obra para essas localidades, pois, além da expressividade do bairro Potengi, o bairro de Lagoa Azul, com 12,05% e o de Nossa Senhora da Apresentação, com 11,40%, são, respectivamente, os terceiro e quarto bairros que cedem empregados para esse setor. Além desses 4 bairros, na própria Zona Norte da cidade, com o bairro de Igapó, contribui com 6,10% do fluxo dos trabalhadores no setor de hospedagem; o Pajuçara apresenta 5,86%. A Zona Norte, portanto, embora sem possuir nenhum meio de hospedagem, participa do turismo de Natal oferecendo mão de obra para a atividade com 55% do total da mão de obra. O bairro de Mãe Luiza, na Zona Leste, com 4,40%, é, para os Meios de hospedagem da Praia do Meio, o principal fornecedor de trabalhadores, e Felipe Camarão, na Zona Oeste, é, outro bairro relevante, com 3,25% do total desses trabalhadores.

Percebe-se, então, uma relação entre esses bairros citados e as linhas de ônibus da cidade. Os trabalhadores dos Meios de hospedagem são, em maioria, precarizados pelas

⁴³ Estas duas Zonas, Leste e Sul, são as áreas as quais mais têm Meios de hospedagem e que mais recebem visitação de turistas.

condições de trabalho e diminutos salários. Logo, a grande maioria dos trabalhadores desse setor se originam da periferia da cidade. No bairro de Ponta Negra, a Vila desse bairro é quem emite, de acordo com as entrevistas, a maior parte dos trabalhadores, por conta da proximidade destes com o local de trabalho. Os outros bairros considerados mais relevantes, embora muito distantes, apresentam outra lógica para o deslocamento desses trabalhadores, que é, no caso, o transporte público. As principais linhas de ônibus que transitam no bairro de Ponta Negra, vindo de bairros periféricos, são:

- Linha 73 cujo deslocamento se dá entre o conjunto Santarém (bairro Potengi, Zona Norte) e Ponta Negra;
- Linha 26 que tem seu início em Soledade I e passa por Nossa Senhora da Apresentação, Lagoa Azul e o bairro de Ponta Negra,
- Linha 83, cuja origem é do bairro de Felipe Camarão para o já referido bairro principal da atividade turística.

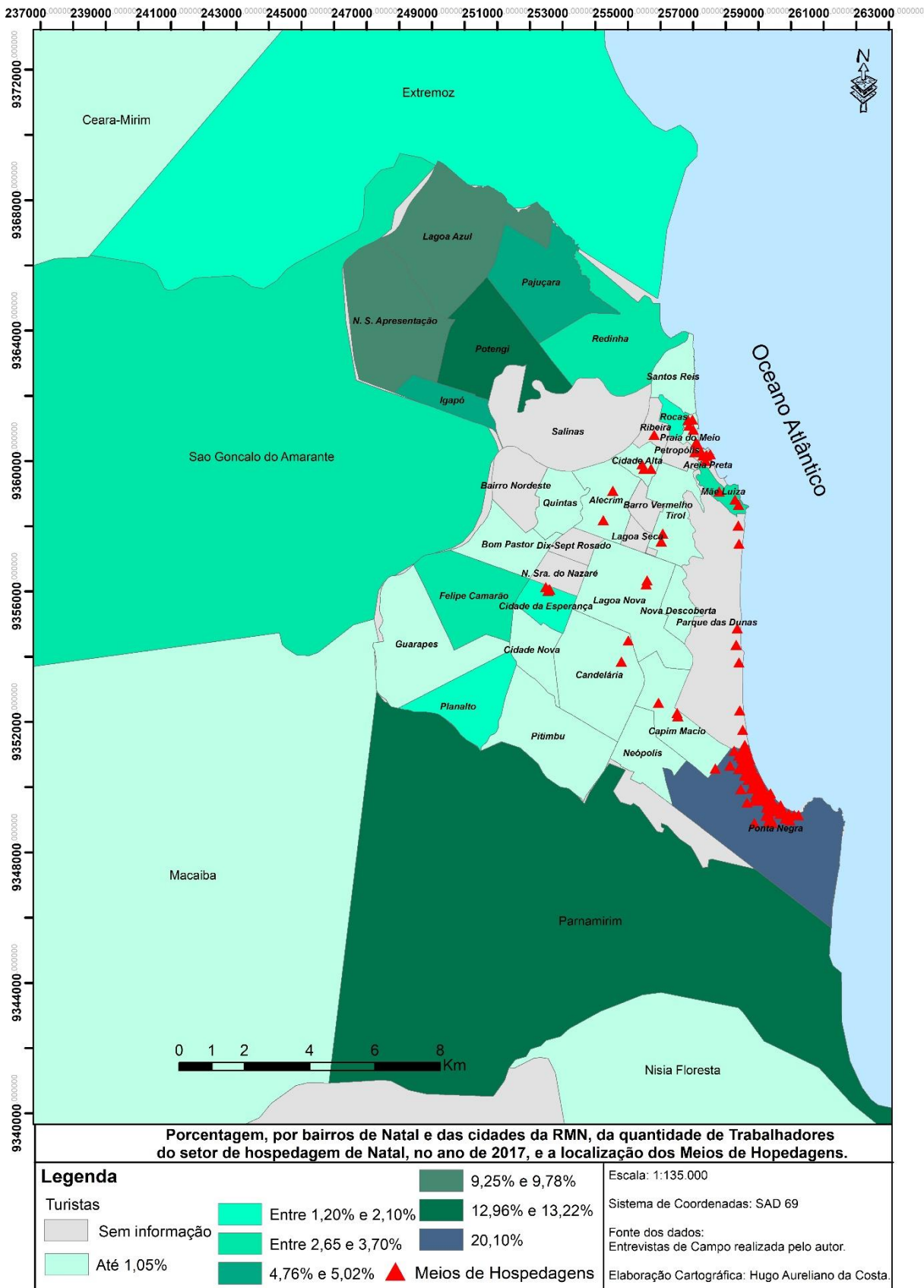
Dessa maneira, além propriamente dos trabalhadores da periferia, as linhas de ônibus com destino à Ponta Negra apresentam similaridade com o local de origem dos trabalhadores, o que corrobora com a hipótese de que o fluxo dos trabalhadores em rumo aos MH está relacionado, também, com a possibilidade de acessibilidade ao referido bairro, principalmente através das linhas de ônibus – do transporte público.

Assim, a Zona Norte da cidade de Natal é onde se origina a maior parte dos trabalhadores para os Meios de hospedagem, embora Ponta Negra seja o bairro com a maior quantidade de empregados. Como se percebeu no Mapa 15 acerca da distribuição espacial dos Meios de hospedagem em Natal e comparando-o ao Mapa 32, o fluxo dos trabalhadores do setor de hospedagem dinamiza a capital potiguar em, praticamente, todos os bairros, uma vez que, embora os empreendimentos turísticos estejam, principalmente, na área litorânea da cidade, as conexões intraurbanas ocorrem devido ao fluxo diário dos trabalhadores em vários bairros, inclusive distantes da centralidade turística, tornando Ponta Negra, principalmente, um espaço de fluxos internos, em decorrência dos trabalhadores da atividade, e externo, por causa dos turistas.

Mas, se o Mapa 32 tratou apenas dos trabalhadores que residiam em Natal, o Mapa 33 espacializa, de fato, os empregados (residindo em Natal ou na RMN) do setor hoteleiro da capital potiguar. Neste mapa se verifica como o turismo em Natal apresenta forte influência não só para com os bairros dessa cidade, bem como os MH e seus empregados influenciam, também, algumas cidades limítrofe e da Região Metropolitana de Natal. Tem-se, a partir desse mapa, um

panorama do efeito do turismo para os entes locais, tendo em vista que os empregados são parte do turismo, a mão-de-obra criada em decorrência desta atividade.

Mapa 33 – Porcentagem, por bairros de Natal e das cidades da RMN, da quantidade de trabalhadores dos Meios de hospedagem, no ano de 2017.



O Mapa 33 apresenta um panorama mais fidedigno possível, conforme os questionários aplicados em campo. Dessa forma, o turismo influencia o local com os empregados da rede hoteleira e dos demais meios de hospedagem. Obteve-se, de acordo com a tabela 07, que o bairro de Ponta Negra, em Natal emprega em torno de 20% dos trabalhadores desse serviço. Os dados do Mapa 32 são acrescidos com os dados das cidades da Região Metropolitana de Natal (RMN) e, com isso, a porcentagem diminui, mas, ainda assim, as centralidades continuam no Mapa 33. Por exemplo, Ponta Negra segue sendo o local que mais abastece a mão-de-obra do setor de hospedagem, e a Zona Norte, com mais de 40%, é, ainda, o “local” no qual a maior quantidade dos empregados reside. Entretanto, uma cidade da RMN se apresenta como outra centralidade do setor de hospedagem, por dois motivos: a cidade de Parnamirim, localizada ao sul de Natal, conforme se verifica na tabela 07, apresenta 12,96% dos empregados desse setor, porém, devido ao seu crescimento urbano e terras mais “baratas”, um contingente considerável de população jovem foi residir nas franjas urbanas e em condomínios do Minha Casa, Minha Vida – programa governamental de habitação. Logo, essa população que migrou de Natal e do interior consegue comprar/alugar casas nessa área e, assim, trabalhar quaisquer empregos, independente de salário, e vão, conseqüentemente, tornarem-se empregados, inclusive, dos Meios de hospedagem. Além disso, Nova Parnamirim, localizada entre Parnamirim e Natal, é um bairro de Parnamirim mais próximo de Ponta Negra do que, propriamente, do centro desta cidade, e, com duas linhas frequentes de ônibus, a saber:

- Nova Parnamirim (NP) Circular e 801, transitando entre Nova Parnamirim, Ponta Negra e o restante de Natal.

Estas linhas fomentam o deslocamento do público desse bairro (Nova Parnamirim) à Ponta Negra, por estarem próximos e, também, pelo fato da população localizada nessa área ser jovem e procurar empregos neste bairro, por causa da distância e da disponibilidade.

Dessa forma, Parnamirim se integra espacialmente à Natal devido ao turismo, com trabalhadores migrando diariamente de seus bairros à capital potiguar para trabalhar em cargos, geralmente, operacionais, conectando as duas cidades e demonstrando que o turismo é um fator de atração de emprego e renda.

Tabela 07 – Local de Moradia dos Trabalhadores dos Meios de hospedagem de Natal.

Local de Moradia dos Trabalhadores: Bairros de Natal e cidades da RMN			Porcentagem
Zona Norte de Natal	Potengi		13,22%
	Redinha		2,91%
	Igapó		5,02%
	Pajuçara		4,76%
	Nossa Senhora da Apresentação		9,25%
	Lagoa Azul		9,78%
	Salinas		-
Zona Oeste de Natal	Quintas		0,52%
	Nordeste		-
	Dix-Sept Rosado		-
	Bom Pastor		1,05%
	Nossa Senhora de Nazaré		-
	Cidade da Esperança		2,10%
	Cidade Nova		0,52%
	Guarapes		0,52%
	Planalto		1,85%
	Felipe Camarão		2,64%
Zona Leste de Natal	Petrópolis		-
	Tirol		0,26%
	Barro Vermelho		-
	Areia Preta		-
	Lagoa Seca		-
	Alecrim		1,05%
	Praia do Meio		0,26%
	Ribeira		-
	Rocas		1,85%
	Cidade Alta		0,26%
	Santos Reis		0,79%
	Mãe Luiza		3,70%
Zona Sul de Natal	Ponta Negra		20,10%
	Lagoa Nova		0,52%
	Capim Macio		0,52%
	Candelária		0,26%
	Neópolis		0,26%
	Nova Descoberta		0,52%
	Pitimbu		0,26%
Municípios que compõem a Região Metropolitana de Natal	Parnamirim		12,96%
	Ceará-Mirim		0,52%
	Extremoz		1,85%
	São Gonçalo do Amarante		2,91%
	Macaíba		0,26%
	Nísia Floresta		0,26%

Fonte: Campo do autor, 2017.

Dessa maneira, os Meios de hospedagem de Natal influenciam os bairros da Zona Norte, Ponta Negra e Parnamirim, além, claro, de São Gonçalo do Amarante, Felipe Camarão e Cidade da Esperança. Percebe-se que, embora o turismo apresente grande fluxo de visitantes ao longo do ano, o fluxo diário dos trabalhadores dos MH e sua distribuição nos bairros ajudam a entender como a dinâmica urbana é influenciada por esses Meios de hospedagem.

A cidade de Natal se apresenta como um nó da rede do turismo, externa e interna, com múltiplos deslocamentos em seu espaço intraurbano, além de influenciar cidades de sua Região Metropolitana, fazendo-as fornecer trabalhadores para o setor de hospedagens da capital potiguar, por intermédio do fluxo e das redes interurbanas dos próprios trabalhadores desse segmento. Aliás, na aplicação dos questionários verificou-se a influência de Natal não apenas para a RMN e propriamente aos bairros Natal, ademais, de acordo com boa parte dos entrevistados, há sempre trabalhadores desses MH originados (e com casa ou esposas, ainda) no interior do estado, mas que, ao conseguir emprego nesse setor em Natal, decidem morar na proximidade do seu emprego, porém em suas folgas retornam ao interior do Estado. Esse movimento de migração demonstra como o turismo influencia também o Rio Grande do Norte e o seu interior.

Com relação aos trabalhadores gerenciais, no primeiro momento, com entrevistas nas pousadas e albergues, obteve-se resposta, porém os hotéis, apart-hotel e flats, em maioria, foram relutantes em ceder informações do local de moradia desses gerentes. Assim, obteve-se, em maioria, dados relacionados aos trabalhadores operacionais, o que, de fato, não prejudica a análise de como o turismo influencia na composição urbana de Natal e no fluxo desses trabalhadores em seu território.

Dessa forma, Natal tem uma área turística maior do que aquela que os turistas frequentam, pois, a gama de trabalhadores, com deslocamento diário, pode ser, então, considerada como lugares influenciados e dependentes do turismo. Assim, a territorialização do turismo na cidade extrapola os limites dos Meios de hospedagem e, além disso, também influencia outras cidades da Região Metropolitana, uma vez que não se restringe, o fluxo de trabalhadores, aos bairros de Natal.

Portanto, a influência dos Meios de hospedagem e, conseqüentemente, do turismo na composição da dinâmica urbana da cidade demonstra como esta atividade produz conexões espaciais distintas, propiciando interações entre Natal e outras áreas externas ao Rio Grande do Norte, através fluxo de turistas e de capitais procedentes dos Meios de hospedagem, bem como

internas ao Polo Costa das Dunas através dos fluxos de turistas visitando os atrativos, além de redes entre os bairros de Natal, devido aos trabalhadores.

6 Considerações Finais

Para além da simples mensuração econômica da atividade turística na cidade de Natal, na qual apresentamos dados que confirmam o protagonismo dessa atividade na composição do setor de serviços da capital potiguar, buscamos evidenciar, neste trabalho, como Natal, a partir do turismo, constituiu novas redes geográficas, propiciando novas interações e conexões espaciais intermediadas pelo fluxo de turistas, pelos meios de hospedagem e os deslocamentos intra e interurbanos dos trabalhadores desse setor.

Assim, em seu íterim, percebeu-se que a atividade turística está intimamente relacionada à ideia de território-rede, tendo em vista o deslocamento, em redes, dos turistas se territorializando nos lugares aos quais estes visitam, com sazonalidade, flexibilidade e descontinuidade de áreas. Além disso há dinâmicas relacionadas à espacialização dos Meios de hospedagem no tecido urbano das cidades e do próprio fluxo de trabalhadores operacionais desses MH. Por isso, além da multiplicidade de agentes, a própria territorialização e as redes apresentam formas únicas, sendo contíguas ou zonais, a depender do ator/agente da atividade, dotando as cidades de novos conteúdos e as transformando com novas lógicas, conectando, portanto, os lugares mundialmente devido a essa atividade.

O Estado cria megaprojetos e transforma o urbano das cidades que julga como possíveis destinos turísticos. Por isso a administração pública investe para fomentar algumas atividades econômicas, com destaque ao turismo. De tal modo, os investimentos públicos ajudam a consolidar áreas e as dota de infraestrutura necessária para o funcionamento da atividade turística. Percebeu-se que o Estado, por intermédio dos PRODETUR I e II, além de investimentos da Política de Megaprojetos, PDITS e o PAC redirecionou, através de criação de infraestrutura, investimentos nos locais onde a atividade turística cresceu. Esses investimentos estão intimamente relacionados com o crescimento urbano e turístico da cidade, criando, dessa maneira, áreas as quais os turistas se deslocam e contribuindo para o desenvolvimento e promoção da atividade turística, reestruturando produtiva e urbanisticamente a capital potiguar, com investimentos seletivos principalmente em Ponta Negra e na Via Costeira. Assim, a partir da criação desta e de um parque hoteleiro nessa Via, a atividade turística em Natal teve sua gênese e, depois, com os PRODETUR I e II a sua consolidação, ocasionando amplos e consideráveis investimentos, da iniciativa pública e privada.

Porém, a despeito da zonalidade dos investimentos, o Estado concebe, como área de planejamento, o Polo Costa das Dunas como um todo, não percebendo que, mesmo em

municípios limítrofes com o mar, nem todos apresentam fluxo turístico. Assim, há um caráter mútuo e dialético na ação do poder público, haja vista que em Natal os investimentos para o fomento do turismo são seletivos e não para o território em sua totalidade, porém, no que se refere ao planejamento, o PCD é pensado como um todo, com área contígua.

Portanto, além dos investimentos públicos referentes às políticas públicas do turismo, estas contribuíram, assim, com a chegada dos investimentos privados e, conseqüentemente, dos meios de hospedagem. Dado o seu caráter irrisório antes dos anos 80, com poucos hotéis, a atividade turística começou, de fato, a se consolidar quando, aliados à investimentos do Estado na criação de vias e na infraestrutura de Ponta Negra, os MH começam a se instalar no tecido urbano durante essa década.

Desse modo Natal passou a ter fixos em seu território que permitiram fluxos e, conseqüentemente, novas redes. Com o acréscimo de infraestrutura nos anos 90, os meios de hospedagem também seguiram essa tendência, crescendo exponencialmente e, inclusive, dobrando o número de turistas recebidos se comparados com o início dessa década. Já a partir dos anos 2000, com a chegada de investimentos internacionais e turistas procedentes desses locais, os investimentos continuam ocorrendo e, até o ano de 2008, crescem consideravelmente. Nos últimos 10 anos, mesmo com a Copa do Mundo sediada pelo Brasil e, conseqüentemente, Natal, o ritmo de instalação dos Meios de hospedagem diminuiu. Notou-se, portanto, neste estudo a íntima relação entre o Estado e a iniciativa privada no que diz respeito aos MH e como a instalação destes foi fomentada pelo primeiro, principalmente nas áreas as quais o poder público dotou de infraestrutura correspondente e condizente com o que a atividade turística julga como necessária para desenvolver esse serviço – as áreas litorâneas e de bairros considerados nobres, nas Zonas Leste e Sul de Natal, próximas ao mar.

A múltipla relação entre o Estado e o Mercado, ditando prioridades de investimentos possibilitaram nova conexões entre Natal e outros locais a partir do turismo. Assim, as conexões espaciais as quais Natal apresenta estabelecidas pelos fluxos turísticos dizem respeito a dois tipos: fluxo nacional e internacional. Com relação ao primeiro, notou-se que, de fato, Natal interage espacialmente com, praticamente, todos os estados do Brasil por conta dos visitantes nacionais que se deslocam a essa cidade, principalmente dos estados do Nordeste e do Sudeste. Já com relação ao fluxo internacional, com um grande contingente anual, Natal apresenta interações espaciais com países dos 5 continentes, a saber, principalmente: países sulamericanos, da América do Norte, da Europa Ocidental e Nórdica. Desta forma, o turismo é uma atividade que, a partir dos turistas, gera em Natal redes de interações espaciais com

variados lugares, conectando-se, assim, espacialmente a outras regiões através do fluxo de pessoas e, conseqüentemente, mudando sua estrutura espacial para atender a este público.

Além disso, neste estudo, percebeu-se, também, que, ao chegar em Natal, estes turistas apresentam deslocamentos reticulares entre Natal e o Polo Costa das Dunas, não utilizando essa área em sua totalidade. Assim, estes turistas deslocam-se, a partir da capital potiguar, para outros municípios, principalmente litorâneos e o movimento de visitação demonstra que a territorialização desses turistas não é zonal, ao contrário, apresenta aspectos reticulares, pois o uso das redes a partir do turismo leva em consideração apenas as áreas as quais apresentam atrativos turísticos. Com isso, um conjunto de redes se estabelecem, a partir dos deslocamentos de turistas, no PCD, sendo, Natal, com o maior fluxo e a maior quantidade de estadias do RN, o nó principal dessas redes, centralizando e dinamizando todo o litoral leste do estado potiguar.

Portanto, o fluxo turístico, a partir dos dados do Ministério do Turismo e da Fecomércio/RN, apresenta as proeminentes conexões espaciais existentes entre Natal com o mundo, com o Brasil, com a região leste do estado potiguar e internamente em seus bairros, nos atrativos turísticos. Mas as redes não se restringem ao fluxo de turistas. Os Meios de hospedagem, também, estão dentro da lógica do turismo, também apresentam, em si, redes (fluxo de capital). Há múltiplos investimentos nacionais e internacionais do grande capital que alteram a paisagem e a dinâmica urbana de Natal. Esses investimentos dos MH, concentrados, principalmente na Via Costeira e em Ponta Negra, demonstram que esses empreendimentos também são conectados a outros países do mundo, sejam por intermédio de redes e grupos do setor de hospedagem a qual os MH pertençam ou mesmo de empresários de países externos que decidem investir em Natal.

Observa-se, de acordo com os dados levantados, um conjunto de empreendimentos com capital de origem de países europeus, sulamericanos e da América do Norte. Grandes redes e grupos como a Accor (francesa), Atlântica Hotels (portuguesa) e Inter Continental Hotel Groups (britânica) apresentam filiais na capital potiguar, fazendo com que a cidade de Natal interaja espacialmente com outros países não só por intermédio do fluxo turístico, bem como a partir da inserção de objetos geográficos com capital originário em um conjunto de países estrangeiros. Esses MH usam o território com articulações zonais e reticulares, ao mesmo tempo, pois, embora sua administração tenha caráter externo, pontual, reticular, eles atuam no território de forma zonal, desde o fluxo de trabalhadores até a territorialização no bairro o qual está inserido. Além disso, os principais países que emitem turistas à Natal também apresentam meios de hospedagem originários desses países no território natalense, demonstrando, portanto,

uma clara relação entre a origem dos MH que pertencem a redes/grupos e o próprio fluxo de turistas proveniente do país dessa rede para a capital potiguar.

Por isso são múltiplas as relações entre Natal e outras escalas espaciais originadas pelos Meios de Hopedagens e turistas. Essas relações, porém, não se restringem a esses dois agentes do turismo. Além destes, os trabalhadores do segmento turístico também apresentam deslocamentos e são, desse modo, agentes que se conectam espacialmente no espaço intraurbano de Natal e interurbano para com os outros municípios da RMN. A maior parte dos trabalhadores de Natal, excetuando Ponta Negra, localizam-se na Zona Norte da cidade, trazendo, por consequência, para essa Região Administrativa a influência do turismo em sua estrutura, mesmo nas áreas consideradas periféricas e que, diretamente, não apresentam atrativos turísticos ou meios de hospedagem instalados.

Dessa maneira, Natal é influenciada pela dinâmica urbana decorrente dos fluxos procedentes dos trabalhadores operacionais vinculados ao turismo. O fenômeno turístico, territorializado próximo às praias das Zonas Sul e Leste, influencia outras áreas da cidade, transformando a capital potiguar e conectando-a quase que totalmente, por intermédio do turismo, devido ao fluxo de trabalhadores. Além disso, há, também, uma correspondência entre as linhas de ônibus que trafegam em direção à Ponta Negra e os bairros que mais cedem trabalhadores aos meios de hospedagem, demonstrando, portanto, como o fator deslocamento (e a possibilidade de chegar ao trabalho) é crucial para bairros cederem mão de obra, mesmo localizada, principalmente, na zona Norte de Natal.

As cidades da Região Metropolitana, em destaque Parnamirim e São Gonçalo do Amarante, também apresentam fluxos de trabalhadores do segmento hoteleiro, pois, mesmo o fenômeno turístico localizado em Natal, ele extrapola os limites citadinos desta, influenciando toda a RMN e fazendo com que os trabalhadores apresentem dinamicidade no que se refere ao espaço intraurbano de Natal e interurbano com as cidades limítrofes.

O território-rede funcional estabelecido pelos agentes do turismo avança para além dos espaços do turista, ampliando sua influência para uma área periférica, contígua ou não, através de articulações com outras funções urbanas como a residencial e a comercial. Assim, isto nos leva a considerar a necessidade de ampliação dos limites dos territórios-rede do turismo, com a inclusão daquela área periférica responsável pelo fornecimento da mão-de-obra para as empresas produtoras e fornecedoras de serviços turísticos.

Dessa forma, o entendimento das redes com base na relação entre os agentes sociais e agentes de mercados demonstra como o turismo é uma atividade eminentemente espacial e complexa, no que diz respeito à sua forma-conteúdo. Cabe mencionar, portanto, o trabalho de Fratucci (2008) como pioneiro e importante nessa forma de se entender o turismo e que ajudou na reflexão da construção desta proposta de estudo, a partir da aplicação e análise do binômio conceitual território-rede.

Portanto, este trabalho analisou como o fluxo de turistas, os meios de hospedagem e os trabalhadores do segmento turístico contribuíram para a constituição de novas redes geográficas em Natal, propiciando novas interações e conexões espaciais. Essas redes conectam Natal com o restante do mundo, do país, e do próprio Estado do Rio Grande do Norte. Daí a multiplicidade de redes e de atores dessa atividade. Dessa forma, o presente estudo demonstrou que, além de todas as redes que já existiam, o turismo, de fato, influencia na composição urbana natalense, dando a esta cidade novos conteúdos e novas formas, novos fixos e novos fluxos, e, por conseguinte, o turismo é um agente central das interações espaciais do território natalense para com outras escalas espaciais, por intermédio de suas redes.

7 Referências Bibliográficas

ALEXANDRE NETO, P. **A Integração Espacial: Economias de rede e inovação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BRASIL, Ministério do Turismo - **PDITS** < <http://www.turismo.gov.br/acesso-a-informacao/5688-plano-de-desenvolvimento-integrado-do-turismo-sustentavel.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Portaria** n° 100, de 16 de junho de 2011.

BRASIL, Ministério do Turismo. <<http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/PesquisarEmpresas.mtur/>>. Acesso em 22 de dezembro de 2017.

BRASIL, **PDITS Pólo Costa das Dunas**. < <http://docplayer.com.br/5813442-Plano-de-desenvolvimento-integrado-do-turismo-sustentavel-do-polo-costa-das-dunas.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BRASIL, Banco do Nordeste Brasileiro – **Prodetur** < <http://www.bnb.gov.br/prodetur>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BRASIL, Receita Federal. <http://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp>. Acesso em 22 de dezembro de 2017.

BUTLER, Richard. **The concept of a tourist and its life cycle: implications for management of resources**. Canadian Geographer, 1980.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo Público: Entre o Discurso e a Prática**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Interações espaciais**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Explorações geográficas. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

CÔRREA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Bertrand Brasil, 2006.

CORREA, Roberto Lobato. **Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente**. **Revista Cidade**. Volume 9, Número 16, 2011.

CARACRISTI, Maria de Fátima Albuquerque. **Hotéis e Barracas de Praia: o Fenômeno do Turismo no Crescimento Econômico da Cidade de Natal**. Dissertação (Mestrado em Turismo), Escola de Comunicações e Artes da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/>. Acesso em: out. 2017.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Turismo e Impacto em Ambientes Costeiro: Projeto Parque das Dunas Via Costeira, Natal (RN)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FECOMÉRCIO/RN. **Pesquisa do Turismo Receptivo: Natal**. Instituto de Pesquisa de Desenvolvimento do Comércio, 2017.

FIGUEIREDO, F. F. ; LIMA, E. C. ; ARAUJO, M. A. . **OS IMPACTOS E LEGADOS NEFASTOS DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: COPA DO MUNDO DE 2014 E JOGOS OLÍMPICOS 2016**. In: XIV Ecuentero de Geógrafos de America Latina (XIV EGAL), 2013, Lima. Anais do XIV EGAL, 2013. v. 1. p. 1-14.

FONSECA, Maria Pontes Aparecida da. **Espaço, políticas de turismo e competitividade. Natal**: EDUFRN, 2005.

FONSECA, M. A. P. **Tendências atuais do turismo potiguar: a internacionalização e a interiorização**. In: FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; NUNES, Elias; CARVALHO,

Edilson Alves de; FURTADO, Edna Maria (Org.). *Dinâmica e gestão do território potiguar*. Natal: EDFURN, 2007. p. 215-231.

FONSECA, Maria Pontes Aparecida da.; Silva, Kelson de Oliveira. **Origem e evolução das segundas residências no pólo costa das dunas/RN**. In:____; FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. *Segunda Residência, lazer e Turismo*. Natal: EDUFRN, 2012.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo** / Aguinaldo Cesar Frattucci. – Niterói: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. **Refletindo Sobre a Gestão dos Espaços Turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo**. *Revista Turismo em Análise*, v.20, n.3, dezembro de 2009.

FURTADO, Edna Maria. **A “Onda” do Turismo Na Cidade do Sol: A reconfiguração urbana de Natal**. / Edna Maria Furtado. – Natal [s.n.], 2005. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

GOTTDNIER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp, 2008.

HAESBAERT, R.; PEREIRA, S. N.; RIBEIRO, G. (org.) **Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HARVEY, David. **Do Gerenciamento Ao Empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio**. *Revista Espaço e Debate*, nº 39, 1996.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

INTE – Instituto Nacional de Meteorologia. **BDMEP - Série Histórica - Dados Diários - Precipitação (mm) - Natal**». Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa. 2000. Consultado em 2017.

KNAFOU, Remy. **Turismo e Território: Por uma abordagem científica do Turismo**. In In: Adyr A. B. Rodrigues (org.). *Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

LACOSTE, Yves. **A geografia isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França. Campinas, SP: Papirus, 1988.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

Leiper, N. **Partial industrialization of tourism systems**. *Annals of Tourism Research*, 17(4), 600-605. 1990.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A Construção Social da cidade do prazer: Natal**. Natal (RN): EDUFRN, 2000.

LOJKINE, Jean. **A Revolução Informacional**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOERSCH, Marutschka Martini. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MORIN, Edgar. **Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2009.

OMT. **Organização Mundial do Turismo**. Disponível em < <http://www.abeoc.org.br/2015/05/omt-americas-apresentam-maior-crescimento-do-mundo-no-turismo>>. Acesso 10 de janeiro de 2016.

OMT. **Organização Mundial do Turismo**. Disponível em < <http://nuncapensei.com/paises-mais-visitados-do-mundo>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

OMT. **Organização Mundial do Turismo**. Disponível em < <https://www.dinheirovivo.pt/economia/turismo-e-o-setor-com-maior-crescimento-no-mundo/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo: Conceitos, Modelos e Sistemas**. São Paulo: Aleph, 2012.

Pesquisa de serviços de hospedagem : 2016 / IBGE, Coordenação de Serviços e Comércio. - Rio de Janeiro : IBGE, 2017.

LIMA, Pedro. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. Tradução: Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PLOG, S. C. **A Carpenter's Tools Re-visited: Measuring Allocentrism and Psychocentrism Properly ... the First Time**. Journal of Travel Research, 29 (Spring): 1991.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002

SANTOS, Milton. **Da Política dos Estados à Política das Empresas**. Cadernos Legislativos de BH, 1997. p.8-23

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. OSAL 16 Debates Ano VI n. 16 jan./abr. 2005.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Sociedade e Território no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SASSEN, Saskia. **As Cidades Na Economia Mundial**. São Paulo: Editora Studio Novel, 1998.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. Atual – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2002.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WTTC - **World Travel & Tourism Council**. Disponível em: <https://www.wttc.org/-/media/files/reports/economic%20impact%20research/regions%202016/world2016.pdf>.

Sites Pesquisados:

<http://www.brechando.com/2015/12/o-que-foi-o-grande-hotel-de-natal/>

<https://tokdehistoria.com.br/2015/06/30/o-grande-hotel-da-ribeira-e-a-ii-guerra/>

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/antigas-abandonadas-e-assombradas/157797>

<http://natalbrasil.tur.br/setur/secretaria-de-turismo-do-rn/prodetur/>

<http://natalbrasil.tur.br/>

<https://jornalggn.com.br/noticia/a-crise-de-2008-como-washington-salvou-wall-street-por-motta-araujo>

<http://www.unric.org/pt/actualidade/22157>



<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>

[https://blogdobg.com.br/ministerio-do-turismo-eleva-categoria-de-tibau-do-sul-e-da-praia-de-pipa-para-o-topo-dos-destinos-nacionais/ /](https://blogdobg.com.br/ministerio-do-turismo-eleva-categoria-de-tibau-do-sul-e-da-praia-de-pipa-para-o-topo-dos-destinos-nacionais/)

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-o-turismo-domestico-ata-hoje-a-o-nosso-principal-paoblica/318307>

APÊNDICES

Questionário Campo – Trabalhadores dos Meios de hospedagem

 ROTEIRO DE ENTREVISTAS – Meios de hospedagem Universidade Federal do Rio Grande do Norte Departamento de Geografia Programa de Pós-Graduação em Geografia 	
DISCENTE	Hugo Aureliano da Costa
ORIENTADOR	Maria Aparecida Pontes da Fonseca
Título da Dissertação	Turismo, Território e Redes no Polo Costa das Dunas: Estudo sobre Natal/RN.

Data: ____/____/____

1. Dados do Empreendimento:

1. Nome do Empreendimento: _____

2. Bairro: _____

3. Tipo de Serviço: _____

2. **Quantidade Total de Trabalhadores:** _____

3. Trabalhadores Operacionais: _____

Zona Norte:

Potengi: _____

Redinha: _____

Igapó: _____

Pajuçara: _____

Nossa Senhora da Apresentação: _____

Lagoa Azul: _____

Salinas: _____

Zona Oeste:

Quintas: _____

Nordeste: _____

Dix-Sept Rosado: _____

Bom Pastor: _____

Nsa Senhora de Nazaré: _____

Cidade da Esperança: _____

Cidade Nova: _____

Planalto: _____

Felipe Camarão: _____

Guarapes: _____

Zona Leste:

Petrópolis: _____

Tirol: _____

Barro Vermelho: _____

Areia Preta: _____

Lagoa Seca: _____

Alecrim: _____

Praia do Meio: _____

Ribeira: _____

Cidade Alta: _____

Zona Sul:

Ponta Negra: _____

Lagoa Nova: _____

Capim Macio: _____

Candelária: _____

Neópolis: _____

Nova Descoberta: _____

Pitimbu: _____

Rocas: _____

Santos Reis: _____

Mãe Luiza: _____

Outras Cidades: _____

_____/_____

_____/_____

4. Trabalhadores Gerenciais: _____

Bairros/Cidade: Quantidade: _____

_____	:	_____
_____	:	_____
_____	:	_____